



Departamento de Design

Passarinho

uma novela, um diário

Fabrizia Posada

12/0030136

Novembro/2016



Departamento de Design

Passarinho

uma novela, um diário

Relatório apresentado como parte integrante da
diplomação em Programação Visual do curso de
Design da Universidade de Brasília, orientada pelo
professor Rogério Camara

Fabrizia Posada

12/0030136

Novembro/2016

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de dedicar os meus agradecimentos:

Aos professores da Rogério Camara, Selma Olli, Tiago Barros e Jonathan Melo por terem compartilhado um pouco de seus conhecimentos comigo ao longo do árduo caminho que percorri para terminar este projeto. Rogerio, Selma, Tiago e Jonathan, muito obrigada pelas longas conversas e pela paciência. Vocês são inspiradores;

Ao programa Ciência sem Fronteiras, por ter me proporcionado a oportunidade de viajar e crescer não apenas no meio acadêmico, mas como indivíduo. Graças ao programa, pude viver no país em que nasceu *Passarinho*;

Aos amigos que ouviram meus numerosos lamentos e contribuíram para que eu me tornasse uma pessoa mais forte. Se não fossem vocês, minha história não teria graça;

Às sábias monjas do YouTube. Se não fossem suas palavras calorosas disponibilizadas em vídeos na internet, eu teria permanecido inconsolável em momentos solitários;

Aos meus familiares que sempre apoiaram meus impulsos criativos e são pessoas maravilhosas;

E, por último, daqui a alguns anos, espero poder agradecer a mim mesma pela minha teimosia que me impede de desistir.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1	Contextualização 2
1.1.1	<i>Caráter pessoal</i> 2
1.1.2	<i>Caráter social</i> 3
1.2	Justificativa 4
1.2.1	<i>A questão do livro</i> 4
2. PERCURSO INSPIRACIONAL	6
2.1	Passeios por livrarias e bibliotecas 7
2.2	Novelas híbridas e novelas gráficas 11
3. O PROJETO	17
3.1	Seleção e tratamento dos textos 17
3.1.1	<i>As vozes nos textos</i> 20
3.2	Solução gráfica 27
3.2.1	<i>Fases, ilustrações e cores</i> 27
3.2.2	<i>Fonte</i> 36
3.2.3	<i>Formato e grid</i> 38
3.2.4	<i>Capa e acabamento</i> 42
4. CONCLUSÃO	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
DOCUMENTOS CONSULTADOS	56
ANEXO	57

1. INTRODUÇÃO

O término de um relacionamento pode ser uma experiência traumática. Na verdade, muito antes de chegar ao fim, um relacionamento pode afetar uma pessoa de maneira tão negativa que se pode dizer que o trauma não estava no término, mas na relação amorosa em si. Contudo, para que exista superação, é preciso refletir e se reconhecer sua própria identidade, e é disso que *Passarinho* trata.

Passarinho é um livro que aborda um relacionamento amoroso que vivi. O maior desafio durante o projeto, porém, seria desenvolver um obra que transmitisse algo semelhante ao que sinto quando penso naquela fase da minha vida. O livro precisaria canalizar o respeito com que cultivo aquelas memórias e, principalmente, o caráter valioso de uma lembrança.

As páginas de *Passarinho* não contam uma história qualquer: elas não tratam de mera ficção, mas de fatos vividos apresentados de maneira extremamente sincera. Por isso, os objetos de estudos do projeto foram os seguintes:

- **Método de organização do conteúdo de um livro.** Como transformar a minha história em um material apto a ser consumido por outras pessoas?
- **Novelas híbridas e suas estruturas narrativas.** Como proporcionar uma experiência que ultrapasse a simples interpretação de palavras?
- **Os livros no imaginário do consumidor contemporâneo.** Que recursos estimulam a leitura de um livro físico em um mundo cada vez mais digital?

1.1 Contextualização

“Eu percebi que livros não se parecem mais com livros. Adaptação ao que — correta ou incorretamente — são consideradas as necessidades dos consumidores tem mudado sua aparência. (...) A dignidade que caracteriza algo autossuficiente, duradouro, hermético — algo que absorva o leitor e o encubra, como se fosse a maneira com que a capa do livro conclui o texto — foi deixado de lado como impróprio ao tempo.” (ADORNO, Theodor, p. 20. Tradução nossa).

Problematizando a questão da mensagem que uma obra literária deve passar, me perguntei: Qual a relevância que a história de *Passarinho* pode ter em um contexto social? Que tipo de benefício este tipo de obra pode trazer para o público em questão, levando em consideração suas necessidades e costumes?

1.1.1 *Caráter pessoal*

Em Janeiro de 2014, enquanto morava nos Estados Unidos como intercambista, comecei um diário. Inicialmente, dediquei o diário à documentação das experiências amorosas que me frustraram durante um relacionamento conturbado, de modo que escrever pudesse me servir como terapia em momentos de desânimo — a escrita contribuía com a desobsessão de pensamentos prejudiciais ao meu bem-estar. Ao longo do ano, porém, os relatos passaram a gerar questionamentos que, conforme eram elucidados, guiaram-me à maturidade para lidar com o término, com as pessoas ao meu redor e com a minha vida.

Cada ser humano é autêntico e, por isso, experiencia os eventos que acontecem em sua vida de maneira única. Por ter partido de um diário, a protagonista de *Passarinho*, assim como eu, começa sua jornada como jovem adulta, estudante, na casa dos vinte anos, que está aprendendo a viver sozinha em outro país e é frequentemente tomada por dúvidas e inseguranças. A história é narrada sob uma ótica bastante pessoal e detalhes íntimos não são omitidos, porém, todas as pessoas são dotadas de sentimentos que nos

permitem relacionar uns com os outros. Paixão, decepção, sofrimento, alívio e superação, por exemplo, fazem parte da vida de cada um, mesmo que sejam manifestadas em contextos diferentes. Mesmo que o leitor não me conheça ou não possa se colocar no mesmo lugar que a protagonista em certas situações, ele poderá se identificar com os sentimentos que ela compartilha, o que torna a leitura aprazível.

1.1.2 Caráter social

Na atualidade, conforme se popularizam as discussões relacionadas ao feminino, cada vez mais encontro relatos e pesquisas sobre relacionamentos abusivos. Em entrevista concedida ao portal jornalístico *Repórter UNESP*, a psicóloga Raquel Silva Barreto caracterizou a relação abusiva da seguinte maneira:

“(...) É aquela onde predomina o excesso de poder sobre o (parceiro). (...) Esse comportamento, geralmente, inicia de modo sutil e aos poucos ultrapassa os limites causando sofrimento e mal estar.” (BARRETO, 2015)

De acordo com Barreto, uma pessoa que quer sair de um relacionamento abusivo pode passar por dificuldades como:

“Insegurança e incerteza diante do que virá, medo de ficar desamparado (a), medo de reações provenientes do parceiro, crença de que o parceiro poderá mudar as atitudes e “ser uma boa pessoa”, medo de ficar sozinho (a), crença de que não conseguirá se restabelecer e seguir em frente.” (BARRETO, 2015)

Diante as sensações de submissão, manipulação e humilhação, senti a necessidade de expor os meus relatos para que vítimas de relacionamentos abusivos pudessem se sentir representadas e também acolhidas. Dessa forma, o leitor poderia se identificar com a situação vivida pela protagonista da narrativa e pensar com alívio: “Eu já passei por isso”, ou “Não sou a(o) única(o) a me sentir assim”.

Um aspecto importante do livro é a exposição do ponto de vista de uma mulher dentro deste tipo de relacionamento, reforçando a participação feminina no meio literário ligado a temáticas amorosas. As fases de um relacionamento, como encantamento, desilusão, sofrimento e recuperação, numa perspectiva geral, podem afetar pessoas de qualquer gênero e idade. Todavia, é inevitável deixar de abordar certos tópicos sob um olhar pessoal, tais como as situações desagradáveis pela quais nós, mulheres, podemos passar por consequência de valores machistas entranhados na sociedade que se refletem, consciente ou inconscientemente, no comportamento dos homens dentro dos seus relacionamentos.

1.2 Justificativa

1.2.1 *A questão do livro*

Com a popularização dos livros digitais, teme-se que o interesse pelo livro impresso possa diminuir, o que prejudica seu apelo comercial. Contudo, a experiência de tomar um livro nas mãos não pode ser substituída facilmente. Como disse María Serrano:

“Hoje em dia nós precisamos, mais do que nunca, de livros impressos com efeitos visuais para atrair a atenção de possíveis leitores e fazer com que pessoas leiam livros físicos (...). É claro que o uso de eBooks é mais conveniente e eles permitem que haja envolvimento na história através de uma experiência multimídia com música e luzes, mas o que é diferente a respeito dos livros físicos é a sensação de ter um em suas mãos, o sentimento de folheá-lo para frente e para trás, a sensação e o cheiro do papel, a cor das ilustrações e até o som enquanto folheado.” (2013, tradução nossa.)

Partindo da definição mais básica da palavra livro, pode-se considerá-lo simplesmente como “um conjunto de folhas impressas e reunidas em volume encadernado ou brochado”.¹ Contudo, eu gosto de livros que transcendam tal definição e se mostrem capazes de encantar o leitor.

1 Definição pelo Dicionário Online de Português.

Quando criança, eu enxergava os livros como grandes fontes de mistério. Eu acreditava que abrir um livro me colocaria diante de um grande segredo que me tornaria mais sábia, como se fosse através de um feitiço. De fato, eu pensava que livros eram mágicos, mas isso se mantém até hoje. Por esse motivo, nunca me restaram dúvidas de que o meio impresso seria o ideal para transmitir a história que eu queria contar. *Passarinho* deveria ser um livro-tesouro, pois cada página conteria a essência de quem eu fui um dia.

2. PERCURSO INSPIRACIONAL

O período para a produção do projeto foi de dois semestres, sendo o primeiro dedicado à pesquisa e o segundo ao desenvolvimento do produto final.

As primeiras ideias relacionadas a este projeto surgiram na metade de 2015, ou seja, no ano anterior ao período destinado ao desenvolvimento formal do meu trabalho de conclusão de curso. Assim que meu diário foi finalizado, em Maio de 2016, ele reunia cerca de 86.000 palavras distribuídas entre 192 postagens em um blog protegido por senha. Tais números me fizeram concluir que eu possuía bastante material à minha disposição, porém, eu precisava estudar qual seria a maneira mais pertinente de usá-lo.

Para compreender quem seria o público interessado no tipo de história que eu tinha em mãos, comecei questionando: Quem é o leitor e qual seria a melhor maneira de apresentá-lo ao conteúdo de modo que este pudesse ser compreendido? Considerei que o público-alvo deveria ser composto por pessoas interessadas tanto no gênero romance quanto por obras poéticas, obras diagramadas de maneira pouco convencional e obras com temática relacionada ao feminino. Não idealizei uma faixa etária, acreditando que o livro poderia interessar tanto adolescentes quanto adultos, desde que o leitor se sinta confortável com o linguajar contemporâneo e história narrada em primeira pessoa.

Em seguida, estabeleci que o livro deveria ser ilustrado. As imagens seriam responsáveis por enriquecer os textos em nível conotativo, jamais se comportando como meros acessórios decorativos. Em *A trilogia da margem*, a ilustradora Suzy Lee compartilha o processo que percorreu para a criação de seus livros-imagem, e concordo com uma de suas falas a respeito do poder comunicador possuído por uma imagem:

“Parece que os livros-imagem dizem: ‘Eu vou mostrar pra você. Apenas sintá’. (...) Há coisas que furtivamente se revelam quando não estão sendo apontadas por palavras.” (LEE, 2012, p 50).

2.1 Passeios por livrarias e bibliotecas

Ao longo do ano de realização do projeto, principalmente durante o primeiro semestre, visitei diversas livrarias com o intuito de observar o design de livros de romance contemporâneos. Atentei-me aos formatos, tipografias, ilustrações, paletas de cores e recursos explorados em algumas obras para destacá-las entre seus concorrentes – as cores vibrantes estavam muito presentes, assim como elementos tipográficos e tratamentos de imagem que evidenciavam o uso de softwares de edição (como o Photoshop).



Figura 1 – Fotos das capas de alguns livros que chamaram a minha atenção durante passeios em livrarias, caracterizados principalmente pelo forte uso da cor.

Enquanto checava o miolo das obras, atentei-me ao tipo de papel, fólho, margens, fontes e divisórias de capítulo. Fiquei interessada em elementos caligráficos, que reforçam a personalidade em obras de caráter biográfico, e em como se caracterizava a utilização de ilustrações – nos livros que escolhi folhear, sua presença era rara, servindo principalmente como decoração para as páginas que indicam a mudança de capítulo.

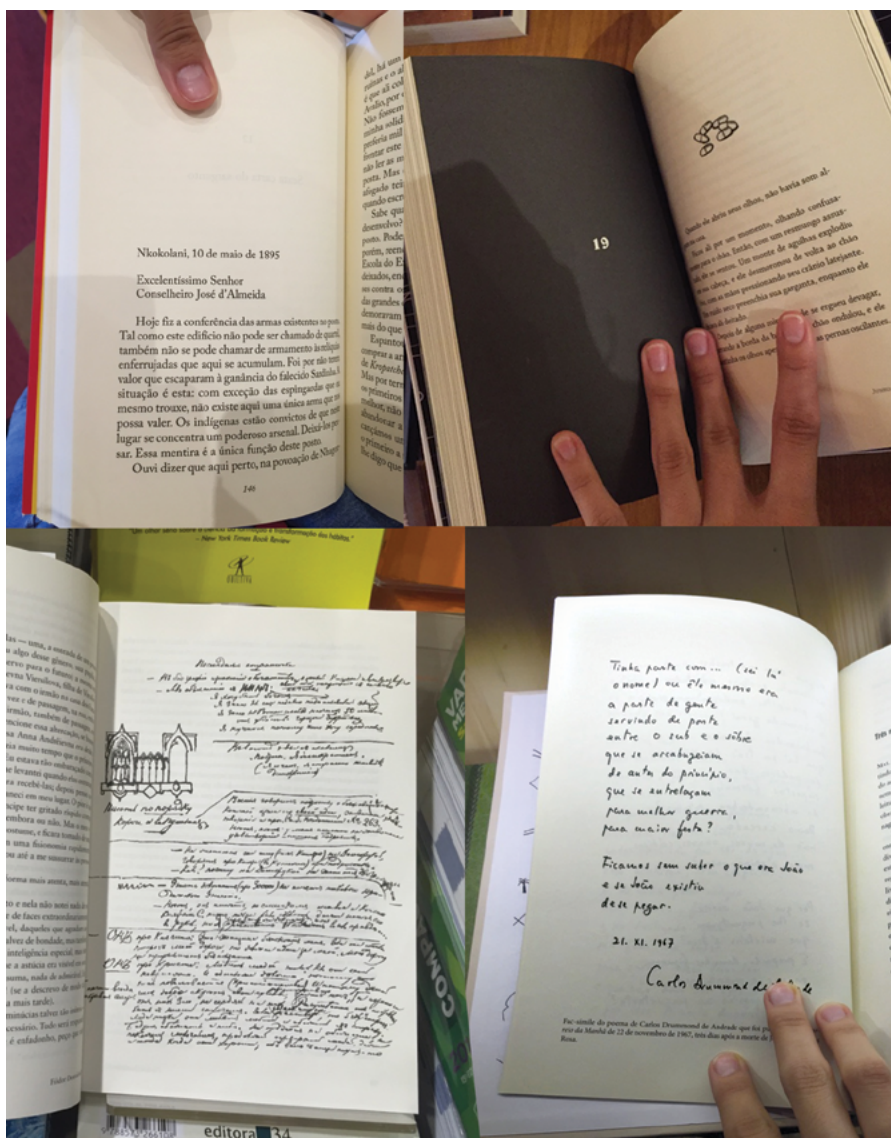


Figura 2 – Fotos dos miolos de alguns livros que consultei em livrarias.

Apesar de ter me sentido atraída por diversos livros a ponto de considerar comprá-los, não consegui encontrar nas livrarias o ingrediente especial que eu gostaria que *Passarinho* tivesse. O meu livro precisaria parecer misterioso, respeitável e raro, e essas são características que eu costumo atribuir a livros antigos. Por isso, continuei a minha pesquisa em bibliotecas e na Internet.



Figura 3 – Imagens encontradas na Internet após busca por referências vintage.

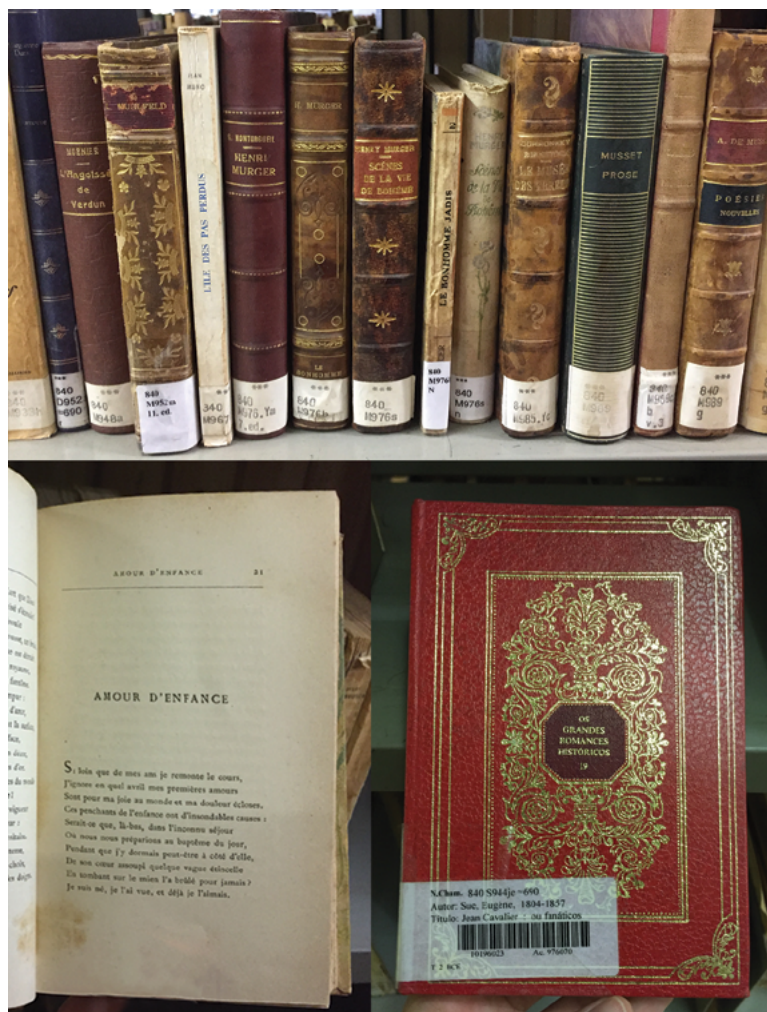


Figura 4 – Fotos dos livros que encontrei na Biblioteca Central da UnB.

Explorei a Biblioteca Central da UnB e a Biblioteca Pedro Aleixo, na Câmara dos Deputados. Na última, visitei a sala em que está guardada a Coleção de Obras Raras para entrar em contato com obras mais antigas. Seguem alguns dos critérios utilizados pela Comissão de Seleção utilizada para classificar obras como raras:

- Impressões até o século XVIII;
- Primeira edição de renomados autores brasileiros, considerados clássicos em suas especialidades, após cem anos de sua publicação;
- Edições de tiragem reduzida e/ou limitada até trezentos exemplares, numerados e/ou assinados pelo autor ou pela editora;
- Edições esgotadas e não reeditadas de obras consagradas. (Política de Desenvolvimento de Coleções, 2014.)

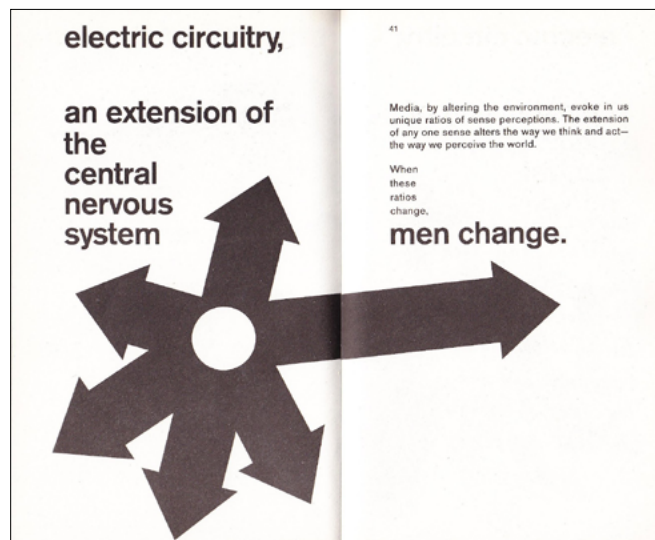
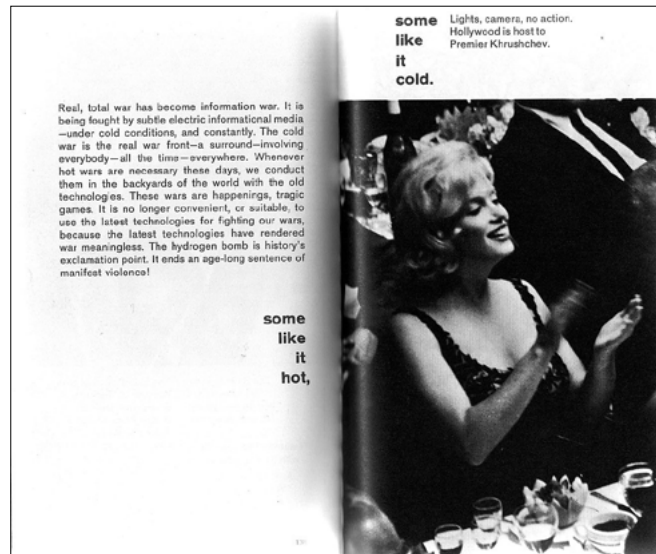
Grande parte do conteúdo do diário que precedeu *Passarinho* foi escrito com base na minha memória. Por exemplo: após retornar de um dia passado fora de casa, eu sentaria à minha escrivaninha antes de dormir e anotaria as situações românticas que me marcaram naquele dia. Então, apesar do caráter contemporâneo da história, ela é composta majoritariamente pelas minhas lembranças, ou seja, pelo passado. É por esse motivo que me interessei tanto pelos livros considerados raros: eles são como cápsulas do tempo, canalizando o espírito de uma época. Além disso, é necessário cuidado e respeito para lidar com um livro raro, e é esse o tipo de tratamento que eu desejo que o leitor dê a *Passarinho*.

2.2 Novelas híbridas e novelas gráficas

De acordo com o designer Alberto Hernández:

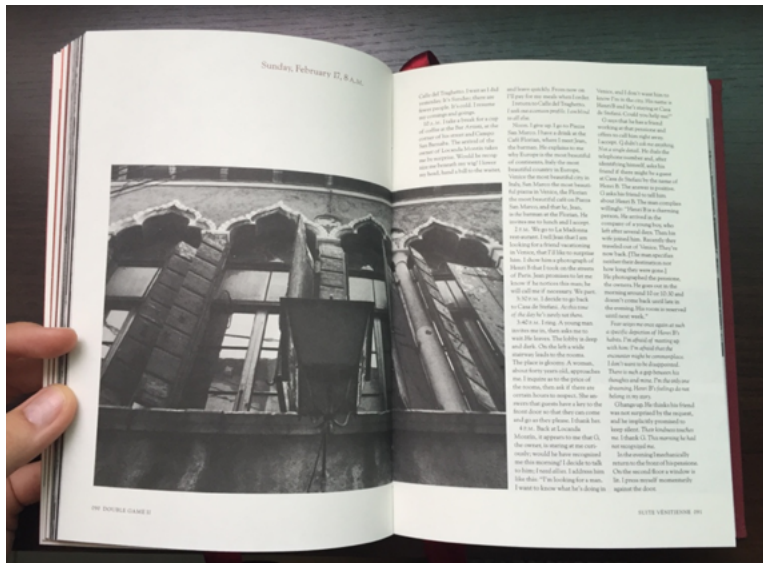
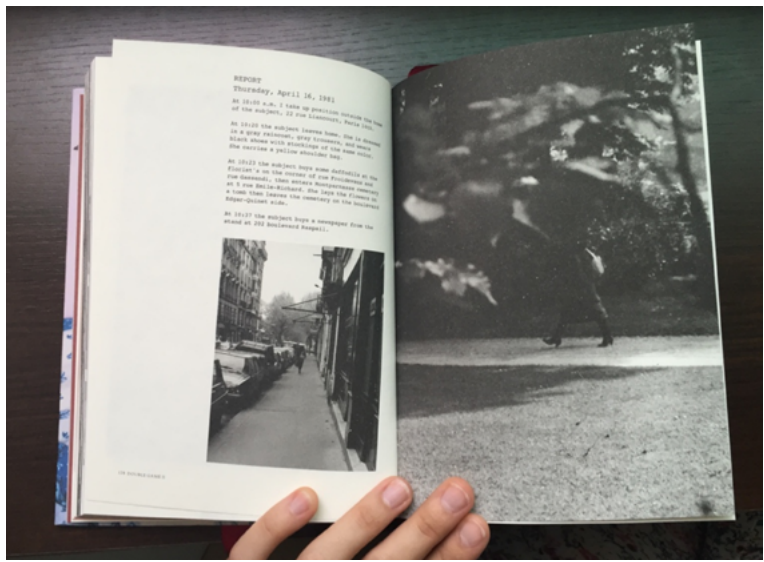
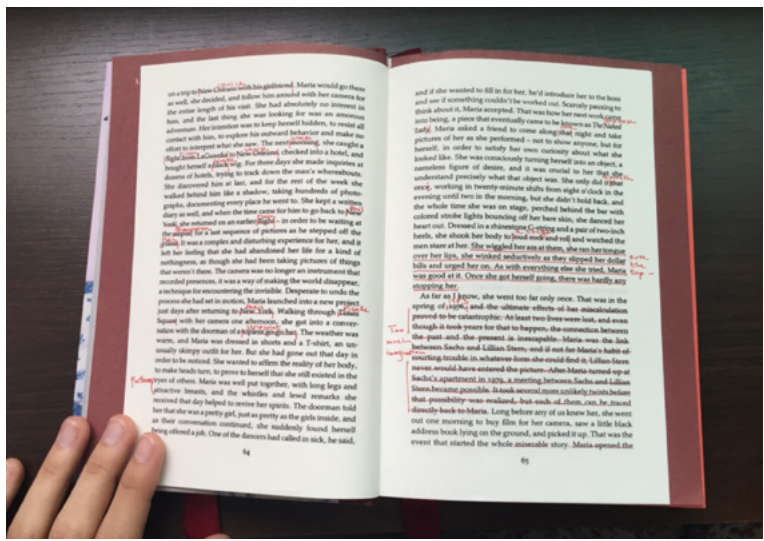
“Uma novela híbrida pode ser vista como um híbrido de imagem e texto, não um livro infantil, novela gráfica/história em quadrinhos (...), mas um livro onde texto escrito e recursos gráficos como ilustração, fotografia e gráficos de informação ou tratamentos tipográficos devem se interpor a fim de manter o interesse de um leitor, adicionando interatividade ao livro e também dando uma superfície visual multidimensional à página impressa (...).” (HERNÁNDEZ, 2013. Tradução nossa)

O conceito de novela híbrida me inspirou a criar uma obra que incentivasse a imersão do leitor para que, por meio de uma atmosfera estimulante, ele pudesse viajar além das palavras organizadas em forma de texto. Um exemplo de obra híbrida é *The Medium is The Massage*, de Marshall McLuhan e Quentin Fiore. No livro, as imagens invadem o espaço dos textos e colaboram para torná-lo mais compreensível, além de não existir um grid fixo e o tamanho da fonte não seguir um padrão, o que deixa a narrativa dinâmica.



Figuras 5 e 6 – Páginas do livro híbrido *The Medium is The Massage*.

Outro livro que consultei foi *Double Game*, da artista Sophie Calle, no qual Calle relata uma experiência na qual mistura realidade e ficção: na obra *Leviathan*, o escritor Paul Austere criou a personagem Maria, cuja vida e personalidade foram baseadas nas de Sophie Calle; tendo isso em vista, Calle decidiu se assemelhar ainda mais à Maria, vivendo a vida da personagem e narrando como foi a experiência. No final do livro, Calle conta como foi viver sob as instruções de Paul Austere que, por pedido dela, escreveu *The Gotham Handbook*, um guia sobre como viver por uma semana em Manhattan. *Double Game* é, portanto, um conjunto de relatos das experiências da autora, assim como *Passarinho*. Apesar de não ser exatamente uma obra híbrida, o livro explora largamente o uso da fotografia e também diferentes formas de exibir o texto, sempre mantendo a personalidade.



Figuras 7, 8 e 9 – Páginas de *Double Game*, de Sophie Calle.

O que me cativou em *Double Game* não foi apenas o fato de a autora ter transformado a própria vida em arte, mas também a maneira como isso é feito. Na figura 8, por exemplo, mostra-se que enquanto é tratado o período em que Calle contratou um detetive para seguir seus próprios passos, o texto conta com uma fonte que faz alusão às de máquinas de escrever. Este tipo de detalhe na diagramação colabora com a criação de uma atmosfera na situação em questão, enriquecendo a narrativa. Os elementos manuscritos e a redução do tamanho da fonte em determinados textos, mostrados respectivamente nas figuras 7 e 9, passam-me a ideia de intimidade, que é algo que decidi incorporar ao meu projeto à minha maneira e explicarei na seção *As vozes nos textos*.

A minha vontade de utilizar ilustrações me fez buscar também as novelas gráficas, ou seja, publicações que contém histórias reproduzidas através de quadinhos. Na leitura deste tipo de obra, procurei observar os recursos que os autores utilizam para representar sentimentos e inserir o leitor no universo desejada.



Figura 10 – Quadrinho retirado da novela gráfica *Retalhos*, de Craig Thompson.

A novela gráfica com a qual eu mais me identifiquei foi *Retalhos*, de Craig Thompson. Na obra, Thompson fala da sua infância, de um relacionamento curto vivido na adolescência e do começo da sua vida adulta de uma maneira bastante sensível e sincera. Apesar de utilizar apenas as cores preta e branca, Thompson foi bem-sucedido na transmissão de emoção em suas composições, poetizando situações que viveu ao misturá-las a elementos surreais.



Figura 11 – Quadrinho de *Retalhos* em que Thompson se expressa sobre um momento de solidão de maneira sensível e soturna.



Figura 12 – Quadrinho de *Retalhos*. O fundo psicodélico atrás do personagem funciona como um padrão que marca seu estado apaixonado, fazendo jus ao período em que ele se relacionava com sua namorada da época de adolescente. No quadrinho em questão, o padrão tem caráter nostálgico, já que o personagem já está na fase adulta.

Tendo em mente a minha vontade de representar em *Passarinho* a abstração de pensamentos de maneira visual, cheguei à série de quadrinhos de fantasia *Sandman*, escrita por Neil Gaiman e ilustrada por artistas diversos. As histórias de *Sandman* giram em torno do próprio Sonho, que é a entidade responsável por fazer as pessoas sonharem. Por causa disso, muitos dos cenários se dão em mundos imaginários.

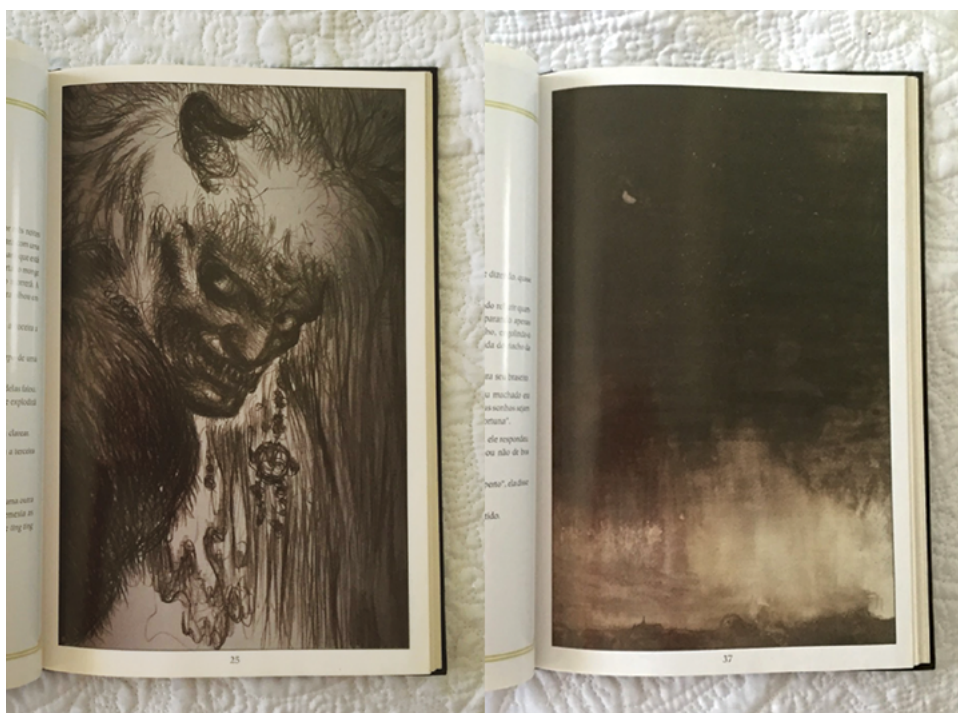


Figura 13 – Páginas da edição do livro *Sandman* ilustrada por Yoshitaka Amano.

Em *Sandman: o Caçador de Sonhos*, Gaiman colaborou com o artista Yoshitaka Amano. Nesta edição, o autor adaptou uma lenda japonesa para um conto e, por isso, as ilustrações não seguem o formato padrão de histórias em quadrinhos. Ocupando geralmente uma página inteira, as imagens exercem influência sobre a etapa em que a narrativa se encontra, mostrando o universo dos sonhos ao leitor sob a ótica do artista, que também é japonês.

Enquanto fotografias estão mais ancoradas à realidade, ilustrações concedem espaço para que o leitor lhes atribua significado utilizando-se da própria imaginação, adaptando as ilustrações às suas experiências pessoais. A memória não é clara; é fluida e individual. Por isso, ilustrações se provaram ser o recurso ideal para que eu conseguisse contar a história da maneira como eu queria: fundindo o meu imaginário ao do leitor.

3. O PROJETO

3.1 Seleção e tratamento dos textos

O primeiro passo na edição de texto consistiu em reler todo o material que compunha o meu diário e fazer as devidas correções gramaticais. Depois, com o intuito de visualizar a história como um todo, imprimi a primeira página de cada texto no formato A6 e passei a reorganizá-los. Para que a história se mantivesse coesa, eliminei paradoxos, redundâncias e trechos de conteúdo pobre. Apesar de um diário possuir uma ordem cronológica inerente, a narrativa que construí nem sempre seguia uma lógica fácil de compreender. Além disso as oscilações emocionais ali presentes precisaram ser revisadas cuidadosamente para que a experiência de leitura não fosse cansativa.

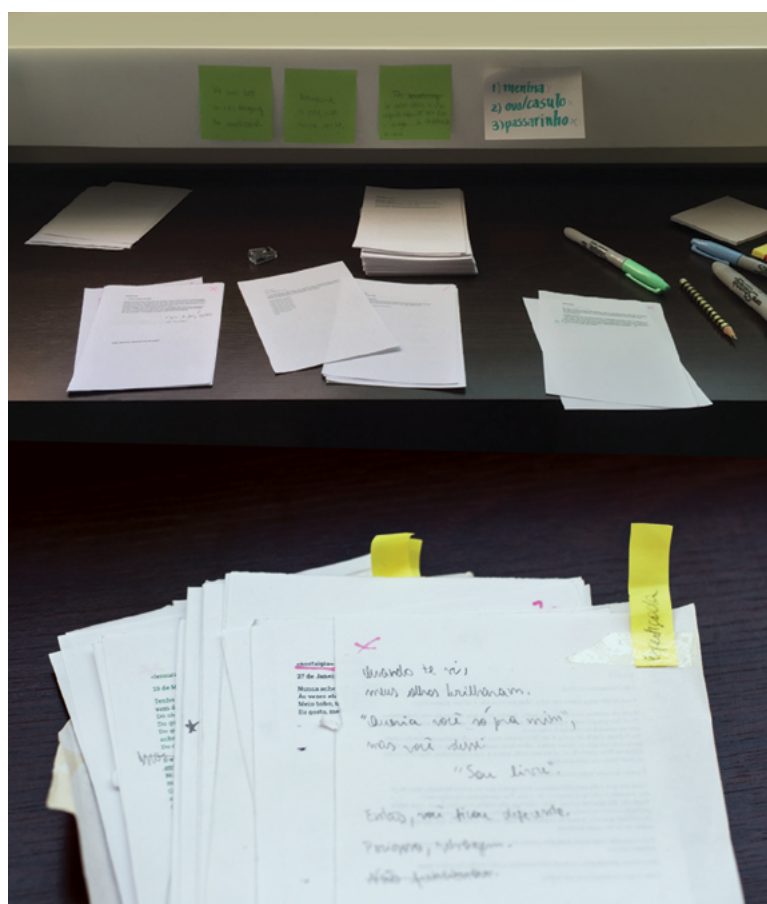


Figura 14 – Impressões contendo a primeira página de cada texto do meu diário.

O segundo passo consistiu no reconhecimento do caráter emocional dos textos, no qual procurei compreender quais eram as emoções mais presentes ao longo do material. Para isso, baseei-me levemente nos estudos sobre emoções do psicólogo Robert Plutchik.

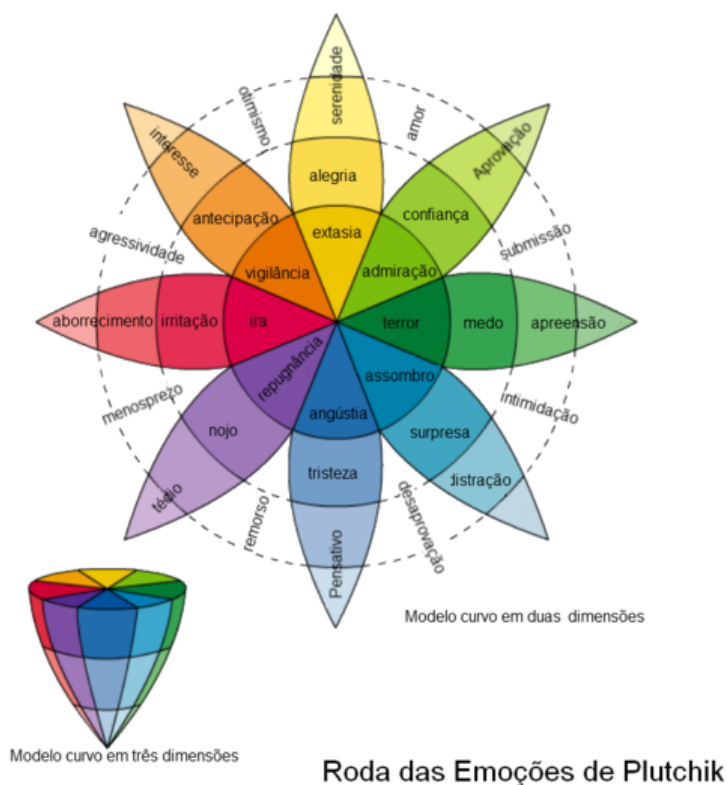


Figura 15 – Diagrama da Roda das Emoções desenvolvida por Robert Plutchik.

(Fonte: Wikipedia)

De acordo com Plutchik, existem oito emoções primárias, ou seja, que todas as pessoas são capazes de sentir. Apesar da teoria do psicólogo não ter sido comprovada – existem culturas que não nomeiam certas emoções, o que dificulta sua comparação com culturas diferentes e impossibilita sua padronização –, sua tentativa de categorizar emoções me inspirou a criar um sistema próprio após ter notado um padrão de sentimentos ao longo dos meus textos, o que me possibilitaria filtrá-los em um âmbito sentimental. Nomeei as categorias da seguinte maneira:

- **Plenitude** (sensação de satisfação e tranquilidade);
- **Ternura** (presente em momentos de alegria e carinho);
- **Nostalgia** (relativa a momentos saudosos);
- **Questionamento**, (para momentos de confusão);
- **Epifania**, (para momentos de descobertas e conclusões);
- **Angústia**, (relativa a tristeza);
- **Frustração**, (presente em momentos de raiva e irritação);
- **Desespero**, (relativa a momentos de estresse e medo);
- **Resignação**, (para quando há conformidade com a situação.)

<epifania> <angústia>

3 de Abril de 2015

Estranhei a atmosfera na qual acordei.

Por algum motivo, me senti desconfortável. Senti que a minha presença era indesejada. No dia anterior, estava tudo normal. Fomos a um bar com nossos amigos; eu bebi, ele não. Ele nunca mais bebeu. "Se eu beber, vou acordar de ressaca e não vou conseguir fazer nada o dia inteiro."

Não o vejo beber desde o Halloween. Ele estava bem alterado naquele dia, era a própria caricatura dos bêbados que andam trocando as pernas. Sinto falta dessa época, mas não por causa da bebida. Lá, ele era mais solto, e as coisas pareciam mais fáceis. Lembrar de quando ele ficava assim me faz lembrar da etapa boa de conquista. Hoje em dia, os papéis se inverteram: eu sou a que gosta de experimentar várias cervejas diferentes e fala sem pensar, enquanto ele é o que pede refrigerante e quer ir embora cedo. Foi assim no fim da noite de ontem.

Convenci-o a me deixar subir para o seu quarto. Ficamos sozinhos por pouco tempo. Pouco tempo atrás, ele se mudara do quarto que divia com o australiano para o do meu melhor amigo, e o último não facilitava muito *as coisas*.

Deitei na cama e fechei os olhos. Eu estava cansada, mas não o suficiente para dormir tão facilmente. Fiquei no estado de relaxamento pré-sono por vários minutos, sem conseguir me entregar. Enquanto viajava, ouvi a voz dele:

"Querida? Desmaiou?"

Não respondi.

Ele fez várias coisas: trocou de roupa, arrumou os materiais da aula do dia seguinte, conversou com meu amigo e, juntos, testaram um acessório que o último comprara para gravar o som de seu violão. Eles improvisaram uma música que ficou muito boa, quase me fazendo dizer algo a respeito. Eu adoraria de ajudá-los, um dia. Gostaria que me chamassem.

Eu continuava consciente quando eles terminaram. Ele se levantou e começou a desamarrar um dos meus tênis. "Cara**, tá fo**", ele reclamou baixinho por entre tentativas. Consegui tirar de um pé, depois tirou do outro. Sussurrou no meu ouvido para me fazer acordar, me chamando de querida e beijando de leve o meu pescoço.

"Hm?"

"Coberta."

Comecei a me mexer e comentei: "Você tirou o meu sapato."

"Sim. Eu sei cuidar de bêbado."

Eu não estava tão bêbada. Ou estava?

Figura 16 – Versão inicial de um dos textos com suas categorias emocionais no topo.

Conforme lia os textos, eu os classificava dentro de uma ou mais categorias. Apesar de não ter aplicado a tática em todo o material, isso me levou ao resultado que comentarei no próximo tópico: a identificação de vozes nos textos.

3.1.1 As vozes nos textos

Tendo em mente a questão de como eu iria trabalhar todo o conteúdo do diário, fui capaz de identificar que, dependendo do que eu sentia enquanto escrevia um texto, ele poderia ser lido com uma “voz” diferenciada. Apesar de sempre utilizar a primeira pessoa, existem textos em que registro os acontecimentos com neutralidade, sem me alongar em aspectos subjetivos:

“Hávamos acabado de dividir uma pizza retangular de marguerita. Eu desabafava sobre o meu futuro profissional.

‘Eu não sei o que quero fazer, sabe? Não sei onde quero estar daqui a cinco anos.’

‘Comigo!’

‘Oun,’ beijei a bochecha dele e tentei não me deslumbrar.

‘Você que deveria falar essas coisas, não eu.’

Hesitei. ‘Você acha que é possível?’

Ele arqueou as sobrancelhas e levantou os ombros. ‘Quem sou eu pra dizer o que é ou não é possível?’ Ele deu um gole no seu refrigerante. ‘Mas acho que você não me aguentaria por cinco anos.’

Sorri para ele. ‘É um bom ponto.’ Ele sorriu de volta.”

(*Passarinho*, 2016, p. 75)

Por outro lado, em outros textos, concentrei desabafos que se aproximam da abstração:

“Meus olhos pesados queriam muito vê-lo agora. Estaríamos lá fora, deitados numa toalha sobre a grama. O céu está escuro e aqui há pouca luz, então poderíamos ver as estrelas. Veríamos-nas frente à frente, sem nada nos separando, principalmente entre eu e ele. Não haveria nada entre nós.

Nossas consciências estariam se enxergando tão bem quanto nossos próprios olhos. Ele estaria bonito, com olhos no limite do claro mesmo durante a noite.” (Passarinho, 2016, p. 342)

Conforme discernia as vozes, passei a desmembrar os textos para que, posteriormente, pudesse reforçar suas identidades por meio de recursos visuais. Tendo as vozes como base, criei estilos textuais e dividi o meu material entre Eventos, Situações e Confissões.

A definição de um **Evento** se encaixa na minha fala no parágrafo anterior a respeito de neutralidade. Este tipo de abordagem é a mais próxima daquela encontrada em romances e é por isso que os Eventos também se parecem visualmente com os textos tradicionalmente encontrados em livros do gênero.

Inicialmente, atribuí a todos os Eventos títulos compostos por palavras que tivessem a ver com o texto em questão. Porém, conforme trabalhava nos Eventos, percebi que vários dos títulos que criei eram relacionados a uma música marcante na minha vida durante a época em que o texto fora escrito e que, em certos casos, não cabiam títulos nos textos. Por isso, no primeiro caso, achei que seria interessante uniformizar os títulos de modo que eles sempre fizessem referência a uma música, podendo ser um fragmento da letra ou simplesmente seu nome – ao todo, 25 músicas foram citadas e reunidas em uma playlist que funciona como um bônus, já que não é necessário que o leitor escute as músicas enquanto lê seus textos equivalentes, cujo link está disponível na ficha técnica do livro. Nos casos em que títulos não foram usados, adotei epígrafes, ou seja, frases que introduzam o tema do texto.

<p style="text-align: center;">BLOODFLOOD PT. II</p> <p>Fomos a um show no Madison Square Garden. Ele comprou o ingresso de última hora, por isso ficou numa fileira diferente. Durante o show de abertura, fiquei sentada numa cadeira desocupada ao lado dele. As cadeiras à esquerda foram tomadas rápido; logo depois, as da direita também, até que o dono do meu assento chegou e tive que subir para o meu lugar oficial. A cadeira ao meu lado continuou vazia e permaneceu assim até se aproximar da hora da banda principal começar.</p> <p>Mandei uma mensagem sugerindo que ele subisse.</p> <p>"Tá um pouco difícil, todo mundo tá segurando bebida... Ficamos juntos em pensamento Sz."</p> <p>Protestei.</p> <p>"Olha o drama. Já vou." Entko, observei-o contornar as pessoas lentamente até se aproximar de mim e se sentar ao meu lado.</p> <p>Durante o show, ninguém apareceu para reclamar o assento dele.</p> <p>"Tá vendo? Era o destino querendo que a gente ficasse juntinho," ele disse. Aparentemente, o destino tem o meu nome.</p>	<p>Perto do final, tocaram a minha música preferida, que me dá vontade de chorar. Enquanto ela tocava, ele se virou para mim. Dançamos juntos com as costas encostadas; as mãos dele me seguravam pela cintura. Foi um desses momentos em que tudo se desmancha ao redor, exceto eu, ele e a música. As pessoas eram meros figurantes, até mesmo as meninas inconvenientes na nossa frente que tiravam selfies o tempo todo.</p> <p>Para falar a verdade, foi um momento demasiadamente suave. Eu queria ter sentido emoções mais intensas, mas não foi o que aconteceu. Mesmo assim, foi bom tê-lo perto de mim. Não teria sido a mesma coisa se eu tivesse ficado sozinha.</p> <p>Aquela música mexe com os meus sentidos toda vez que a escuto. Sinto uma ansiedade; uma vontade de sentir algo mais, algo que não sei o que é. Sob o meu peito até a minha garganta, sai pela respiração. Os pelos do meu pescoço se eriçam, e também os dos meus braços e do resto do corpo. Adoro sentir isso. Escuto-a de novo e de novo. É como um sopro, que passa rapidamente e faz arrepiar. Como lembrança. Como ele.</p>
--	---

Figura 17 – Exemplo de um Evento iniciado encabeçado por um título.

	<p><i>Eu não acredito que despedidas sejam sempre difíceis.</i></p> <p>Existem vários tipos de despedida.</p> <p>Existe aquela breve, quando você sabe que vai ver a pessoa no dia seguinte ou no próximo fim de semana.</p> <p>Existe aquela mais demorada, quando a pessoa vai passar um tempo longe, mas é certo que existe um prazo de validade.</p> <p>Existe também a despedida de quando você sabe que a pessoa não vai voltar: despedida de morte. Você sofre pois não estava preparado, ou porque não consegue lidar com o fato de que nunca mais vai ver quem gostaria. Você pode ter dado outro tipo de despedida que acabou se transformando nessa. Quando isso acontece, não tem o que fazer. Ninguém renasce dos mortos.</p> <p>Só que tem um tipo de despedida que é especialmente complicada: aquela que acontece mesmo que você não queira, mas a pessoa ainda existe. Isso pode acontecer porque o outro quis assim, mas também porque as circunstâncias levaram a esse fim.</p>
--	--

Figura 18 – Exemplo de um Evento encabeçado por uma epígrafe.

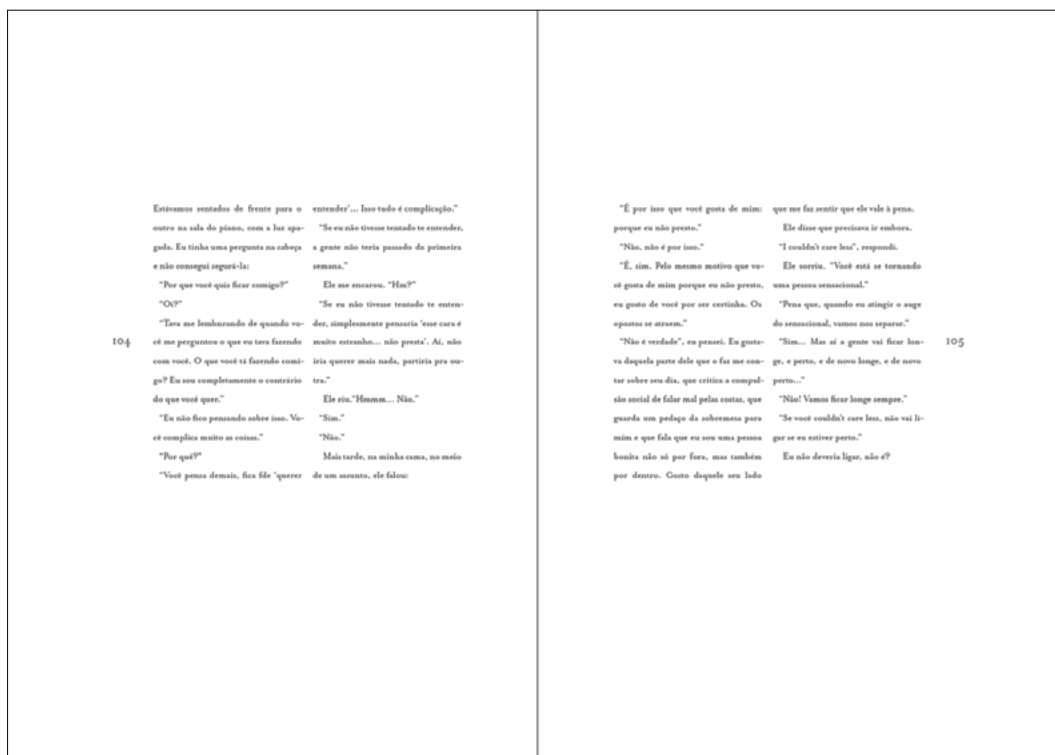


Figura 19 – Exemplo de uma Situação.

As **Situações** são contadas em colunas mais estreitas, organizadas em duplas ou sozinhas, em uma fonte menor.² O papel deste estilo é transmitir a sensação de reserva e timidez, já que os textos formatados desta maneira possuem caráter mais pessoal que os Eventos – na verdade, apesar de todos os textos serem íntimos, aqueles classificados como Situações contém informações que considero mais sensíveis, o que fez sentir necessidade de exibí-los com maior cautela.

2 Informações mais detalhadas referentes à tipografia e ao grid serão compartilhadas posteriormente na seção *Solução gráfica*, destinada às especificidades gráficas do projeto.

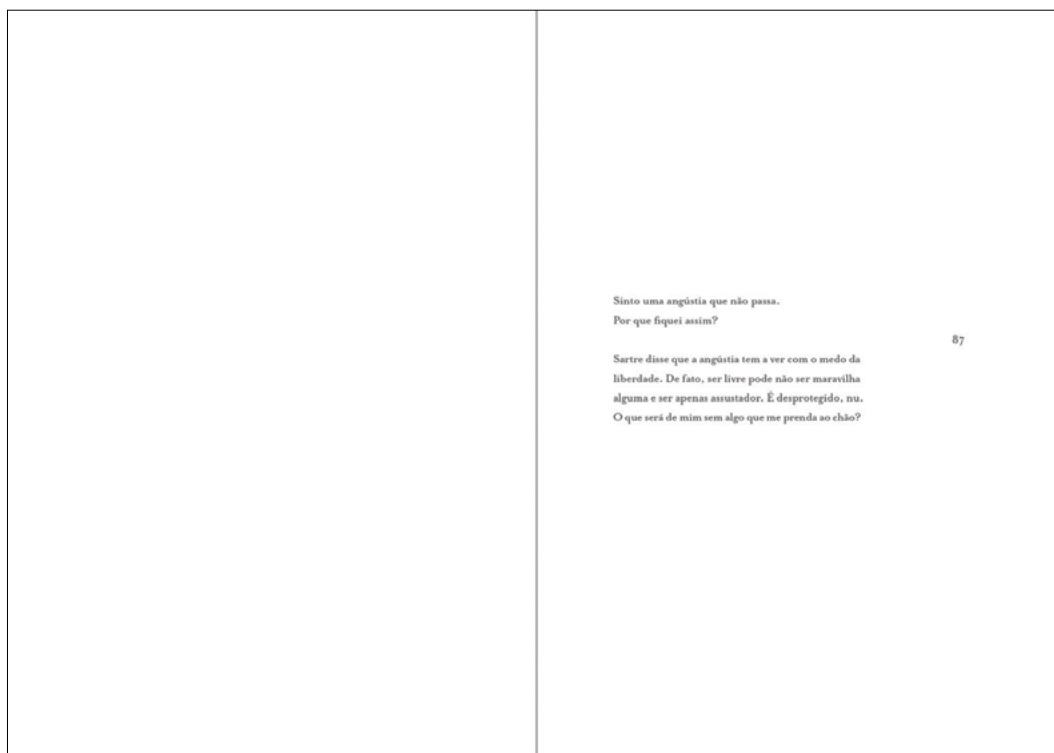


Figura 20 – Exemplo de uma Confissão.

A voz que narra uma **Confissão** é individualista. Os textos de Confissões são mais curtos, mas são os espaços em que o lado mais vulnerável da protagonista é revelado. Eles representam *insights*: momentos de iluminação destinados a reflexões e conclusões. Por isso, a Confissão aparece numa posição de destaque dentro da página, centralizada e com bastante espaço em branco ao redor, assim como essas ideias apareciam na minha mente: como uma certeza em meio a uma massa de pensamentos vazios.

Além dos três estilos citados, apliquei esporadicamente **Frases Destaque** e **Manuscritos**. As Frases Destaque aparecem para ressaltar falas que me impactaram e que eu gostaria que também impactassem o leitor, caracterizadas por uma fonte maior que a utilizada em Eventos e Confissões. Os Manuscritos, por outro lado, são trechos transcritos a lápis com a minha letra. Acredito que, mostrando elementos caligráficos ao leitor, exponho um lado ainda mais pessoal do eu lírico e acrescento credibilidade a trechos carregados de sensibilidade que poderiam ser considerados piegas.

<p>Ele tem a incrível capacidade de destruir todo o meu conforto ao abrir a boca. Ele me fez acreditar que estava amadurecendo, mas claro que não. Ele me fez acreditar que tentaria ser mais disciplinado, responsável e empático, mas "foi um momento de fraqueza". 130 Ele disse que eu tenho a necessidade de mudar as pessoas, mas não quero que todas as pessoas mudem. Para deixar de me magoar, ele precisou mudar.</p> <p>"Querida, você adora quando eu falo abobrinha. Se não adorasse, você não estaria comigo." Ele tem razão. O que ainda me faz ficar com ele?</p>	<p><i>Ele tomou whisky depois de um bom tempo.</i></p> <p>Voltávamos para o nosso prédio e nossos amigos andavam à frente. Puxei-o para a frente de uma igreja e apontei para uma árvore morta. "Olha, que árvore magra!" "Oh! Alguém se esqueceu de regar." "Eu já tive uma azaleia. Ela morreu porque eu viajei e não tinha ninguém pra regar." "Nossa, que horrível. Tá vendo como você é má e não liga pras coisas? É assim, você vai pra Califórnia e vai deixar todo mundo aqui, largado." Ele fez um gesto teatral que misturava o movimento de atirar comida para pombos com o de distribuir cartas de baralho. "Olha aqui você, ô." "Que? Não tem nada a ver. Todo mundo vai ficar distraído, ninguém vai ligar." "Mas eu vou. Você vai me deixar largado." "...Ah, você vai achar uma distração rapidinho, vai conhecer outras meninas..." "Não, não é fácil assim. É só você que está no meu coração!"</p> <p>131</p>
---	--

Figura 21 – Exemplo de Frase Destaque, na página esquerda.

	<p>Reclamo muito em pensamento, mas acho que é assim mesmo. É bom parar para pescar umas lembranças de vez em quando e resgatar o que me faz continuar aqui, hoje, junto dele.</p> <p><i>Eu gosto tanto dele... Ele não tem noção do quanto nóis usamos.</i></p> <p>43</p>
--	--

Figura 22 – Exemplo de Manuscrito.

Em determinados momentos, enxerguei validade em modificar alguns estilos para que a mensagem pudesse ser transmitida da maneira que eu queria. Na figura 23, por exemplo, mostro um exemplo de páginas do livro em que alterei as Confissões. No contexto narrado na figura em questão, eu havia passado horas acordada aguardando a pessoa com quem eu me relacionava retornar de um passeio. Por conta da ansiedade, o passar das horas se tornara dolorosamente lento. Para ilustrar tal sensação, apliquei um fundo cinzento ao texto, deixando-o mais lúgubre, e inseri os horários de cada etapa no topo de cada Confissão.

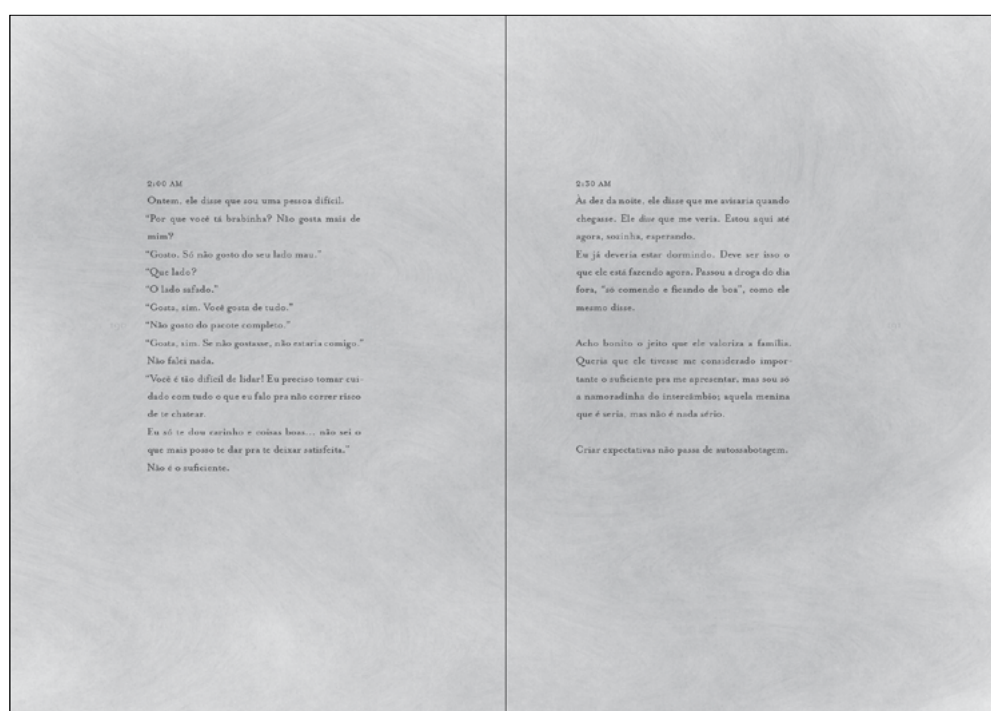


Figura 23 – Exemplo de Confissões com adaptações.

Uma característica importante da narrativa é que nenhum nome próprio é revelado. O personagem mais citado é a pessoa com que me relacionei, a qual me refiro sempre como “ele”. Eu não me sentia confortável em escrever nomes enquanto escrevia no meu diário, então criei apelidos para os personagens mais recorrentes, como “meu melhor amigo” e “amigo das compras”. Eu não quis criar nomes fictícios porque os personagens não eram fictícios. Do mesmo modo que os apelidos conservam o anonimato das pessoas às quais me refiro ao longo da história, eles mantêm seus vínculos à minha realidade.

3.2 Solução gráfica

Mesmo após um longo período de pesquisa e amadurecimento de ideias, mantive a intenção de criar um livro de aparência tradicional, ou seja, de dimensões e materiais usuais. O valor do projeto se concentraria nos detalhes: além da maneira com que a história é narrada na esfera textual, *Passarinho* conta com ilustrações e projeto gráfico planejados para que sua substância permanecesse fiel à proposta com que eu havia escolhido trabalhar.

3.2.1 Fases, ilustrações e cores

Um aspecto importante da preparação de texto foi o meu necessário distanciamento da história. Ao mesmo tempo em que sou a protagonista, sou a designer responsável por identificar os elementos que vão auxiliar o leitor a imergir no universo de *Passarinho*. Por isso, ao invés de desenhar detalhadamente os cenários pelos quais passei ou retratar as feições dos personagens, enxerguei as ilustrações como oportunidades de trazer metáforas que estimulassem o leitor a formar suas próprias interpretações.

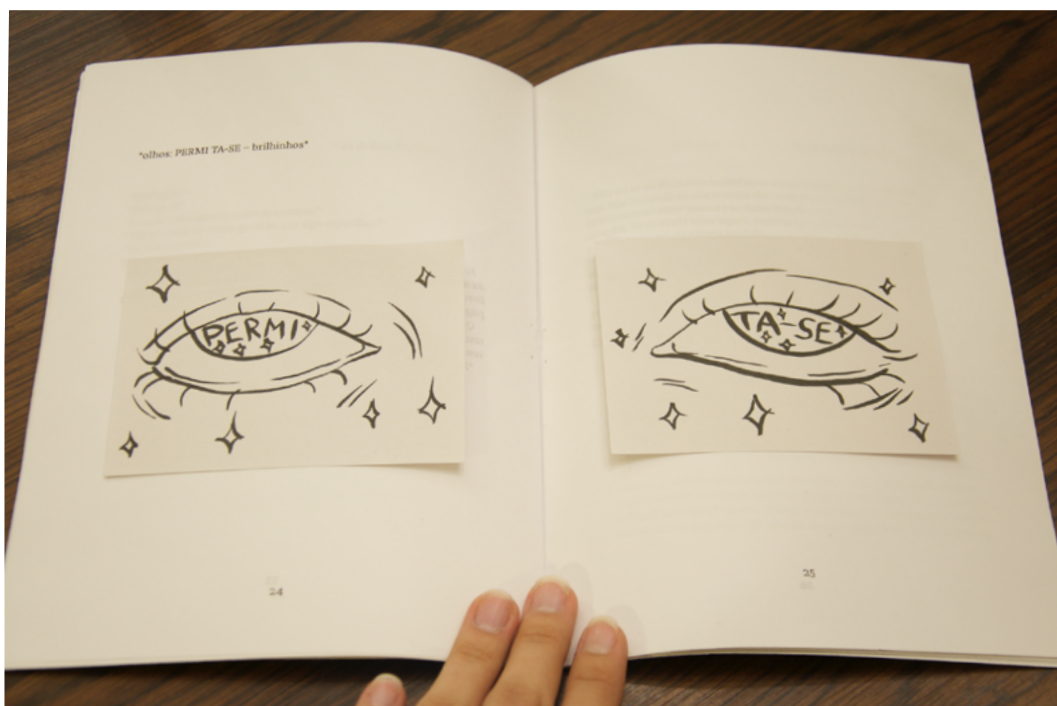


Figura 24 – Um dos primeiros testes relacionados à disposição das ilustrações.

Para decidir o modo como as ilustrações se comportariam, dividi o livro em três fases e subdividi cada uma delas em dois capítulos nomeados a partir das cidades em que morei na época em que os textos foram escritos. Cada fase representa um estágio do meu amadurecimento, por isso, a estética das ilustrações se adapta a cada uma delas. Também há o prólogo mesclado à primeira fase e o epílogo mesclado à última.



Figura 25 – Alguns testes relativos à estética das ilustrações.

O início de *Passarinho* reflete a ingenuidade característica do começo de uma jornada. No prólogo, acontece uma contextualização para que o leitor possa compreender o porquê do livro ter o nome que tem: numa sequência de quatro páginas duplas, apresento uma adaptação do primeiro texto que coloquei no meu diário, cuja primeira frase diz: “Você se diz mau, como um lobo, mas, na verdade, é só um passarinho.”

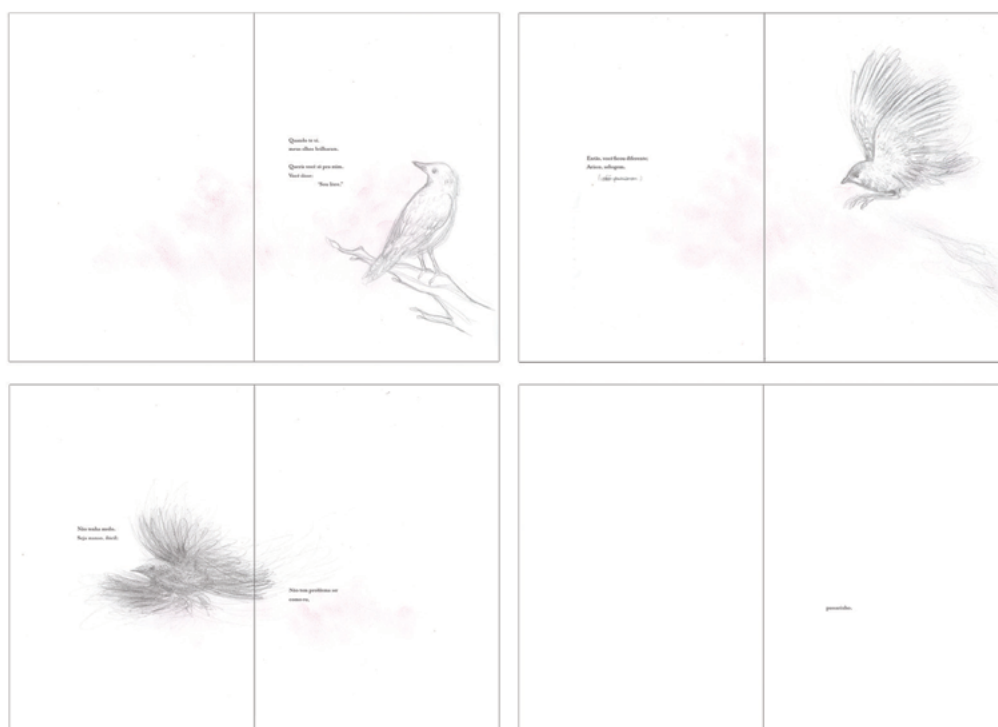


Figura 26 – Páginas que compõem o prólogo. “Quando te vi, meus olhos brilharam. Queria você só pra mim. Você disse: ‘sou livre.’” / “Então, você ficou diferente. Arisco, selvagem. (Não funcionou.)” / “Não tenha medo. Seja manso, dócil; Não tem problema ser como eu, “ / “passarinho.”

Após o prólogo, a página dupla marca o começo da primeira fase. Ali ainda se vê o rosa, que utilizo pela primeira vez no prólogo para representar inocência, mas ele começa a desaparecer atrás de uma nuvem. Acredito que a vida é composta por ciclos, ou seja, encontrar e superar obstáculos é inevitável e recorrente. Por isso, fiz com que cada abertura de fase mostre uma fase do dia, criando o clássico paralelo entre a chegada da noite e o fim de um ciclo na vida de alguém. Reconheço, portanto, que o desafio narrado em *Passarinho*, apesar de singular, é apenas um entre todos aqueles que já encontrei e irei encontrar.

Cada abertura de fase é acompanhada por uma letra que corresponde à ideia principal ali contida. A primeira, portanto, traz o M de Menina, carregando consigo os ideais de jovialidade e pureza. Esta fase é dividida nos capítulos Nova York, parte I e Nova York, parte II. Na primeira fase, a visão da protagonista era mais deslumbrada com a relação amorosa e, na segunda, ela começa a enxergar as situações com mais desconfiança.

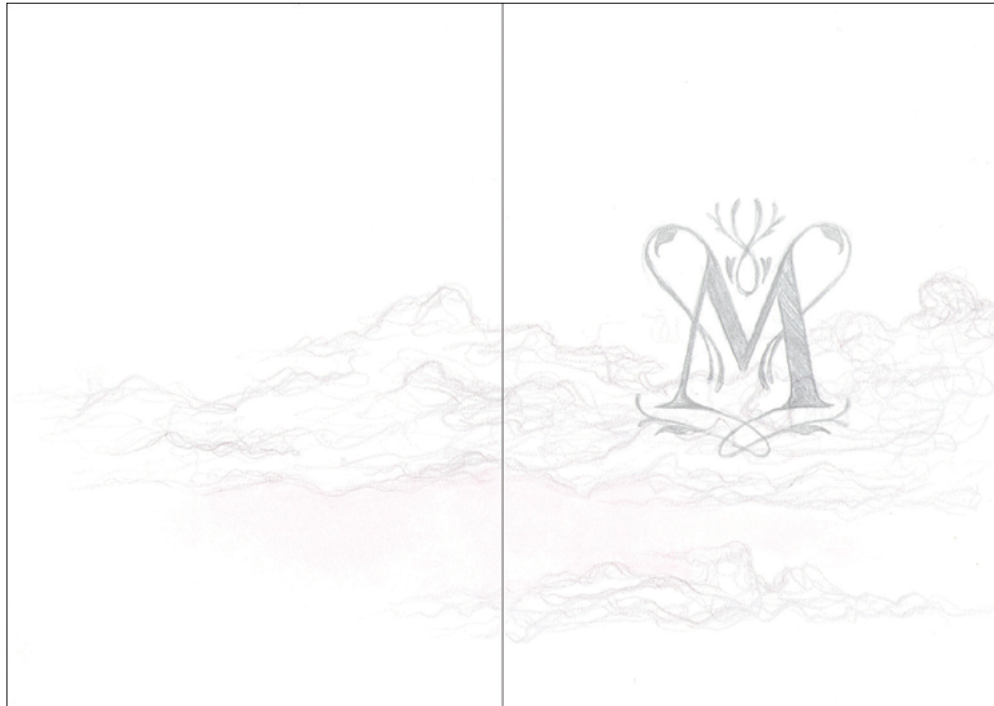


Figura 27 – Abertura da primeira fase.

Da primeira até a segunda fase, as ilustrações contam apenas com o cinza do grafite. Ali decidi adotar a estética de rascunho justamente pela sua leveza e aparência inacabada, fazendo um paralelo à ingenuidade e à insegurança que eu sentia naquela época.

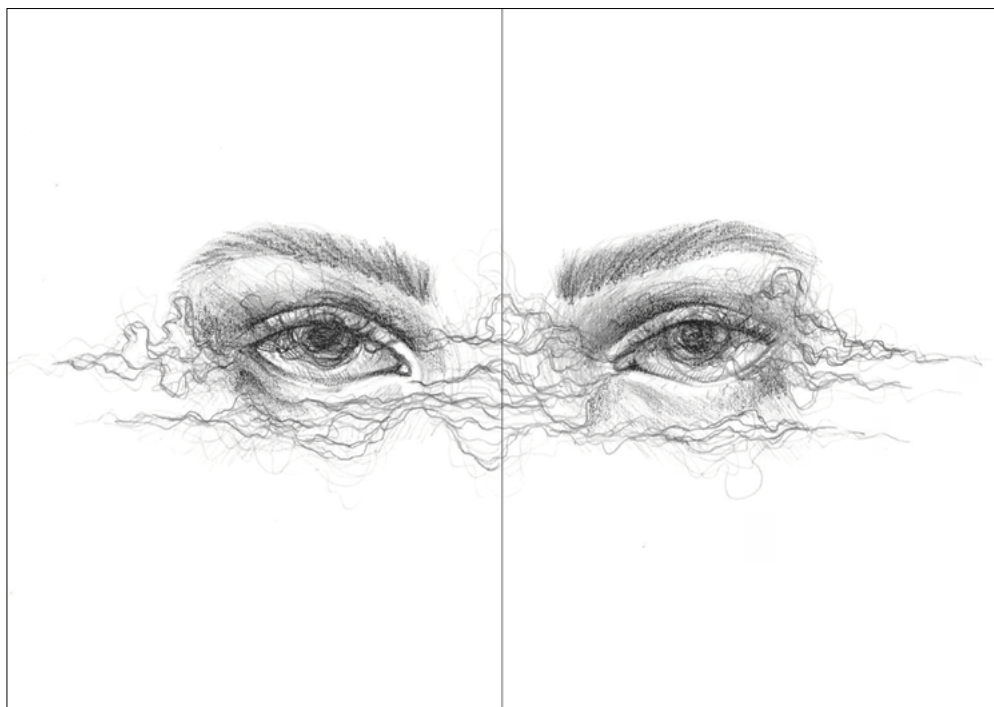


Figura 28 – Uma das ilustrações que integra a primeira fase.

A letra O, inicial de Ovo, abre a segunda fase e nela estão sintetizados os conceitos de introspecção e incubação. Este é a fase do término, relatado no capítulo Los Angeles, e do desespero, relatado no capítulo Brasília, portanto sua estética é a mais sombria. A imagem de abertura mostra um céu carregado de nuvens escuras, indicando um período tenebroso, e sugere a presença do carvão nas ilustrações que estão por vir.

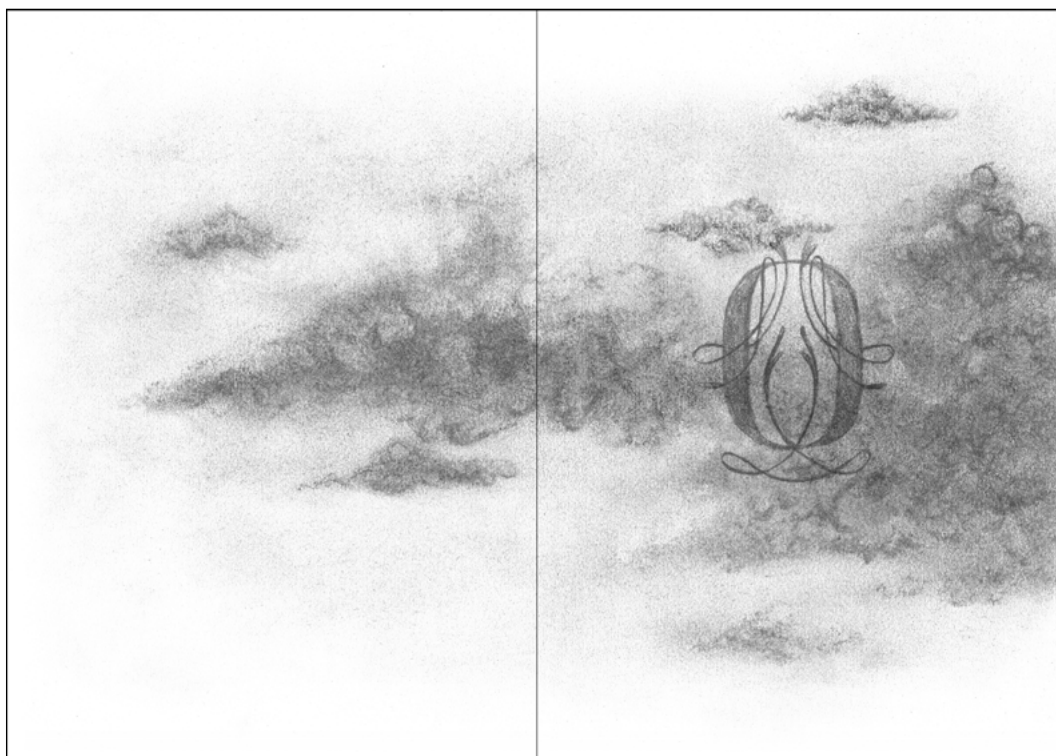


Figura 29 – Abertura da segunda fase.

Escolhi o carvão para essa fase porque, além de trazer a cor preta à história, associo sua propriedade opaca e esfumada à aparência de memórias dolorosas. Numa tentativa de tentar apagá-las, nosso cérebro as transforma em manchas escuras que nos assustam se não estivermos dispostos a desmanchá-las.

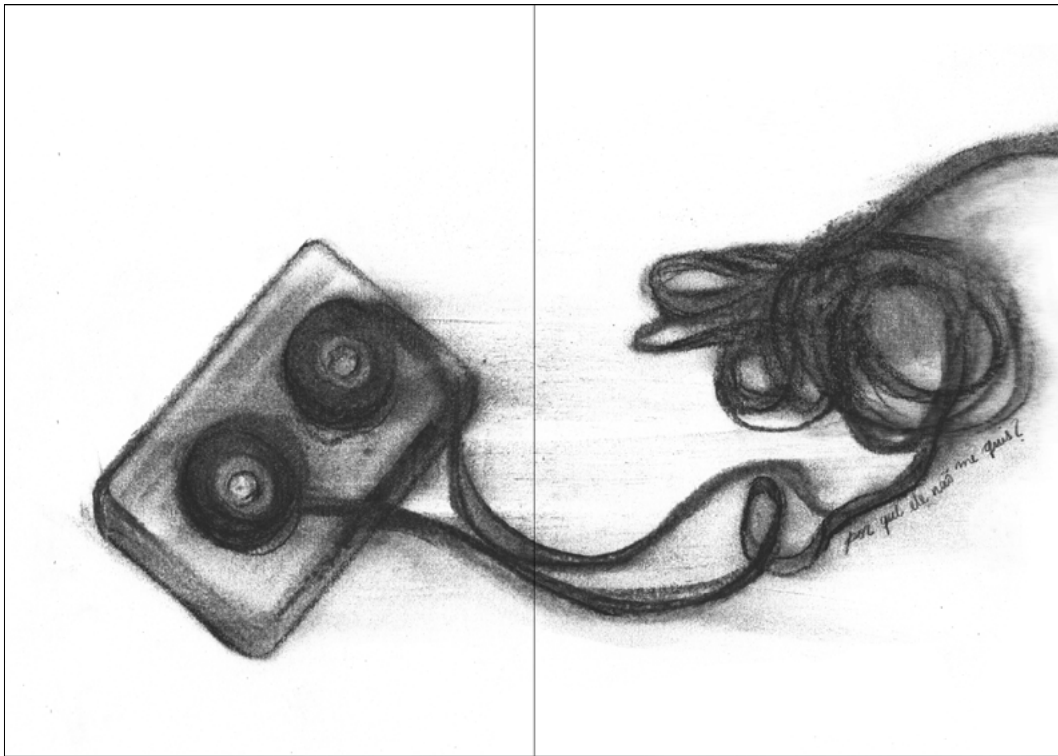


Figura 30 – Ilustração que integra a segunda fase. Ela faz referência à obsolescência, o que considerei semelhante a se sentir deixada de lado após o término do namoro.

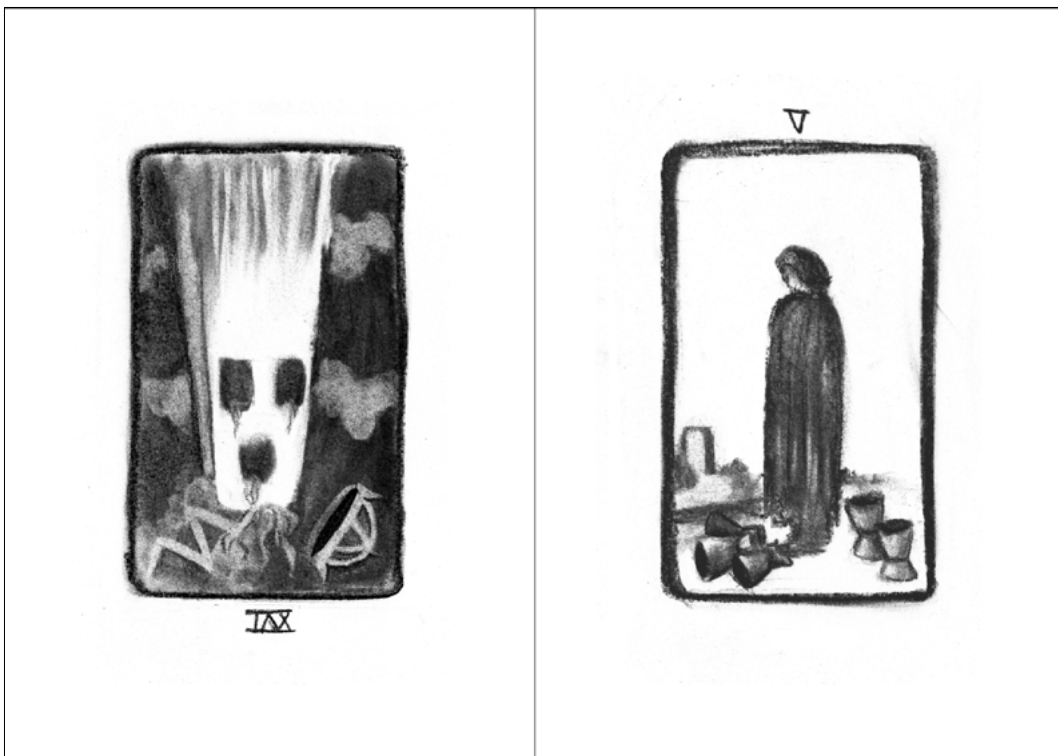


Figura 31 – Ilustrações que integram a segunda fase. No segundo capítulo, explorei as cartas do baralho de Tarô, pois pratiquei o jogo com frequência enquanto tentava superar o relacionamento e reencontrar a minha individualidade.

Conforme a protagonista amadurece, a atmosfera se alivia. A abertura da terceira fase continua a mostrar nuvens, mas o Sol está de volta para terminar o dia. Esse olhar otimista é reforçado pela letra P, inicial de Passarinho, representando a maturação após todo o tempo em que a protagonista esteve se recuperando da angústia que a reprimia. Esta fase é subdividida em Goiânia e Florianópolis, que falam respectivamente sobre um romance recente e um antigo, e traz o Epílogo consigo, que conta os últimos momentos da história.



Figura 32 – Abertura da terceira fase.

O período de vulnerabilidade começa a se transformar em compreensão, trazendo consigo mais racionalidade. Por isso, inspirada pelos desenhos renascentistas, introduzo o pastel de cor sanguínea e o contorno de tinta preta às ilustrações. O pastel mantém o aspecto amorfo que tanto gosto de associar aos pensamentos e à memória, mas a tinta mostra que a protagonista passa a ter mais controle sobre suas escolhas.

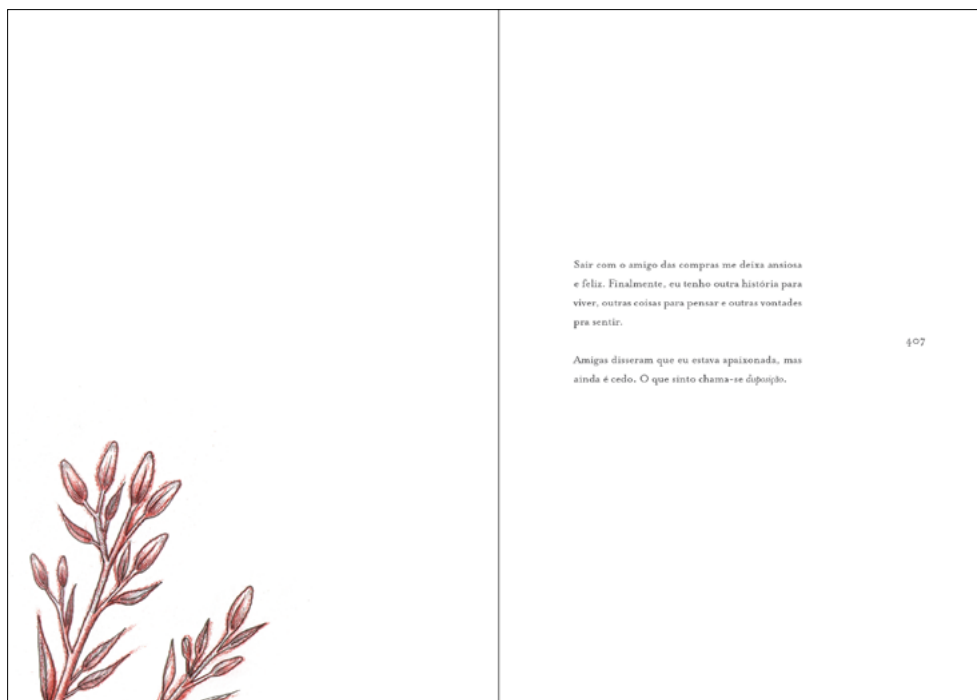


Figura 33 – Ilustração da terceira fase. Aqui, as flores começam a crescer, assim como a oportunidade de se iniciar um novo relacionamento e a esperança de que este seja saudável.

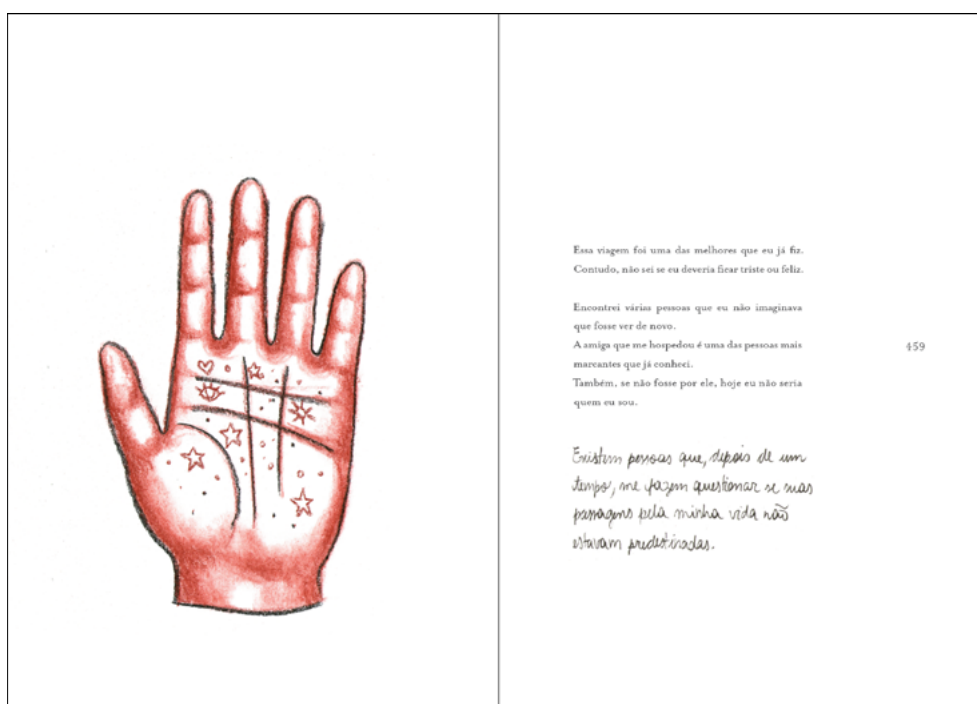


Figura 34– Ilustração da terceira fase. No segundo capítulo ainda existe um pouco da influência do relacionamento ruim, por isso, em alguns casos, o traço de tinta é substituído pelo carvão da fase anterior, sinalizando a angústia.

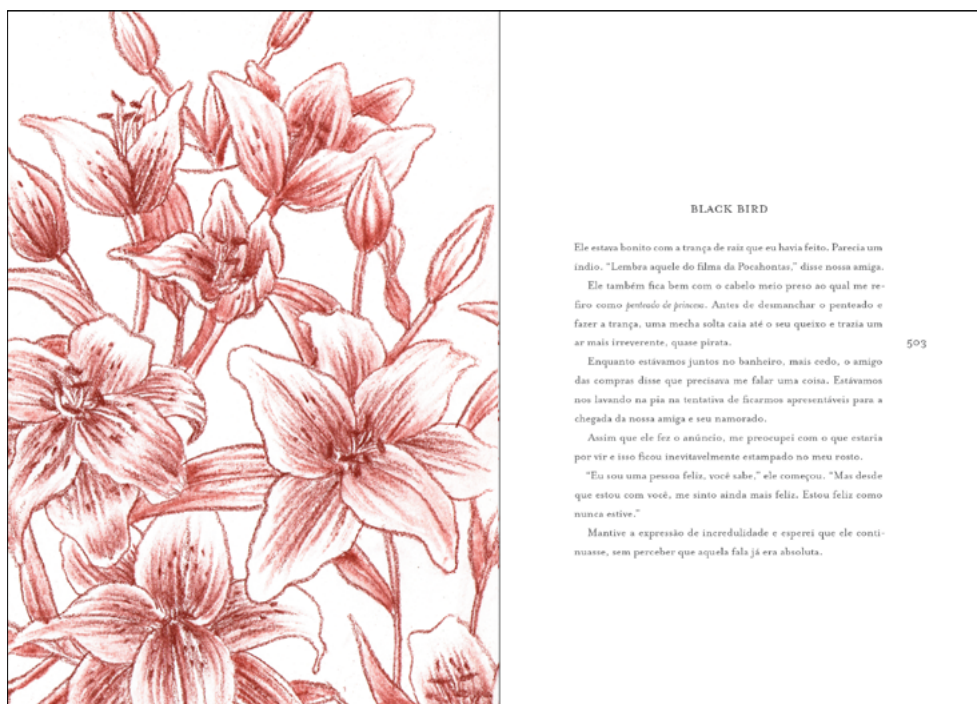


Figura 35 – Última ilustração do livro, presente no Epílogo. A cor sanguínea se mantém, mas nenhum tipo de contorno está presente: o outro relacionamento se fortalece e com ele a racionalidade se esvai, pois a paixão não é racional.

Assim como começa, o livro termina em páginas rosadas. A razão é simples: no final, felizmente, existe um recomeço.

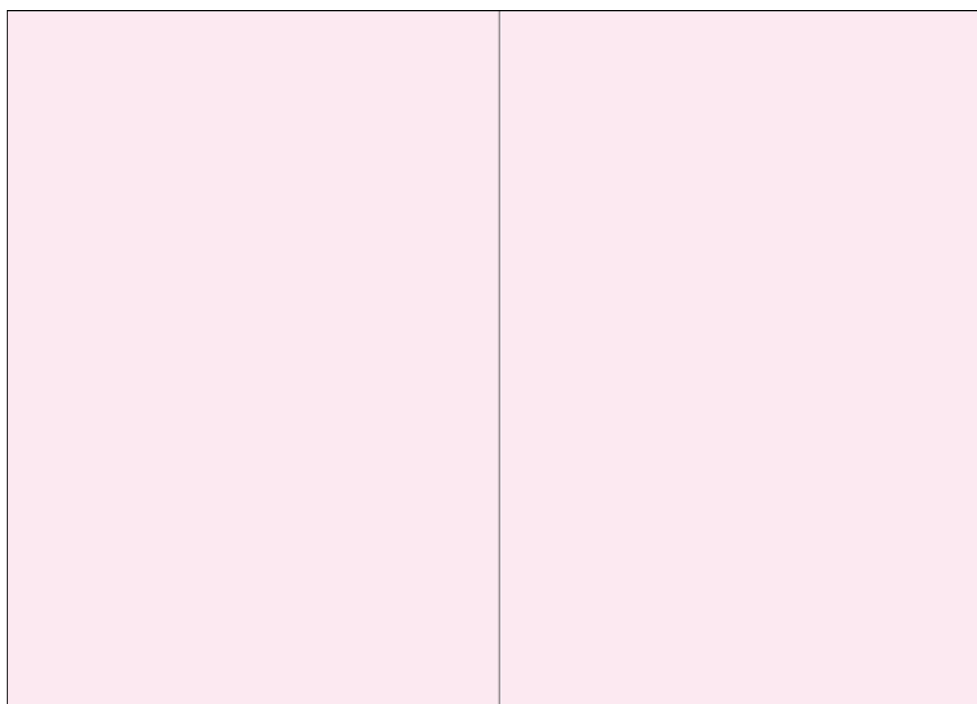


Figura 36 – Página dupla na cor rosa que encerra a narrativa.

3.2.2 Fonte

Como decidi trabalhar com páginas mais minimalistas, precisei adotar uma fonte que tivesse personalidade. A família escolhida foi a Mrs Eaves, de 1996. Ela é composta por tipos serifados inspirados na Baskerville, feita em 1757, e possui uma feminilidade inerente – seu nome vem de Sarah Eaves, que foi esposa de John Baskerville, criador da fonte.³ Apesar dos diversos pesos disponíveis, utilizei apenas o regular (roman) e o itálico.

Mrs Eaves

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

1234567890

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

Figura 37 – Demonstração da fonte Mrs Eaves nos pesos roman e italic.

Como citado na seção *As vozes nos textos*, o tamanho da fonte é subordinado ao estilo do texto. Ela varia entre 8pt (estilo *Situações*), 10pt (*Confissões*, *Eventos* e *epígrafes*) e 14pt (*Frases Destaque* e títulos).

Optei por utilizar as aspas para sinalizar falas ao longo da narrativa pela forma como elas parecem se integrar melhor ao texto do que os travessões. Para desempenhar a função de destacar palavras no texto, que é comumente incumbida às aspas, utilizei o itálico, assim como nas epígrafes. As palavras estrangeiras aparecem na fonte regular porque o inglês fazia parte do meu dia a dia, então preferi não destacá-las em meio às demais.

3 Informações retiradas de um texto explicativo escrito pela criadora da fonte, Zuzana Licko, originalmente publicado em 1996 e disponível o site da fundidora de tipos digital Emigree.

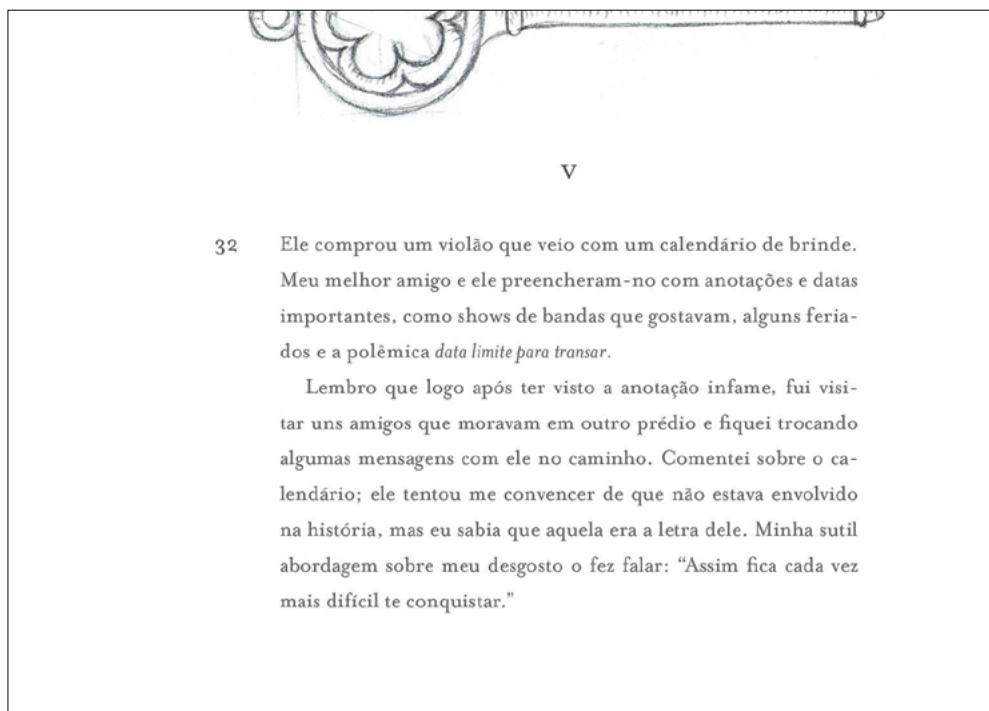


Figura 38 – Exemplos do uso das aspas e do itálico.

Também utilizei dois glifos semelhantes a asteriscos disponíveis na fonte para sinalizar pausas nos textos, um pequeno e um grande. O glifo pequeno (*) aparece quando a pausa na narrativa é curta, como por exemplo em um intervalo de algumas horas, enquanto o grande (⌘) indica uma ruptura no tema do texto.

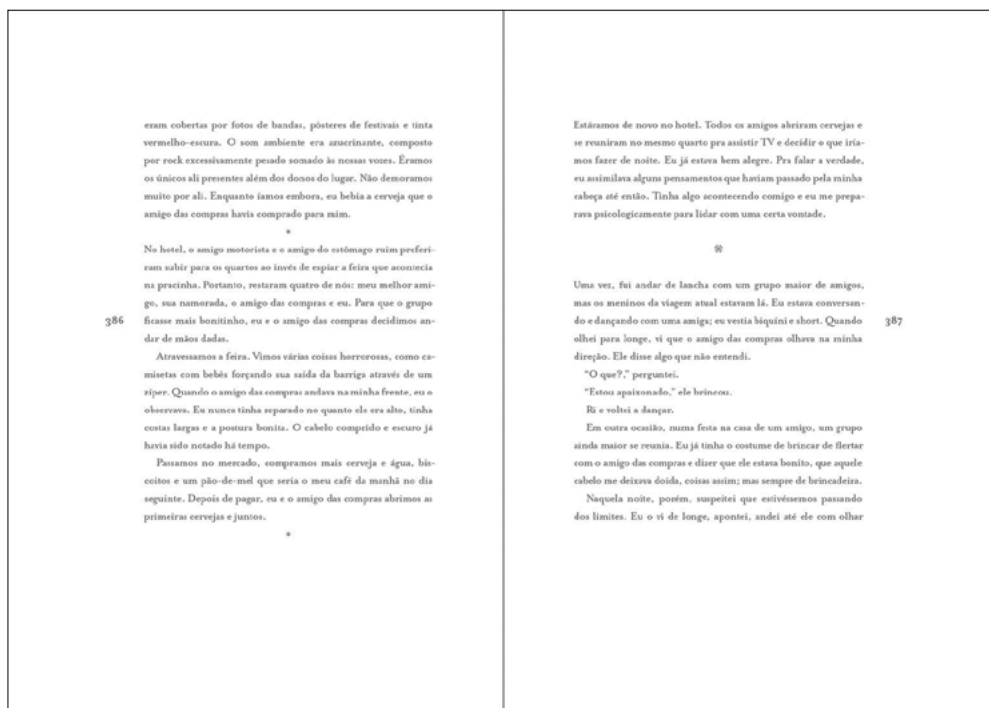


Figura 39 – Exemplos dos glifos indicadores de pausas: os glifos nas páginas esquerda e direita indicam intervalos curtos e o da página direita indica intervalos maiores.

3.2.3 *Formato e grid*

Um formato de livros de romances muito encontrado em livrarias gira em torno de 148x210mm (formato A5). O formato de folhas que escolhi para o projeto foi 155x220mm, um pouco maior que um A5, mas ainda dentro da proporção da série A da norma ISO 216, e é um formato mais adequado ao grid que desenvolvi.

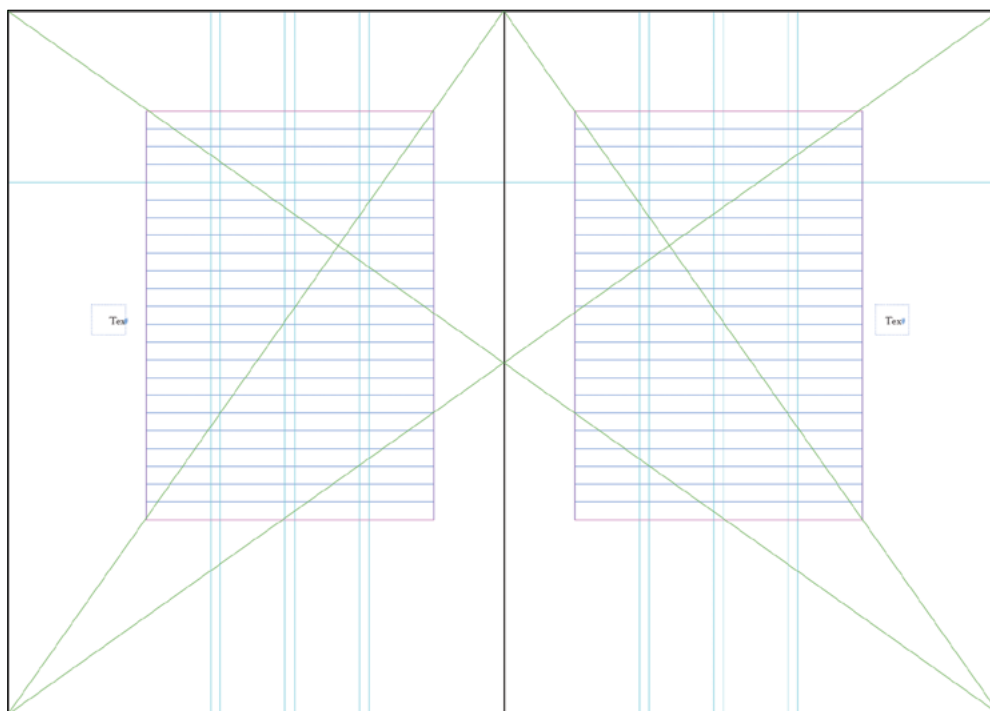


Figura 40 – Grid básico contendo margens, grade de linha de base, colunas, fólio e parte do diagrama de Villard.

O grid foi criado a partir da harmonia entre o diagrama de Villard (linhas verdes na Figura 40) e a grade de linha de base (entrelinhas). O diagrama de Villard, que era uma estrutura adotada por escribas,⁴ proporcionou que fossem estabelecidas margens proporcionais ao formato da página, mas realizei algumas alterações para que as margens se encaixassem na grade de entrelinhas. Fiz questão de priorizar o espaço em branco – a área das margens representam cerca de 66% da página – pela alusão tanto a livros medievais quanto à vastidão da minha mente, cujo volume jamais poderá ser completamente preenchido por pensamentos.

4 As informações sobre o diagrama de Villard foram consultadas no livro *Elementos do estilo tipográfico*, de Robert Bringhurst. P. 189.

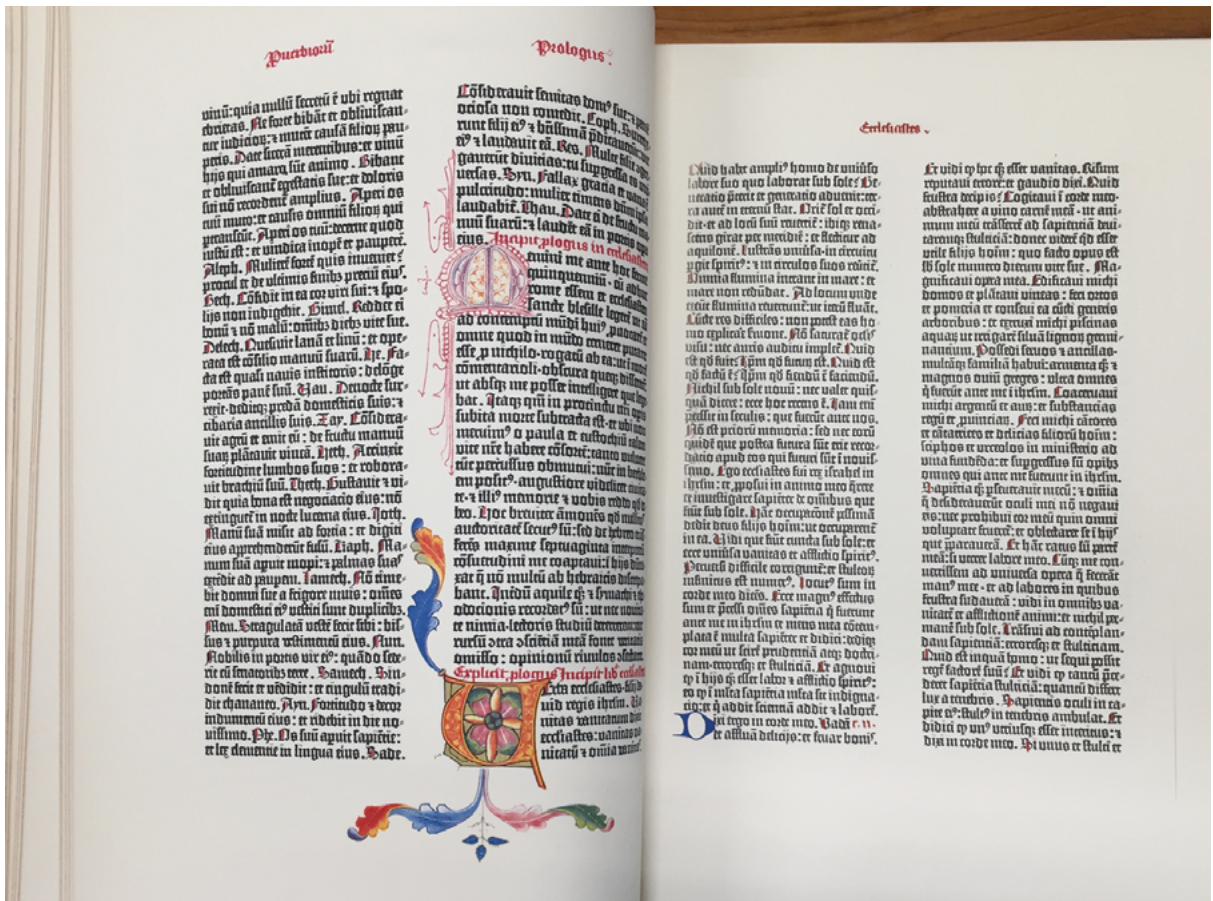


Figura 41 – Foto do miolo de uma reprodução da Bíblia de Gutenberg, parte da Coleção de Obras Raras da Biblioteca da Câmara dos Deputados, que serviu como inspiração para um grid com margens largas que fizesse alusão ao período medieval.

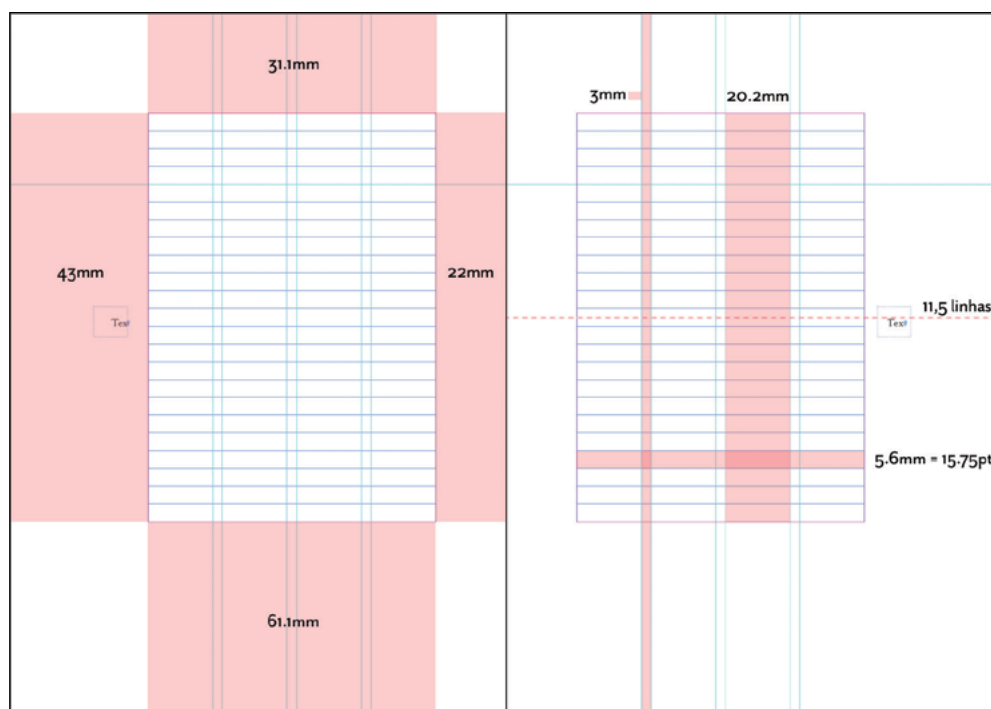


Figura 42 – Medidas do grid. Margem superior: 31,1mm; inferior: 61,1mm; exterior: 43mm; interior: 22mm. O bloco de texto é dividido entre 4 colunas de 20,2mm de largura e 3mm de medianiz; entrelinha: 5,6mm. O bloco de texto é dividido entre 23 linhas e o fólho está entre a 11^a e a 12^a linha.

O bloco de texto é dividido entre 23 linhas 4 colunas. Cada um dos estilos de texto comentados na sessão *As vozes nos textos* utiliza um número específico de colunas: as Situações ocupam duas, as Confissões e as Frases Destaque ocupam três e os Eventos ocupam todas as quatro. A guia horizontal posicionada na quarta linha de base indica o ponto de partida da caixa de texto dos Eventos. Juntos, guia e fólho (posicionado no centro do bloco de texto) serviram como referência nos momentos de dispor Confissões e Situações em suas devidas páginas.

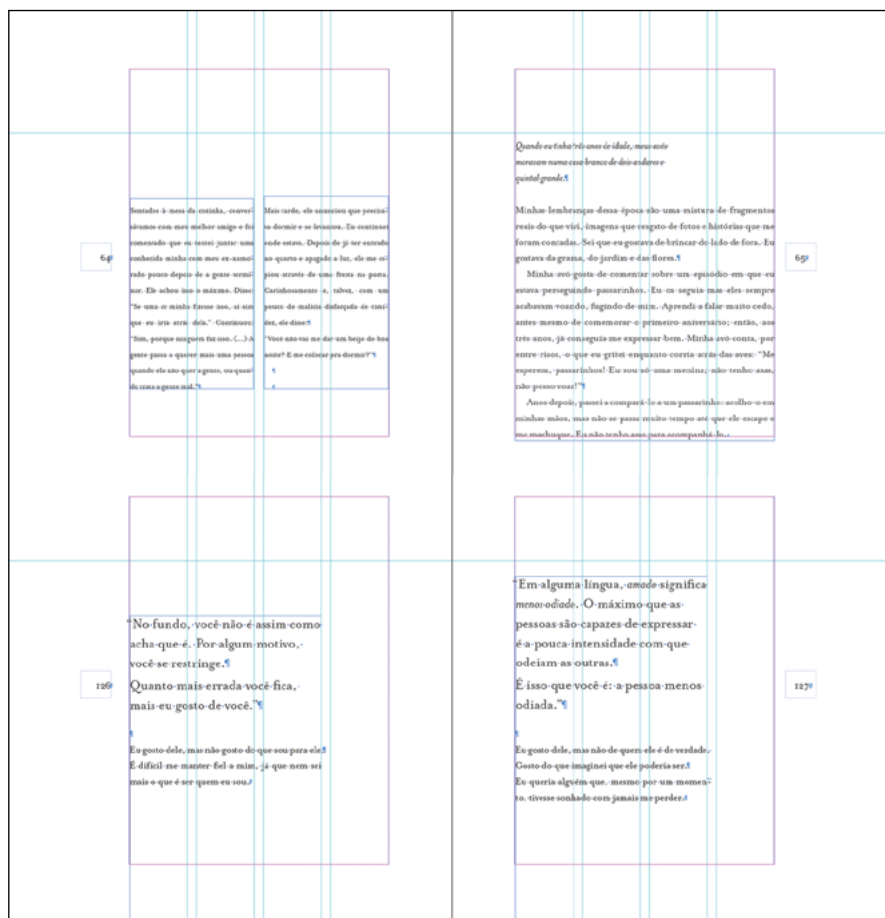
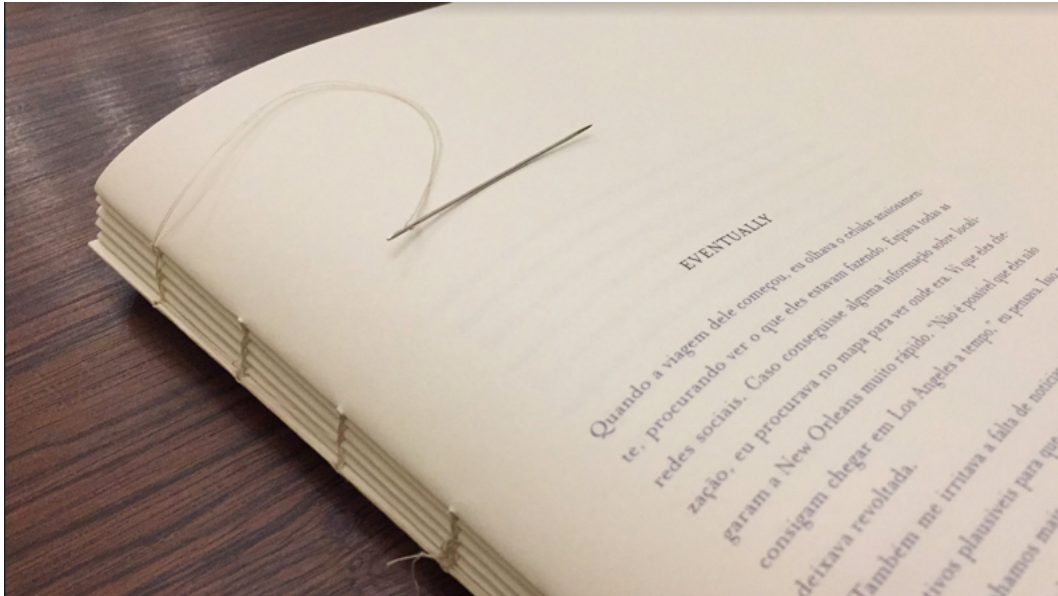


Figura 43 – Exemplos da aplicação de cada estilo de texto ao grid.

3.2.4 Capa e acabamento

Caso a impressão do miolo do livro não tivesse sido feita por uma gráfica, poder-se-ia dizer que ele foi inteiramente construído de forma artesanal.

As 512 páginas de *Passarinho*, impressas em papel pólen creme de 80gm/cm², foram agrupadas em 16 cadernos contendo 32 página cada. Os cadernos foram costurados manualmente por mim.



Figuras 44 e 45 – Cadernos sendo costurados e montados.

Muitos dos livros que encontrei na Biblioteca Central da UnB possuíam capas de tecido, assim como as capas de livros vintage que pesquisei como referência na Internet. Decidi utilizar um tecido de algodão na capa de *Passarinho* justamente para diferenciá-lo dos livros produzidos em larga escala disponíveis em livrarias.

Deixei a criação da capa como última etapa do processo de desenvolvimento do livro. Acredito que a capa deve representar o livro em sua essência, portanto, eu precisava ter uma ideia clara de como seu interior ficaria antes de decidir qual seria a imagem que causaria o primeiro impacto no leitor. Portanto, depois de ter definido a estética de cada uma das fases e conseguir visualizar o interior do livro em sua totalidade, comecei a pensar na composição capa.

Na seção em que explico sobre as ilustrações deixo claro que trazer o aspecto nebuloso foi um objetivo e inclusive o fiz de maneira literal nas aberturas das fases por meio das figuras de nuvens nas aberturas das fases. Por isso, fiz uma rápida pesquisa visual na Internet para encontrar alguma forma de relacionar nuvens e passarinhos.



Figura 46 – Imagens selecionadas após pesquisa visual realizada para colaborar com a conceituação da capa.

Concentrei a minha pesquisa na localização de texturas para que a referência a nuvens ou pássaros não fosse tão clara. As imagens que mostro na Figura 46 foram as que me serviram como principal referência: os filetes dourados em penas fotografadas com lente macro, as nuvens moderadas no céu noturno e a semelhança entre o padrão encontrado nas penas de algum pássaro e o céu extremamente carregado de nuvens indicavam o caminho que eu gostaria de seguir.

Descobri em testes feitos em serigrafia que se eu aplicasse tinta pontualmente sobre o tecido embebido de álcool, seria possível criar um padrão de manchas que se mesclariam suavemente à cor base, criando uma imagem semelhante a um céu nublado. Decidi que essa seria a textura presente em todo o tecido que forraria o livro.



Figura 47 – Tecido da capa do livro sendo tingido.

Por cima do fundo cinza, imprimi em tinta dourada apenas o desenho da letra P que desenvolvi em um estilo semelhante ao das iniciais presentes nas aberturas de fases. Optei por ocultar o meu nome e revelá-lo apenas em meio às últimas páginas do livro porque a identidade do autor não é relevante na história e, dessa forma, cria-se um mistério ao redor de quem está por trás dela. Minha intenção é que o primeiro contato

do leitor com o livro seja de curiosidade – intrigado, ele virará a capa e verá a letra P desenhada da mesma forma, porém, na sua versão de rascunho; assim, além da passagem do mundo exterior para o interior do livro, a mudança estética marca o momento em que o leitor entra no universo ilustrado de *Passarinho*.

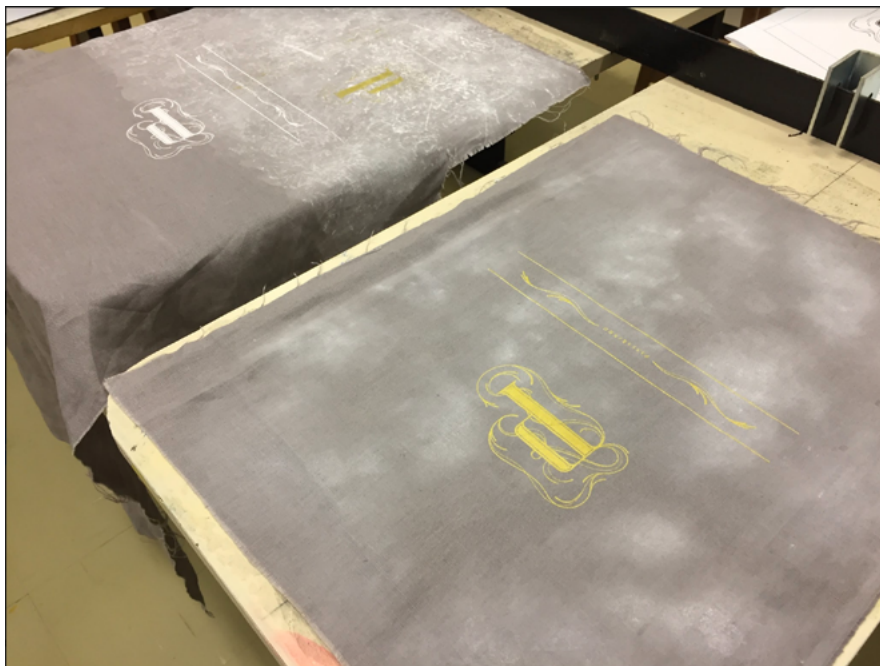


Figura 48 – Testes de impressão em serigrafia.

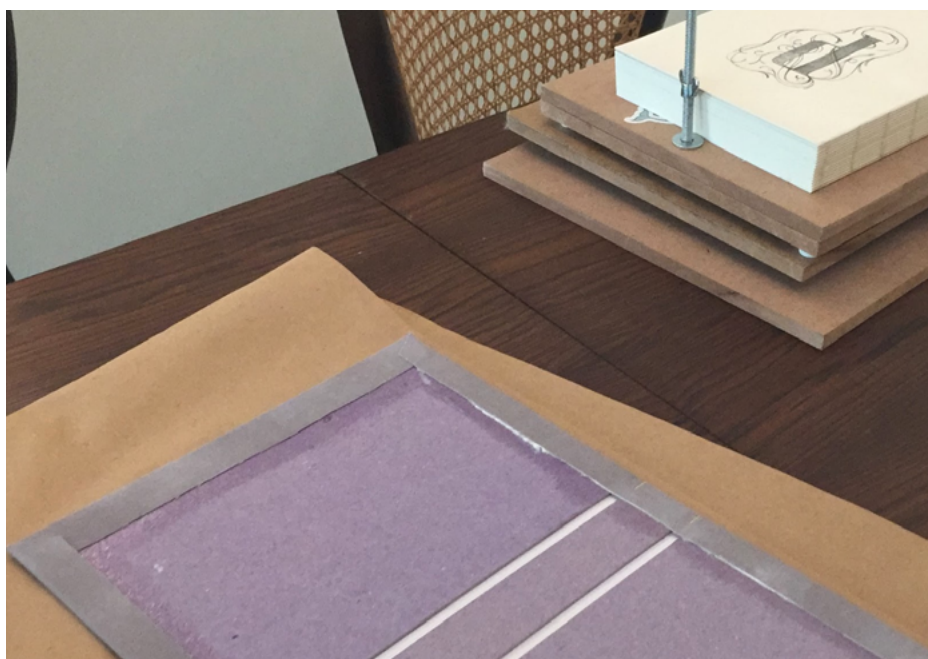
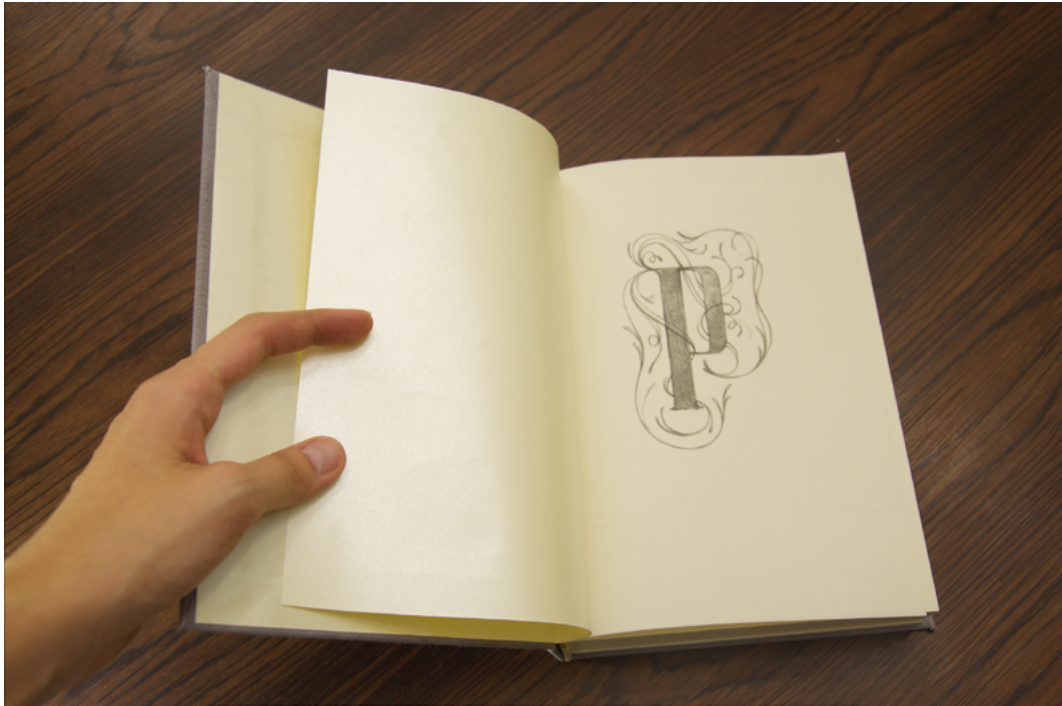


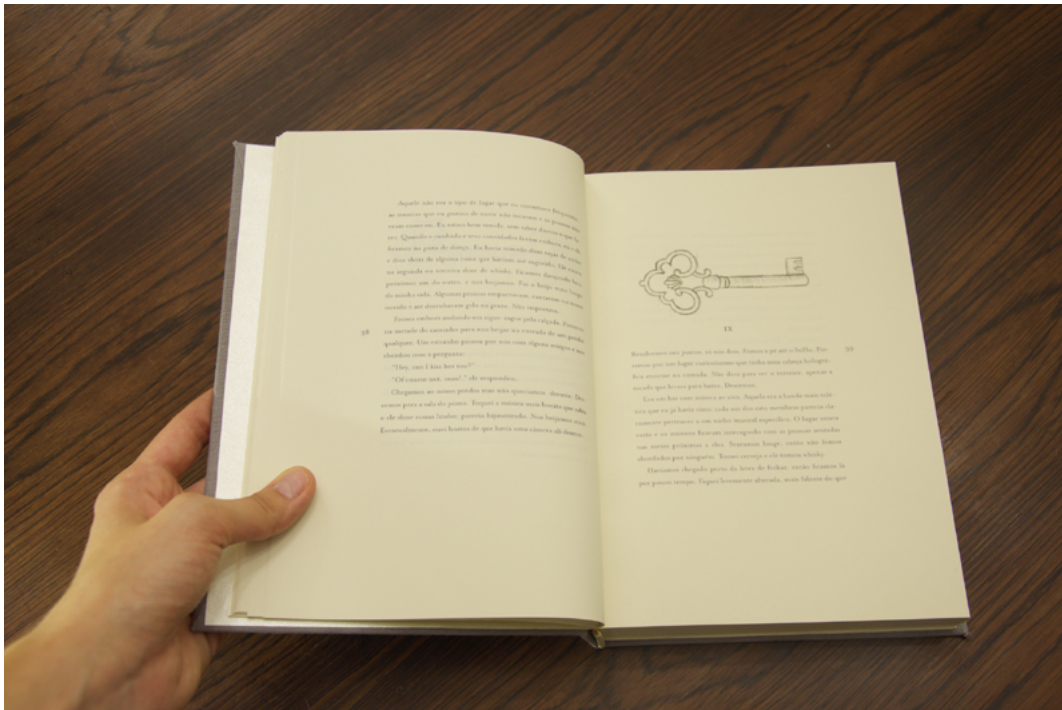
Figura 49 – Etapa final do processo de encadernação em capa dura, composto pela aplicação do tecido no papel paraná.



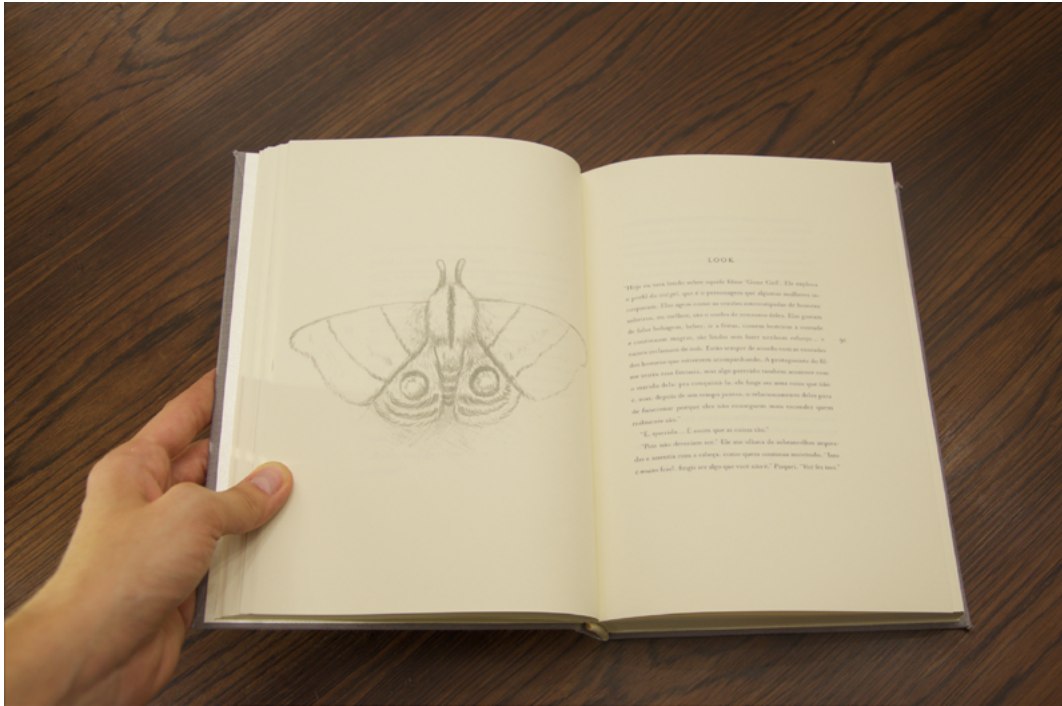
Figuras 50 e 51 – Resultado final de *Passarinho*.



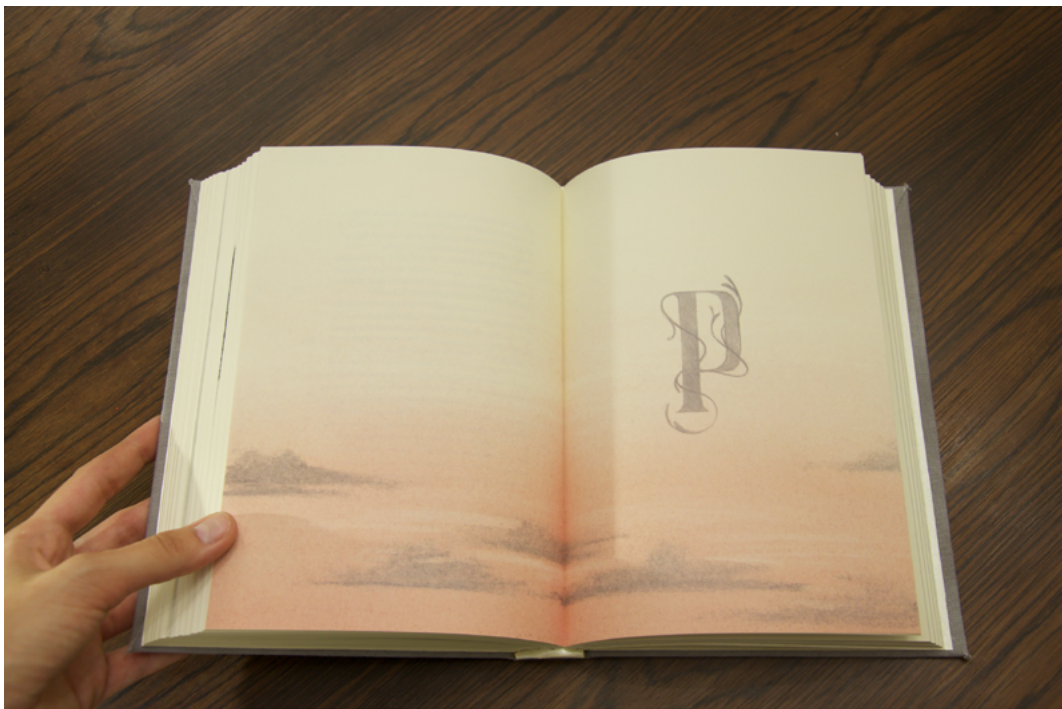
Figuras 52 e 53 – Resultado final de *Passarinho*.



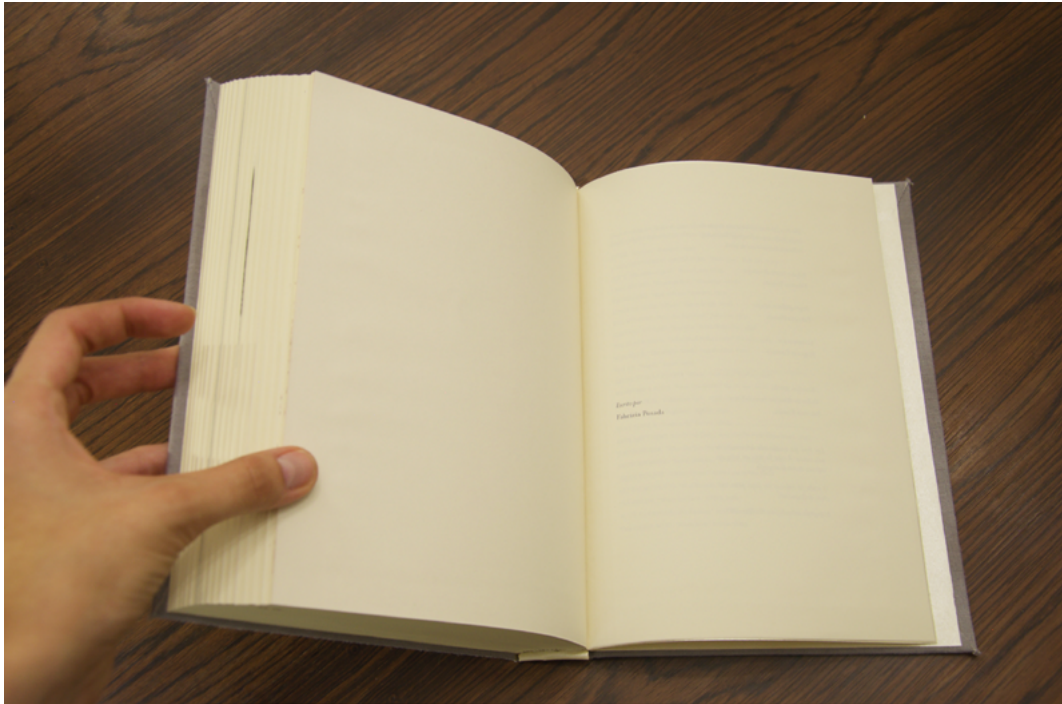
Figuras 54 e 55 – Resultado final de *Passarinho*.



Figuras 56 e 57 – Resultado final de *Passarinho*



Figuras 58 e 59 – Resultado final de *Passarinho*



Figuras 60 – Resultado final de *Passarinho*

4. CONCLUSÃO

Trabalhar em um projeto íntimo como este não foi uma decisão fácil. Realizei um longo processo de pesquisa para me certificar de que a minha ideia era relevante para um projeto de conclusão de curso, procurando exaustivamente as justificativas que todos gostariam de ouvir. Contudo, eu precisava convencer principalmente a mim mesma.

Coloquei em *Passarinho* muitos anos de estudo e muitos anos de experiência de vida. Cada página diagramada, cada ilustração e cada palavra não refletem apenas o que eu aprendi como designer, mas mostram muito sobre quem sou como pessoa. Apesar de nunca ter deixado de pensar na perspectiva do leitor – afinal, um livro serve para ser lido –, posso dizer que *Passarinho* foi feito especialmente para mim. Eu fui meu principal cliente e o mais crítico de todos eles. Meu livro não precisaria apenas ser aprovado pelos meus professores e colegas: ele precisaria ser aprovado por mim. Se isso não acontecesse, todo o meu esforço não valeria a pena. É possível que daqui a alguns anos eu adote um olhar mais rigoroso sobre tudo contido nestas páginas, mas este projeto jamais perderá o seu valor para mim. Escolhi trabalhar com o que eu gosto de fazer e, enquanto profissional, espero nunca deixar de ter esse direito. Depois de ter explorado as minhas habilidades desta maneira, vou fazer de tudo para continuar a crescer como escritora, ilustradora e designer mesmo depois de formada.

Este projeto foi um grande desafio desde o começo. Tive que reler cada palavra que escrevi de Dezembro de 2014 até Maio de 2016, ou seja, bastante coisa. Algumas delas foram escritas em momentos de dor, mas o processo de reinterpretá-las me machucou muito menos do que eu esperava. Na verdade, quanto mais eu me dedicava a *Passarinho*, mais eu me sentia livre.

Embora eu me refira à pessoa com que me relacionei ao longo de todo o livro como passarinho, passei a enxergar as coisas de uma maneira diferente conforme eu terminava a história. No dia em que escrevi o último texto para o meu diário, tive um pensamento

que me fez ter a certeza de que era o momento de parar: no final das contas, o verdadeiro passarinho era eu.

Para mim, o passarinho como símbolo significa liberdade, pureza e coragem. Espero que aqueles que entrarem em contato com este projeto possam ser inspirados a se sentir da mesma maneira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

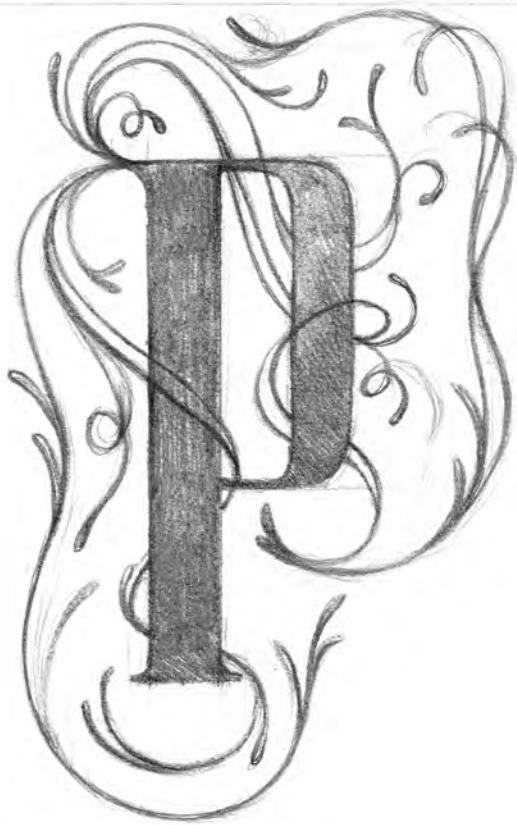
- ADORNO, Theodor W. **Notes to Literature**. Columbia University Press, Nova York, 1992. Disponível em: <<http://users.clas.ufl.edu/burt/Bibliomania!/Adornobibliographicalmusings.pdf/>>. Acesso em 25 out. 2016.
- BARRETO, Raquel Silva. **Psicóloga explica relacionamentos abusivos: o que é e como lidar com essa situação**. Repórter UNESP, 2015. Entrevista concedida a Moema Novaes. Disponível em: <<http://www.reporterunesp.jor.br/psicologa-explica-relacionamentos-abusivos-o-que-e-e-como-lidar-com-essa-situacao/>>. Acesso em 25 out. 2016.
- BRINGHURST, Robert. **Elementos do estilo tipográfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- DICIONÁRIO Online de Português**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em 15 nov. 2016
- CALLE, Sophie. **Double Game**. Violette Editions, 2000.
- GAIMAN, Neil. **Os Caçadores de Sonhos**. São Paulo: Conrad, 2000.
- HERNANDEZ, Alberto. **A Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde**, 2010. Disponível em: <<https://.yatzer.com/Dr-Jekyll-and-Mr-Hyde-a-hybrid-novel-by-Alberto-Hernandez>>. Acesso em 25 out. 2016.
- ZICKO, Zuzana. **Mrs Eaves**. Disponível em: <<http://www.emigre.com/EFfeature.php?di=109>>. Acesso em 19 nov. 2016.
- MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin. **The Medium is The Massage**. Toronto, Penguin Canada, 2001.
- LEE, Suzy. **A trilogia da margem: o livro de imagem segundo Suzy Lee**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- POLÍTICA de Desenvolvimento de Coleções**. Brasília: Edições Câmara, 2014.
- SERRANO, Maria. **Bruno Munari's Books: Hybridization Against Linear Thinking**. The Publishing Lab, 2013. Disponível em: <<http://the-publishing-lab.com/features/view/135/bruno-munaris-books-hybridization-againstlinear-thinking>>. Acesso em 25 out. 2016
- THOMPSON, Craig. **Retalhos**. São Paulo: Editora Schwarcz LTDA, 2009.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

- CASTILHO, Lucas. *9 sinais de que você está em um relacionamento abusivo*. M de Mulher, 2016. Disponível em: <<http://mdemulher.abril.com.br/amor-e-sexo/m-trends/sinais-de-que-voce-esta-num-relacionamento-abusivo>>. Acesso em 25 out. 2016.
- DONEDA, Priscila et. al. *“Isso é abuso, amor é outra coisa”: eu fui vítima de violência psicológica*. M de Mulher, 2015. Disponível em: <<http://mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/m-trends/isso-e-abuso-amor-e-outra-coisa-eu-fui-vitima-de-violencia-psicologica>>. Acesso em 25 out. 2016.

ANEXO

Passarinho – Livro em PDF



Passarinho

2014 - 2016

*“Só posso saber a meu respeito aquilo que
tive a coragem de confidenciar a você.”*

John Powell

M	
NOVA YORK, PARTE I	21
NOVA YORK, PARTE II	115
O	
LOS ANGELES	233
BRASÍLIA	327
P	
GOIÂNIA	381
FLORIANÓPOLIS	415
*	
EPÍLOGO	481

Quando te vi,
meus olhos brilharam.

Queria você só pra mim.
Você disse:

“Sou livre.”



Então, você ficou diferente;
Arisco, selvagem.

(~~Não funcionou.~~)



Não tenha medo.
Seja manso, dócil;



Não tem problema ser
como eu,

passarinho.



M

2015

Nova York

PARTE I

Nunca achei a voz dele bonita.

Às vezes, ele diz coisas e acha que elas vão soar de um jeito, mas soam de outro: meio bobo, meio sem jeito.

Eu gosto, mesmo assim.

Ele chegou mais perto de mim,
numa pausa após uma conversa
despretensiosa. Seu olhar foi
incisivo, bem dentro de mim.

Os segundos se alongaram, enquanto
eu o olhava de volta.
O tempo parou.

Foi como se um simples momento
 explicasse o que ele não coloca em
 palavras. Talvez ele saiba que
 assim já é suficiente.

Ele pode me magoar com palavras,
 mas o silêncio é justo. A boca é
 submissa, até quando fala-se
 sem pensar.

Por instantes, houve entrega.

Ele pode tentar negar, mas eu senti.
 Sei que ele foi meu.

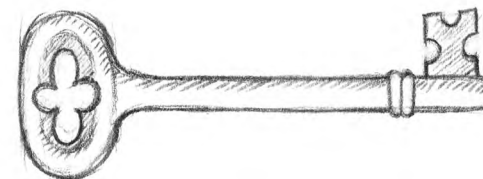
Antes, eu precisava ouvir para ter certeza.

Agora, não mais: eu consigo sentir.

Deixar de contar com palavras deixa certa
 insegurança, mas eu aprendi a ver que isso é
 bom: a incerteza é boa.

É bom não criar expectativas; é bom buscar
 maneiras de conquistá-lo todos os dias.

Quando aquele instante bem
 no fundo do seu olhar.

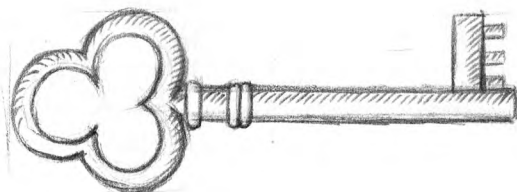


I

A minha lembrança mais antiga é de dentro do avião para Nova York. Eu estava sentada esperando o embarque começar e vi um menino passar no corredor. *Bonito*, pensei. Sempre gostei de cabelo comprido como o dele.

Vi o menino bonito de novo na fila da imigração. Depois, no apartamento do meu melhor amigo. Eles seriam flatmates durante nosso intercâmbio.

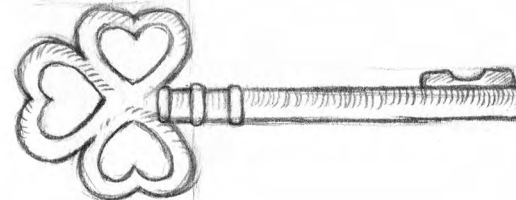
Que coisa, devo ter pensado.



II

28 Estávamos no apartamento de dois dos seus vizinhos, que mais tarde se tornariam nossos grandes amigos. Eu sentava na beira da cama oposta à janela. Um dos meninos selecionava vídeos engraçados enquanto as outras pessoas conversavam, espalhadas pelo quarto.

Ele estava encostado no armário perto da outra cama, à minha esquerda. Ele proferiu um terrível erro de português que me fez encará-lo com espanto. Contudo, nossos olhares se cruzaram e assim permaneceram por mais tempo que o esperado. Foi naquele momento que eu senti a flechada. Fui laçada.



III

Era aquela fase inicial em que os intercambistas tentavam se en- 29
turmar. Eu, ele e nossos amigos fomos ao apartamento de algumas brasileiras do prédio. As meninas estavam sentadas numa rodinha no chão de um dos quartos e todas se viraram para olhar o grupo recém-chegado, dando atenção especial ao australiano de quase dois metros de altura que andava conosco, que também era o colega de quarto *dele*.

Depois de assuntos despreziosos, ele se aproximou de mim, ficando ao meu lado perto da porta do quarto.

Meu grupo de amigos estava na cozinha e o tema sobremesa veio à tona. Eu compartilhei o quanto gosto de sorvete e ele disse

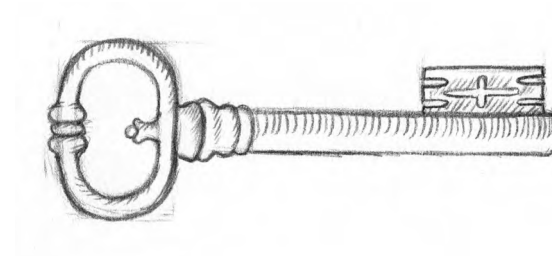
que tinha um pote em casa. Meus olhos brilharam. Foram dois strikes: ele segurou a minha mão e perguntou:

“Vamos lá tomar sorvete?”

Todo o nosso grupo foi para o apartamento dele. Lá, começaram um assunto estranho sobre romance. Um amigo perguntou a ele: “E a sua namorada?” Arrepiei. “Minha ex?,” ele disse, “Tá lá no Brasil.” Ali eu descobri que ele namorou por quatro anos antes de partir para o intercâmbio – uma situação parecida com a minha, que namorei por cinco e terminei o relacionamento no dia antes de viajar. O papo continuava, esquisito. Os meninos falavam de amor; ele disse que é do tipo que se entrega. Eu sabia que ele estava tentando me impressionar.

30

Depois, eu soube pelo meu melhor amigo que, antes de dormir, ele disse: “Tô apaixonado. Vou sonhar com ela.” Meu amigo tentou me dissuadir de que ele pudesse estar apaixonado de verdade, mas para mim era óbvio. Era ciúme de amigo, ou então culpa – ele gostava de dizer que não queria se meter nessa história em respeito ao meu ex-namorado. “Eles nem eram tão amigos assim,” eu costumava teimar em pensamento. Nunca aceitei que meu amigo não tenha ficado do meu lado naquela e em outras situações similares.

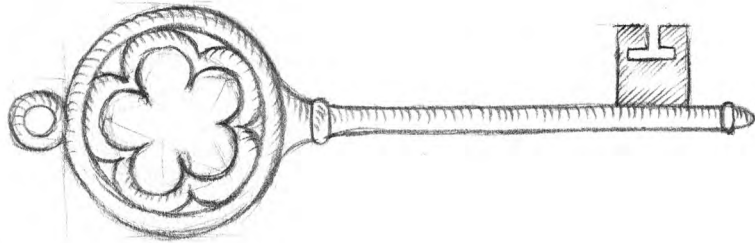


IV

Os flertes começaram quase que como mágica. Ele começou elogiando, dizia que eu era linda. Disse que, sempre que eu pudesse, deveria descer ao subsolo para embelezar o local com a minha presença, pois era provável que eu o encontraria por lá.

31

Mesmo que mal conversássemos entre amigos, mais tarde ele mandaria uma mensagem evidenciando que minha presença não passou despercebida. Minhas amigas diriam: “Ele não parava de olhar pra você.”



V

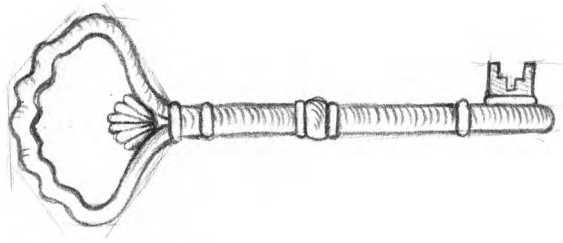
32 Ele comprou um violão que veio com um calendário de brinde. Meu melhor amigo e ele preencheram-no com anotações e datas importantes, como shows de bandas que gostavam, alguns feriados e a polêmica *data limite para transar*.

Lembro que logo após ter visto a anotação infame, fui visitar uns amigos que moravam em outro prédio e fiquei trocando algumas mensagens com ele no caminho. Comentei sobre o calendário; ele tentou me convencer de que não estava envolvido na história, mas eu sabia que aquela era a letra dele. Minha sutil abordagem sobre meu desgosto o fez falar: “Assim fica cada vez mais difícil te conquistar.”

Eu não soube o que fazer diante daquela declaração tão direta. Meu coração estava acelerado; fiquei muito feliz. Demorei bastante tempo pra responder, mas, alguns minutos depois de tê-lo feito, recebi uma foto do calendário com uma nova anotação: a data limite para se apaixonar perdidamente por alguém.

Diz ele que se encantou bem cedo, assim que me viu sorrir. Achei curioso, já que o meu sorriso nunca fora algo que me desse orgulho. Nossos amigos contam que ele sempre encontrava um motivo para falar de mim e que sua falta de atitude o transformou em vítima de brincadeiras por um bom tempo.

33



VI

34 Três semanas depois de termos nos conhecido, fomos a um evento misterioso e gratuito do qual alguém ouvira falar. Eu, ele e amigos pegamos o metrô até o Brooklyn e fomos inspecionar.

Era um tipo de feira alternativa com várias coisas à venda, de CDs a chapéus. O clima estava agradável – o frio ainda não havia começado –, mas dentro do lugar estava muito quente. Lembro de ter comentado a respeito e acrescentei que estava começando a suar. Ele tocou o meu rosto de um jeito estranho e não consegui disfarçar meu desconforto. Uma amiga nos encontrou bem na hora e a situação se desmanchou, não sobrando tempo de ficar um clima desconfortável.

O evento não foi um sucesso, então fomos para outro lugar. Encontramos um pub interessante, com atmosfera irlandesa e

uma jukebox. Ele sentou ao meu lado. Conversamos sobre várias coisas sob os olhares e cochichos dos amigos intrometidos.

Ele se levantou e voltou com um copo enorme de cerveja.

“Presente.”

“Você tá de brincadeira, né?,” respondi. Eu não bebia cerveja, mas acabamos tomando o copo juntos.

A bebida me deixou *alegre*. A noite só melhorava: levantei, escolhi músicas na jukebox, sentei, cantei, levantei, conversei com outras pessoas. Ele também se levantou e foi atrás de mim. Pouco depois, me chamou para sentar ao seu lado novamente.

Ficamos sozinhos na mesa, afastados de todos os outros. Ele enrolou um cacho do meu cabelo no dedo, “eu adoro o seu cabelo.” “Cabelo de anjo”, brinquei, provocando com o olhar.

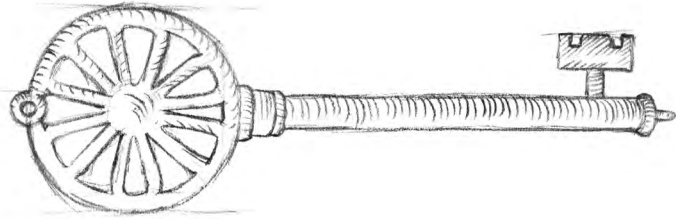
Senti que ele queria me beijar, mas eu não queria que fosse ali. O convenci de ir embora comigo.

Nos perdemos a caminho do metrô. Quando encontramos a estação, descemos e esperamos o trem por muito tempo.

O assunto acabou. Silêncio.

Ele me beijou.

Assim foi o primeiro beijo: numa estação de metrô no Brooklyn, tarde da noite, rodeados por vários desconhecidos. Foi um beijo desconcertado; eu estava nervosa, ele foi cauteloso. Eu adorei.



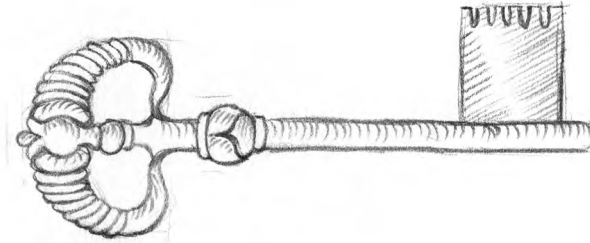
VII

36 Ele mandava mensagens de boa-noite todos os dias.

“Sweet dreams, darling.”

Ele tinha essa mania de soltar frases em inglês no meio das nossas conversas.

“Estamos nos Estados Unidos, querida. *Precisamos* falar inglês.”



VIII

Uma semana após o primeiro beijo, fomos ao cinema. Assistimos um filme engraçadinho, mas não muito bom. Nos beijamos no final. Depois, fomos a um lugar que o cunhado dele queria levá-lo havia um tempo – a irmã mais velha dele é casada com um americano e mora na cidade. Fiquei constrangida por acompanhá-lo, a princípio. Eu estava com vergonha, era muito cedo para conhecer parentes.

Era um restaurante super fino, com jazz ao vivo. O cunhado perguntou se eu gostava de sushi e pediu para mim alguns que ele gostava. Devorei toda a comida sem sentir vergonha. Depois, descemos para a boate.

37

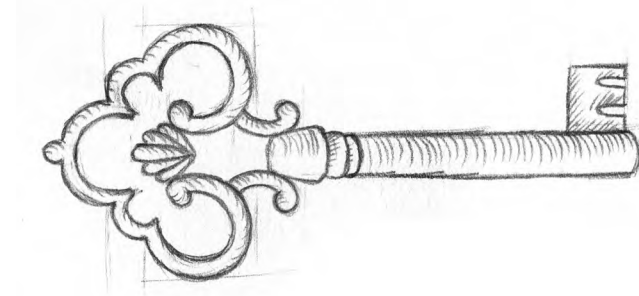
Aquele não era o tipo de lugar que eu costumava frequentar, as músicas que eu gostava de ouvir não tocavam e as pessoas não eram como eu. Eu estava bem tímida, sem saber direito o que fazer. Quando o cunhado e seus convidados foram embora, eu e ele ficamos na pista de dança. Eu havia tomado duas taças de vinho e dois shots de alguma coisa que haviam me sugerido. Ele estava na segunda ou terceira dose de whisky. Ficamos dançando bem próximos um do outro, e nos beijamos. Foi o beijo mais longo da minha vida. Algumas pessoas empurravam, cantavam no nosso ouvido e até derrubaram gelo na gente. Não importava.

38 Fomos embora andando em zigue-zague pela calçada. Paramos na metade do caminho para nos beijar na entrada de um prédio qualquer. Um estranho passou por nós com alguns amigos e nos abordou com a pergunta:

“Hey, can I kiss her too?”

“Of course not, man!,” ele respondeu.

Chegamos ao nosso prédio mas não queríamos dormir. Descemos para a sala do piano. Toquei a música mais bonita que sabia e ele disse coisas lindas; parecia hipnotizado. Nos beijamos mais. Eventualmente, ouvi boatos de que havia uma câmera ali dentro.



IX

Resolvemos sair juntos, só nós dois. Fomos a pé até o SoHo. Passamos por um lugar curiosíssimo que tinha uma cabeça holográfica enorme na entrada. Não dava para ver o interior, apenas a escada que levava para baixo. Descemos.

Era um bar com música ao vivo. Aquela era a banda mais eclética que eu já havia visto: cada um dos oito membros parecia claramente pertencer a um nicho musical específico. O lugar estava vazio e os músicos ficavam interagindo com as pessoas sentadas nas mesas próximas a eles. Sentamos longe, então não fomos abordados por ninguém. Tomei cerveja e ele tomou whisky.

Havíamos chegado perto da hora de fechar, então ficamos lá por pouco tempo. Fiquei levemente alterada, mais falante do que

o normal. Passamos horas andando pelas ruas, só conversando, explorando lugares novos e descobrindo coisas sobre o outro.

Paramos em frente de uma loja de sapatos. Me encostei na barra de um andaime – havia andaimes em todo lugar – e ele parou na minha frente, quase colando o rosto no meu. Senti uma coisa muito forte.

“Eu nunca senti isso,” eu disse, sem explicar o contexto.

Ele sorriu. Consigo me lembrar exatamente de como ele me olhava, com o rosto um pouco acima do meu e o expressão suave, fixa em mim.

“Que bom.” Ele havia entendido.

40 Para mim, aquela era a data em que eu me apaixonei perdidamente por alguém. Coincidentemente, era a dele também.

Reclamo muito em pensamento, mas acho que é assim mesmo. É bom parar para pescar umas lembranças de vez em quando e resgatar o que me faz continuar aqui, hoje, junto dele.

43

*Eu gosto tanto dele ...
Ele não tem noção do quanto
você é.*

Estávamos abraçados, de pé, encostados contra a cama. Ele havia me dado o livro “Criatividade”, do Osho. Havia uma dedicatória na primeira página, mas ele só me deixaria ler depois de ir embora.

Quando ele finalmente saiu do meu apartamento, corri de volta para o livro. Na dedicatória, ele dizia que esperava me inspirar a continuar vendo o mundo com olhos mágicos.

“Obrigado.”

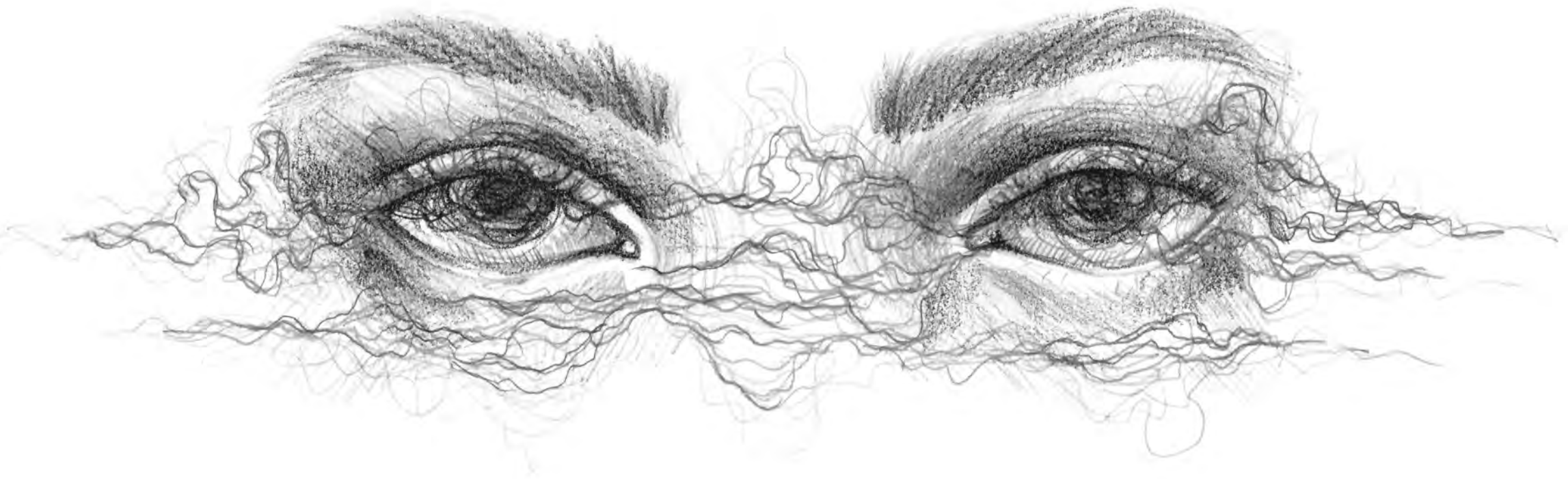
“Pelo que?”

“Ah, só estou agradecendo ao cosmos.”

“Hmm... De modo geral ou por algo específico?”

“De modo geral...”

Mas, mais especificamente, por você.”



“Que bonitinho,” ele disse ao voltar para o quarto, “eu pedi pra você me esperar e você esperou.”

“Claro, você me pediu.”

“E se eu te pedir pra me amar pra sempre? Você vai amar?”

48

Respirei fundo. “Se você me amar de volta.”

Mudamos de assunto.

Ele perguntou se nos falaríamos no dia seguinte e eu disse “vou pensar no caso”.

“Que bom,” ele disse, “então, não precisamos mais nos falar.”

Concordei e disse que, daquela forma, eu estaria livre para conhecer os novos moradores do prédio. Ele disse que se apresentaria à bela morena que se mudara para o andar dele. Assenti e me levantei da cama, mas ele segurou o meu braço enquanto eu saía.

“Não vai embora assim. Antes, você tem que dizer que está brincando.”

“Estou brincando,” eu disse.

“Também estou brincando.”

49

Ainda não decidi o que pensar sobre ele: se é cafajeste ou ou desapegado. Independente do que for, eu o admiro. Tento aprender e pegar um pouquinho dele pra mim.

50 Estou aprendendo a cobrar um pouco menos de mim mesma. A ser menos despreocupada, menos criança e menos presa.
Estou tentando ser menos ciumenta.

*Ele pode olhar pras outras,
mas quem ele escolheu foi eu.
Existem muitas pessoas bonitas
no mundo, ele não é ego.
Ele só podia parar de falar
delas em voz alta.*

Sei que ele provoca de propósito. Por que me incomoda tanto?

Estou engolindo mais do que deveria?

Eu disse a ele o que eu pensava sobre o destino.

52 Quando começamos a nos relacionar, ele disse que o nosso encontro estava predestinado. Ele veio para Nova York por sorte – fez a prova de inglês de última hora e não é um bom aluno, mas foi selecionado para uma das melhores universidades disponíveis e caiu justamente no apartamento do meu melhor amigo. Eu sempre quis morar na Inglaterra, mas, por algum motivo, minha cabeça estava numa sintonia diferente na época da inscrição para o intercâmbio, o que me fez escolher os Estados Unidos. Ambos tínhamos acabado de sair de relacionamentos longos. Pegamos o mesmo avião.

Eu sempre estranhei o motivo de ter mudado de ideia na hora de escolher o lugar para qual eu iria. Pode ser o que ele diz: uma obra do destino. Nós tínhamos que nos conhecer. E tinha que ser nessas condições: como completos desconhecidos. Foi vantajoso para nós dois, já que ele pôde se aproximar de mim cercado de mistérios e eu pude conhecê-lo de um jeito mais conveniente, sem histórias sobre o que ele fez ou deixou de fazer, sem repu-

tação e preconceitos. Tudo o que eu sei sobre ele veio dele. E eu não sei só coisas boas. Sei que ele não é um santo, que já fez muita coisa e não concordo com várias delas. Aprendi a não julgar. Aprendi muitas coisas com essa pessoa que, por um diferente ponto de vista, seria só mais alguém que não presta.

Eu disse a ele o que eu pensava: só estamos juntos porque essa experiência de intercâmbio nos proporcionou o terreno. Comentei que eu jamais teria ficado com ele se tivéssemos nos conhecido em Brasília. Eu saberia histórias demais, nomes demais. Ele disse que, se me tivesse me conhecido em Brasília, tentaria me conquistar mesmo assim. “Mesmo que demorasse um ano. Mesmo que demorasse dois! – tá, dois anos é muito. Mas sim, eu continuaria querendo te conquistar. Eu estaria com outras, mas você seria a minha 'special one'.”

Piadas. Risos. Mãos. Beijos.

Ele me abraçou. “Se eu te conhecesse em Brasília”, ele sussurrou, “eu tentaria te conquistar mesmo assim.”

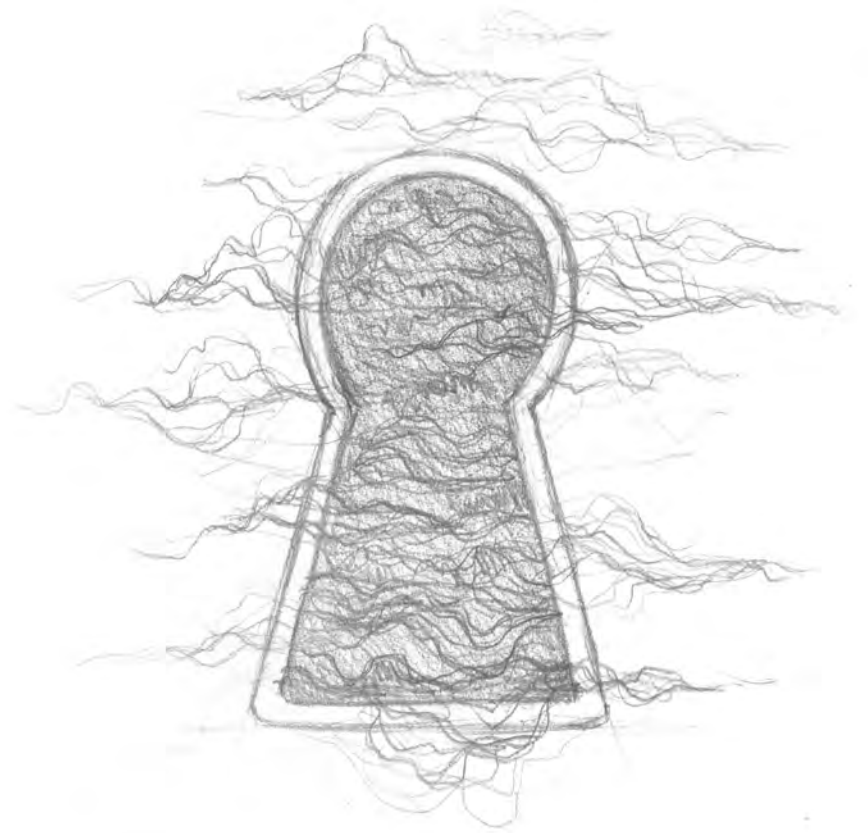
Apenas sorri.

“Ok?”, continuou.

“Ok.”

“Eu não sou uma pessoa boa de se conhecer.”

É como olhar a cozinha do seu restaurante favorito: você pode descobrir muitas coisas que não vai aprovar, mas vai entender os motivos que fazem você gostar da comida. Assim, você passa a refletir sobre a frequência com que vai ao estabelecimento. Você pode concluir que deveria frequentá-lo moderadamente. Talvez você devesse ficar mais em casa.



Às vezes, penso que você não me faz tão feliz assim.

Existem, sim, muitos momentos em que eu me sinto tão leve... Sinto como se a vida ficasse muito mais fácil e nada mais importasse, só ficar com você. O tempo voa, mesmo parado. Nessas horas, eu me sinto a pessoa mais linda do mundo e sortuda por ter alguém que me faz sentir assim. Nessas horas, você me hipnotiza.

Da mesma forma que você me deixa bem, você me faz mal. São pequenas coisas que, se vistas individualmente, são quase indefesas. O problema é que são muitas, muitas delas, e com frequência. Cada tristeza se acumula e cria um peso que eu não estou conseguindo carregar. Na verdade, eu não tenho que carregar nada.

Era pra tudo ser simples.

Você deve achar que eu sou muito tonta e que me distraio com algumas palavras bonitas, beijos e abraços, não é? Mas eu lembro. Como eu já falei, eu me lembro de tudo que você me diz e faz. Cada coisinha fica guardada: cada alegria, cada chateação. A segunda é mais difícil de lidar do que a primeira porque fica entalada. Esse é um grande defeito que eu tenho: não sou boa em perdoar.

Eu sempre acabava me agarrando ao pensamento de que você não é uma pessoa má, que só tenta ser assim pra se proteger. "Se finge de mau, mas é um passarinho"... Estou começando a achar que não é bem assim. Você é, realmente, traiçoeiro. Não é culpa de ninguém, nem sua e nem minha por não aguentar. É uma questão de convivência. Eu preci-

so me sentir querida, e isso vai além do vocativo que você usa. É muito fácil falar, principalmente quando você mesmo não se dá a obrigação de cumprir o que diz. Assim, fica fácil. Tudo o que você me dá para segurar é um curto "lhe adoro" que eu torço pra ser do fundo do seu coração.

Um tempo atrás, você disse que era uma decepção. Eu também te disse uma coisa. Eu disse que queria aprender com você e queria que você me ensinasse a ser assim, despreocupado e prático. Sim, me lembro frequentemente sobre o tanto que aprendi. Eu mudei bastante, isso é bom. As pessoas estão sempre mudando; é natural para que haja evolução. Acontece que eu simplesmente não vou mudar mais para te conseguir te aceitar. Eu passei a entender, mas tem muita coisa que não consigo tolerar.

A nossa essência se mantém a mesma. Eu gosto de você. Quero fazer coisas com você, quero poder contar com a sua companhia. Não é porque você tem que ter obrigações por estar comigo ou porque eu sou "possessiva". Você não é qualquer um dos meus amigos, você é a pessoa da qual eu gosto mais, e por isso quero ficar mais perto de você do que dos outros.

Eu não sei o que fazer.

O que eu sei agora é que gosto demais de você pra conseguir te deixar. Eu não quero fazer isso, quero ficar do seu lado... Mas até que ponto isso é certo se me faz sofrer?

Queria que você conseguisse manter a sua palavra: "Vou fazer com que o seu intercâmbio seja a melhor experiência da sua vida. Eu sou só alegria e coisas boas."

UNRAVEL

Eu comecei a falar depois de uma brincadeira. Soltei uma atrás da outra, sempre mantendo o tom de voz tranquilo e o tom paciente.

Ele disse que eu estava sendo má.

60 “Não fui eu quem dormiu na hora de se encontrar pra jantar. Não fui eu quem disse que queria viajar junto e depois falou que tinha pavor disso. Não fui eu quem imprimiu a cara da ex pra faculdade e não falou nada.”

“Nossa, aí você pegou pesado.”

“Falei alguma mentira?”

Ele ficou visivelmente tenso. Pra falar a verdade, senti uma pontada de satisfação. Naquela hora, senti que temeu me perder.

“Você não me quer mais, é isso?”

“Querer, eu quero... Mas você anda muito difícil ultimamente.”

“Vamos conversar sobre isso, então.”

Conversamos.

Não falei exatamente tudo o que tinha em mente, mas falei grande parte. Senti o coração dele bater mais rápido, assim como

o meu. Ambos estávamos ficando nervosos, mas sem deixar transparecer nas nossas vozes.

Ele disse que decepcionar é algo que ele não pode evitar. Eu disse que não engulo isso.

Eu disse um monte de coisa de maneiras eloquentes. Eu estava orgulhosa por conseguir me expressar sem me exaltar e dizer o que eu queria.

Ele acabou admitindo que eu estava certa.

“O que você quer que eu faça?” Ele quis saber.

“Eu não ‘quero’ que você faça algo.”

“Quer sim, esse é o ponto disso tudo.”

61 “Duas coisas podem acontecer: ou você diz que é ‘assim’ e a gente não dá mais certo ou você se esforça pra tentar me entender; coisa que, pra falar a verdade, não é tão difícil assim, porque eu penso como a maioria das pessoas com as quais você já cruzou na vida. Você que pensa assim, todo diferente, e eu sempre tentei entender. Abri a cabeça e me dispus a entender todos esses comportamentos novos.”

Ele disse que se sentia frustrado por não transparecer o que sentia da maneira certa. Foi aí que, depois de tudo isso, ele acabou dizendo o que eu torci pra ouvir.

“Desculpe-me.

Eu vou me esforçar. Vou tentar te entender melhor. Ok?”

“Ok.”

“Então me dá um beijo.”

Eu dei.

62

Ele segurou forte enquanto me beijava.

“Desculpe.”

“Pelo que?”

“Por tudo.

(...)

Eu gosto muito de ti...

Gosto de tudo. Eu gosto mesmo de você.

Você me deixa louco.”

Ofeguei. “Eu gosto muito de você... Eu só não quero ficar triste. Só quero alegria e coisas boas.”

“Sim. Eu também.

Eu vou me esforçar.

Vai dar certo.”

Sentados à mesa da cozinha, conversávamos com meu melhor amigo e foi comentado que eu tentei juntar uma conhecida minha com meu ex-namorado pouco depois de a gente terminar. Ele achou isso o máximo. Disse: “Se uma ex minha fizesse isso, aí sim que eu iria atrás dela.” Continuou: “Sim, porque ninguém faz isso. (...) A gente passa a querer mais uma pessoa quando ela não quer a gente, ou quando trata a gente mal.”

Mais tarde, ele anunciou que precisava dormir e se levantou. Eu continuei onde estava. Depois de já ter entrado no quarto e apagado a luz, ele me espiou através de uma fresta na porta. Carinhosamente e, talvez, com um pouco de malícia disfarçada de timidez, ele disse: “Você não vai me dar um beijo de boa noite? E me colocar pra dormir?”

Quando eu tinha três anos de idade, meus avós moravam numa casa branca de dois andares e quintal grande.

Minhas lembranças dessa época são uma mistura de fragmentos reais do que vivi, imagens que resgato de fotos e histórias que me foram contadas. Sei que eu gostava de brincar do lado de fora. Eu gostava da grama, do jardim e das flores.

Minha avó gosta de comentar sobre um episódio em que eu estava perseguindo passarinhos. Eu os seguia mas eles sempre acabavam voando, fugindo de mim. Aprendi a falar muito cedo, antes mesmo de comemorar o primeiro aniversário; então, aos três anos, já conseguia me expressar bem. Minha avó conta, por entre risos, o que eu gritei enquanto corria atrás das aves: “Me esperem, passarinhos! Eu sou só uma menina; não tenho asas, não posso voar!”

Anos depois, passei a compará-lo a um passarinho: acolho-o em minhas mãos, mas não se passa muito tempo até que ele escape e me machuque. Eu não tenho asas para acompanhá-lo.



Levei-no até a cama e ele se deitou após receber vários beijos de boa-noite.

Depois de vê-lo já coberto, eu disse:

“Você se finge de mau mas na verdade é uma gracinha.”

“Sim, na verdade sou uma borboleta!”

“Sério mesmo? Borboleta?”

“Então, um esquilinho...”

“Não. Você é um passarinho.”

“Você é uma águia,” disse ele, “que atormenta o passarinho.”

66 “Não, eu sou um passarinho também. Assim, a gente fica junto.”

MULTI-LOVE

No topo do beliche do hostel em Washington, falei sobre o que sinto sobre o costume que algumas meninas tem de postar fotos sensuais nas redes sociais. Quis compartilhar a minha visão com ele, mas foi um erro. Ele adora acompanhar essas meninas e fez questão de provar, pegando o celular para mostrar exemplos que ilustrassem o porquê desse tipo de foto ser tão interessante.

67

“É só atração sexual”, ele disse por entre interjeições libidinosas, “é uma questão à parte de relacionamentos e sentimentos.”

Depois de ouvi-lo falar aquelas coisas, fiquei quieta e não queria mais que ele ficasse perto de mim.

“Tá brabinha?” Ele perguntou enquanto me abraçava, mas eu só queria que ele me deixasse em paz.

Ele alfinetava: “Ah, agora vai dizer que precisa de um tempo?”

Azucrinava: “Não gosta mais de mim?”

Ele perguntava se eu já o havia perdoado a cada instante, mas esse não era o problema. Senti ciúme e raiva por não pensar como ele e ser tão conformada com os padrões.

“Tudo seria tão mais simples se ninguém tivesse que se restringir a uma pessoa só e pudesse manifestar suas vontades sexuais sem medo,” ele disse.

“Então você sai com outras pessoas?”

“Não.”

“Por quê?”

“Porque eu não gostei de mais ninguém.”

“Então não teria problema se eu começasse a sair com outros caras?”

“Ah, não é bem assim.”

68 Ele improvisou uma serenata a partir de uma música cafonha e eu não consegui deixar de sorrir. Deixei os assuntos mal resolvidos para depois. Eu não podia deixar que aquela história estragasse nossa viagem.

No fim, dentro do ônibus que nos levaria de volta a Nova York, mostrei que estava ouvindo uma música de uma banda que ambos gostamos. Ele começou a típica zombaria e disse que não concordava com o que era defendido na música, que era sobre querer *ser de alguém*. Ele recomeçou o discurso sobre liberdade. Respondi debochadamente:

“Ah, tudo bem! Então seja livre, mas seja livre sem mim.”

Ele se incomoda com terminologias e tradições. Até a palavra *relação* o incomoda, como se fosse repugnante e ultrapassada. Ele diz que sinto ciúme porque estou presa às amarras da sociedade e que isso tem a ver com querer possuir o outro, mas “ninguém possui ninguém porque ninguém é de ninguém”.

Parece que faz questão de trazer à tona que a gente vai se separar.

“Daqui a muito tempo eu vou dizer: ‘lembra de mim, que te namorou em Nova York?’”

“Guarda bem isso aqui pra que você se lembre de mim.”

70 Eu dei uma pulseira pra ele porque sei que ele gosta. Não pensei em deixar um pedaço de mim ou algo assim. “Eba, agora tenho mais uma coisa pra lembrar de você”, ele disse.

Que inferno. Por que eu gostaria de ficaria lembrando?

“Eu vou fazer você se apaixonar por toda a vida.”

Eu não quero ficar apaixonada pra sempre por alguém que eu não vou ter.

Eu queria que ele fosse um pouquinho mais fácil, mas não seria a mesma coisa... Ele não seria o mesmo.

Desconfio que, se pudesse ficar com ele por muito mais tempo, eu não teria paz de espírito.

71

Eu sou muito bobo e apaixonado
de um jeito que emburrece.

Fico pensando que quando o ano
acabar eu vou ser só mais um "tchou".

Ele já deu tantos, não é mesmo?,
já teve tantas.

Eu sou só mais um.

"Você não deve pensar assim", dizem,

"você não é que nem os outros".

"Você é especial."

"O que tiver de ser, será".

"Se não foi, não era pra ser".

Às vezes, a mente é um coelho.

Por que às vezes a gente pensa que
não merece coisas boas?

Às vezes, pensar é um coelho.

"O que tiver de ser, será". Essa é uma
daquelas frases clichês que todo mundo
conhece e vive repetindo uns pros outros.

Eu desdenho, mas deveria ouvir o quanto
verdadeira ela é.

Eu denso repentinamente até que ela se fixasse
no meu cérebro.

O que tiver de ser, será.

O que tiver de ser, será.

O que tiver de ser, será.



Ele sentava ao meu lado no restaurante perto de casa (que frequentávamos a ponto de os funcionários nos reconhecerem).

Havíamos acabado de dividir uma pizza retangular de marguerita. Eu desabafava sobre o meu futuro profissional.

“Eu não sei o que quero fazer, sabe? Não sei onde quero estar daqui a cinco anos.”

“Comigo!”

“Oun,” beijei a bochecha dele e tentei não me deslumbrar.

“Você que deveria falar essas coisas, não eu.”

Hesitei. “Você acha que é possível?”

Ele arqueou as sobrancelhas e levantou os ombros. “Quem sou eu pra dizer o que é ou não é possível?” Ele deu um gole no seu refrigerante. “Mas acho que você não me aguentaria por cinco anos.”

Sorri para ele. “É um bom ponto.” Ele sorriu de volta.

“Tenho planos de ir a Brasília.
O principal motivo seria te ver.

76 Quando eu te visitar, você estará
me esperando ou já estará com
outro?”

*Propus que conversássemos sobre
a nossa despedida.*

“É melhor terminar uma bela história do que tentar ficar arrasando até ver ela morrer, você não acha?”

Ele disse que relacionamento a distância não funciona com ele. Por outro lado, já fiz isso antes, mas não quero fazer de novo. Eu sempre soube que isso estava fora de cogitação.

Ele comentou: “Hoje a minha mãe disse: ‘bem que você podia dar certo com a sua namoradinha; aí, você se muda pra cá.’” A mãe dele estava passando uma conveniente temporada em Brasília. “Eu disse ‘aham, mãe’.”

Não somos acorrentados às nossas cidades. Ambos sabemos que não moraremos nelas pra sempre. Onde está o absurdo em se mudar?

Eu não aguentei falar muito mais sobre o assunto e pedi para pensarmos nele depois.

77



Horas antes, eu estava trabalhando, olhando para o computador. Ele estava sentado na minha frente, do outro lado da mesa, e não fazia nada de importante.

“No que você tá pensando?” Perguntei.

“Que eu vou sentir a sua falta.”

Fui pega de surpresa. Era óbvio que eu sabia, mas perguntei mesmo assim:

“Do que você tá falando?”

“Ah, eu tava aqui olhando pra você, pra sua carinha de concentrada. Percebi que vou sentir falta disso.”

Pensei cuidadosamente em como proceder.

78 “Você já parou pra pensar em como vai ser quando a gente voltar pro Brasil?”

“É disso que eu to falando. Agora tá tudo bem, você tá sempre aqui. Depois, você não estará mais tão presente.”

Depois de uma longa pausa, respondi:

“Eu também vou sentir sua falta.”

Querida que o nosso tempo
não fosse contado.

HTT
HTT
HTT

Uma vez, li num livro que nós somos destinados a encontrar as nossas almas gêmeas.

No livro, é dito que podemos encontrar mais de uma alma gêmea durante a vida, então nem sempre o encontro vai resultar numa relação que durará até morrermos.

80

Às vezes, me pergunto se ele poderia ser uma das minhas almas-gêmeas, uma dessas que está só de passagem.

Ele não vem falar comigo... mas isso não significa que eu não devo falar com ele. Eu posso dar afeto *quando eu quiser*.

Há quem diga que estou me humilhando, mas eu discordo. Deixar de seguir as minhas vontades é pior.

Talvez eu não me tenha dado o devido respeito desde o início...

Nah.

81

Passei o dia com ele; foi um dia feliz

82 Eu precisava trabalhar no meu projeto final de Fotografia, que envolvia fotografar desconhecidos nas ruas. O convidei para passear comigo. Passamos pela Union Square e subimos até a rua vinte e tanto, atravessamos praças contornamos andaimes. Andamos mais, vimos um prédio específico, todo coberto por hera, que havíamos descoberto em passeios paralelos e que considerávamos uma moradia ideal. Fomos até chapelaria mais antiga da cidade, que ele sempre tivera vontade de conhecer. Pensei que ele ficaria animado ao entrar, mas sua reação foi inibida pelos altos preços.

De lá, fizemos o percurso reverso. Ele começou um papo sobre pessoas *desviantes* e de como gostava delas. Era o tipo de assunto que me incomodava, mas eu me esforçava para participar. Eu não era desviante, como ele gostava.

Logo após termos atravessado uma rua, corri até alcançar uma distância satisfatória e me virei para tirar algumas fotos dele, sem avisar. Ele estava de jaqueta de couro e usava aquela corrente estúpida que prendia a carteira à calça. Estava bonito. Seu caminhar

galante, espontaneamente forjado, me rendeu boas fotos. Na verdade, o passeio rendeu boas fotos em geral.

Já perto de casa, paramos em uma lanchonete para comer mozzarella sticks. Escolhemos uma mesa no canto e gastamos várias horas ali, conversando.

Ele acabou me contando a história da vida dele, demorada e detalhadamente. Aproveitei que ele não percebeu que estava se abrindo.

Numa conversa sobre cidades brasileiras, comentei que gostaria de ir a Gramado. Ele disse que já havia ido mais de uma vez, já que é perto da sua cidade, e completou: “Te levo lá.”

Então, como se tivesse acordado de um transe, ele parou.

“Falei demais.”

O importante é que foi um dia feliz.

83

riva o agota, querida, v

Sinto uma angústia que não passa.

Por que fiquei assim?

Sartre disse que a angústia tem a ver com o medo da liberdade. De fato, ser livre pode não ser maravilha alguma e ser apenas assustador. É desprotegido, nu. O que será de mim sem algo que me prenda ao chão?

“Eu queria ter um clone seu pra guardar comigo,” ele disse.

“Ora, você não precisa de um clone. É só me procurar.”

“Você quer que eu te procure?”

“...Sim, por que não?”

“Por que não?! Isso é praticamente um ‘não’! Você não quer que eu te procure!”

“Claro que não! É um ‘sim’; não há motivos para eu não querer.”

“Tá mais pra um ‘não’!”

“Nada a ver.”

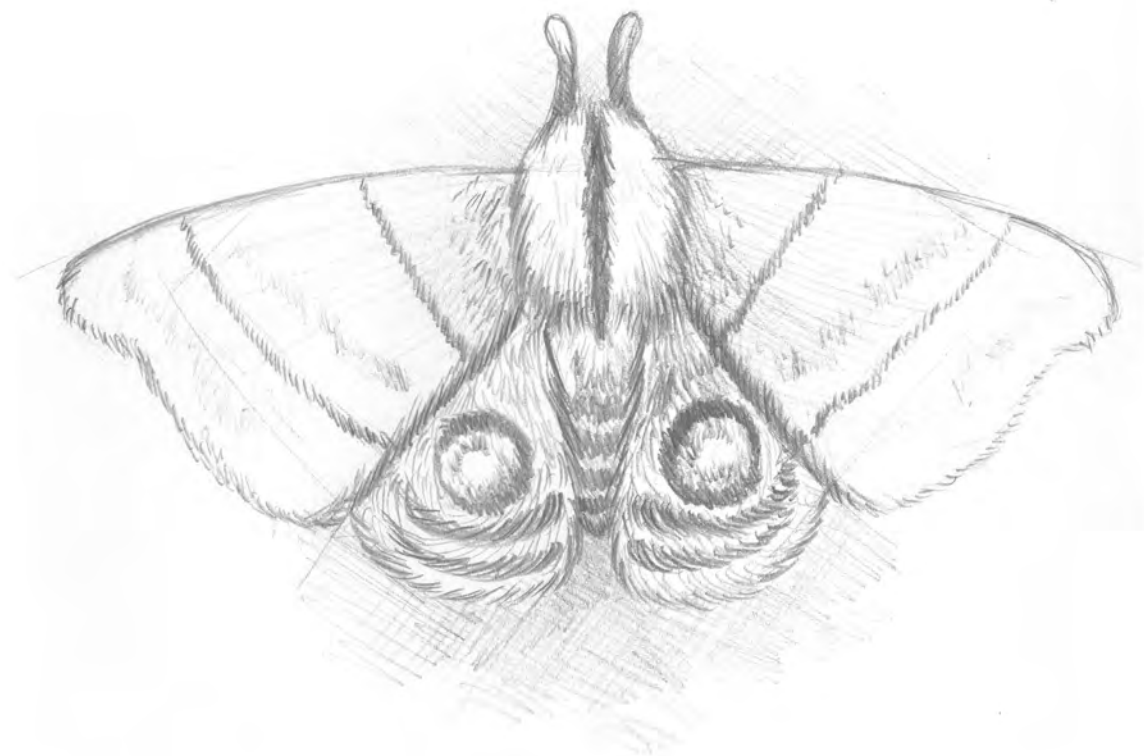
“...Então você quer que eu te procure?”

“Claro... Por que não?”

Guardei a pergunta para poder pensar mais minuciosamente na resposta em outro momento.

Enquanto ele falava, notei algo através dos seus olhos – sutil, como uma fagulha. Na minha mente devaneante, ele pode ter viajado alguns meses em segundos e procurado uma resposta para o futuro que viu. Ele estaria sentindo a minha falta, desejando me procurar de tempos em tempos.

Meu ‘por que não?’ foi um ‘sim’ disfarçado de ‘não’, mas não desdenhei honestamente. Quem eu quero enganar? É claro que quero que ele me procure. Quero que venha atrás de mim sem preguiça, sem achar que eu estou em sua mão.



LOOK

“Hoje eu tava lendo sobre aquele filme ‘Gone Girl’. Ele explora o perfil da *cool girl*, que é o personagem que algumas mulheres incorporam. Elas agem como as versões estereotipadas de homens solteiros, ou melhor, são o sonho de consumo deles. Elas gostam de falar bobagem, beber, ir a festas, comem besteiras à vontade e continuam magras, são lindas sem fazer nenhum esforço... e nunca reclamam de *nada*. Estão sempre de acordo com as vontades dos homens que estiverem acompanhando. A protagonista do filme vestiu essa fantasia, mas algo parecido também acontece com o marido dela: pra conquistá-la, ele finge ser uma coisa que não é, mas, depois de um tempo juntos, o relacionamento deles para de funcionar porque eles não conseguem mais esconder quem realmente são.”

91

“É, querida... É assim que as coisas são.”

“Pois não deveriam ser.” Ele me olhava de sobrelhas arqueadas e assentia com a cabeça, como quem continua insistindo. “Isso é muito feio!, fingir ser algo que você não é.” Pisquei. “Você fez isso.”

“Sim, eu sei me portar como um verdadeiro gentleman. Agora, você tem *eu!*”

Fuzilei-o com o olhar.

“Quando te conheci, percebi que pra te conquistar eu teria que ser um gentleman. Foi o que eu fiz.”

“Tudo mentira.”

“Nem sempre o que você quer é o que você precisa.” Ele deu um sorriso irritante. “Você começou tendo um príncipe no cavalo branco, agora você tem *eu* e aqui estamos hoje, jantando juntos.”



92

Com o tempo, reparei que ele não era quem parecia ser. Não foi uma conclusão fácil; não era óbvio, mas um dia eu senti... Veio junto com o início das minhas neuroses, ou talvez as neuroses tenham sido consequência dela.

Tudo começou na vez em que eu lembrei umas das primeiras noites que passei com ele, quando compramos um monte de doces para comer e assistimos filme no quarto dele. O australiano estava viajando, então ficamos a sós.

A princípio, eu não estava confortável. Quando ele me convidou para passarmos um tempo no quarto, falei que não gostava da ideia.

“Você acha que eu vou tentar me aproveitar de você?”

Confeei que ele não o faria. Subi. Comemos os chocolates, assistimos filmes e ficou tarde. Deitamos na cama, abraçados. Eu disse que precisava voltar para o meu quarto.

“Não vá; fique. Só pra dormir.”

Ele disse que eu era a primeira pessoa com quem ele tinha vontade de se deitar apenas para dormir.

“Como assim?,” perguntei.

“Dormir é uma coisa que vem depois, tipo ‘ah, tá na hora...’”

Me lembro muito bem dessas palavras. Ele deu a entender que ficaria contente só de me ter ao seu lado durante a noite, mesmo se não acontecesse *algo a mais*. Porém, quando resgatei o assunto, ele disse que não se lembrava.

“O que? Eu não disse isso.”

“Disse, sim! Naquela vez, lá no início.”

“Querida, você está equivocada.” Não. Eu estava manipulada.

Agora, me pergunto se em todas as vezes em que ele disse não se lembra de algo, era porque ele estava me enganando. Será que ele quer me fazer de louca?

No começo, ele saía com nossos amigos e não me chamava. Ele se explicou dizendo que fazia isso para não falar besteira na minha frente... mas teria sido uma desculpa para não me convidar para sair com ele, enquanto não o fazia simplesmente porque não me queria por perto?

93

“Posso te perguntar uma coisa?”
 “Pergunta.”
 “Tipo... hoje em dia, você é verdadei-
 ro comigo?”
 “Aff, hahaha.
 Você leva as coisas muito a sério.”
 “Me deixa.”
 “Eu falei aquilo 50% brincando.
 Eu sou um gentleman sim, haha.”
 “É que, antes, você era diferente... Ho-
 je em dia você diz umas coisas e volta
 atrás.
 Então, me pergunto se tem a ver.”
 “Se tem a ver com o que?”
 “Com isso de querer passar uma ima-
 gem diferente.”

“Hahaha, sei nem responder essa per-
 gunta.
 Sei lá, eu sempre fui sincero, mas tudo
 tá em eterna metamorfose, querida. Tu-
 do na vida.
 Não dê bola pras coisas que eu falo, não;
 você sabe que eu falo demais.”
 “Hmmm... Tã.”
 “Hmmm... Tã.
 Hahaha. Boba”
 “Você fala abobrinha e eu penso abobri-
 nha.”
 “Pois take it easy;
 você também couldn't care less.”
 “Vou tentar, mas sempre vou care.”
 “Care não, hahaha.

É mais fácil dizer que vai decepcionar o próximo
 antes de se decepcionar consigo próprio por ter
 falhado ao tentar fazer a coisa certa. Não é cora-
 gem, é o oposto.

Às vezes, sonho com o momento em que ele
 abrirá os olhos e se transformará porque te-
 rei despertado nele a vontade de ser diferente.
 Mas as coisas não são assim. Ninguém muda
 por causa de outra pessoa, apenas pelos males
 que pode causar a si mesmo.

Estranhei a atmosfera na qual acordei.

Por algum motivo, me senti desconfortável. Senti que a minha presença era indesejada.

No dia anterior, estava tudo normal. Fomos a um bar com nossos amigos; eu bebi, ele não. Ele nunca mais bebeu. “Se eu beber, vou acordar de ressaca e não vou conseguir fazer nada o dia inteiro.”

97

Não o vejo beber desde o Halloween. Ele estava bem alterado naquele dia, era a própria caricatura dos bêbados que andam trocando as pernas. Sinto falta dessa época, mas não por causa da bebida. Lá, ele era mais solto, e as coisas pareciam mais fáceis.

Lembrar de quando ele ficava assim me faz lembrar da etapa boa de conquista. Hoje em dia, os papéis se inverteram: eu sou a que gosta de experimentar várias cervejas diferentes e fala sem pensar, enquanto ele é o que pede refrigerante e quer ir embora cedo.

Foi assim no fim da noite de ontem.

Convenci-o a me deixar subir para o seu quarto. Ficamos sozinhos por pouco tempo. Pouco tempo atrás, ele se mudara do

quarto que dividia com o australiano para o do meu melhor amigo, e o último não facilitava muito *as coisas*.

Deitei na cama e fechei os olhos. Eu estava cansada, mas não o suficiente para dormir tão facilmente. Fiquei no estado de relaxamento pré-sono por vários minutos, sem conseguir me entregar. Enquanto viajava, ouvi a voz dele:

“Querida? Desmaiou?”

Não respondi.

98 Ele fez várias coisas: trocou de roupa, arrumou os materiais da aula do dia seguinte, conversou com meu amigo e, juntos, testaram um acessório que o último comprara para gravar o som de seu violão. Eles improvisaram uma música que ficou muito boa, quase me fazendo dizer algo a respeito. Eu adoraria de ajudá-los, um dia. Gostaria que me chamassem.

Eu continuava consciente quando eles terminaram. Ele se levantou e começou a desamarrar um dos meus tênis. “Cara***, tá fo**”, ele reclamou baixinho por entre tentativas. Consegui tirar de um pé, depois tirou do outro. Sussurrou no meu ouvido para me fazer acordar, me chamando de querida e beijando de leve o meu pescoço.

“Hm?”

“Coberta.”

Comecei a me mexer e comentei: “Você tirou o meu sapato.”

“Sim. Eu sei cuidar de bêbado.”

Eu não estava tão bêbada. Ou estava?



Anteriormente, ele e meu melhor amigo conversavam sobre o meu estado.

“Além de idiota, fica com Alzheimer”, disse meu amigo. “Fala a mesma coisa mil vezes, e fica peguenta.”

“Não concordo que ela fique idiota, mas fica estranha”. Ele se dirigiu ao meu corpo adormecido: “Você está estranha, querida.”

Eu estivera mais espontânea e falante, mas não havia feito nada de mais. Meu melhor amigo gosta de tirar sarro de tudo e especialmente de mim, por isso não fiquei sentida. Aquilo era um tanto hipócrita.

Naquela noite, não passei vergonha nem fiz ninguém passar. Porém, fiquei envergonhada na manhã seguinte.

Fui a primeira a acordar, mas tentei dormir de novo até que ele resolvesse se levantar. Ambos nos mexíamos e nos abraçávamos, até que ele parou de tocar em mim.

Eu costumo estranhar quando isso acontece, assim como quando ele não quer dormir comigo. “Querida, não leve pro lado pessoal! Você sabe que o problema não é você e sim a cama, que é

pequena!” Dormir apertada também deixa as minhas costas quebradas, mas não é o suficiente para me fazer desistir de dormir com ele...

Ele abriu os olhos.

“Oi,” falei.

“Oi.”

Depois de alguns minutos, ele se levantou e ficou sentado na borda da cama, parado, olhando para o nada. Quieto.

Olhei ao redor. Meu amigo não estava no quarto, então eu não precisava me preocupar com o volume da minha voz.

“Você tá tão pensativo...”

100 “Tô acordando.”

Ele ficou um tempo naquela posição. Fechei os olhos.

“Vaaaamos, princesa!”

Estranhei sua entonação. Foi daquele jeito levemente zombeteiro de sempre, mas um pouco mais frio.

Estava tudo frio.

Levantei, calcei os tênis e recolhi as minhas coisas enquanto puxava um papo furado. Não enrolei para ir embora, como costume fazer. Ele continuou sentado na mesma posição. Me aproximei e me despedi com um beijo.

“Farewell,” ele disse.

“Farewell.”

Ele aceitou o meu beijo, mas foi estranho. Estava tudo estranho.

Talvez eu tenha forçado a barra. Eu sei que ele evita dormir comigo porque precisa acordar descansado nos dias em que tem coisas para fazer. Fui folgada e mimada. Eu também não precisava ter me omitido quando ele perguntou se eu estava desmaiada, mas eu estava cansada e aquela posição era tão confortável...

Acho que, daquela vez, eu deveria levar para o pessoal.

Enquanto voltava para o meu quarto, imaginei se ele não estaria pensando em terminar comigo enquanto estava congelado na cama e a ideia não me assustou.

Eu não me desesperaria se ele resolvesse terminar comigo.

Eu também estava mais fria naquela manhã.

101

É engraçado como uma pessoa que você mal conhece pode te afetar.

Eu havia chegado mais cedo no bar. Estava acompanhada de outros amigos: um colega de turma da UnB, que estava visitando a cidade com a namorada, e a prima dele, que mora em Nova Jersey e eu havia acabado de conhecer. Eu conversava com essa menina, a prima. Ela queria saber mais sobre o meu *question mark*, que é como ela se referia às pessoas difíceis de nomear com quem construímos relacionamentos peculiares.

“Você se vê com ele quando estiver de volta ao Brasil?”

“Não.”

“Então o que você tá fazendo com ele?!”

Refleti um pouco. “Vai ser o que tiver de ser,” concluí. “O futuro é misterioso.”

“Deixa eu te fazer uma pergunta: você acha que ele é a pessoa certa pra você?”

Eu tinha a resposta na ponta da língua, mas a segurei antes que escapasse. “Sim e não.”

“O que te faz pensar que não?”

Falei algumas coisas.

“Já é o suficiente. Você sabe que ele não é a pessoa certa pra você.”

Claro que sei.

Ela disse: “Sabe o que ele quer? Que você banque a que não tá nem aí.”

Eu sei.

Eu nunca vou ser alguém que não se importar com as pessoas... mas preciso aprender a identificar as pessoas que merecem.

Estávamos sentados de frente para o outro na sala do piano, com a luz apagada. Eu tinha uma pergunta na cabeça e não consegui segurá-la:

“Por que você quis ficar comigo?”

“Oi?”

“Tava me lembrando de quando você me perguntou o que eu tava fazendo com você. O que você tá fazendo comigo? Eu sou completamente o contrário do que você quer.”

“Eu não fico pensando sobre isso. Você complica muito as coisas.”

“Por quê?”

“Você pensa demais, fica fde ‘querer entender’... Isso tudo é complicação.”

“Se eu não tivesse tentado te entender, a gente não teria passado da primeira semana.”

Ele me encarou. “Hm?”

“Se eu não tivesse tentado te entender, simplesmente pensaria ‘esse cara é muito estranho... não presta’. Aí, não iria querer mais nada, partiria pra outra.”

Ele riu. “Hmmm... Não.”

“Sim.”

“Não.”

Mais tarde, na minha cama, no meio de um assunto, ele falou:

“É por isso que você gosta de mim: porque eu não presto.”

“Não, não é por isso.”

“É, sim. Pelo mesmo motivo que você gosta de mim porque eu não presto, eu gosto de você por ser certinha. Os opostos se atraem.”

“Não é verdade”, eu pensei. Eu gostava daquela parte dele que o faz me contar sobre seu dia, que critica a compulsão social de falar mal pelas costas, que guarda um pedaço da sobremesa para mim e que fala que eu sou uma pessoa bonita não só por fora, mas também por dentro. Gosto daquele seu lado que me faz sentir que ele vale à pena.

Ele disse que precisava ir embora.

“I couldn’t care less”, respondi.

Ele sorriu. “Você está se tornando uma pessoa sensacional.”

“Pena que, quando eu atingir o auge do sensacional, vamos nos separar.”

“Sim... Mas aí a gente vai ficar longe, e perto, e de novo longe, e de novo perto...”

“Não! Vamos ficar longe sempre.”

“Se você couldn’t care less, não vai ligar se eu estiver perto.”

Eu não deveria ligar, não é?

BLOODFLOOD PT. II

106 Fomos a um show no Madison Square Garden. Ele comprou o ingresso de última hora, por isso ficou numa fileira diferente. Durante o show de abertura, fiquei sentada numa cadeira desocupada ao lado dele. As cadeiras à esquerda foram tomadas rápido; logo depois, as da direita também, até que o dono do meu assento chegou e tive que subir para o meu lugar oficial. A cadeira ao meu lado continuou vazia e permaneceu assim até se aproximar da hora da banda principal começar.

Mandei uma mensagem sugerindo que ele subisse.

“Tá um pouco difícil, todo mundo tá segurando bebida... Ficamos juntos em pensamento S2.”

Protestei.

“Olha o drama. Já vou.” Então, observei-o contornar as pessoas lentamente até se aproximar de mim e se sentar ao meu lado.

Durante o show, ninguém apareceu para reclamar o assento dele.

“Tá vendo? Era o destino querendo que a gente ficasse juntinho,” ele disse. Aparentemente, o destino tem o meu nome.

Perto do final, tocaram a minha música preferida, que me dá vontade de chorar. Enquanto ela tocava, ele se virou para mim. Dançamos juntos com as testas encostadas; as mãos dele me seguravam pela cintura. Foi um desses momentos em que tudo se desmancha ao redor, exceto eu, ele e a música. As pessoas eram meros figurantes, até mesmo as meninas inconvenientes na nossa frente que tiravam selfies o tempo todo.

Para falar a verdade, foi um momento demasiadamente suave. Eu queria ter sentido emoções mais intensas, mas não foi o que aconteceu. Mesmo assim, foi bom tê-lo perto de mim. Não teria sido a mesma coisa se eu tivesse ficado sozinha.

Aquela música mexe com os meus sentidos toda vez que a escuto. Sinto uma ansiedade; uma vontade de sentir algo mais, algo que não sei o que é. Sobe pelo meu peito até a minha garganta, sai pela respiração. Os pelos do meu pescoço se eriçam, e também os dos meus braços e do resto do corpo. Adoro sentir isso. Escuto-a de novo e de novo. É como um sopro, que passa rapidamente e faz arrepiar. Como lembrança. Como ele.

107

Tenho certeza de que grande parte desse sentimento forte que eu sinto por ele vem de questões sexuais. Quero que ele me beije todos os dias, ou me toque, ou me tenha. Nunca me senti tão envolvida, tão atijada. Nunca senti nada parecido.

“Existem vários tipos de sexo. Tem o selvagem. Tem o bêbado. Tem o de reconciliação. Tem o carinhoso. Tem o olhando nos olhos, mas com força. Tem como você saber qual que a pessoa quer só de olhar, quando já se tem bas-

tante intimidade, quando se conhece bem.” Ele me olhou nos olhos e completou: “Pena que nós não temos tanto tempo.”

Invejei a ex-namorada dele.

Ele disse que mantinha contato com a menina até pouco tempos depois de chegar em NY mas que, certo dia, ele perdeu a vontade de falar com ela e isso a chateou. “É isso que machuca,” disse ele, “parar de se importar.”

Não quero ser a que continua se importando.

*Eu não acredito que despedidas
sejam sempre difíceis.*

Existem vários tipos de despedida.

Existe aquela breve, quando você sabe que vai ver a pessoa no dia seguinte ou no próximo fim de semana.

Existe aquela mais demorada, quando a pessoa vai passar um tempo longe, mas é certo que existe um prazo de validade.

III

Existe também a despedida de quando você sabe que a pessoa não vai voltar: despedida de morte. Você sofre pois não estava preparado, ou porque não consegue lidar com o fato de que nunca mais vai ver quem gostaria. Você pode ter dado outro tipo de despedida que acabou se transformando nessa. Quando isso acontece, não tem o que fazer. Ninguém renasce dos mortos.

Só que tem um tipo de despedida que é especialmente complicada: aquela que acontece mesmo que você não queira, mas a pessoa ainda existe. Isso pode acontecer porque o outro quis assim, mas também porque as circunstâncias levaram a esse fim.

A vida é repleta de elementos do passado e do presente que se complementam e moldam gradualmente o futuro. Pode ser que a combinação da sua vida deixe de combinar com a da outra pessoa. Quando é assim, acontece a despedida.

É possível se agarrar ao pensamento de que não há o que fazer, mas, na verdade, não é bem assim. Claro que há o que fazer; a pessoa está lá, ao seu alcance, mas não está perto de você. Ela leva uma vida diferente da sua.

Quando é assim, é difícil aceitar. Você não pode matá-la mentalmente só para se sentir melhor.

Você não consegue. Você não quer.

112 Você não quer se alimentar do passado, até porque isso é errado... mas tudo seria tão mais suportável se ela estivesse ao seu lado.

Dizem que o tempo cura. Dizem também que ele não cura, mas faz superar. Ele ensina a se conviver com pensamentos que nunca serão abandonar.

Pensamentos estão sempre sendo multiplicados, mas despedidas são aprendidas. São acostumadas.

Você não pode escolher não se despedir mais; tem que engolir à força. É mais difícil quando se tem pouca experiência, mas então o tempo lhe cumprimenta. Ele faz perceber que se aprende a viver até que chegue a morte.

Nova York

PARTE II

Conversávamos sobre estágios.

Aquele era um assunto tenso porque estagiar era uma condição para completar o tempo máximo de intercâmbio. Quem não conseguisse um estágio teria que voltar para o Brasil com três meses de antecedência, e isso assustava a todos nós.

Eu não queria sair de Nova York. Ele, por outro lado, disse:

“Eu só vou tentar na Califórnia.”

117

Senti uma mão invisível estapear o meu rosto.

Tentei disfarçar. “Poxa, você quer ir pra longe de mim,” falei em tom de brincadeira.

“Sim, querida, espero que sim.” Ele pegou na minha mão e completou: “Não é nada pessoal, mas sim: espero ir pra longe de você.”

Desabafei sobre a frase repugnante com uma amiga.

“Acho que, quando chegar a hora (de ir embora), ele vai perceber o que sente e vai tentar fazer alguma coisa,” disse ela.

Não é o que eu acho que vai acontecer.



Dias depois, sentada ao lado dele, observei-o pesquisar rotas, fotos das rodovias, de capacetes e de paisagens na internet. Surgiu uma foto de um casal recém-casado dentro de um conversível na highway I, com o mar ao fundo.

“Eu também tenho vontade de alugar um carro desses,” falou. Em seguida, apontou para o casal: “Esse sou eu, essa é você.” Ele disse que aquilo também fazia parte do seu *sonho americano*. “Desse, eu quero que você participe.”

118 Ele sempre desejou viajar pela costa oeste de moto, descendo até a Califórnia. A Califórnia sempre fez parte dos sonhos dele. Eu não esperava que eu seria aquela a se mudar para lá.

Quando dei a notícia, ele não reagiu com inveja. Ele ainda não havia recebido qualquer tipo de sinal sobre estágio, em qualquer cidade que fosse. Ele ficou feliz pela minha oportunidade de viver algo que ele sempre quis e não lamentou a minha partida.

Certa vez, ele disse que é do tipo que se entrega...

Não acho que ele tenha mentido, só que não sabe *entrega* significa.

Inconscientemente, eu sempre soube que não era recíproco.

Quando eu estava na sétima série, me contaram sobre o que aconteceu durante a aula de um dos professores de português e isso nunca mais saiu da minha cabeça.

Naquela aula, o professor contou uma história sobre uma ex-namorada, que era mulher que ele mais amara na vida. Me contaram várias coisas que ele falou, mas uma das frases me marcou mais: “Eu era tão apaixonado por ela que não conseguia traí-la nem em pensamento.”

Ele me trai de várias maneiras todos os dias.

Ele não se manteve fiel às coisas que prometeu, não se dedica a mim como fala que faz e diz ambiguidades que machucam.

Posso ter acreditado em coisas que nunca existiram porque penso demais... realmente, eu penso demais.

Será que ele me deixa nessa condição ou eu que me condicionei a ser assim?

Acho que é ele.

120

“Você tá bonita hoje. Tem alguma coisa em você, no seu rosto...”

Eu pensava em deixá-lo.

Passei o dia inteiro ocupada. Acordei atrasada para a aula da manhã, trabalhei na correria durante o intervalo até a aula da tarde e depois fiquei imprimindo o trabalho do dia seguinte até tarde da noite.

Encontrei com ele no meio-tempo – ele me chamou para almoçar depois de dois dias sem falar comigo ou me ver. Ele não tirava os olhos de mim.

121



Demos o nosso segundo beijo a algumas ruas daquele restaurante, encostados na parede da esquina oposta ao nosso prédio. Eu não conseguia olhá-lo de frente, estava com vergonha. Ele não tirava os olhos de mim. Ele me encarava com um meio sorriso.

Eu olhava para o chão, para os nossos sapatos – os meus eram pretos, os dele eram marrons.

No dia seguinte, nos encontramos no subsolo do prédio. Eu precisava fazer algum trabalho enquanto ele esperava a máquina de lavar roupa acabar de trabalhar.

A roupa dele já havia ficado pronta, meu trabalho nem havia sido começado... Passamos horas juntos, sozinhos, conversando sobre muitas coisas.

De vez em quando, o assunto acabava e demorávamos para ter uma ideia do que dizer. Eu olhava para o chão. Quando erguia o rosto, percebia que ele não havia parado de me olhar.

122 “Que foi?” Eu costumava dizer, tentando esconder o meu sorriso de satisfação.

“Estou só lhe admirando.”



A situação não era a mesma. Atualmente, já sabemos o que dizer; se não o fazemos, é porque não queremos. O silêncio não nos desconforta mais. Ele sabe que, ainda assim, quando me encara, eu enrubesço.

Eu encarei de volta.

Se os funcionários ou quaisquer pessoas à nossa volta por acaso reparassem em nós dois, talvez estranhariam. Ficamos ali parados

por vários minutos sem dizer nada, apenas fixando o olhar um no outro. Por um instante, me forcei a ficar vesga. Então, vi aquele meio sorriso levemente escondido atrás do punho fechado no qual ele apoiava o rosto.

“Eu desisto”, falei.

“Eu sabia.”

Ele apertou a minha bochecha algumas vezes, pegou na minha coxa. Gosto que ele me toque. Gosto de me sentir querida.

Ele considera sexo como algo divino porque os envolvidos se entregam completamente ao presente. Sexo não é o único jeito, porém. Eu me perco no tempo quando leio um livro, quando escuto certas músicas, quando *toco* músicas. Coisas simples assim.

Quando estou com ele, é como se o resto do mundo pudesse esperar. Deve ser por isso que acho tão difícil ir embora do seu quarto, ou porque acho tão fácil continuar sentada no restaurante em que acabamos de jantar mesmo depois dele pedir para ir embora. Tento esticar o presente ao máximo.

Talvez ele tenha medo do que vá sentir mais para frente caso se entregue de

verdade. Seria certo não se permitir sentir tudo ao máximo por medo do futuro?

“Eu sei que é clichê, mas... quando estou com você, parece que o tempo para.”

“Por que clichê?”

“Porque todo mundo fala isso; falam nos filmes.”

“Não acho. Nunca ouvi isso.”

“Quando estou com você parece que nada mais importa.”

Ele sussurrou com o rosto encostado no meu: “Mas não importa mesmo, querida.”

Como seria se nos deixássemos levar completamente pelas emoções?



“No fundo, você não é assim como
acha que é. Por algum motivo,
você se restringe.

126 Quanto mais errada você fica,
mais eu gosto de você.”

Eu gosto dele, mas não gosto do que sou para ele.
É difícil me manter fiel a mim, já que nem sei
mais o que é ser quem eu sou.

“Em alguma língua, *amado* significa
menos odiado. O máximo que as
pessoas são capazes de expressar
é a pouca intensidade com que
odeiam as outras.

É isso que você é: a pessoa menos
odiada.”

127

Eu gosto dele, mas não de quem ele é de verdade.
Gosto do que imaginei que ele poderia ser.
Eu queria alguém que, mesmo por um momen-
to, tivesse sonhado com jamais me perder.

“A gente é muito diferente, mesmo.”

“Isso é bom!” Ele exclamou, inoportunamente otimista.

“Não conseguimos fazer muitas coisas juntos...”

“Isso é bom! A gente passa a valorizar as poucas coisas que consegue fazer juntos. Se fossemos parecidos, ficaríamos olhando pras coisas que *não* fazemos juntos.”

128 “Mas talvez fosse melhor estar com alguém mais parecido e fazer mais coisas juntos.”

“E você não tem amigos?”

“Tenho, mas tem coisas que eu quero fazer com *você*.”

“Eu vou com você no show daquele cara que você gosta! E eu nem gosto dele.” Após o meu silêncio, ele continuou: “Se eu te chamar para um show de rap, você não vai querer ir.”

“Eu iria... Mas a questão não é essa.”

“Então qual é a questão?”

“A questão é... você não faz questão.”

Ele explodiu numa gargalhada. Virei o rosto para o outro lado.

“Que coisa mais fofa! Queria te guardar num potinho e não largar mais.”

Ele continuou rindo e me abraçou.

“Não se esconda, querida! Me dá um beijo.”

Dei.

“No que você está pensando?”

Eu estava pensando em como falar para ele que não sei se o quero mais.

“Você tá enjoada de mim?”

“Não...” Pensei em dizer que sim, mas não seria verdade. “Eu gosto de você.”

“Mas isso é outra coisa.”

“Eu... não sei explicar.”

“Diga-me.”

129

“Não. Deixa pra lá.

Esse é um ‘deixa pra lá’ real, não é charminho.”

“Faz parte do charminho dizer que é charminho.” Ele sorriu.

“Mas não é.” Sorri de volta. “De verdade.”

“Então tá! Vou deixar pra lá de verdade.”

Ficar com ele me distrai. Dormir a noite inteira de mãos dadas, ser abraçada, ganhar um beijo... tudo isso me distrai.

Ele tem a incrível capacidade de destruir todo o meu conforto ao abrir a boca.

Ele me fez acreditar que estava amadurecendo, mas claro que não. Ele me fez acreditar que tentaria ser mais disciplinado, responsável e empático, mas “foi um momento de fraqueza”.

Ele disse que eu tenho a necessidade de mudar as pessoas, mas não quero que todas as pessoas mudem. Para deixar de me magoar, ele *precisa* mudar.

“Querida, você adora quando eu falo abobrinha. Se não adorasse, você não estaria comigo.”

Ele tem razão. O que ainda me faz ficar com ele?

Ele tomou whisky depois de um bom tempo.

Voltávamos para o nosso prédio e nossos amigos andavam à frente. Puxei-o para a frente de uma igreja e apontei para uma árvore morta.

“Olha, que árvore magra!”

“Oh! Alguém se esqueceu de regar.”

“Eu já tive uma azaleia. Ela morreu porque eu viajei e não tinha ninguém pra regar.”

“Nossa, que horrível. Tã vendo como você é má e não liga pras coisas? É assim, você vai pra Califórnia e vai deixar todo mundo aqui, largado.” Ele fez um gesto teatral que misturava o movimento de atirar comida para pombos com o de distribuir cartas de baralho. “Olha aqui você, ó.”

“Que? Não tem nada a ver. Todo mundo vai ficar distraído, ninguém vai ligar.”

“Mas *eu* vou. Você vai me deixar largado.”

“...Ah, você vai achar uma distração rapidinho, vai conhecer outras meninas...”

“Não, não é fácil assim. É só você que está no meu coração!”

“Você não é um ser livre, que não possui nem é possuído?”

“Ahhh, nah!, tá vendo como você é? Você distorce tudo o que eu digo.”

“Você que vive dizendo que é desapegado, blá blá blá...”

“Isso é uma coisa que eu tento... que eu faço pra ter controle dos meus sentimentos.”

“Então pronto, você vai superar. Olha, uma moto!”

Falamos sobre a moto. Pouco depois, ele tentou continuar:

“Então, como eu estava dizendo...”

“Olha, uma bicicleta. Mais legal que a moto. Imagina uma moto dessa cor? Ficaria legal, uma moto azul.”

132 Numa brecha no meu papo-furado, ele conseguiu voltar aonde queria.

“Como eu estava dizendo,” ele usou o braço que já estava ao redor dos meus ombros para me apertar mais contra o seu corpo, “você vai embora e vai me deixar sem regar.”

Olhei para ele de cenho franzido.

“Não sei se você tá brincando ou não.”

“Você acha que alguém que te abraça assim não tá falando sério?”

“Abraços são distrações.”

Ele me beijou.

“Você acha que alguém que faz isso não tá falando sério?”

“Beijos, abraços... só distrações.”

“Não tô falando disso; olha como tô te olhando. Você acha que eu não tô falando sério?”

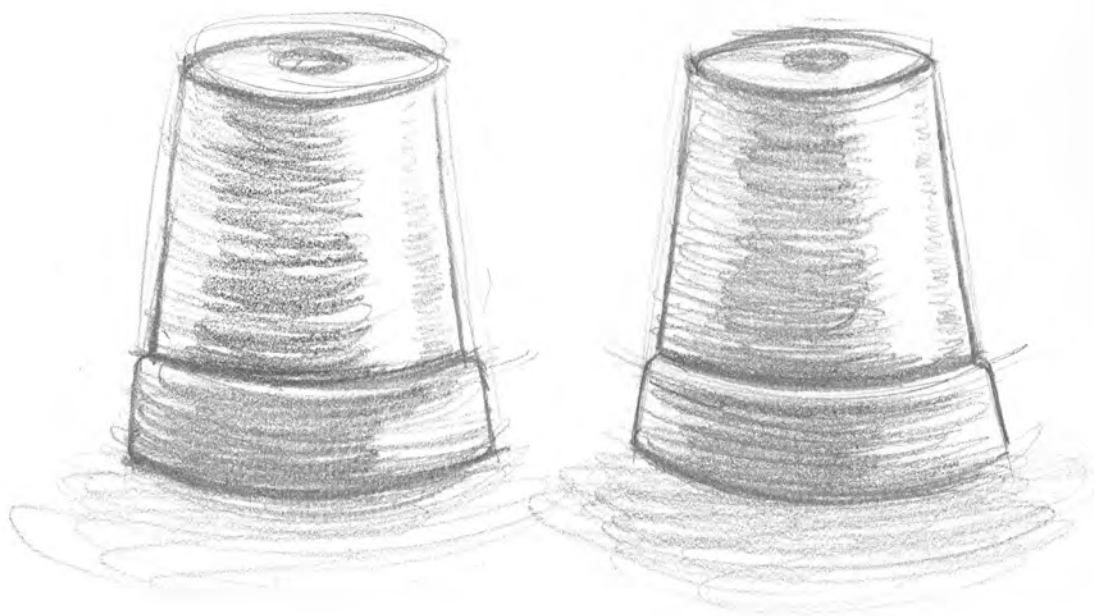
Estávamos chegando perto da esquina e ele tropeçou. Tinha um grupo de pessoas esperando o sinal abrir para atravessar a rua; eles se viraram para olhar o casal bobo que ria.

“Você estragou o clima.”

Vimos nossos amigos lá do outro lado da rua – eles estavam seguindo um caminho diferente e não havíamos percebido.

Ele me puxou até o mercado para comprar chocolate e depois me levou até o seu quarto para ajudá-lo num trabalho. Não tocamos mais no assunto.

133



Ele voltou a dizer que vou abandoná-lo.

Ele trouxe o assunto à tona sem nem que estivéssemos falando de algo relacionado. Talvez o desespero que me atingiu alguns meses atrás o tenha alcançado agora.

136 Fomos a um bar que parecia um salão de beleza e dançamos músicas dos anos cinquenta. Eu, um pouco desengonçada, tentava acompanhar os movimentos dele, que, apesar de palhaço, estava um charme. Sua dança me deixava no limite da vergonha, mas ainda assim me cativava. Ele me enfeitiça e a cerveja colabora com a magia.

Por um momento, observei os meus pés enquanto experimentava passinhos que combinassem com o ritmo da música. Quando levantei o rosto, ele me olhava com aquele meio-sorriso na boca.

“Que foi?,” perguntei.

“Nada,” disse ele, completando com o gratificante “só estou te admirando.”

Na madrugada, depois que o bar fechou, fomos todos comprar besteiras e sentamos num ponto de ônibus para comer. Ele dividiu seus sticks de mussarela comigo.

“Isso aqui é muito bom, né?”

“Eu só peço coisas boas, querida. Eu fui na fila da vida e pedi uma de você.”

Enquanto voltávamos para casa, ele encostou a cabeça na minha, passou o braço pela minha cintura e segurou a minha mão. Encostou nela docemente, depois segurou com força.

“Vou sentir sua falta nessa New York. Será mais vazio sem você.”

Fui para o quarto dele. Ele dormiu descansando a mão na minha cintura, no meio de uma conversa sussurrada.

“Eu gosto muito de você,” falei. Eu estava transbordando e precisava expor.

137 “Eu também,” foi o que ele disse, em um sussurro bem sussurrado, “mesmo com você me destratando.”

Me enchi de indignação, mas sua consciência já estava desligada. “Só te pago com a mesma moeda,” falei, mas não obtive resposta.

A manhã chegou e eu gostaria de não ter precisado acordar cedo só para continuar mergulhada naquela aura tão graciosamente ensolarada.

Acho que a gente nunca vê as pessoas como elas realmente são. Acabamos nos projetando nos outros porque a única mentalidade que conhecemos plenamente é nossa, a individual.

138

É provável que gostemos de determinadas pessoas porque nos identificamos com elas, ou porque as admiramos. Mas não é pelo que elas são de verdade, e sim pelo que pensamos delas; porque assimilamos suas atitudes se embasando nas nossas.

Eu me interessei por ele porque quis entendê-lo, ou o contrário. Eu quis compreendê-lo porque ele não faz as coisas do jeito que eu faria.

139

Acho que eu quis encaixá-lo em mim. Quis me tornar um pouco mais como ele porque só assim seria possível que ficássemos juntos.

“Eu não quero ir embora!”

“No, baby, don’t go!” Ele refletiu por alguns segundos antes de voltar a falar. “Você tá falando de ir embora pra onde? Pro Brasil, pra Califórnia...?”

Eu ri. “To falando de ir pro meu quarto.”

140 Pouco antes, estávamos sentados na cozinha do apartamento dele, a luz estava apagada. Meu melhor amigo estava dormindo. A única iluminação vinha da porta entreaberta do quarto do australiano, que era um obstáculo irritante, já que não havia passado nem cinco minutos desde que eu e ele estávamos nos beijando contra a parede – ouvi um barulho, abotoei a blusa e corri para abrir a geladeira, tentando disfarçar, já prevendo que seríamos interrompidos por alguma chegada inesperada; eu enchia um copo com água quando ouvimos a porta do apartamento ser aberta pelo australiano.

Depois, sentávamos em silêncio. Minha mente estava vazia com exceção da pergunta:

“Você vai mesmo sentir saudade de mim?”

“Vou. Bastante. Vai ser muito estranho; não vou gostar disso, não... vai ser muito estranho.”

Ele me fez levantar da cadeira. Voltamos a nos beijar. Nos trancamos na escuridão do banheiro.

Estava ficando tarde e eu precisava dormir. Meus avós estavam na cidade e eu tinha que acordar cedo para encontrá-los no dia seguinte. Comecei a ajeitar a minha roupa para voltar ao claro de maneira apresentável, mas ele disse: “Pare”. Ele segurou as minhas mãos. Estava tudo escuro; eu não conseguia ver o seu rosto, nem nada mais. Só senti o hálito quente enquanto ele dizia:

“Lhe adoro.”

Ele me abraçou e continuou:

“Vou sentir saudade.”

Num sussurro atrasado, respondi: “Eu também”. O abracei mais forte; tentei absorver cada sensação, como se assim fosse possível manter a lembrança mais verdadeira toda vez que eu quisesse reviver aquele momento.

Quando eu estava prestes a atravessar a porta, ele perguntou:

“Eu posso te visitar na Califórnia?”

“... Pode.”

“Você hesitou!”

Eu não sei. O que vai ser de nós? O que seremos?

Não confio no que passa na cabeça dele.

LIKE WIND AND SEA

Ele comentou que eu tenho falado menos. Isso o faz falar mais para compensar e, por consequência, falar mais bobagens. Eu gosto dessas besteiras despreziosas, como contar algo estranho que tenha acontecido na manhã, ou uma curiosidade sobre algo que a gente pensa ou fez desde sempre e nem imagina o motivo.

“Que tal você não ir pra Califórnia e ficar aqui comigo?”

143

“Não posso...”

E que tal *you* ir pra Califórnia e ficar comigo?”

“Não posso... Mas seria bom”.

Ele não era sentimental assim. Será que está tendo outro momento de fraqueza?

“Quando você vai me visitar no Brasil?” ele perguntou.

“Não sei...”

“E quando é isso?”

“Não sei, ué.

Você quer que eu te visite?”

144

“Mas é claro.”

“Não vai ser estranho?”

“Quando a gente se encontrar, vai ser como se a gente tivesse se visto no dia anterior.”

Ele segurou o meu rosto e disse:

“Querida, você está presente no momento mais divertido da minha vida até agora.

Você é eterna.

Nós somos eternos.

You may be gone, but you're never over.”

145

Estou completamente louca por ele. Tenho medo de sentir isso para sempre e, ao mesmo tempo, de deixar de sentir. Eu tenho medo de nunca mais sentir isso por alguém.

Tem tanta coisa entalada que não consigo transmitir. Estou desesperada para dizer que o amo.

Ele é um adolescente; vive num mundo em que as responsabilidades ainda não chegaram, alguém sempre pode resolver tudo por ele e todo esforço é sinónimo de compromisso. "Compromissos são nojentos."

A gente se comunica em código. A culpa não é minha por me abalar com os romantismos repentinos. Para mim, isso tudo é muito forte, e eu sinto de verdade. Não é um jogo.

Ele disse que eu gosto de complicar. Ele se enfiou numa casca e acha que nenhum problema pode penetrar, mas eu consegui. Eu sou um problema desde que resolvi ficar com ele.

“Como vai ser na Califórnia?”

“Você quer que eu diga que não vou ficar com outras meninas, né?”

Querida, pra que complicar?”

Tentei levantar da cama, mas ele se deitou em cima de mim. Eu queria ir embora. Eu estava mal, e me senti ainda pior por não ter sucumbido às tentativas dele de me alegrar.

Saí do quarto fugida.

Fiquei dez minutos escondida na escada de incêndio, pensando. Tentei chorar, mas não consegui.

Fiquei com medo de estragar de vez as coisas entre nós dois. Eu sabia que ele precisava sair, então, desci as escadas atrás dele. Ele estava quase do lado de fora do prédio quando o encontrei.

Abracei-o.

“Não consigo ver você com essa carinha,” ele disse.

“Eu queria gostar menos de você.”

“Gostar é bom, querida. Mas não é bom quando faz sofrer assim.”

Voltei para o meu quarto.

Quando olhei o celular, vi que ele havia mandado mensagens dizendo que o tempo estava ótimo para caminhar.

“Pega o seu fone, coloca música bem alto e sai andando por NY. Funciona pra qualquer coisa.”

Foi o que eu fiz. Fui até a Washington Square e fiquei lá. Dei uma volta, olhei as árvores, vi uma banda se apresentar, vi bolhas de sabão enormes e todo tipo de cachorros. Depois das distrações, a tristeza voltou com tudo.

Eu precisava da companhia de alguém, por isso chamei alguns amigos para me encontrarem. Eles me conven-

ceram de que eu deveria decidir o que eu quero de fato e, depois, falar tudo o que estava pensando.

O que eu mais quero no momento é saber o que ele sente por mim. Depois, preciso me sentir menos idiota por sentir tantas coisas.

Hoje eu já aceito que nem tudo que a gente tem é pra sempre, e, como ele disse, sempre levaremos a nossa história com a gente, na memória. Se ele quiser continuar, basta pedir. Tudo pode se resolver, basta querer. Basta ele dizer que quer.

Eu queria ter sido capaz de conversar tranquilamente, mas não teve como.

152 Ele me enrolou por dois dias. No terceiro dia, disse que estava de saída para encontrar um amigo e avisaria quando estivesse livre. Resolvi ir com meus amigos a um bar, mas passamos primeiro numa festa que estava tendo na faculdade. Ele estava lá. Fomos embora todos juntos.

A caminhada até o bar foi estranha. Ele estava distante e não fazia muita questão de ficar perto de mim ou me tocar. Quando chegamos, um dos meninos desistiu de entrar. Ele disse que iria embora também.

“É, e eu estou cansado... vou acompanhá-lo até em casa.”

Fiquei irada. “Você não vai embora com ele coisa nenhuma. Você sabe que tô há dois dias querendo falar com você. *Você vai conversar comigo.*”

Ele não gostou nada daquilo. Se dependesse dele, a conversa nunca teria acontecido.

Andávamos de volta ao dormitório. Tentei falar sobre o que me afligia e quais eram os motivos que me faziam sentir tão mal. Enquanto eu tentava me explicar, ele se mostrava impaciente.

“Para de ser estúpido comigo.”

“Eu detesto essas coisas! A que ponto chegamos?”

Para ele, falar sobre conflitos não faz o menor sentido.

“Essas coisas me afastam.”

“Ah, é? Complicar faz parte do meu pacote. Se isso te afasta, não sei o que você está fazendo comigo.”

“Você está sofrendo por antecipação.”

“Eu quero saber o que tá acontecendo! Não entendo por que você dá a entender que quer que a gente continue juntos mas depois volta atrás.”

“Você quer que eu pare de falar, então?”

Olhei, incrédula. “Você realmente acha que essa é a solução?!”

Ele não disse nada.

“Não entendo quando você diz que quer me visitar...”

“Pô, não posso falar mais nada agora? Qual o problema de falar isso?”

“Eu estou confusa! É estranho você dizer isso sendo que antes você falou que queria terminar por aqui o que a gente tem... Não faz sentido querer me encontrar depois!”

“Então tá.”

“Como assim?! Você não se importa?”

“Ah, sei lá.”

Ele não ligava para o impacto que as suas palavras causavam em mim. Meu coração batia forte, nervoso e desesperado.

Ele voltou a falar que sempre deixou claro que eu não deveria esperar muito dele e que eu sabia disso. É mais fácil culpar as circunstâncias e dizer *eu sou assim!* ao invés de culpar a si mesmo pelas coisas que faz.

Entramos no elevador do nosso prédio e ele apertou os botões do seu andar e o do meu. Perguntei se eu poderia subir até o quarto dele.

154 O elevador parou no meu andar; a porta abriu e fechou.

“Você realmente vai querer dormir lá mesmo comigo assim?”

“Eu não quero dormir lá, só quero ficar um pouco.” Eu não conseguiria dormir se fosse para o meu quarto.

Ele me encarou com cara de morte. O elevador subiu até o andar dele, a porta abriu e fechou. O elevador desceu até o lobby e ficou parado, esperando instruções.

Ele apertou o botão do seu andar. Quando chegamos, perguntei: “Posso?”

Ele aceitou, bastante contrariado.

*

Dentro do quarto, ele arranjava coisas para fazer. Trocou de roupa e de vez em quando dizia algo malcriado.

“Vai ficar aí parada me olhando?”

Fiquei um tempo encostada na outra cama, do outro lado do quarto, depois fui me aproximando da dele. Aos poucos, eu me acalmava.

“Você não deveria se importar tanto comigo. Eu não valho à pena.”

“Você não tem como controlar isso. Já era. Não faz sentido para mim ficar com uma pessoa com quem não me importo. Eu prefiro me entregar às coisas que eu faço e me importar de verdade com elas do que fazer pela metade.”

“Percebi a indireta.”

Conforme o clima ficava mais leve, eu chegava mais perto dele. Peguei na sua mão.

“Não vou mais te perturbar com esses assuntos. Vou aproveitar o agora, sem pensar no depois.”

“Você está fazendo isso por mim ou por você?”

“Por mim, lógico. Não faz sentido fazer coisas que não me agradam.” Eu queria que as coisas ficassem bem logo.

É trisque que ele me culpe por ter sentimentos mesmo que ele tenha me dito que não valia a pena, como se eu não tivesse o direito de me chatear por ser menosprezada.

155

Conversamos sobre coisas triviais. Ele teve um déjà vu quando olhou para a minha saia listrada. A essa altura, eu estava deitada ao lado dele na cama e ele já me olhava sem rancor. Ele apoiou a mão no meu quadril. Depois, segurou a minha nuca com força e apertou a minha cintura. Me senti uma criminosa por aceitar aquela reconciliação, mas era o que eu queria.



156 No fim de fevereiro, passamos cinco horas num ônibus com numa viagem às montanhas de Vermont. Passaríamos o final de semana hospedados num hotel com nossos amigos para praticar snowboard.

Seria a primeira vez em que dormiríamos juntos numa cama de casal. Pouco depois de chegar, ficamos deitados, conversando. Ele falou uma coisa que me irritou, então saí do quarto. Ele pensou que eu voltaria, mas não voltei. Eu não estava chateada de verdade, fiz a cena de brincadeira. O que me atingiu de verdade foi que, depois que ele desceu para o bar do hotel e me encontrou, disse que eu fui idiota por não ter voltado.

Detesto que me chamem de idiota. Eu poderia ter dito isso na hora, mas não teria sido a primeira vez.

Tratei-o mal pelo resto da noite porque estava magoada. Então,

ele sumiu por horas, até que percebi que não iria mais voltar.

Quando subi e entrei no quarto, ele estava saindo do banheiro e simplesmente se deitou e fechou os olhos, pronto para dormir.

“Você não percebeu que eu estou chateada?”

“Eu sei que você está chateada.”

“Você não vai fazer nada?”

“O que você quer que eu faça?”

“O que você acha que deve ser feito?”

“Dormir”.

E foi o que ele fez. Me senti um lixo.

157 Não consegui dormir. Convoquei todos os meus amigos e eles me consolaram no corredor, sentados na escada acarpetada. Eles me convenceram de que esse era o jeito que ele julgava ser melhor para lidar com uma briga e que ele não estava simplesmente ignorando os meus sentimentos, que foi o que eu pensei. Fui deitar me sentindo um pouco melhor.

Acordei no dia seguinte de frente para ele. Abrimos os olhos ao mesmo tempo por causa do despertador. Ele pegou no meu rosto e perguntou:

“Passou?”

Fiquei muda.

“Não?”

Eu disse que o que ele fez foi horrível e me deixou muito mal.

Ele disse que esse era o jeito dele de evitar brigas. “Se fosse do outro jeito, a gente discutiria e eu ficaria com raiva de ti”.

“Pois o seu jeito é péssimo.”



158

Antes que a paz tivesse sido restabelecida, quando eu ainda o observava do outro lado do quarto, perguntei sobre o que ele estava pensando. Ele estava sentado na cama com o tronco encostado na parede enquanto olhava pra mim. A luz fraca vinda da rua que entrava pela janela à esquerda dele não era suficiente para iluminar o seu rosto, mas eu conseguia imaginar seus traços pesados. Acho que foi a primeira vez que o vi irritado.

Ele respondeu:

“Estou frustrado.”

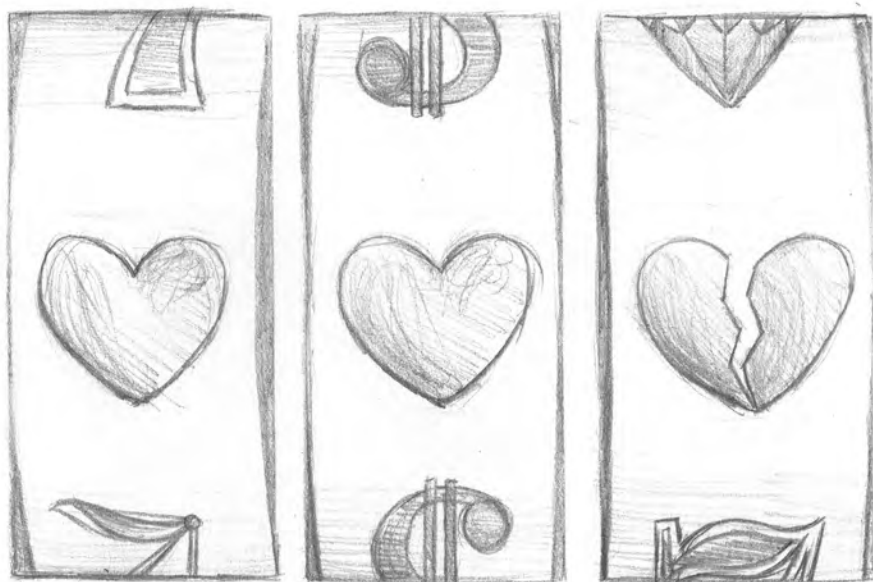
Fiquei frustrada com a reação dele. Eu também não queria ter passado por nada daquilo. Eu queria ter sabido lidar com tudo desde o início. Às vezes, me arrependo de um dia ter me envolvido com ele.

Acabei cochilando no colo dele. Às quatro da manhã, fui embora me sentindo aliviada por ter tido a conversa que eu precisava, mas um pouco desapontada. Queria que tivesse sido diferente.

Não existe isso de estar com a pessoa certa na hora errada. *Tudo* acontece na hora certa.

Por causa dele, serei uma namorada melhor para outra pessoa.

159



HERE WITH ME

Alguns dias atrás, foi aniversário do meu ex-namorado. Ficamos juntos por cinco anos, ou seja, um quarto da minha vida.

O que o fiz sentir me aterroriza. Tenho medo de um dia ser vítima do mesmo sofrimento que o fiz passar.

Me culpei por muito tempo. Me senti a vilã, como se eu fosse uma pessoa traiçoeira que o encheu de esperança durante anos e então, de repente, mudou de ideia. Para mim não foi assim, mas é o que pareceu para ele.

Costumávamos dizer que iríamos nos casar. Fiquei perdida quando percebi que eu não o amava mais. Eu vinha dizendo isso a mim mesma há anos, eu disse a ele que ele era o amor da minha vida. E ele era.

“Mas e tudo o que você disse?,” ele contestou quando eu quis terminar. “Você não queria que a gente ficasse junto pra sempre?”

Eu já quis, um dia. Em outro, não quis mais.

Agora eu entendo: as mesmas coisas se repetem e voltam maquiadas, escondidas sob perspectivas diferentes ou nas palavras de

outra pessoa. É como a roda que ele eternizou no braço, representando o caráter cíclico da vida.

Meu primeiro namorado sempre será uma parte da minha vida e está marcado na minha história. Sei que serei lembrada sempre que ele olhar a tatuagem no antebraço.

Eu disse que o amaria para sempre e vou, mas de um jeito diferente. Isso eu posso garantir.

Não posso pedir desculpas por não ter sido o que ele esperava e por não tê-lo ajudado a realizar seus sonhos que me envolviam, mas queria me desculpar por alguma coisa. Desculpar-me por não tê-lo ajudado a me esquecer? Não... Espero que ele consiga me desculpar, mesmo assim.

Tenho me colocado bastante no lugar dele nesses últimos dias. As minhas expectativas inalcançadas e as sensações de impotência, de não ter sido a pessoa que faria a outra ficar, de não ter feito tudo o que gostaria com ela; tudo isso me faz questionar se ele sentiu a mesma coisa. Na minha cabeça, num universo paralelo, a gente até chegou a conversar e trocar uma ideia.

“Nossa, você também? Que bom que não sou a única a me sentir assim!”

Espero, um dia, poder ser amiga dele.

Me acostumei com o tanto que fui endeusada. Meu ex-namorado não tinha olhos para mais ninguém e eu sabia que era

genuíno. Acho difícil encontrar mais alguém que sinta isso por mim, mas não sei se quero. Só quero se for recíproco.

Torço para que ele encontre alguém que dê o que ele precisa, proporcionalmente ao que ele pode dar. Dizem que não existe isso de pessoa certa, mas eu acho que existe, sim. A gente *faz* a pessoa se tornar a certa. Espero que ele encontre a dele, que saiba enxergar potencial nela e não tenha medo de trabalhá-lo. Torço para que ele se livre dos traumas que eu deixei, assim como espero continuar a minha vida sem nenhum.

Sei que sou eterna para ele assim como ele é para mim. Por mais que eu não o visite o tempo todo, ele sempre estará guardado na minha memória, numa das minhas gavetas especiais.

*Viajamos de carro com amigos para a Pensilvânia
no fim de semana do meu aniversário.*

Depois de Pittsburgh, fomos à famosa Casa da Cascata e voltamos para Nova York passando pela Filadélfia.

Na ida, ele dormiu com a cabeça no meu colo. Enquanto acordava, ele deslizou a mão pelo meu rosto e só observei com curiosidade. Ao encontrar o meu olhar, ele se explicou: “Só quero
165
checar se é você mesmo.”

Na noite do meu aniversário, eu estava bêbada de sono e acredito que ele também. Ele improvisou uma serenata cujas únicas frases que guardei são “sou apaixonado por você” e “você ilumina o meu dia”. Aconteceu como na outra vez: ele falou algumas coisas, dei respostas desconfiadas e ele rebateu com o conhecido “você distorce tudo o que eu falo”.

Aos poucos, sua vulnerabilidade foi se esvaindo. Ele arranjava alguma maneira de me atingir, sendo com brincadeiras chatas (porque ele *gosta de me ver brabinha*), declarações melosas seguidas por zombarias ou perguntas estressantes.

No carro, já no caminho de volta a NY, nós quatro – meu melhor amigo, outro amigo, eu e ele – conversávamos sobre o último desejo que faríamos caso morrêssemos no dia seguinte. Ele citou nomes de celebridades com quem gostaria de fazer sexo. Calada, eu pensava que, se fosse para escolher uma pessoa para fazer isso uma última vez, eu escolheria ele.

Ele falou diversas obscenidades, sugeriu que seria capaz de se envolver com alguém por interesse financeiro e até de trair. Fiquei tão horrorizada que mal notei que eu estava colada à porta do carro, tentando me afastar o máximo que consegui. Ele percebeu e se aproximou, rindo.

166 “Esse assunto tá me deixando incomodada.”

“Querida, você realmente acha que eu faria essas coisas?”

“Eu não sei, não sei se quero saber e não saber me deixa louca.”

“Eu nunca faria isso com você. Eu sei que você ficaria chateada.”

Como de praxe, pouco depois, ele começou a me questionar sobre fidelidade. Ele perguntou se eu ficaria chateada caso ele estivesse mantendo um caso no Brasil.

“Eu realmente preciso responder isso?”

“Oras, mas é bom preparar o terreno!”

Virei o rosto.

“Querida!” Ele me abraçou. “Por que ser tão possessiva?”

“Porque eu sou assim, sou uma pessoa horrível. Sou possessiva,

ciumenta e controladora.”

Ele continuou implicando.

“Me aguarde,” eu disse. “Estou juntando todas essas coisinhas que você fala. Me aguarde.”

Ele se afastou, me encarou com uma expressão estranha e sorriu.

“Você é má. Você é muito má, sabia?”



Deixamos o carro em Nova Jersey e pegamos a balsa para voltar a Manhattan. Tivemos que andar bastante até chegar ao metrô e passamos um bom tempo dentro do trem.

167

Enquanto chegávamos perto do nosso prédio, passamos por um grupo de pessoas sem-teto. Eu comentei:

“Que coisa louca isso, né? Chega um dia em que uma pessoa não consegue mais pagar um lugar pra morar e no dia seguinte ela já tá vivendo na rua.”

Ele observou o meu rosto enquanto refletia. “Eu gosto de você.”

“Gosta, é?” Perguntei com a mesma entonação que usaria para responder se um menino se aproximasse numa festa e confessasse sua queda por mim.

“Ora, não estou falando com você,” e olhou para o outro lado.

Quando bem a imagem dele me
vibrando e se agitando na virada
do dia nove para o dia dez.
"Está chegando, querida! Está chegando!"

A caminho de uma sorveteria,
desabei meus óculos e chapéu. Com
ternura nos olhos, ele disse:
"Você está linda."

Na madrugada, ele ditava ao
meu lado. Minha cabeça repousava
em seu peito, acima do seu coração.
Ele dizia: "Querida, fui aos céus."

Já cheguei a pensar que, se o tivesse conhecido
mais tarde, a nossa história seria melhor.

Contudo, as coisas só fazem sentido porque
aconteceram como aconteceram.

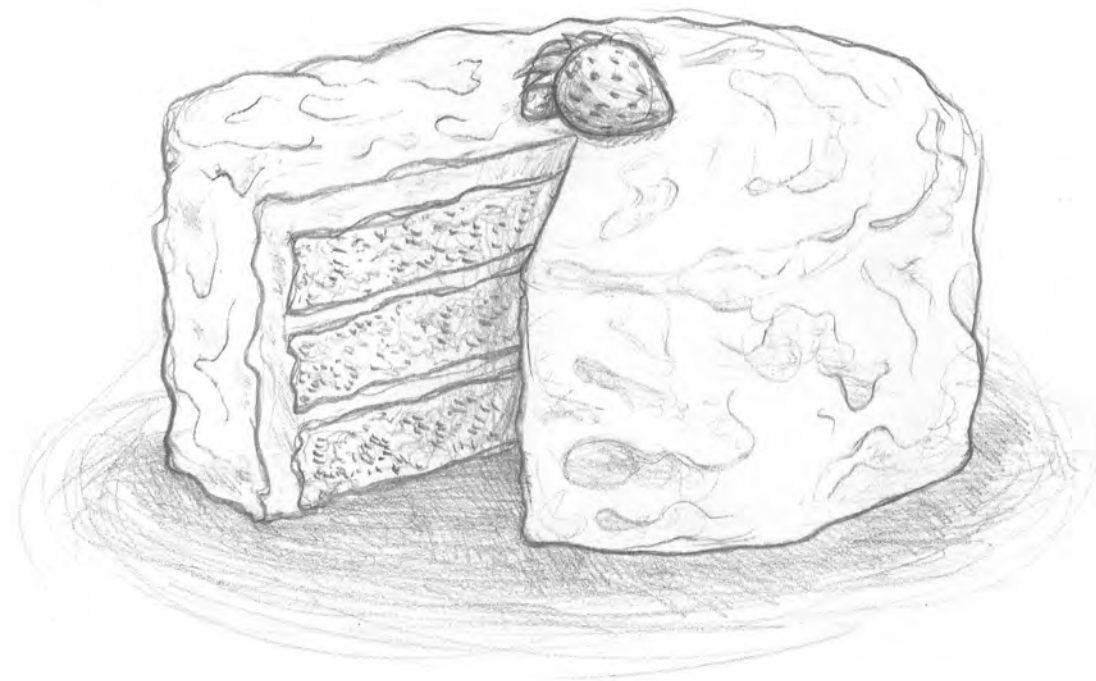
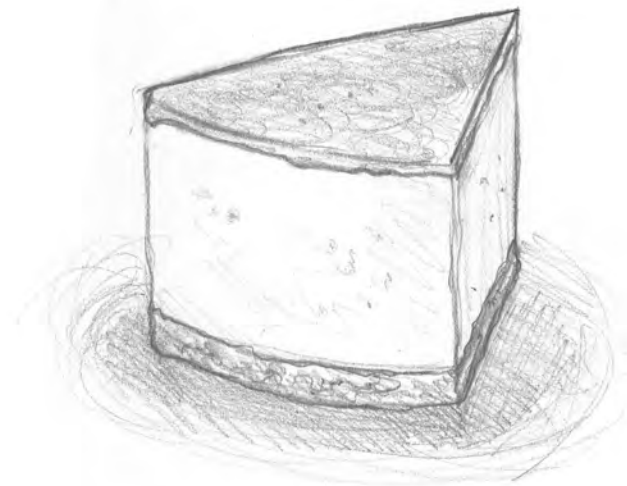
“Você deve estar louca pra se livrar de mim, né?” Ele disse em resposta à minha cara emburrada.

“Basta eu querer.”

“Você é má”.

Temo substituí-lo por um sócia na tentativa de encontrar alguém que me faça sentir do jeito que ele me faz sentir.

Às vezes, me desespero por ter que ir para longe. Depois, sinto um alívio por poder me libertar.



Estavam comentando sobre a ocupação do prédio em que moramos por estudantes de ensino médio matriculados nos cursos de verão.

“Opa, vai ficar cheio de novinha pra transar”, ele disse, olhando para mim logo em seguida.

A minha imaginação, que não sossega, já fez questão de fermentar o

assunto e espalhar ideias negativas. “Claro que ele considera transar com as meninas,” pensei, “eles estarão no mesmo prédio e ele vai poder fazer as mesmas coisas que fazia comigo.”

Eu vou para a Califórnia. Posso conhecer músicos, atores e surfistas, por que não? A minha situação parece melhor. São só suposições, de qualquer forma.

Eu sou a que gosta mais, sou aquela que transformou o outro em personagem das próprias fantasias.

Tenho horror de ser a primeira a deixar de ser desejada.

Eu deveria me permitir apaixonar um pouquinho por pessoas anônimas do meu dia a dia, prolongar um olhar sobre alguém interessante na rua, talvez até sorrir.

Poderia durar só alguns segundos, mas seria a duração ideal. Eu deveria tentar.

CLOSER

“Lhe adoro.”

Eu estava de pijama. Coloquei os óculos para enxergá-lo melhor.

“Também me adoro.” Dei um sorrisinho desaforado, me sentindo muito esperta por ter feito a mesma brincadeira que ele gosta de fazer.

“Vou sentir sua falta.”

177

Assenti com a cabeça. “Eu também.”

Olhei para as mãos dele, que seguravam as minhas apoiadas no meu peito. Beijei-as.

Ele continuou: “Mas estou feliz porque te conheci.”

Olhei fixamente para suas mãos. Ele se inclinou para alcançar a minha boca com um beijo. Levantei o olhar e encontrei o dele.

“Boa noite.”

Estávamos na porta, eu na penumbra e ele no claro. A parede amarelada do corredor cintilava atrás do seu cabelo castanho. Ele segurou a maçaneta e a puxou em poucos segundos. Fugiu.

Continuei parada quase na mesma posição em que ele me

deixou. Ouvi seus passos tipicamente arrastados chegarem até o elevador, as portas abrirem, o apito soar e elas fecharem novamente. Suas palavras ainda ecoavam na minha cabeça.

Depois, quando fui pensar no seu rosto, percebi o que ele trazia. Seus olhos estavam vermelhos, provavelmente pelo sono, mas também estavam tristes. A combinação entre o som da sua voz e o que vi me levou até o banheiro e me fez encostar no ladrilho gelado por um tempo curto, mas necessário.

Você não sabe o quanto foi importante pra mim ter te conhecido. Queria ter dito isso. Tem tanta coisa que eu queria dizer e nunca consegui...

Fechei os olhos, parei de pensar e fui me deitar.

178

Ele perguntou: "A gente teve uma história bonita, não teve?"

"Por quê?"

"Ah, porque sim. Foi uma boa fase." Ele observou a paisagem.

"Eu mudei muito nesse intercâmbio."

"Como você acha que mudou?"

"Ah... Eu passei a enxergar as coisas de um jeito diferente... e grande parte do que me fez mudar, foi você."

"Fico feliz em saber disso."

Ele sorriu e beijou a minha bochecha.

"Você não tem noção do quanto você foi importante," falei.

"Fico feliz em saber disso," ele sussurrou e me abraçou.

"Caso você me visite na Califórnia, você acha que a gente vai ficar?"

"Sim! Vamos?"

"Ah..."

"Nossa." Ele se levantou da minha cama e começou a se vestir.

"Eu vou embora."

179

Pensei que tivesse realmente o chateado. “Não, para com isso.”
O puxei com força e ele voltou a deitar ao meu lado. Expliquei que me decepcionei muito criando expectativas com tudo o que ele falava desde o começo.

“Mas querida, quem falou em criar...?”

“Não tem como saber o que você vai sentir. Você diz isso agora, mas no futuro pode ser diferente. Na hora, pode não querer mais. Eu posso não querer mais. Não tem como saber.”

“Querida, toda vez que eu te encontrar eu vou querer ficar contigo.”

“Pra mim isso tanto faz...”

180

“Como assim?!”

“Pra você, ficar não quer dizer nada.”

“Nossa, você acha que eu sou fácil assim?!”

“Não é questão de ser fácil! É questão de não dar o valor que eu dou.”

“Você acha que não vai mais gostar de mim?”

“Não sei...”

“Vai, sim.”

“Você acha que vai continuar gostando de mim?”

“Sim. Eu sempre vou gostar de ti.

Você sempre vai ter carta branca comigo. Você é especial.”

Ficamos em silêncio.

“... Então vamos ficar na Califórnia?”

Rolei os olhos.

“Você vai me amar pra sempre,” disse ele.

“Você me ama agora?”

“Eu nunca disse isso! Mas- tá vendo como você é?! Você fica jogando verde. Você não tem coragem de dizer o que sente de verdade; você inverte a situação e pergunta o que eu sinto primeiro porque você não tem culhões. Não quer parecer trouxa.”

“Você não disse nenhuma mentira, querido,” respondi quando ele finalmente parou de falar.

“No futuro, você estará com outros caras mas sempre estará pensando em mim.” Ele matraqueava, eu desdenhava. “Você estará com outros desejando que eles fossem eu.”

181

“Então, se isso acontecer mesmo, se eu estiver com outros e não conseguir te tirar da minha cabeça....vou ter que ir atrás de você.”

“Vamos ver se você vai ter coragem.”

“Sim. Vamos ver.

...Caso eu faça isso mesmo, o que aconteceria depois?”

“Depois a gente se encontra, se casa e é feliz pra sempre: eu, você e minhas outras duas mulheres.”

Em um parque no Brooklyn, ele falou que vai ter vários filhos e ex-esposas e que eu serei sua segunda ex-esposa.

“Eu nunca vou me casar com você.”

“Você está sendo maldosa.”

Ele disse que minha cara emburrada estava estragando o momento, que a frequência com que ele me abraça e beija mostra o quanto ele me adora, que uma verdade eu o odiava e queria que ele explodisse, mas eu deveria falar alguma coisa porque ele fazia essas coisas apenas para me arrancar um sorriso. Como sempre, no final, acabei rindo.

Apesar de me chatear com as brincadeiras, ri porque tentei acreditar que eu não deveria ligar. Ri porque lembrei todos os toques e tudo o que foi dito até hoje.

Ele beijou a minha bochecha. “Ei, confia em mim, sim? É tudo implicância, querida.”

Certa vez, dormi apoiando a cabeça no colo dele. Quando abri os olhos, vi que ele havia recebido mensagens no celular. Não consegui ler o nome do remetente, mas vi que era nome de menina e parecia o nome da ex-namorada dele.

Eu não disse nada na hora, nem depois. Nunca falei nada. Fiquei desconfiada, mas não perdi o sono. Pensei que não deveria ser nada.

Outro dia, enquanto estávamos em um bar, ele digitava bastante no celular. Espiei a tela, mas ele reparou que eu estava olhando por cima do ombro e escondeu o celular. Virei para um amigo que estava perto e brinquei: “Ele está mandando mensagem pra amante.”

Ele entrou na brincadeira, mas depois disse que era só uma amiga.

Tocamos no assunto mais tarde.

“Você está com ciúminho?”

“Sim.”

“Mas com quem é que estou agora? Quem é que eu estou beijando agora?”

Dei um sorriso amarelo.

“Você acredita em mim?”

Hesitei pra responder e ele pensou que eu ainda estivesse com ciúme, mas não era isso. Eu estava tentando descobrir o que eu penso. Eu quero muito conseguir acreditar nele, mas não sei se deveria. É difícil.

"Uma, não devia de pensar que um pode ser só um amor de verão," minha mãe uma vez me disse.
 "Mas é um amor de verão!", respondi com uma confiança que não sentia.

Estou esperando esse festival há meses.

Teve uma época em que até fiquei arrependida por ter comprado os ingressos, mas mudei de ideia depois que ele insistiu. Pensei que seria um jeito épico de me despedir de Nova York. Estaríamos juntos de vários amigos, *vai ser divertido*, eu pensava.

Tive que adaptar os meus planos ao festival. Atrasei a minha viagem para Los Angeles, o que me faz atrasar o meu primeiro dia estágio e o meu retorno ao Brasil, que conseqüentemente me atrasa na faculdade. Era para ser que nem coisa de filme: *um casal apaixonado curte os últimos dias do seu romance numa atmosfera jovem e musical.*

Festivais são sempre bons, só não vai ser como eu imaginei. Mas quando que as coisas com ele foram do jeito que eu imaginei?

É, é um amor de verão, mas o verão ainda nem começou. É um amor que está durando muito mais do que deveria; está durando anos. As coisas andam num ritmo diferente nesse tempo que a gente passa no intercâmbio.

✱

Convidei-o para jantar antes que nosso tempo juntos se encurtasse – suas outras irmãs chegariam do Brasil em alguns dias, e era por causa delas que ele teria que perder o festival.

Ele demorou quinze minutos pra se aprontar; minha barriga já gritava de fome. A campainha soou, peguei a carteira e o celular e corri pra abrir a porta.

“Vamos?”

Escaneei-o rapidamente. Ele vestia seu uniforme típico, composto por jaqueta de couro, camiseta branca, bota preta e anéis nos dedos, enquanto eu havia escolhido a primeira roupa que vi no armário.

186 Ele me abraçou com gosto.

“Que foi?”

“Olá.”

Sei que ele vai sentir saudade de me ver do outro lado da porta, estando ele do lado de dentro ou de fora, estando eu bem-vestida ou de jeans e chinelo.

Ele também vai sentir falta de ter a minha companhia para comer pizza e de como terminávamos de comer a fatia ao mesmo tempo, pois ambos mastigamos devagar. Quando ele entrar na pizzaria, vai se lembrar da vez em que eu bebi uma Coca-Cola estranha que estava em cima do balcão porque pensei que era a dele, e de como eu catava e comia as bordas que ele deixava no prato

porque eu continuava com fome por ter pedido só uma fatia.

Sei que ele vai se lembrar de quando perambulamos pelo SoHo e descobrimos que estávamos apaixonados um pelo outro, e do nosso primeiro beijo no metrô.

Eu sou a que está indo embora, mais uma vez. Ele vai ser o que fica, passa pelos lugares que frequentávamos juntos e olha para as coisas que a gente fazia, mas não vai me encontrar.

Ironicamente, vou me lembrar de tudo. Eu sou assim. Nunca vou esquecer, mas gostaria de não poder lembrar.

187

1:00 AM

Hoje é o meu último dia no meu apartamento e ele sabia. Até agora, ele não apareceu.

Ele está fora desde o meio-dia. Sei que ele valoriza a família e procura ficar perto da irmã enquanto moram na mesma cidade mas, sinceramente, eu vou embora daqui a duas semanas. Ele vai ter três meses para ver a irmã quantas vezes quiser.

Hoje ele confirmou que vai viajar com uma amiga nossa numa roadtrip depois que seu estágio acabar. O plano é atravessar o país de carro, de Nova York até a Califórnia, e depois voltar.

“Não sei se vou conseguir chegar em Los Angeles a tempo de te encontrar.”

1:50 AM

Estou absurdamente irritada. Será que estou só tendo um chique porque não tenho as coisas exatamente como eu quero?

Hoje cedo, acordei ao lado dele já pensando em convidá-lo pra passar no meu apartamento à noite. Eu poderia ter falado naquela hora, mas eu quis esperar um momento mais adequado. É comum que ele desmarque coisas que combinamos com antecedência. Eu quis que parecesse espontâneo.

Será que eu deveria tê-lo chamado mais cedo? É errado assumir seu descaso como falta de consideração?

2:00 AM

Ontem, ele disse que sou uma pessoa difícil.

“Por que você tá brabinha? Não gosta mais de mim?”

“Gosto. Só não gosto do seu lado mau.”

“Que lado?”

“O lado safado.”

“Gosta, sim. Você gosta de tudo.”

190 “Não gosto do pacote completo.”

“Gosta, sim. Se não gostasse, não estaria comigo.”

Não falei nada.

“Você é tão difícil de lidar! Eu preciso tomar cuidado com tudo o que eu falo pra não correr risco de te chatear.

Eu só te dou carinho e coisas boas... não sei o que mais posso te dar pra te deixar satisfeita.”

Não é o suficiente.

2:30 AM

Às dez da noite, ele disse que me avisaria quando chegasse. Ele *disse* que me veria. Estou aqui até agora, sozinha, esperando.

Eu já deveria estar dormindo. Deve ser isso o que ele está fazendo agora. Passou a droga do dia fora, “só comendo e ficando de boa”, como ele mesmo disse.

Acho bonito o jeito que ele valoriza a família. Queria que ele tivesse me considerado importante o suficiente pra me apresentar, mas sou só a namoradinha do intercâmbio; aquela menina que é seria, mas não é nada sério.

Criar expectativas não passa de autossabotagem.

191

Terminou como começou: comigo sozinha no último apartamento do quarto andar, prestes a dormir enquanto encara a outra cama vazia, prestes a começar uma nova fase.

193

Assim como cheguei, vou embora: sozinha. Termina comigo no meu quarto, sozinha, arrumando as malas ao invés de desfazê-las.

Nada é como era antes.

Acordei e vi que tinha uma mensagem não lida na tela do meu celular. “Queridinha, ontem cheguei tarde e cansado, sorry.”

Levantei alliviada por não ter sucumbido aos desaforos melodramáticos. “Você podia ter avisado, pelo menos, pra eu ver que você não morreu.”

À tarde, ele me ajudou a levar minhas malas para o seu apartamento. Eu seria sua hóspede por dez dias. Co-

mentei que havia ficado chateada com o desentendimento da noite anterior, mas só antes de dormirmos.

Foi dia de mudança tanto para ele quanto para mim. Ele, meu melhor amigo e mais dois bons amigos vão dividir um apartamento até o final do intercâmbio no décimo quinto andar. A

vista é bonita, mas os móveis são mais velhos e o banheiro estava imundo. Ele sugeriu que eu tomasse banho no seu

apartamento antigo, cuja chave ele só precisaria devolver no dia seguinte. Juntei as minhas coisas.

“Quer ir comigo?”

Ele piscou, incrédulo. “Vai na frente que daqui a pouco eu te encontro.”

Desci para o nono andar e deixei as portas do apartamento e do banheiro encostadas, sem considerar que alguém poderia entrar e me encontrar. Liguei o chuveiro e comecei o banho, sem pressa.

Quinze minutos depois, ele apareceu.

“Deveriam existir esculturas suas”, disse ele com a voz abafada pela água corrente.

Depois que terminamos, o júbilo no rosto dele era claro. Ele queria contar

para todo mundo sobre o que havíamos feito – e deixou escapar enquanto dávamos até a pizzaria de sempre com o australiano, que não tinha interesse algum na informação.

Antes de dormir, ele sentou ao meu lado enquanto eu usava o Facebook. Ele viu a foto de uma conhecida minha e fez um escândalo sobre sua beleza.

Fechei o laptop, guardei-o na gaveta e deitei na cama. “Boa noite.”

Ele riu. “Querida, o seu ciúme me ofende.”

“A sua existência me ofende.”

Deitei virada para a parede. Ele sentou ao meu lado para tentar me alegrar. Me chamou de linda, tentou me fazer rir.

“Você ainda me adora muito?”

“Sim.”

“Então passou?”

“Não.”

“Querida, me adore? Por que você está tão longe?”

Ele pediu carinho. Um tempo atrás, eu teria dado por medo de que ele ficasse chateado com a minha resistência.

Daquela vez, dormi de costas pra ele.

Não me lembro se ele chegou a me abraçar enquanto eu pegava no sono, mas acordei no dia seguinte envolta pelos seus braços.

Ele diz que vai continuar pensando em mim e pede para que eu mande fotos. Diz que vai querer ficar comigo sempre que me encontrar mas não quer firmar um relacionamento. Será que esse é o seu jeito de se comprometer?

AIN'T NO SUNSHINE

“Nossa, já tá acabando. Você acredita que passou tão rápido?”

Só assenti. Eu estava melancólica.

“Quando eu voltar pro Brasil vou dizer que tive seis namoradas...?”

“Eu não fui sua namorada.”

“Foi, sim!”

“Não. Fui uma coisa à parte.”

199

“É por isso que você sempre vai ter carta branca comigo. Porque a gente não teve tempo de se estragar.”

“Acho triste essa carta branca.”

“Por quê?”

“Porque a gente volta pro Brasil, aí eu te uso, você me usa...”

“Eu te uso, você me’... quem falou em usar?! Você leva tudo pro lado ruim... Você não quer que eu faça uma carta branca pra você?”

“Não!”

“Ah! Eu tava pensando em fazer uma toda bonitinha e escrever algo tipo ‘use it whenever...’, mas não vou fazer mais, já que você não quer.”

Ficamos em silêncio.

O vagão do metrô estava um pouco vazio. Era uma longa viagem do Queens até a Union Square.

“Em que você tá pensando?”

“Eu tenho medo de ficar com outros e continuar pensando em você.”

“Aaaah! Essa foi a coisa mais romântica que você já disse.”

Fiquei amargamente arrependida por ter dito aquilo.



200 No dia anterior, eu estava com um péssimo humor porque sempre penso demais. Ele disse que eu não devo fazer isso e que existem várias religiões que buscam exercitar o não-pensar. Eu disse sou assim porque fui um filósofo em outra vida. É doloroso, mas eu preciso chegar às conclusões através do pensamento.

Havíamos passado um tempo discutindo sobre a mania que ele tem de exaltar excessivamente os atributos físicos de outras meninas na minha frente.

“Qual o problema? Você se sente insegura? Eu pensava que sinceridade fosse atraente. Eu prefiro ser assim, espontâneo. Se eu me aceitei assim, por que você não pode aceitar também?”

“Às vezes eu penso que forcei a barra.” Falei.

“Por quê?”

“Ah...”

“Querida, pode falar. Eu não me ofendo fácil, não.”

“Porque eu não gosto das coisas que você faz, mas mesmo assim eu continuo com você. Eu não sei o que eu to fazendo.”

“E aí você pensa que jogou um ano fora?”

“Sim.”

Ele refletiu por instantes.

“Mas você gosta de mim?”

“Sim,” dei uma risada cansada, “eu gosto muito de você.”

“Então me dá um beijo.”

“Por quê?”

“Pra ficar tudo azul.”

Condenei-o com o olhar. “Não vai ficar tudo azul.”

“Mas você gosta muito de mim e eu gosto muito de você. Não tem por que a gente ficar com raiva um do outro. Então, a gente se beija e fica tudo azul.”

“Me irrita ter mudado tanto por você.”

“Eu nunca te pedi pra mudar.”

“Não disse que você pediu. Eu tive que me adaptar pra ficar com você. Porque eu quis ficar com você.”

“E eu continuo com você mesmo assim, mesmo mudada.”

Fiquei em silêncio.

201

“Então me dá um beijo.”

“Não!”

“Por quê?”

“Porque eu não quero.”

“Quer, sim.”

“Não. Beijar me distrai dos problemas.”

“Querida, o que é o amor se não se distrair dos problemas?”

Beijei-o.



202 Depois da minha frase infeliz, ele me abraçou forte. Eu olhava para longe, envergonhada. Ele virou o meu rosto e me beijou.

Foi um beijo demorado e repleto de valores agregados. Beijos assim não são incomuns, mas aquele foi especial. Foi como uma agradecimento.

Depois que acabou, baixei o olhar.

“Olha pra mim! Olha o meu sorriso.”

Olhei.

“Estou todo faceiro.”

Era tudo o que ele queria: ser inesquecível. Na hora, afastei os pensamentos ressentidos e o abracei. Eu estava feliz por tê-lo deixado feliz.

Quando chegamos à Union Square, apesar de melhor, eu estava apreensiva. Ele segurava o meu braço de um jeito esquisito pois havia acabado de me capturar – estávamos competindo para ver quem chegava mais rápido em casa, mas ele me enganou depois que passei pela catraca dizendo que eu estava indo para a escada errada e, então, me capturou.

“Você me deixa maluca, sabia?”

“E como é isso?”

“Você me faz muito bem e muito mal ao mesmo tempo.”

“Pois você só me faz muito bem. Só me traz alegria e coisas boas.”

Quando chegamos à frente do nosso prédio, eu disse:

“Eu não quero ficar pensando em você.”

“Mas você va-ai!”

“Eu disse que tinha medo, não que isso aconteceria de fato.”

“Mas vai! Você vai continuar pensando em mim.”

“Eu não quero pensar em você! Não faz sentido pensar no que eu não vou ter.”

“Você pode ter.”

“Não posso, não.”

“Querida, o futuro está em constante metamorfose.”

Mais tarde, enquanto eu preparava um miojo, ele lavava a louça e os outros meninos conversavam à mesa. Eles estavam falando umas besteiras e ele se fez de santo.

203

“Te odeio,” falei em resposta àquela cara de pau.

“Odeia nada! Depois do que você disse hoje, sempre que você falar que me odeia eu vou pensar: ‘Naaaaah’...” Ele sorriu.

*

Havíamos ido ao Queens por causa de um show. Eu sabia cantar todas as músicas. Ele não conhecia o cantor direito, apesar de ter dito que a ex-namorada também gostava dele.

Durante uma das músicas mais bonitas, ele apertou a minha mão. Era o último show que assistiríamos antes do festival. Nos beijamos. Aquele beijo também foi diferente. Através dele, senti que ele dizia: “Como é bom ainda te ter aqui.”

204 Algumas músicas depois, o show acabou. A arquibancada super lotada se esvaziava aos poucos. No meio de uma conversa, endireitei minha coluna, empoderei minha voz e falei:

“Vou sentir a sua falta.”

“Ah!” Ele sorriu, satisfeito.

Para ele, todas as pessoas são meros coadjuvantes, incluindo a mim. Ele está em primeiro lugar.

Isso não está errado, mas pode ser que esteja, sim.

Talvez eu que esteja errada por querer aceitar.

205



SOZINHO

Acordamos tarde e cansados, mas já estava combinado que era dia de ir a Coney Island. Meu melhor amigo nos acordou.

“O pessoal vai sair em quinze minutos; se aprontem.”

Levantei, mas ele continuou deitado. Murmurou:

“Vou encontrar vocês depois.”

Ele queria mais tempo para se organizar. Eu também resolvi ir um pouco mais tarde – eu precisava fazer algumas coisas, mas tinha principalmente que me certificar de que ele não iria desistir.

Ele, como sempre, vivia sua realidade particular em que os dias duram mais que vinte e quatro horas. Fiz o maior número de coisas irrelevantes que consegui inventar para dar tempo a ele, mas quando entrei no quarto vi que ele ainda não havia comido metade do café da manhã. Todo mundo já havia chegado no parque de diversões de Coney Island e eu ainda estava em casa esperando por ele.

Ele passou a manhã toda imitando o Caetano Veloso naquele vídeo em que o cantor xinga seu entrevistador. Estava insuportável

desde que acordou. Quando comentei que estava demorando, ele não saiu do personagem.

“Eu estou aqui indo no meu tempo; não pedi pra você me esperar.” Ele imitou a voz do Caetano: “Você não sabe ir sozinha? *Você é burra?*” E ele riu.

Levantei. Ele tentou me fazer ficar, mas afastei suas mãos e fui na direção da cozinha.

“Você vai embora mesmo?”

Bati a porta.

*

208

Cheguei no metrô ao mesmo tempo em que recebi uma mensagem no celular. Era ele, me chamando de infantil. Falei que ele precisava aprender a zelar pelas pessoas próximas a ele. Ele disse que sou mimada, que saí fazendo cena e que era óbvio que ele não estava falando sério.

Perguntei se era um esforço tão grande parar de falar coisas que eu não gosto ou seguir o horário combinado, e disse que ele não deveria falar de maturidade comigo porque ele próprio não era exemplo algum.

Ele disse:

“Ok, então não falo mais porcarias nenhuma. E também não vou mais.”

“Eu sabia. Tô acostumada a não contar com você.”

Se eu fosse como ele e priorizasse a minha vontade, eu teria encontrado os meus amigos a tempo de ficar na praia com eles e não teria comprado uma briga.

Faltam oito dias para eu ir embora. Não vou ter a oportunidade de voltar lá e dizer que mergulhei no mar de Coney Island, e isso se dá por dois motivos: não me respeitei e fui mimada.

Ele foi quem sempre é, eu fui quem sempre sou. Eu pedi desculpas, ele respondeu que não havia se ofendido.

“Você fez o que fez, eu fiz o que fiz.”

A culpa foi minha desde o começo. Se eu tivesse sido egoísta como ele e priorizado as minhas vontades, eu teria evitado uma discussão e meu dia teria sido feliz.

Quando paro pra pensar, percebo que ele está certo. Dou chique porque ele não age como eu quero. Sou orgulhosa e me frustro por perceber que

preciso mudar.

Estou extremamente iludida.

209

*Depois de voltar de Coney Island, trocamos
algumas palavras, tomei banho e saí de novo.*

Quando cheguei, eram cinco da manhã e ele ainda estava acordado.

“Estou sem sono”, ele disse, deitado na cama e com o rosto iluminado pelo laptop. Seria a insônia uma consequência do peso na consciência?

210 Ele se encostou na parede e me deixou um espaço para dormir ao lado dele. Hesitei, mas deitei. Ficamos de mãos dadas. Eventualmente, nos abraçamos e nos beijamos.

No dia seguinte, tudo estava normal. Passou.

Na rua, meu melhor amigo amigo falou:

“Mas hoje você vai dormir com ele? Desse jeito, ele sai por cima! Fica com a minha cama, eu durmo no subsolo”.

Não aceitei. Eu não queria *ganhar*, eu não me importava.

Uma amiga disse: “Acho que o problema é que vocês nunca se dão tempo pra pensar num assunto, sabe? Vocês brigam e rapidinho já ficam de bem.” Então, seria por isso que ele não aprende nada.

Não vejo problema algum em e ser a primeira a pedir desculpas, mas se desculpar pelo motivo errado é um fardo que tenho que carregar.

211

“Já estou com saudades, como faz?”

Eu não sabia bem do que ele estava falando. Seu estágio já começou e suas irmãs estão para chegar de viagem. Passarei a vê-lo com menor frequência.

Beijei sua bochecha.

“Não vá, fique,” ele falou.

“Não posso.”

“Fique.”

“Não posso.”

Ele disse que deixou de sentir dores por dormirmos junto na cama de

solteiro. “Estou até gostando.” Nos enroscamos e logo em seguida caímos no sono.

De manhã, ainda na cama, ele perguntou com a vozinha meiga e sonolenta de um recém-desperto:

“Vamos nos ver no futuro?”

O assunto veio quando comentei do World Trade Center. Na tarde anterior, uma quarta-feira, eu havia ido sozinha ao novo observatório e visto a cidade toda do centésimo segundo andar. Foi estranho

pensar que na segunda eu deixaria tudo aquilo. “Foi uma despedida”, falei. “A cidade nunca vai te deixar,” ele rebateu, “isso tudo sempre vai fazer parte de você.”

Sobre nos vermos no futuro, perguntei:

“Na Califórnia ou depois?”

“Depois... Na vida.”

“A gente vê.”

Ele resmungou.

Respondi:

“Você que me ensinou a ser assim, a pensar no agora e não se preocupar com o amanhã...”

“E você me ensinou a pensar no futuro.”

“Viu como as coisas são? A gente só começa a dar valor quando elas estão prestes a acabar.”

Ele encenou um choro dramático que me incomodou.

“Para com isso!”

Ele parou. “Me abraça.”

Eu e ele passamos vários minutos abraçados na beira da cama com os pés para fora da janela.

Depois de bastante tempo, iria chover. O céu estava escuro, as nuvens voavam rápido e as poucas árvores que haviam entre os prédios balançavam, frenéticas.

Ele observava a vista.

“Em que você tá pensando?” Perguntei

215

“Nas coisas que aconteceram nesse ano que se passou.”

“Conte-me mais.”

“Eu aprendi muitas coisas.”

“Você aprendeu algo comigo?”

“Sim. Muito.”

Depois de um momento de silêncio, ele continuou:

“Acho que tudo o que você me ensinou pode ser resumido em três palavras.” Ele parou para contar os dedos. “Não; em quatro,” e enumerou cada palavra conforme falava: “Eu sou um tolo.”

Eu ri. “Você é, mesmo.”

“Eu nem usava essa palavra. Você que me ensinou.”

“Tolinho”, sussurrei em deboche.

Ele confessou o quanto estava melancólico. “Volta e meia me pego pensando: ‘Pô, ela vai embora’.”

“Mas as suas irmãs estão aqui, fique feliz.”

“Eu estou feliz, mas sempre lembro que essa felicidade vai acabar! Por que você vai embora pra Califórnia? Fique. Você nem queria ir.”

“Porque o melhor estágio que eu consegui é por lá.”

“Mas você nem procurou direito por um aqui!”

“Pois se você tivesse conseguido um por lá, iria sem nem piscar!”

“Mentira!”

216 “Eu me lembro do que você falou! Você disse que não se importava em me abandonar.”

Ele franziu um pouco a testa e fez cara de arrependido. “Querida, depois de um ano juntos...”

“Nove meses.”

“...um ano juntos, você deveria saber que eu falo essas coisas pra me blindar.”

“Não tenho como saber.”

“Tem, sim...” Ele acariciou o meu rosto.

“Não foi tempo suficiente pra aprender”.

Nos olhamos por um tempo. Suas sobrancelhas tristes, seus olhos fixos nos meus, sua boca. Senti um certo desespero emanar

dele, mas pode ter sido coisa da minha cabeça.

Eu estava estranhamente tranquila. Acho que ainda não caiu a ficha de que está realmente chegando ao fim.

“Eu não queria que acabasse.” Ele disse que pensava que seria fácil. “Se fosse com qualquer outra, eu diria ‘tchau, vá, nem ligo’. Estou decepcionado comigo mesmo.” Ri, mas ele reclamou. “Você está rindo do meu sofrimento.”

Eu não sabia muito bem o que fazer ou dizer.

Nos beijamos e nos apertamos um contra o outro. Eu queria senti-lo perto de mim, cada vez mais. Queria o seu cabelo, seus braços, suas costas. Vê-lo sem camisa e com o olhar perdido, de cabelo preso pra que as mechas não atrapalhassem sua visão, me afetavam de um jeito perigoso.

Deitamos.

“Eu lhe adoro muito.” *Queria que ele dissesse que me ama.*

“Eu sou doida por você.”

Ele me apertou. “Mesmo?”

“Sim.”

Ele acariciou os meus pés com os dele. “Você vai continuar pensando em mim?”

“Sim,” falei por entre suspiros.

“Promete?”

Eu não disse nada.

“Hein?”

“Eu não posso ficar vivendo no passado.”

“Como assim?” Ele perguntou num intervalo entre beijos no meu pescoço.

“Você precisa se manter presente.”

“Como?”

“Não sei.” A gente se beijava. “Você precisa me ajudar.”

“Como você quer?”

Eu não disse nada. Eu não sabia. Eu não sabia o que fazer.

Depois de nos vestimos, ele falou:

“Eu lhe adoro.”

218

“Eu também.”

“Pra que time você torce?”

“Grêmio.” Ele me fez jurar que torceria para o time dele, já que eu não torcia para nenhum.

Ele sorriu. “E você vai continuar pensando em mim quanto estiver com outros?”

“Não!”

“Vai, sim!”

“Você vai?”

“Vou.” Ele me beijou.

“Por quê?”

Ele respondeu entre beijinhos rápidos:

“Porque

você

é

especial

e

eu

não

quero

esquecer.”

*

Ele levantou cedo. Ele vai viajar para uma praia próxima com as irmãs e só volta no dia seguinte. Como eu havia pedido, ele me acordou para se despedir. Após um beijo, ele falou:

219

“Aproveita hoje. Mas se comporte!”

Meu rosto se contorceu involuntariamente.

“Que cara foi essa?! Em que você pensou?”

“Você me deu umas ideias.”

Depois que ele foi, voltei a dormir. Eu teria mais algumas horas antes de ter que me levantar e me arrumar para o festival.



A BROKEN HEART IS BLIND

Eu pensei que não fosse chorar, mas foi uma despedida bruta. Deixei a cidade, deixei todo mundo. Foram meses de choro contido.

Ele apareceu de surpresa no fim do segundo dia do evento. Na volta à Manhattan, ficamos no fundo da balsa assistindo o rastro que ela deixava na água escura. Os pequenos pontos de luz agrupados no horizonte se duplicavam no rio.

Ele falou:

“Hoje, decidi que quero te manter na minha vida.”

“E como você pretende fazer isso?”

“Não sei ainda, mas já decidi e vou me esforçar pra conseguir.”

O vento soprava nossos cabelos, o meu solto e o dele amarrado; lá no fundo, árvores e prédios se moviam em sentido contrário ao nosso.

Juntei as mãos e o enquadrei com os dedos.

“Estou tirando uma foto mental desse momento.” Imitei o gesto que ele já tinha feito noutra vez, enquanto tirava uma foto mental de mim.

“Também vou tirar,” e fez o mesmo.

No terceiro dia de festival, durante a volta para casa, montamos uma lista de coisas que precisávamos fazer depois que chegássemos em casa: tomar banho, trocar fotos que temos um do outro, escrever mensagens e deitar.

No apartamento, a cozinha estava sendo tumultuada por amigos que queriam se despedir. Eu anunciei que iria para o banho e as brincadeiras começaram. Falaram que ele deveria se juntar a mim. Todo mundo riu, inclusive ele, que não levou a sugestão à sério. Juntei todas as coisas que precisava levar para o banheiro, cutuquei-o e disse: “Ó, é a sua última chance.”

224 Dei as costas a todos e, enquanto encostava a porta, ouvi-o levantar da cadeira e gritar: “Espera, querida!”

Alternávamos o posto sob o chuveiro quase como numa coreografia. Ele sente muito frio se não ficar debaixo da água, assim como eu. Trocávamos longos olhares enquanto a água morna escorria sobre nós.

“Eu te olho e me dá raiva.”

“Por quê?!” Minha pergunta foi uma mistura entre indignação e curiosidade.

“Porque, por mais que eu tente, nunca consigo ter o suficiente de você... Por mais que eu te beije e segure, nunca é suficiente.”

Suas mãos deslizavam facilmente pelos meus braços por cau-

sa dos produtos que cobriam minha pele. Ele pressionou o peito contra as minhas costas.

“Eu poderia ficar aqui pra sempre.”

“Estamos gastando toda a água do mundo.”

“I couldn’t care less.”

A água escorria mais.

“Eu gosto mesmo de você. Você é especial. Eu nunca senti isso por ninguém...”

...E sobre ter me mantido tão distante... Eu me arrependi.”

Depois do banho, me organizei para viajar. Já devia ter passado das duas da manhã e eu sabia que não dormiria mais. Eu precisava guardar mais algumas coisas na mala e elas não estavam cabendo. Eu estava estressada, nervosa e desesperada.

225

Quando ele saiu do quarto, eu estavailhada na cozinha, bem no centro de toda a minha bagunça. Eu havia deixado um cartão postal em cima da mesa dele mais cedo para que ele escrevesse uma mensagem para mim. A mensagem estava pronta, então ele driblou as minhas malas e escondeu o postal na minha bolsa.

Ele falou:

“Você precisa me dar alguma coisa que me faça lembrar de você. Tem que ser algo que te faça falta, algo que te faça pensar ‘nossa, eu não tenho mais isso.’”

Dias antes, ele havia me presenteado com um casaco cinza surrado que quase doei para a Salvation Army para evitar viajar carregando peso demais. Em troca, resolvi entregar minha camiseta de banda que ele me vira usar milhões de vezes.

226 Comprei aquela camiseta no primeiro show a que fui nos Estados Unidos. Fui até o Brooklyn com meu melhor amigo e o australiano. Lá, atravessamos uma ponte cheia de pessoas mal-encaradas e andamos muito até chegar no pub em que a Crobot iria se apresentar. Naquele mesmo dia, eu havia ido a uma loja de fotografia com uma amiga e, depois que ela pagou o que queria, peguei uma balinha daquelas que eles deixam no balcão. A marca era Tri Bala. Tri, co-

mo a giria que ele falava algumas vezes. Antes de sair para o show, precisei passar no apartamento dos meninos para checar nossas identidades falsas – que nem tivemos que usar. Quando cheguei no nono andar e as portas do elevador se abriram, deparei-me com ele. Tirei a Tri Bala da bolsa. “Tenho um presente pra você.” Ele aceitou a balinha e, quando a examinou, abriu um sorriso do tamanho do mundo.

Ele adorou a escolha. “Ela é muito você”.

Nos abraçamos em frente ao fogão. Ele beijou minhas bochechas e testa. “Vou sentir muito a sua falta.”

“Também vou sentir.”

Ele ofereceu o dedo mínimo para que eu jurasse.

Abracei-o com mais força. Seu cabelo roçou o meu rosto e não consegui resistir. As lágrimas simplesmente escorreram.

“Você tá chorando?”

Solucei. Tirei os óculos e cruzei os braços enquanto evitava olhá-lo. Eu estava envergonhada.

“Não,” ele se reaproximou, “não sai do meu abraço”.

Lembrei de uma vez em que ele me observava andar de calcinha com a mesma camiseta. Todas as outras meninas já

“Querida, eu lhe idealizo, você sabe. Você é a minha deusa.”

227 Fulminei-o com o olhar, mas comecei a mudar, então estávamos mais por dentro.

sozinhos no meu apartamento. “A primeira coisa da qual eu vou sentir mais falta é o seu sorriso. Depois, só quer saber do meu corpo, né!”

“Não acredito que você já vai embora.” tir mais falta é o seu sorriso. Depois, das suas curvas.”

Voltei a segurá-lo com vontade. Foi a primeira vez em que eu desejei não ter que ir embora.

“Você não tem ideia do quanto eu gosto de você.”

“Eu tenho...” Ele acariciava o meu pescoço enquanto encostava a testa na minha. “Tenho, sim.”

“Metido.”

O som da sua risada cortou o meu coração.

Ele chegou a sugerir: reticências. É o que sempre fomos um
“O que você acha da gente fazer tatu- do outro... e, por alguns instantes, não
agens em homenagem ao outro?” achei a ideia tão absurda assim. Seria
“Você tá louco? Não!” como pintas.
“Por favooooor!” Ele fez beicinho. Perguntei: “Ela seria o que, três
“Mas é claro que não!” pontinhos?”
Cheguei a olhar para o meu corpo “Sim! Ótima ideia. Vamos? Sim?”
e me imaginar com uma tatuagem de “Não!”

228

“Posso dormir?”

Ele não havia dormido direito naquela semana, então não me opus. Ele pediu para acordá-lo quando eu fosse descer.

Nos abraçamos mais. Ele me deu vários beijinhos rápidos.

“Agora, o último beijo”.

“O último?”

“O último por agora.”

Ele entrou no quarto e encostou a porta.

*

Acordei os meninos às cinco da manhã. Duas amigas haviam batido na porta pouco antes disso para se despedirem. Todos

eles me ajudaram a descer com as minhas coisas.

O shuttle chegou com meia hora de atraso.

De dentro da van, vi meus amigos se posicionarem lado a lado na frente do prédio e acenarem enquanto me viam partir, como se eu estivesse deixando um orfanato.

Para não incomodar os passageiros que dormiam ao meu redor, chorei silenciosamente.

229



Los Angeles

Como diria minha avó, cheguei em Los Angeles
com o coração inchado.

*Antes de ir, enquanto ele dormia, deixei duas
cartas em cima da sua mesa.*

A primeira delas era, na verdade, o verso de um cartão postal. O texto estava pronto havia um tempo e a minha mão coçava na espera de escrevê-lo. Porém, depois de ver tudo aquilo na minha letra, achei a mensagem um tanto fria. Não quis que aqueles fossem meus últimos dizeres, então, rapidamente, encontrei um caderno pautado em uma das minhas bagagens, arranquei uma página e escrevi tudo o que eu achava que faltava ser dito.

237

Antes de embarcar, mandei uma mensagem dizendo que já tinha lido a mensagem dele, mas ele respondeu que ainda não tinha lido as minhas. Contudo, ele havia visto a frase na parte da frente do postal. Era uma frase que ele ouviu num filme e me contou numa das milhares vezes em que andamos de volta ao nosso prédio: *Life is being in bed with you. Everything else is just waiting.*

“Pensei em escrever a mesma coisa. Engraçada, a nossa conexão.”

Foi no final de uma folha de caderno porcamente arrancada que eu, covardemente, disse que o amava.



Ele se desculpou muitas vezes durante minha última semana. Poucos dias antes da minha partida, ele perguntou:

“Tem algo que você gostaria de me dizer antes de ir?”

Instantaneamente, pensei em dizer que o amava, mas, ao invés disso, despejei todas as coisas que me incomodavam. Falei que ele me fazia sentir estúpida por ser sensível, que considerei terminar por pensar que ele não me dava o que eu precisava e que eu me confortava pensando *não tem problema, não é pra durar*.

238 Ele estava com muito sono naquela hora e parecia não prestar atenção. Perguntei se ele me ouvira e ele respondeu que sim. No dia seguinte, ele disse que eu fui má.

Sinto que nunca descobri quem ele é. Não consigo distinguir o que era sincero e o que era mascarado.

“Querida,
a verdade é o que lhe agrada.”

239

Ele perguntou como foi a viagem, quais foram minhas primeiras impressões sobre a cidade, como era o meu apartamento, como meus pais estavam.

“Você quer que eu mande foto de tudo?”

“Sim. Mande muitas, muitas fotos.”

No segundo dia, recebi uma mensagem logo de manhã.

“Bom dia, lindinha.”

De noite, ele demorou a se manifestar. Então, fui dormir.

Quando acordei, vi que ele havia mandado mensagem pouco depois de eu me deitar. Depois que respondi, ele reclamou: “Um dia depois...”

À tarde, desliguei o celular para resistir à tentação de olhá-lo o tempo todo.

De noite, ele não me respondeu.

No dia seguinte, mandei:

“Sumiu pra sempre?”

“Desculpe”, ele disse, “mas é você que demora muito pra me dar moral.”

Queria ficar no pé dele e mandar mensagem toda vez que sentir vontade, mas uma insegurança vive me beliscando.

É difícil criar coragem para demonstrar afeto por uma pessoa que já expôs que esse não é o caminho para conquistá-la.

Eu mantenho o costume de orar.

Mesmo não sendo adepta a uma religião específica, mantenho desde pequena o hábito de fazer o sinal da cruz todas as noites e conversar com o além.

242 Tem coisas que eu sempre repito, como pedir saúde para a minha família e para nossos bichos de estimação. Sempre peço força para que eu consiga correr atrás dos meus objetivos. Tem algo que eu acabo repetindo eventualmente: peço para que aconteça o melhor para mim. Muitas vezes, preferi ser mais abrangente ao invés de fazer um pedido específico, como quando aguardava o resultado da universidade na qual eu iria estudar no intercâmbio, por exemplo. Eu evitava concentrar as minhas expectativas em morar em Nova York, torcendo para que eu fosse para o lugar que pudesse me trazer mais felicidade. Desse jeito, minha ansiedade estaria de mãos atadas.

Hoje, eu deveria pedir para que o melhor aconteça entre eu e ele, mesmo que seja a nossa separação. Só que eu quero que o melhor *seja ele*. Hoje, pedi para que ele não me esqueça.

“Tem tanta coisa que eu queria que você roubasse, mas não dá pra manifestar por aqui...”

Sua influência sobre mim foi maior do que você imagina. Peço desculpas por ter sido um falo um tempo todo.

Tenha fé na vida e no universo”

“Boa sorte hoje, darling.”

Fui contratada por uma grife famosa que tem milhares de lojas pelo mundo. Os prédios da sede são lindos, todos os funcionários são educados e agradáveis. O trabalho em si parece divertido e envolve muito do que eu gosto de fazer. Sinto-me muito sortuda.

Algumas horas depois do meu primeiro dia ter começado, ele perguntou como as coisas estavam indo.

“Estou muito animado por você!,” ele disse. “Use e abuse de tudo o que tem aí. Menos dos homens.”

“Ué, você pode usar as high schoolers e eu não posso usar os homens?!”

“Sim, ué.”

“Que absurdo!”

“Não vejo necessidade, ok?”

“Tem que haver reciprocidade, jovenzinho.”

“Nananinanão. Você está falando bobagens,” e mudou rapidamente de assunto.

O mais próximo que havíamos chegado do tópico exclusivida-

de nos últimos dias foi quando ele perguntou “Você é minha?” e, depois de muito custo, eu disse que sim. Não sei o que ele quer dizer com essas brincadeiras. Pode ser apenas maneira de falar.

Estamos livres para fazer o que bem entendermos, mas não consigo conceber a ideia de ficar com alguém sem ter que sacrificar o que eu sinto por ele. Eu não quero gostar menos dele.



À noite, eu descansava no sofá-cama do meu apartamento. Meus pais passariam o meu primeiro mês junto comigo e usavam a cama.

246

Recebi uma mensagem dele.

“Eu li a sua carta,” ele disse. “Levei um susto.”

“Uma bomba, não é?” Digitei, arrepiada. Eu gostaria de conseguir lembrar tudo o que escrevi naquela carta.

“Você é uma bomba.

Responderei à altura nos próximos dias.”

Eu queria me certificar da data do aniversário dele. Primeiro, ele disse que era em julho, depois disse que era em junho. Qual era o mês, afinal? Eu precisava saber para poder mandar um presente no dia certo.

Ele passou dias desviando do assunto. “Não há necessidade; é um dia como outro qualquer.”

“Se você me responder, eu mando nudes.”

Prontamente, ele disse a hora, a cidade e até o hospital em que nasceu.

“Quando você vai mandar?,” perguntou.

“No seu aniversário.”

Isso me coloca numa posição estranha. Quem é essa pessoa com quem estou conversando? O que ela significa para mim?

Ele me pedia para mandar nudes depois que eu fosse embora.

“Não vou mandar. Você pode ver fotos de qualquer uma na internet.”

“Aaaaah, como se fosse a mesma coisa.”

Vejo mulheres bonitas na rua e penso

no que ele anda fazendo como um cara solteiro, mas tento me confortar pensando que nenhuma delas é como eu.

247

“Você sente a minha falta?”

248

“Sim, muita. Estou com saudade de dormir contigo. Quando eu estava começando a gostar mais, você foi embora.”

Penso nas coisas que não fizemos juntos e nas que ainda podemos fazer.

Eu tenho remoído muitas coisas. Sei que não deveria fazer isso, mas é a maneira que encontrei de refazer diálogos e finalmente sair vencedora.

249

“A gente se gosta.
250 A gente tá longe.
A gente se fala.
Isso não é suficiente?”

RAINBOWS AND BUTTERFLIES

Tudo o que ele falou perto da minha partida me fez pensar que ele se forçava a ser distante para se proteger do sofrimento. Pensei que, na verdade, ele era mais parecido comigo do que eu imaginava, mas devo ter misturado as coisas.

Quando começamos a nos envolver, ele dizia que não queria nada sério, mas, depois, me chamou de namorada diversas vezes. Na minha cabeça, eu passei a me perguntar: compromisso precisa de nome? Por isso, quis saber o que eu era para ele.

“Eu gosto de você. Ponto. Sem valores agregados. No strings attached. Você quer que eu diga que não vou ficar com ninguém? Não vou falar. Eu não te devo nada e você não me deve nada, isso que torna tão legal o que a gente tem.”

Ele manipula as palavras como lhe convém.

Ele não quer sentir que precisa ceder por estar num relacionamento, afinal, nunca tivemos um de verdade.

251



ANGELS

Eu adorava pedir para a minha mãe contar sobre a época em que conheceu o meu pai.

Eles se encontraram pela primeira vez numa festa em que ela foi sem ser convidada. Depois disso, demorou um ano para que meu pai finalmente convidasse a minha mãe para sair. Ela conta que ele era magrelo e espinhudo, mas ela não ligava. Ela gostava dele; ele a tratava bem.

Minha mãe sempre quis se casar com um homem de olhos azuis como os do meu pai. Pode parecer superficial, mas acredito que signifique mais do que isso. Talvez tenha sido uma coisa que ela sempre pressentiu, como uma certeza inexplicável. Ela *sempre soube* que o seu marido teria olhos azuis.

Eu costumava ter um pensamento engraçado quando pensava no tal homem dos meus sonhos: imaginava-o segurando a minha mão e me girando no meu próprio eixo, como em um fragmento de valsa. Sempre que eu sonhava com o futuro, surgia na minha cabeça essa cena disfarçada de premonição.

No começo do relacionamento com ele, certa vez, ficamos sozinhos no seu apartamento numa noite tranquila. Estávamos de pé, encostados no armário, não me lembro do motivo e nem do que fazíamos antes. As luzes estaam apagadas.

Então, completamente fora de contexto, ele segurou a minha mão e me girou lentamente numa pirueta.

Ao invés de olhos azuis, meu homem teria cabelo comprido e me tiraria para dançar.



254 Ele disse que me manteria na vida dele,mas não me contento apenas com alguns bom-dias.

Nos falamos pouco, mas passo grande parte do dia pensando nele. Sempre que acontece alguma coisa de interessante, logo pego o celular para contar a ele, mas acabo desistindo. Tentei me concentrar apenas no trabalho.

Faço questão de dar atenção nas poucas vezes em que ele fala comigo, mas ele sempre demora séculos para me responder. Isso me deixa aflita. Pergunto-me do quão errado isso é e do porquê de eu estar assim. Ele me desperta esses sentimentos intensos, sempre foi assim; sentimentos tanto bons quanto ruins.

Lembrei-me daquilo que li uma vez sobre almas gêmeas que se

re encontram. Questionei se ele não poderia ser a mesma personalidade misteriosa que me faz girar em meus pensamentos. Se ele realmente fosse, as coisas não deveriam ser mais fáceis?

Pesquisei sobre o assunto na internet. Encontrei milhões de quizzes bobos do tipo “Faça o teste pra saber se você encontrou a sua alma-gêmea” até me deparar com coisas realmente interessantes. Li que, quando você encontra a sua alma gêmea, você percebe. Coincidências e momentos especiais acontecem, sentem-se emoções fortes. Contudo, também li que nem tudo são flores, pois, às vezes, sua alma gêmea pode ser a pessoa que vai ensinar a lições mais difíceis que você precisará que encarar durante a vida.

Talvez eu esteja apenas tentando encontrar uma maneira de me convencer de que tudo o que passei com ele não foi tempo perdido e que não sofro por auto-sabotagem, mas por destino.

255

Não tem como saber o que se passa na cabeça de ninguém. Não importa o tanto que alguém diz gostar de você, são apenas palavras. Infelizmente, muitas vezes, recebemos sinceridade no lugar de honestidade.

256

Eu tento ser perfeita. Faço esforço e até me sacrifico para não desapontá-lo, enquanto ele se dá o luxo de dizer tudo o que quer.

Ele diz que eu tenho que fazer o que me agrada, sem pensar nele, mas tenho medo de desagradá-lo. Não quero dar motivos para ele se vingar.

Ele fica arredio quando interpreta certas coisas que eu digo como uma tentativa de limitar sua preciosa liberdade. Porém, depois que eu contei que ia para o aniversário de um cara que eu conheci outro dia, ele perguntou:

“Vai dormir onde? Na casa do seu novo amigo?”

“Isso é sério?”

“Fica aí a dúvida.”

Agora que eu fui embora, ele sempre sai com nossos amigos e às vezes manda mensagens depois que bebe. Se eu confessasse o meu ciúme, seria tachada de possessiva.

Não é bonitinho ficar se fazendo de difícil, não. Isso não me faz amá-lo mais. Isso me deixa miserável.

257

PLUSH

Quando eu tinha doze anos, eu era muito próxima de duas das minhas colegas de classe. Éramos melhores amigas e compúnhamos um trio, o *trio das estressadas* – nossas personalidades fortes eram um tanto mal compreendidas pelos outros colegas.

258 O mapeamento da sala forçava todos a sentar sempre nos mesmos lugares. O menino que sentava atrás de mim tinha fama de ser pegador; eu não gostava muito dele. Eu soube que tal menino tinha feito uma aposta com seus amigos: até o final do ano, ele ficaria com uma das *estressadas*. Com o tempo, percebi que eu havia sido a escolhida.

Estávamos na sexta série, era época de MSN. Todos usávamos *nicks personalizados* e sabíamos os e-mails dos nossos amiguinhos do colégio. O menino pegador era meu amigo no MSN. Não me lembro de como a conversa começou, mas, um dia, chegamos no assunto da aposta. Eu disse que havia ouvido boatos de que ele queria ficar comigo. Ele ficou de conversinha e, depois, lembrou-me muito bem de perguntá-lo: “Mas você realmente quer?”

Ele disse que sim. Ele quis saber se eu queria também.

Eu disse que não.

Eu não tinha gostado da história de aposta desde o começo, então havia combinado com as minhas duas amigas de que iria descobrir a verdade. Conteí sobre a conversa para elas e elas me acharam má. “Nossa, você pegou pesado.”

Na época, eu não havia achado nada de mais. Hoje, vejo que eu não precisava ter feito aquilo. Eu fiz com que ele admitisse algo só para dizer que não queria. Apesar da fama de pegador, ele ficou desconfortável com a situação.

Eu nunca fui do tipo de menina que ficava com muita gente. Na verdade, eu não ficava com ninguém; só beijei com quinze anos e emendei um namoro de cinco anos. Nessa fase escolar, ganha-se reputação quando alguém fica com uma pessoa difícil e eu era uma dessas pessoas. Apesar de ser teoricamente acostumado a lidar com esses assuntos, senti que admitir não foi fácil para o menino. Talvez ele até gostasse de mim, não sei. Eu não precisava tê-lo feito falar nada.



Depois de eu ter ido me mudado para a Califórnia, houve uma noite em que ele me mandava mensagens enquanto bebia com

seus colegas de apartamento e eu, paralelamente, passeava em San Francisco. Ele insistia para que eu mandasse fotos reveladoras e eu dizia que não o faria. Ele digitava gracinhas que me faziam rir em voz alta.

“Lhe adoro, mas odeio lhe adorar,” falei no seu dialeto.

“Não, você ama. Você disse antes, por que agora só adora?”

Foi a primeira vez em que ele falou claramente sobre algo que estava na minha carta.

“Não,” respondi.

“Ok.

Ok.

260 Ok”.

Eu tentei mudar de assunto e mandei fotos de coisas que eu via enquanto andava por Fisherman’s Wharf. “Um presente pra você”, digitei junto a uma imagem de um pão no formato de urso.

“Não.”

“Como você é difícil”.

“Sim. Você escreve coisas e depois diz outras. Assim não dá!”

“Ora, mas o que temos aqui?” Ele estava se fazendo de espartinho, usando contra mim as coisas que disse a ele no passado.

“Assim não dá, mesmo! O que temos aqui são mentiras, aparentemente.”

“Da sua parte.”

“Não, da sua.”

“Você diz isso pra se sentir melhor por saber que é um homem malvado que brinca com o coração de uma pobre donzela.”

“Olha o que você tá falando, pelo amor de Jesusa Crista! Quem aqui disse que amava e depois diz que só adora?!”

“Ninguém. Não sei do que você tá falando.”

“Eu tenho provas escritas. Você nunca poderá negar isso.”

“Eu estava fora de mim.”

“Sim, sob o poder do amor.”

“Desconheço tal poder.”

“Não. Pare. Assim vou desacreditar na sua carta.”

“Quando você vai me responder?”

“Já está respondida, mas você não tem acesso à resposta.”

“Cadê o acesso?”

“Acesso não tem, já que negou o amor. Ou seja, vi que era mentira. Que falou por falar.”

“Não faça isso, que coisa feia.”

“Não se faz isso, mesmo. Que coisa feia!”

“Você é mau.”

“Não fui eu que neguei amor”.

“Você me quer nua, exposta, vulnerável enquanto você se blinda.”

”N.”

“S.”

261

“Você só quer falar depois de ouvir. Não quer ser verdadeira consigo mesma.” O que não faz sentido, pois eu que me abri primeiro, através da minha carta.

“Pelo menos eu não fico falando coisas confusas e sem sentido. Eu complico mas falo a verdade, ok?”

“Não. Cadê você gritando que me ama em caps lock?”

Cadê ele dizendo que me ama de volta?

*

Depois do drama, ele disse que estava bêbado e que ficava louco ao se lembrar mim. Reclamei que ele não bebia enquanto eu estava lá. Agora, não adiantava mais, pois ele não poderia concretizar seus desejos comigo.

262

Ele disse que voltou a beber porque a sua realidade não está boa. “Você havia acabado com a minha necessidade de bebida, ok?”

Também reclamei por ele ter deixado o bigode crescer só por agora. Enquanto eu ainda estava em Nova York, ele comentava sobre essa vontade e eu ficava curiosíssima para ver como ela ficaria, mas ele desistiu. Duas semanas depois de eu ir embora, ele raspou a barba e deixou o bigode. “Faço essas coisas quando fico entediado. Quando você estava aqui, eu não ficava entediado”.

Ele disse que queria me usar e ser usado. Eu também queria.

“Você pensa muito em mim?”

“Penso. Bastante. Não sei se isso é bom.

Dá vontade de comprar passagem e ir praí agora.”

“Compra. Vem.” Meu coração acelerou.

“Se eu comprar, não vou ter dinheiro pra roadtrip... mas amanhã vou até fazer as contas”.

Continuamos a conversa de um jeito bom, dividindo as vontades que sentíamos um do outro.

“Agora que tô bêbado a falta que você faz vem maiooooor! Chego a me sentir idiota.”

Fiquei aliviada em saber que não sou a única a se sentir assim.

Mandei fotos provocadoras.

“Ahhhhhhhh!, o que eu faço?”

“Me ame.”

263

“O que você vai fazer se eu admitir?”

“Nada. Não vou comprar isso. Você tem que falar porque sente.”

“Então não quero dizer nessas circunstâncias, não quero que você ache que eu quero que você faça algo.”

No final da conversa, antes de dormir, ele disse:

“Me ame.”

“Te amo.”

“Nossa, bateu até um negócio aqui!”

“E você?!”

“Prefiro dizer quando estiver sóbrio.”

Chegou o último fim de semana dos meus pais aqui comigo. Na segunda, eles voltam para o Brasil.

Vou ficar sozinha. Aqui não é NY, não posso ficar andando sozinha na rua. Meu ponto em Koreatown não é muito seguro. Preciso chamar o uber até para ir à farmácia e eu odeio ficar depender dos outros para me transportar. Meus pais vivem ressaltando que, além de ser mulher, sou estrangeira e não passo despercebida por aqui.

Estou um pouco temerosa. Dessa vez, não estou próxima de amigos que possam me ajudar caso eu fique doente.

Meus amigos foram a uma praia mais afastada e ele foi junto. Queria ter ido com eles. Eu não arrumei substitutos instantaneamente só porque estou longe.

Ele me mandou uma foto dele com um amigo e meu coração doeu de saudade. Ele estava bonito com aquele bigode idiota. Mandei uma foto minha antes de ir para o banho, eu ainda estava de brinco e maquiagem. Ele respondeu:

“Aonde você vai assim toda arrumada?”

Eu gostaria de ter recebido um elogio que me alegrasse nessa época delicada.

“Cadê o elogio?”

“Nossa, que insegurança é essa?”

Qual o problema em me mimar?

Às vezes acho que ele me quer na vida dele só para ter alguém dizendo que o ama mesmo sem que ele diga o mesmo.

Que ele seja livre. Que beije quem quiser. Que faça o que tiver vontade, mas que tenha a decência de não se fingir de desentendido.

Falar de insegurança é muita hipocrisia para alguém que precisa tanto da minha ajuda para ter o ego inflado.

Se minha vulnerabilidade é tão desagradável, não deveríamos mais nos falar.

Estávamos fadados ao fim desde o começo.

AFTER THE STORM

266

Com onze anos, fiz catequese. Tenho algumas lembranças pingadas sobre aquela época, como quando eu ficava sozinha nos intervalos porque não conhecia ninguém e não fazia muita questão de conhecer. Lembro também que na minha turma eu era a mais nova, pois todas as outras meninas se preparavam para a crisma enquanto eu ainda precisava da primeira comunhão.

Lembro-me de estar numa sala bem iluminada e de uma mulher morena, a catequista, falando à frente. De todas as coisas ditas por aquela mulher, teve uma frase que eu nunca esqueci:

“Se, por um instante sequer, você duvidar que acredita em Deus, você já deixou de acreditar Nele.”

Aquilo me deixou muito assustada, pois minha consciência não poderia nem chegar perto de um questionamento como aquele. A incerteza não poderia nem passar pela minha cabeça ou eu me tornaria uma descrente, uma pecadora, e iria para o inferno ficar cara a cara com o Diabo.

Conforme eu crescia, fui percebendo que me perguntar so-

bre a existência de Deus não era algo imperdoável. A partir desta premissa, apenas duas conclusões seriam possíveis: a de que Ele não existe (portanto, não acredito em Deus) ou a de que sim, Sua existência é válida (portanto, acredito em Deus). Então, ou a minha crença se desfaria ou se tornaria mais forte, principalmente porque eu chegaria a uma conclusão pelos meus próprios métodos e não estaria apenas me confortando numa regra que me foi imposta por uma reles mortal da catequese.

Às vezes eu pensava em acabar o meu relacionamento caótico de uma vez por todas e isso me aterrorizava. Duvidar do meu relacionamento prova que eu não acredito mais nele?

*

267

As coisas que a gente mais deseja são as que mais nos dão medo. Os meus maiores aprendizados vieram das experiências que mais me aterrorizaram.

O CEO da empresa em que estou estagiando criou cinco regras que devem ser seguidas pelos seus funcionários. Uma das tarefas estipuladas aos estagiários no período de adaptação foi escrever um pequeno texto explicando qual era a sua regra preferida e porquê. Eu escolhi a da Coragem.

Na vida, a gente sempre tem que ter coragem. Temos que ser corajosos para romper com os nossos costumes, para correr atrás do que queremos, para viver a vida como a gente quer e como

a gente sonha, sem se contentar com o que os outros fizeram e mostraram ser o caminho seguro. Foi a coragem de desbravar o desconhecido que faz com que pessoas cheguem a lugares que ninguém jamais imaginou.

Estou em San Francisco. Me imaginei morando aqui, depois em outro lugar e depois em outro. Eu teria um companheiro, e ele seria alguém que não teve que provar para a sociedade que me quer, nem para a Igreja nem para o Estado. Ele seria alguém que eu resolvi acompanhar às cegas, seguindo apenas o que só eu consigo sentir.

268 É preciso coragem para tomar decisões que afetem drasticamente os seus próximos dias. É preciso coragem para ser livre.

*

Uma vez, ele contou que teve um momento durante seu último namoro em que ele chorou. “Foi um momento em que eu percebi que as coisas não eram mais como antes; eu não sentia mais a mesma coisa.”

Eu tive esse momento. Foi desesperador, e eu pensei: “Ele não é nada do que eu queria.” Na verdade, isso aconteceu, há tempos, naquela vez em que eu estava na cama dele e não consegui falar o que eu sentia. Algo estava entalado na minha garganta e até tentei expelir pelos olhos, mas não consegui. Eu estava desapontada em vários níveis.

Ontem, fizemos um pacto de honestidade. Combinamos que sempre falaríamos a verdade um para o outro. Ele pediu para que eu perguntasse tudo o que eu queria saber e ele responderia sem enrolação. Fiz várias perguntas e, depois que ele dormiu, continuei pensando no que mais eu poderia perguntar no dia seguinte.

Esse pacto foi muito importante para mim porque, além de passar a ser mais honesta com ele, resolvi ser mais honesta comigo mesma.

Eu reconheci que não fui honesta com ele muitas vezes. Vivi mais para ele do que para mim. De repente, todas as minhas aflições passaram a ser tão numerosas eu nem sabia explicar como elas haviam surgido;

269

Já faz tempo que eu não estou bem. Por isso, naquele chuveiro em Nova York, decidi dar a nós dois uma última chance.

*

A trégua não durou muito. Durante o almoço, discutimos novamente. Mal sentia o gosto do macarrão que eu havia pedido. Juntando todas as minhas forças, digitei:

“Acho melhor você me esquecer.”

Foi assim que terminamos.

“Terminamos, mesmo?
Não tem mais jeito?”
“Acho que nunca teve.”

Nossos sentimentos são influenciados por interesses. Mesmo que achemos que não, *sempre* existem segundas intenções. Isso não é necessariamente uma coisa horrível. Por exemplo, uma pessoa inteligente nos interessa porque pode nos ensinar alguma coisa. Uma pessoa engraçada nos interessa porque sua companhia nos faz dar risada. Nossa mãe nos interessa porque nos ampara. Interesse nem sempre é frio e calculista; ele simplesmente acontece.

Uma vez ele perguntou em que época eu gostaria de viver caso pudesse voltar no tempo. Desconsiderando as desigualdades entre homens e mulheres, péssimas condições de saúde e etc., eu escolheria viver na Grécia antiga. Filosofia significa *amor pelo saber*. Eu sempre gostei de aprender e isso vem desde pequena, por influência dos meus pais. Já pratiquei vários esportes, aprendi vários instrumentos e estudei línguas diferentes. Já li sobre várias coisas inúteis, mas elas despertaram a minha curiosidade. No colégio, nunca gostei de pedir aos professores que esclarecessem as minhas dúvidas porque preferia ir atrás das respostas sozinha. Eu sempre quis pensar com as minhas próprias cabeça e falar com as minhas próprias palavras. Além de curiosa, eu sempre gostei de pensar. Me perco entre assuntos randômicos e me distraio com a minha própria imaginação.

Eu pensava, eu penso. encerramento de um ciclo,” ele diria.
 Mal o conheci e já comecei a pensar. Foi o período em que eu mais cresci
 Eu pensava, insistentemente. Tudo era conscientemente. Eu sempre senti que
 motivo para incerteza. ele tinha muito a me ensinar.
 Comecei a escrever para afogar as Me entristece saber que eu nunca
 minhas mágoas sem precisar ninguém. mais vou sentir algo assim.
 Essa minha mania de tentar resolver tu- Se eu pudesse me dividir em duas,
 do por conta própria... Tola. seguraria meu rosto entre as mãos e di-
 Jamais valorizei tanto as relações inter- ria: “Você fez tudo certo. Agora, é uma
 pessoais como agora. *Precisamos* de pessoas; pessoa mais forte.”
precisamos saber a hora de contar com elas. Eu me apaixonei por alguém que
 Tenho uma sensação agridoce. “É o nunca existiu, foi só isso.

*Ele disse que me ama, afinal.
 A frase que eu tanto esperi
 chegar por acaso, num cartão
 postal, alguns dias depois do
 término.*

Eu criei um relacionamento fantasioso na minha cabeça. Foi algo que só existiu pra mim. Não é que ele não tenha se apaixonado... Eu acredito que sim, mas ele não enxergava nós dois como eu.

Li textos, pesquisei na internet e prestei atenção ao que falam nos filmes, mas, na prática, é difícil distinguir o que amor quer dizer. Você sente que não estava preparado para aquela pessoa naquele momento, mas, misteriosamente, quando o relacionamento acaba, você acha que saberia exatamente como se comportar caso pudesse tentar de novo.

Semelhante ao que escrevi na carta que deixei para ele, disse uma das montagens que assisti em um vídeo na internet: *precisamos de pessoas*. Precisamos abrir nossos corações e nos dispormos a aprender com as pessoas, mesmo que seja difícil. Mesmo que elas nos magoem.

Precisamos aprender a lidar com a tristeza para ficarmos fortes. Evitar complicações não é sinal de força; procurá-las também não. É importante aceitar que é inevitável encontrar obstáculos e, conforme os superamos, ficamos mais sábios.

A mente é autônoma. Pensamentos nocivos não precisam ser meus, se eu não quiser. Preciso deixá-los escapar.

Aprender depende apenas de si. Nós precisamos *querer* aprender e pensar como verdadeiros agentes transformadores. Não somos vítimas.

Todos reagimos aos acontecimentos da vida de maneiras diferentes porque somos afetados de maneiras diferentes, mas todos sentimos as mesmas coisas. Todo mundo é capaz de sentir ansiedade, medo, dor, tristeza, alívio.

Somos todos iguais.

278 Na próxima vez que alguém disser que vai me decepcionar, eu vou acreditar.

Eu soube, através de amigos, que ele nunca esperou me encontrar na roadtrip.

Alguns dias depois do término, juntei coragem e fui perguntá-lo sobre o assunto. Mesmo sempre tendo conversado comigo como se me encontrar fosse uma certeza, ele confirmou que não daria tempo.

“Só se eu voasse.”

Perguntei:

“Mudou algo pra você?”

“O que, em relação a nós? Mudou não, só que você não reclama mais.”

279



Fui a uma loja de CDs famosa em LA, gigantesca, e encontrei aquele Nevermind, do Nirvana, que tem a foto do bebê nadando. Uma vez, ele me mostrou algumas músicas do Nirvana antes de passarem pelo produtor, indignado com como o som original não

tinha nada de incrível. Também assistimos o documentário do Kurt Cobain em um cinema mais tradicional lá em Nova York, ou seja, não resisti e mandei uma foto do CD para ele. Ele comentou:

“Que caro, e que lindo.”

Eu disse: “Caro mesmo,” e foi isso.

Será que ele já esqueceu? Foi fácil assim?

Enquanto vasculhava fotos antigas, não pude deixar de rir conforme eu recor-

dava alguns detalhes bobos.

Tipo os dedões dele. Acho-os um pouco esquisitos, tanto os das mãos quanto os dos pés. Eu os encarava insistentemente, tentava me acostumar. Consegui, mas sempre achei-os feios.

Quando o conheci, sempre que ele sorria, eu me lembrava de um colega da faculdade. Quanto ele sorri, os cantos da sua boca não se curvam para cima, mostrando um sorriso quase infeliz. É um sorriso bonito, ele tem dentes bons.

Mesmo assim, preferia quando ele sorria mais com os olhos.

Eu pensei nele durante todos os dias em que estive na Disney com a minha família na virada do ano. Ainda bem que eu tinha um celular cuja bateria não durava muito tempo, o que me impedia de ficar esperando para ver se ele havia mandado alguma mensagem.

Tiveram dias em que não trocamos uma palavra. Fiquei toda boba quando acordei com uma mensagem que dizia “Querida, hoje o dia está lindo e o Sol brilha, assim como o seu sorriso.”

Encontrei uma foto em que eu, ele e uma amiga estamos encostados na porta do quarto de hotel em que ficamos durante a viagem para fazer snowboard, tentando ouvir a tentativa do meu melhor amigo de investir numas meninas que estavam no quarto em frente ao nosso. Na foto, ele sorri para a câmera enquanto faz um 'joinha' com a mão, imitando o gesto que eu faço com frequência.

Achei a foto do quadro de uma mulher bem velha que vi no museu de arte de Chicago. Mandei para ele dizendo "Lembrei de você." Os olhos da velha eram da mes-

ma cor que os dele. Ele nunca entendeu, já que nunca expliquei.

(Aquela viagem foi maravilhosa. Três amigos de Brasília que tenho em comum com meu melhor amigo foram a Nova York nos visitar, e de lá fomos para Chicago. Tenho vários registros ótimos, como a foto do restaurante chique no qual comemos ostras a dois dólares no happy hour e o vídeo das coreografias que fizemos na pista de patinação no gelo. Porém, lembro-me bem de quando pegamos o metrô até o aeroporto para ir

embora. Eu olhava para o além e fui resgatada para a realidade pela voz do meu melhor amigo, que dizia "Que foi? Você está tão quietinha." Pouco antes, eu havia recebido uma mensagem dele, que queria saber a hora em que eu chegaria em NY. Eu estava devaneando, ansiosa para voltar e encontrá-lo.)

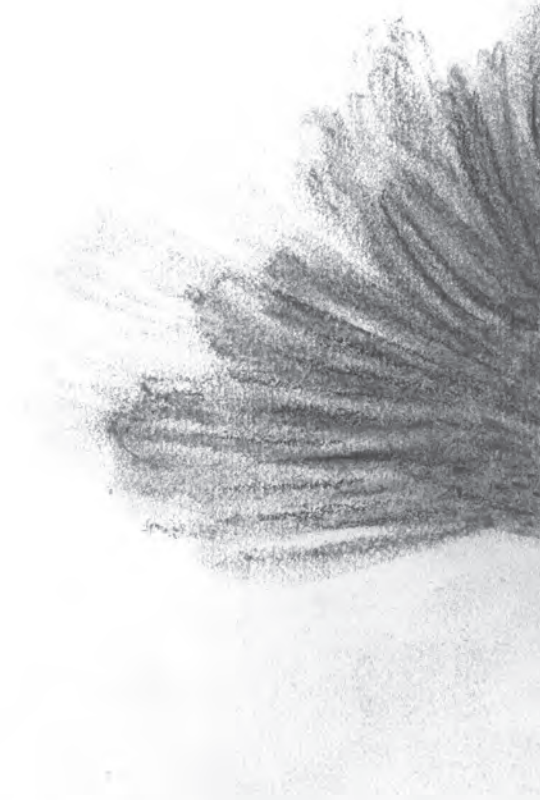
Vi a foto de nós dois na praia de Coney Island em pleno inverno. Só havia uma pessoa por lá além de nós e ela estava bem longe, passeando com seu cachorro. Eu e ele

andávamos lado a lado e eu estava feliz, apesar do vento gelado cortar o meu rosto. Ele tirava algumas fotos. De repente, ele me puxou e me beijou, mas eu não sabia que estávamos sendo fotografados.

Achei a selfie que tirei com uma amiga para registrar sorratamente o momento em que ele estava vestido de mendigo para um trabalho. Era a mesma amiga que vai fazer a roadtrip com ele. Naquele dia, morri de aflição de vê-lo andar pela rua com as pantufas que

ele usava para andar dentro de casa. Minha foto fantasiada no dia das bruxas me fez pensar no que aconteceu depois da festa misteriosa a que fomos no Brooklyn. Eu o levei para o meu apartamento, mas ele estava exausto e quase apagando de tão bêbado. Quando perceeu que eu havia chegado, minha colega de quarto abriu a porta para falar comigo e se deparou com um unicórnio fritando ovos ao lado de um menino apoiado na mesa, semi-morto, com uma fantasia de padre enrolada no pescoço feito um cachecol. Parei numa foto que salvei recentemente. Ela foi tirada no aniversário de uma amiga muito querida ao qual não pude ir, pois já tinha vindo pra Los Angeles. Salvei a foto para poder ver o rosto dele mais de perto. Seus olhos estavam um pouco mortos e a boca cerrada sob o bigode novo; uma cara de quem tenta ser mau, mas, na verdade, é um passarinho.

Não importa o que ele faça
ou diga.
Por mim, ele sempre vai ser
um passarinho.





Talvez eu deva fazer o que a minha avó diz: pegar todos os sentimentos confusos, colocá-los em um baú e deixá-lo numa prateleira. Quando eu tiver maturidade suficiente, vou saber o que fazer: ou volto a abri-lo ou o deixo lá para sempre.

Eu penso tanto nele que chega a me dar raiva.

Sempre encontro o nome dele dentro da minha cabeça. Não sei no que penso, só que ele está no meio.

Eu sinto tanta saudade que me irrita.

É uma luta esvaziar a mente ou tentar pensar em algo que não seja ele. Eu poderia desistir de correr contra a minha vontade de falar com ele de uma vez por todas.

288

No sábado, eu saí com um cara que conheci no Tinder. Isso não é o tipo de coisa que estou acostumada a fazer, foi por isso resolvi tentar. É a hora a ideal para fazer loucuras que eu possa deixar para trás.

Foi num sábado. Passei o dia inteiro no meu apartamento sem fazer nada, aproveitando meu tempo sozinha. Porém, conforme o tempo passava e a noite se aproximava, eu ficava aflita.

Sou uma pessoa bastante preguiçosa. Enrolo para lavar a louça, para guardar as roupas no armário, para resolver questões burocráticas ou para ligar para alguém. Também sou introspectiva e me canso ao socializar com estranhos, além de gastar bastante

energia tentando não parecer tímida. Portanto, sair à noite com um desconhecido se mostrava uma tarefa muito assustadora. Meia hora antes do horário combinado, levantei da minha cama, tomei um banho e me maquiei, portanto, não tinha mais volta.

O cara era um pouco diferente da foto, o que foi um pouco frustrante. Ele era legal, gosta de música, sabe conversar e me tratou bem. Não muito tarde, fiquei cansada e quis ir embora. Se ele tivesse me atraído fisicamente, eu poderia ter ficado mais.

Assim que eu cheguei no meu apartamento, recebi uma mensagem. Pensei que era do estranho, mas não. Nunca mais nos falamos depois do encontro. A mensagem era *dele*.

Ele estava fora de casa e estava bêbado. Eu havia tomado duas cervejas, mas respondi fingindo que havia bebido mais – digitei as palavras com as lestras trocadas e falei de um jeito bobo. O álcool que corria no meu corpo fazia com que provocá-lo fosse de uma tentação irresistível.

Trocamos mensagens endiabradas. Foi como se nada tivesse mudado, mas eu sabia que era diferente. O discurso era o mesmo, mas o contexto havia mudado, pelo menos para mim.

Uma semana depois, a mesma coisa aconteceu. Depois de algumas bebidinhas, estávamos trocando fotos e mensagens.

Então, ele disse: “Vou praí.”

*

289

Ele disse que pensa em me visitar sempre que bebe. Perguntei qual era o problema de pensar nisso enquanto estivesse sóbrio e ele respondeu:

“Eu fico mais sensato quando estou sóbrio.”

Contudo, no dia seguinte, ele me acordou com uma mensagem que dizia: “Estou procurando passagens.” Dois dias se passaram, ele recebeu o salário e avisou: “Vou fazer escala em Minneapolis.”

Na semana seguinte, foi dia do amigo e ele fez questão de me avisar. Feliz dia do amigo!

“Pra você também.”

290 Mais tarde, no mesmo dia, falei que estava no aniversário de um cara que também usava bigode e mandei a foto que tiramos juntos.

“Já está me trocando”, ele disse.

“Posso sair com quantos bigodudos eu quiser,” respondi, “afinal, eu e você somos só amigos.”

*

Depois de longos dias sem notícias dele, acabei me sentindo muito bem. Tive a minha confirmação de que não preciso dele e que tenho mais é que cuidar da minha vida. Tenho que pensar no que eu vou fazer, não no que ele pode estar fazendo. Percebi que não tinha que gastar as minhas energias e os meus pensamentos com alguém que não fazia o mesmo comigo.

Na quarta, ele puxou assunto. Na quinta, também. Um sorriso sempre aparece no meu rosto quando leio o nome dele na tela do celular, porém, deixei de considerar nossas conversas como valiosas. Não sei dizer o que ele representa para mim no momento e também não sei o que eu sou para ele.

Hoje ele disse que, quando voltar para o Brasil, vai colocar em prática o experimento de abandonar todas as redes sociais e o celular.

“Pra me encontrar, só batendo na porta ou ligando em casa.”

“Então até nunca mais.”

“Ok, já que é tão difícil pra você fazer algo além de mandar links no chat do Facebook.”

“Sé já é difícil falar com você pelo Facebook, imagina de outro jeito.” Eu tinha reclamado anteriormente sobre ele ignorar as coisas que eu mando pelo chat. Na verdade, muita gente ignora os meus links.

Aquele assunto me irritou. Se ele quer ficar isolado, que fique. Que faça bom proveito. Não sou mais a pessoa que vai tentar convencê-lo do contrário.

CALIFORNIA ROLL

“Tô muito feliz.”

Ele segurava o meu rosto enquanto deitávamos juntos pela segunda vez numa cama de casal. Também estavam no apartamento três amigos de NY. O lugar minúsculo estava abarrotado, mas, para ele, só havia nós dois no mundo.

“Por quê?”

“Porque é você.”

*

Eu cheguei a ensaiar mentalmente o nosso reencontro. Depois que ele comprou a passagem e disse que chegaria ao meio-dia, ele deu a ideia de ir para a praia esperar o tempo passar até que eu saísse do estágio. Então, era assim que eu imaginava: eu chegaria em Venice Beach, vê-lo-ia ao longe, com seus cabelos tendo nós criados pelo vento, e esperaria que ele viesse ao meu encontro para me abraçar. Eu me perguntava se deveria beijá-lo.

Eu sabia que não podia criar expectativas. Não seria a primeira vez que eu me desapontaria. Temi que ele não viesse mais até ele

dizer que já estava aqui, tentando desesperadamente encontrar um taxi para sair do aeroporto.

Curiosamente, a cena acabou sendo parecidíssima com a que eu havia imaginado. Ele me esperava em Venice Beach, perto da pista de skate. Ele estava com nossos amigos, que haviam chegado de manhã de San Francisco. Andei pelo calçadão, um pouco desnorteada, até que o vi, ao longe, com seus cabelos tendo nós criados pelo vento.

O cumprimentei por último. O abraço teria durado mais tempo se eu tivesse deixado.

“Você tá linda.”

294 Sentei ao lado dele e todos ficamos assistindo os skatistas mergulharem naquela espécie de piscina vazia. Entreguei chocolates para cada um dos meus amigos. Enquanto comiam, observei os arredores: as pessoas que assistiam, os surfistas que andavam pela areia com as pranchas debaixo dos braços, o mar azul escuro lá no fundo e a esteira cintilante que o Sol deixava sobre ele. Era estranho estarmos todos juntos na mesma cena. Ao meu lado, sentavam pessoas que eu havia conhecido por causa do intercâmbio; os locais dos nossos encontros ainda se resumiam aos Estados Unidos, mas já tinham ultrapassado as barreiras de Nova York. Isso era bom.

Estava tudo tão bonito.

Ele colocou o braço ao meu redor e começou a me apertar. “Quero ver se você é real mesmo”. Ele estava tímido.

Ele beijou a minha bochecha, mas respondi beijando sua boca.

Nosso grupo andou pela praia, depois fomos a Abbot Kinney e voltamos. Horas mais tarde, enquanto nos aproximávamos do restaurante em que iríamos jantar, ele passou a se sentir mais confortável a encostar em mim. Após o jantar, andamos abraçados.

Dentro do carro que meus amigos estavam alugando, ele ofereceu sua mão para eu segurar enquanto voltávamos para o meu apartamento.

Éramos cinco pessoas dentro de um cubículo. Enquanto os outros tomavam banho, fiquei na cama mexendo no celular e ele se jogou ao meu lado, me puxando para perto dele. Para ele, só havia nós dois no mundo.

Senti aquele portal místico se abrir enquanto nossos rostos se alinhavam pelos olhos.

“Tô muito feliz.”

Eu não respondi, mas eu também estava.

295

Hoje tive um pesadelo. Não demorou muito para que eu esquecesse o que aconteceu no sonho, mas a angústia ficou. Foi um flashback. Acordei com uma conhecida sensação de decepção.

Dizem que os sonhos são um recurso do cérebro que nos ajuda a ficar preparados para algo que tememos. O que eu senti no passado continua fresco na minha memória, mas não vou deixar que histórias antigas me perturbem. O que passou não deve me afetar mais.

Depois que acordei, percebi que seus

braços estavam ao meu redor e me senti querida. Abracei-o mais. Gosto do seu cheiro, da sua textura, da sua boca.

Observei-o dormir; tão vulnerável... Estou feliz por ele estar aqui, mas está sendo estranho.

Não me sinto mais tão atraída por ele, talvez porque eu não o esteja achando bonito – ele está bem mais magro. Ele não é mais quem era antes e nem quem eu queria que fosse; ele é alguém de quem eu gosto e espero que tenha um futuro feliz.

Ele disse que eu gosto de cavucar o passado.

“Na verdade, o seu animal espiritual é o castor.” Não estamos fazendo do passado; estamos falando de problemas que, por algum motivo, nunca se resolvem.

“Você não é só *unzinho*. Você vai deixar saudade.”

“Em um mês isso passa, você vai ver.”

“Ah é? Então eu sou só ‘umazinha’ pra você?”

O uber que eu havia pedido para me buscar no restaurante estava estacionado logo em frente. Eu precisava voltar para o trabalho.

Ele se despediu de mim.

Encarei-o por cima dos óculos escuros. “Não ignore a minha pergunta.”

Ele riu. “Querida, você está sendo dramática.”

*

“Vai ter um show muito bom amanhã, já estava esquecendo.”

“Então é por isso que você não vai ficar mais... Por causa de show...,” brinquei.

“Eu perdi um outro show muito bom enquanto estava aqui com você! Como sempre, você quer mais. Você sempre quer mais do que eu posso dar.”

Já havíamos falado sobre o futuro no final de semana. Não lembro como cheguei no assunto. Eu estava especialmente sentimental naquele domingo.

Ele falou que o tempo me faria sentir raiva dele.

“Espero que um dia eu aceite que as pessoas são diferentes... e que por isso fazem o que fazem,” falei.

“Mas você já sabe isso!”

298 “Saber é diferente de praticar. O que vai restar não vai ser rai-
va... vai ser mágoa, por você não ter me feito sentir especial o
suficiente.”

Ele soltou um “Ôooo...” e me puxou para perto. “Você é especial.”

“Eu sei.” Ele ergueu as sobrancelhas em tom de contestação e me apressei a me justificar antes que ele voltasse a falar: “Mas às vezes você não me faz sentir isso.”

“Querida, eu cruzei o país pra te ver. Todo mundo pra quem eu contei que tava vindo pra cá ficou impressionado. É só você que não vê isso. Você sempre quer mais do que eu posso dar.”

Tenha fé na vida, no universo *e no tempo*.

Quando eu era pequena, cheguei a uma conclusão muito importante: não adiantava se desgastar tentando entender o porquê de estarmos aqui na Terra, de onde viemos, se Deus realmente existe e para que existe. Aceitei que essas coisas simplesmente não tem explicação.

Aparentemente, amor também é assim. Eu pensei tanto, mas tanto, mas tanto... E foi em vão. Não tem explicação. Não tem o que entender.

Me perguntava esporadicamente se ele não estaria vindo só por sexo. Mas e daí? Não é como se eu não quisesse sexo. No domingo, ele disse que tinha vindo pra se despedir.

300 “Eu já tinha pensado nisso... que era um adeus.”

“Ah, mas olha você, já sendo dramática. Eu não to falando assim, ‘oh, despedida pra sempre’.”

“É melhor se surpreender pra mais

do que pra menos.”

Ele concordou. Concordou tanto que acabou se apropriando das minhas palavras em outra ocasião. Ele não queria que eu esperasse contato da parte dele; não queria que eu esperasse nada. Eu sempre esperei tanta coisa, né? Era melhor não esperar nada mesmo, porque o que viesse seria lucro.

Eu gostaria de não me importar, mas me importo.

Encontrei-o em Santa Mônica depois do trabalho numa quinta-feira.

Seria a nossa primeira noite sozinhos desde que ele havia chegado. Arrumei carona com uma estagiária canadense que morava perto da praia e demoramos uma hora no engarrafamento.

O encontrei no meio de uma roda de espectadores de um show de rua. Cheguei bem perto dele e respirei próximo ao seu pescoço. Ele se afastou instintivamente, desconfiado, mas quando percebeu que era eu, me abraçou. Assistimos à apresentação por mais um tempo enquanto seu braço descansava na minha cintura.

Fomos para o píer. Eu estava com fome, então procuramos lugares que vendessem coisas de comer. Ele resolveu comprar churros, mas eu odeio churros. Vi que tinha uma cafeteria ali em frente, então fui lá procurar algo que eu gostasse. Ele ficou me esperando do lado de fora.

Um incômodo começou a se aflorar no meu interior. Me irritei com aquele distanciamento e passei a ver isso em tudo que ele fazia. Não falei nada a respeito, mas era visível que eu não estava feliz.

301

Do pier, assistimos a apresentação de uma das bandas que se apresentariam no evento de música que estava acontecendo. Não quisemos ver o resto, então fomos caminhar no calçadão. O pôr-do-sol estava se aproximando. Nos sentamos em um banco entre para observar o céu incrivelmente vermelho.

“No que você está pensando?” ele perguntou.

“Em como cheguei aqui.”

“Andando, oras.”

Ignorei a piada. Eu estava *realmente* pensando naquilo. Quem diria que aquilo estaria acontecendo. Quando que eu pensaria que moraria em Nova York, depois em Los Angeles e estaria acompanhada de alguém como ele?

302

Chamamos um uber para nos buscar. O motorista era um senhorzinho da Guatemala. Seu sotaque era difícil de entender, mas ele emanava uma energia tão boa que dava vontade de continuar tentando. Eu estava cansada, então deixei os dois homens guiarem o rumo da conversa.

Quando faltava pouquíssimo para chegarmos ao meu apartamento, ele pediu para o motorista estacionar no posto de gasolina mais próximo porque precisava muito ir ao banheiro. Enquanto ele estava fora, conversei um pouco com o guatemalês.

“Ele é vegetariano?,” o homem perguntou.

Confirmei, um pouco admirada, e ele disse “Eu sabia! Ele pa-

rece vegetariano.” O homem não soube explicar o porquê.

Ele voltou trazendo uma coca-cola.

“Eles só me deixariam usar o banheiro se eu comprasse alguma coisa na loja.”

Ele me ofereceu a lata, mas eu não quis. Ele ofereceu ao motorista e o homem deu um sorriso de orelha a orelha, aceitando e agradecendo enfaticamente.

No final, quando chegamos ao meu prédio, ele deixou uma boa gorjeta, o que fez o motorista saltar do carro para abrir as portas para nós e agradecer.

Ele não é mau como quer aparentar ser.



Durante a estadia dele, pedi para que ele procurasse coisas legais para fazer enquanto eu estivesse fora trabalhando e pensar no que a gente poderia fazer depois do meu expediente. Ele pedia sugestões e eu dizia: “Escolha você. Você é o turista.” Em uma das vezes, ele respondeu: “Eu não vim aqui pra turistar, eu vim pra te ver.”

Naquela semana, ouvi dos meus colegas de trabalho que meus olhos brilhavam mais.

303

NIGHTLIFE

Ele veio, ele foi. Não vou dizer que passou rápido porque não é verdade.

“Eu não posso dar o que você quer.”

Eu disse que o maior ensinamento que ele me deixou foi o do desapego. Afinal, a gente teima, bate o pé e diz “Quero isto, isso e aquilo” e, se não dá certo como a gente esperou, a gente faz birra e sofre, que nem criança.

305

Na tarde em que ele me fez andar com ele do meio de Downtown até o meu apartamento em Koreatown, ele disse: “A gente precisa abrir um leque pras possibilidades que podem nos trazer felicidade.” Tá certo. A gente cria muitas condições para ser feliz. Mas como é possível viver sem escolhas, pensando que qualquer coisa que vier é suficiente... isso me parece vazio. Nem todas as coisas são substituíveis. Tem coisas que são únicas, como pessoas.

Meu melhor amigo me fez encucar. “Não é um esforço tão grande pra ele ir aí, ele tem hospedagem de graça e tal.” Acredito que meu amigo tenha tido boas intenções, mas me dizer isso foi uma

completa maldade. É isso contra o *Cruzei o país pra te ver*. Eu não deveria deixar os outros se meterem na minha vida.



No último dia dele, cheguei no meu apartamento num humor estranho. Abri a porta e não o vi.

“Olá?”

Ele saiu do banheiro de cabelo molhado.

Nos deitamos juntos na cama e falamos sobre nossos dias. Algo que ele disse fez com que os meus olhos começassem a se encher d'água, então inventei uma desculpa para ir no banheiro secar as lágrimas antes de esquentarmos o jantar.

306

Eu estava triste. Eu queria muito que essa despedida fosse como a de Nova York, mas eu só conseguia pensar nas coisas que ele faz que me deixam triste.

“Não aguento te ver com essa carinha,” ele disse. “Você tem dificuldade em lidar com finais de ciclos, né?”

Meu pai é militar. Mudei de cidade milhares de vezes, ainda mais de escolas. Finais de ciclos não são o verdadeiro problema.

*

Tivemos uma conversa aleatória sobre guerras de espada enquanto comíamos. Depois, enquanto eu lavava a louça, ele foi no

banheiro. Quando ele voltou, perguntou:

“Em que você está pensando?”

Resolvi ser honesta.

“Que eu te amo.”

Ele não me ouviu. Tive que repetir porque o barulho da água que saía da torneira havia abafado a minha voz

Ele chegou mais perto e me abraçou. “Ah, que bonitinho você estar pensando nisso.”

“Você esteve com uma pessoa que te amou muito durante esse ano.” Comecei a chorar. Virei o rosto mas ele me fez olhá-lo de novo, segurando o meu queixo com a mão.

“Falando sério agora: você é realmente muito especial. Eu sou muito agradecido por ter convivido com uma pessoa tão linda, por fora e por dentro.”

307

Abaixei a cabeça e olhei para as suas mãos, que seguravam as minhas.

“Você me amou de volta?”

Ele hesitou. Senti uma alfinetada no meu coração.

“Não quero responder; isso não vai te fazer bem algum.”

Eu não acreditei que aquilo estava acontecendo.

Eu disse: “Tá.”

“Tá o que?”

“Já respondeu.”

Ele se encostou na parede ao meu lado e ficou olhando para o chão. Ele saiu de perto. Eu continuei em frente à pia, querendo ser engolida pela louça que faltava ser lavada.

Ele ficou sentado na beirada da cama enquanto mexia no celular. “Vem ver isso, olha que engraçado.” Eu fui, mas claro que não achei a piadinha sobre sertanejo universitário engraçada.

Deitei. Encarei a parede na qual ele estava encostado antes. Eu não sabia o que fazer.

Ele se deitou ao meu lado e apontou para o próprio rosto. Ele estava sorrindo. Me pediu para sorrir também.

“Não tem como,” sussurrei.

308 Ele me pediu um beijo. Dei um, carregado de tristeza. Ele me beijou de volta com mais força e me fez levantar.

Ele me colocou contra a parede perto do banheiro. Ele levantou o meu vestido e me beijou mais. Ele me virou de costas. Eu o queria, apesar de tudo. Queria uma última vez.

Ele aproximou a boca do meu ouvido:

“Eu te amei, sim. Só não quero complicar.”

Não tive reação.

“Tá?”

Confirmei com a cabeça. Seus braços me envolviam e eu os segurei para que ele me abraçasse com mais força. Ele o fez.

Voltamos a ficar de frente um para o outro. Nos olhamos enca-

ramos e eu comecei a rir.

“O que é isso? Tá rindo ou tá chorando?”

“Tô rindo”.

Ele sorriu para mim. “Ah, sim. Assim que é bom.”

Ele perguntou se podia chamar o carro para buscá-lo. Tudo aconteceu muito rápido. Percebemos que não havíamos tirado nenhuma foto juntos, então resolvemos fazer isso enquanto dava tempo. O carro chegaria em poucos minutos. Tiramos duas fotos instantâneas, uma para cada um de nós.

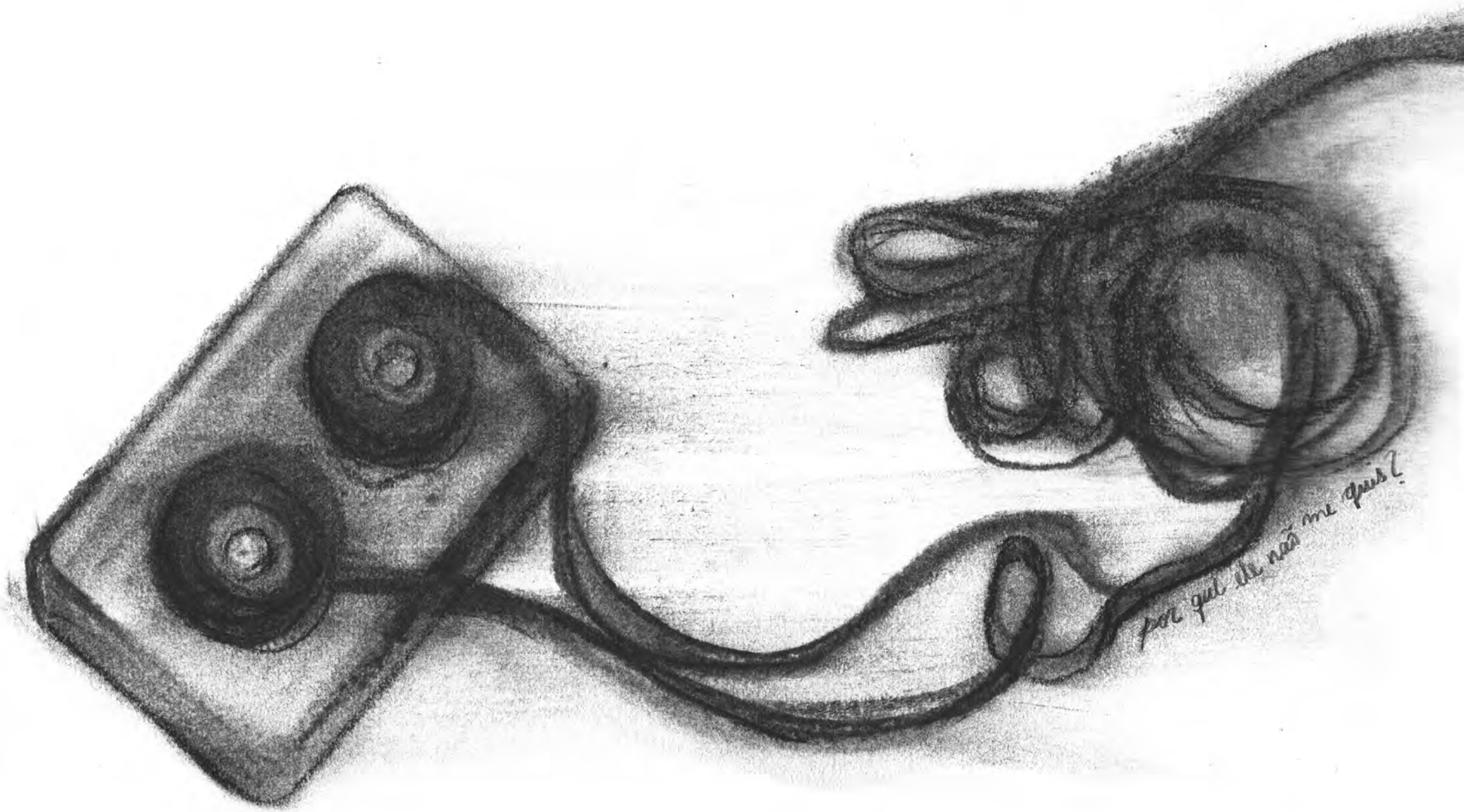
O carro chegou. Corremos para o portão.

“Boa viagem”.

“Falo com você um dia, eventualmente.” Ele deu aquela risada debochada que eu odeio. “Obrigado.”

Ele entrou no carro e foi de vez.

Subi as escadas correndo e me joguei na cama para colocar para fora todo o choro que faltava.



por que ele não me quis?

Quando a gente ama, quer
ficar perto. Mas não precisa
nem obedecer.

Ele parou de falar o que
ninte por mim por causa
de como eu reagi.

Eu estava errada em pensar
que era amada?

Cansei de me enxergar como rejeitada.

Cansei de me culpar, de me martirizar, me fazer
de vítima e colocá-lo num pedestal.

Cansei.

Palavras são muito poderosas.

Teve um filósofo da antiguidade que constatou que as palavras eram só representações da realidade, ou seja, elas eram apenas um título atribuído a uma coisa, e não a coisa em si.

Palavras podem ser tão mal compreendidas... Ao mesmo tempo que elas representam certa coisa para você, as mesmas palavras podem pesar de um jeito completamente diferente ao serem interpretadas por outra pessoa. Chega a ser injusto. Nós acabamos dependendo majoritariamente delas para nos expressar, mas elas não são suficientes.

Palavras podem ser vazias, ou então podem carregar muitos valores que não conseguimos perceber, sendo estes bons, ruins, verdadeiros ou malignos.

Amo palavras e suas ambiguidades. Como posso amar algo que tanto rejeito?

O que será que cada palavra representa para cada pessoa?

O que fazer se nem em palavras eu posso confiar?

No dia do término, ele contou uma história dramática.

Chamei-o de egoísta e acho que, pela primeira vez, ele se ofendeu. Aquela “está digitando...” repousava eternamente no topo da tela do meu celular. Eventualmente, apareceu uma mensagem enorme na qual ele se justificava pelas suas ações maldosas e falava coisas tipo “todo mundo acha que os próprios problemas são maiores que os dos outros”, “eu não quero ser um encosto

emocional” e a melodramática “se eu não for assim, eu sucumbo!”

Essa conversa me veio à cabeça enquanto eu assistia um seriado. No episódio, muito depois do casamento do protagonista ter chegado ao fim, sua ex-esposa lhe diz: “You’re not good at relationships because you don’t value them.” Ao invés de me perguntar sobre motivos, refleti sobre as consequências de não se valorizar um relacionamento.

Apesar do desgaste que sinto ao interagir com pessoas novas, eu gosto de fazer amigos. Gosto de formar vínculos, mesmo que principalmente se forem duradouros. Na minha cabeça, aqueles por quem crio afeição são pessoas que sempre poderão contar comigo, naquele sentido de que, se depender de mim, quando nos encontrarmos de novo, vai ser como se o tempo não tivesse passado. Para mim, não existe *adeus*, só *até breve*, ainda que não nos vejamos nunca mais.

O personagem principal do tal seriado me faz lembrar muito dele. Chega a me incomodar. A falta de sensibilidade, o distanciamento de todos, o mistério e o péssimo hábito de fazer o que quiser sem se preocupar com os outros... isso tudo é muito *ele*.

Nós somos os protagonistas das nossas histórias, mas não sobrevivemos sem conviver com mais ninguém. Não estamos sozinhos e não, *não* gostaríamos de estar.

EVENTUALLY

Quando a viagem dele começou, eu olhava o celular ansiosamente, procurando ver o que eles estavam fazendo. Espiava todas as redes sociais. Caso conseguisse alguma informação sobre localização, eu procurava no mapa para ver onde era. Vi que eles chegaram a New Orleans muito rápido. “Não é possível que eles não consigam chegar em Los Angeles a tempo,” eu pensava. Isso me deixava revoltada.

Também me irritava a falta de notícias. Eu sabia que não havia motivos plausíveis para que eu me importasse com isso; eu e ele não tínhamos mais nada. Mesmo assim, me enfurecia pensar que ele não podia simplesmente fazer uma pausa de três segundos para me mandar uma mensagem. Eu tinha vontade de fazer isso o tempo todo; eu pensava tanto nele, sentia tanta falta. No fundo, eu só queria que aquela sensação passasse.

Quando alguns amigos souberam que ele viajaria com a minha amiga, perguntaram: “E você acha que pode rolar algo entre os dois?” Eu nem havia chegado a sonhar com essa possibilidade antes



de me perguntarem. Nunca pensei que um sentisse a menor atração pelo outro e tinha sido automático assumir que ambos teriam o mínimo respeito por mim, mas isso não impediu de que as ideias se alojassem na minha cabeça. Dessa forma, comecei a me chatear com uma coisa que eu nunca saberia se realmente aconteceu.

Resolvi parar de acompanhar a viagem deles. Eu não conseguia ficar feliz pela aventura ou pela oportunidade que meus amigos estavam tendo de conhecer o país. Além disso, comecei a sentir um desgosto pela minha amiga que ela não merecia. Resolvi até trocar umas mensagens com ela. Falei que precisávamos conversar de verdade depois que ela voltasse para o Brasil e que a gente precisava que colocar o papo em dia. Eu voltaria para o Brasil na semana seguinte.

Já havia alguns dias que eu e ela estávamos nos falando. Uma demorava a ver a resposta da outra, então a conversa durava dias. Na quarta-feira, eu estava assistindo um seriado na cama antes de dormir e notei que a tela do celular havia acendido. Fazia parte da minha tática de desprendimento ignorar o celular em alguns momentos. Quando vi que a mensagem era dela, pensei: “Ah, posso responder amanhã.” Quando o episódio terminou, porém, resolvi responder de uma vez por todas.

Ela perguntou: “Que horas são aí em LA?” Ela disse que estava chegando num hotel no Arizona e emendou num assunto sobre

os lugares que eles tinham se hospedado em beira de estrada. “Foram uns hotéis que nem esses de filme, com aquelas varandinhas.” Ela disse também que encontrou um pessoal barra pesada, “uns bêbados, ou então traficantes.” Ela perguntou onde era bom de se hospedar em Los Angeles.

O interfone começou a tocar. Comentei com ela:

“O meu interfone tá tocando. Que medo.”

“Seus amigos costumam te visitar?”

“Não, ninguém sabe o número do meu apartamento. Tô ignorando.”

“Vai ver quem é! se for um doido, você desliga.”

“Aiaiai, sei não.”

“Vê lá e me avisa!”

O som daquele interfone era aterrorizante, parecia uma invasão alienígena. Eu nunca tinha precisado que atendê-lo antes, então não sabia direito como ele funcionava. Apertei um botão e falei: “Hello?” Não ouvi nada. Percebi que eu precisava apertar outro botão para ouvir o outro lado, então o fiz. Só ouvi zumbidos.

Quase não ouvi o que diziam ao fundo: “Acho que ela não ouviu.” Em português.

Eu não havia desconfiado, nem por um segundo. Voltei correndo pra cama e peguei o celular.

“São vocês?!”

“Siiiiim! Vem abrir pra gente!”

Sem contar com as roupas que eu havia separado para trabalhar na quinta, na sexta, no sábado e o pijama, todas estavam nas malas. Eu estava vestida apenas com uma camiseta. Peguei o primeiro short que encontrei e desci correndo para abrir o portão.

Os vi lá fora e não soube direito o que fazer. Também estava com eles um garoto americano que conhecemos no dormitório lá em Nova York, que se juntou a eles quando passaram no Texas.

Abracei todos eles e fui sincera:

“Eu não sei o que fazer!”

Ela perguntou:

324 “Hospeda a gente?”

Levei todo mundo para cima. De novo, eu estava hospedando mais gente do que poderia. O gerente não precisava saber.

Ele me empurrou na cama e me abraçou. Nos olhamos.

“Aquela foto que a gente tirou não ficou muito boa, então voltei pra tirar uma melhor.” Ele sorriu e apontou para o próprio rosto.

“Sorria. Fique feliz.”

“Eu estou feliz.” Eu estava, apesar de confusa.

Minha amiga saiu do banho e ele se levantou pra começar o dele. Continuei na cama conversando com meus hóspedes, até que ouvi a voz vindo lá do banheiro:

“Querida!, esqueci como que liga o chuveiro, me ensina?”

Levantei, fui até ele e liguei o chuveiro.

“Ah... Então é assim que se faz,” ele falou.

“Você esqueceu como que se toma banho também?”

Ele me empurrou contra a parede e tirou a minha blusa.

Fechei a porta.

325

Brasília

Consigno ver claramente o contentamento dos meus pais e o orgulho dos meus avós, que viajaram até aqui só para me receber.

Olho pela janela do carro e vejo a grama seca, os prédios baixos, os monumentos.

Na faculdade, ando pelos prédios velhos e passo por vários desconhecidos entre os jardins bem-cuidados.

329

Estou feliz por estar de volta.

Reencontrei o meu melhor amigos uns dias atrás. Não vos víamos desde Nova York. Falamos sobre como era estar de volta e sobre os sentimentos que deixamos nos Estados Unidos. Tocamos no assunto da roadtrip. Com grande insensibilidade, ele perguntou: “Você acha que *ele* e a nossa amiga tiveram alguma coisa por lá?”

Como que fazer essa pergunta pode ter parecido uma boa ideia?
Ainda dói. Sinto remorso. Continuo a pensar em coisas que não deveria.
Sempre achei que sofrer por amor era besteira. Hoje, percebo que não dá para julgar as batalhas que cada um está passando. Era questão de tempo até a batalha se tornar minha.



Aos poucos,
quando olho no espelho,
volto a me reconhecer.

Na sua segunda visita, ele até brincou: “Você já tava me esquecendo e eu estraguei tudo, né?”

Foram incontáveis as vezes que eu olhei para o celular esperando ver o nome dele. Aí hoje, justo o dia em que ele falei sobre a minha superação para uma amiga, ele ressurgiu. Deve ter sentido a orelha arder.

“Hello querida, como é mesmo o nome daquela pizzaria ótima em Chicago?”

335

O assunto foi tão banal que me deixou furiosa na velocidade de uma piscadela. Depois de dias sem saber de mim, ele aparece fazendo uma pergunta idiota que ele poderia ter feito para outra pessoa.

Eu não me lembrava do nome do lugar, mas pesquisei na internet e descobri facilmente. Mande para ele uma foto da primeira página de resultados do Google e falei: “É assim que se descobre.”

Uma hora depois, pego o celular de novo e vejo que tenho uma ligação perdida dele. Meus batimentos cardíacos aceleraram.

“?”

Ele disse: “Oh, então é assim que se faz! Facilitou muito a vida aqui.”

Ele deve ter ligado sem querer enquanto espiava a foto do ovo frito estourado que uso como avatar no WhatsApp.

Existe uma pequena chama de esperança lá no fundo do meu coração que me faz sonhar com o dia em que ele correria até mim, e é justamente por isso que eu queria que ele me deixasse em paz.

Aquela segunda visita foi em Los Angeles foi agridoce. Por causa dela, pude aliviar a mágoa gigantesca com qual fui amaldiçoada depois da sua primeira partida de terras californianas. Além disso, tive a ótima companhia da minha querida amiga e do americano doido nos meus últimos dias nos Estados Unidos.

336

Contei para um amigo que a falta de contato entre eu e ele me magoava profundamente. Meu amigo opinou que, possivelmente, ele evita falar comigo para não alimentar um sentimento que considera perigoso, que é gostar muito de mim. Gostei daquilo, então resolvi acreditar.

Ele voltou a falar comigo e, de novo, fiquei incomodada.

Eu tive a oportunidade de pedir para que ele não falasse mais comigo, mas não o fiz.

Eu esperava que ele viesse, mas ele não veio.

Ele só se importa com o que ele quer. Por que ainda o deixo controlar as coisas?

337

Seis meses atrás, no dia dos namorados, ele reservou um restaurante para jantarmos juntos. Quando ele disse que ia tomar um banho e se arrumar, perguntei se ele poderia cortar a barba. Ele não me respondeu e, quando o entreei, a barba continuava tão grande como antes. Ele disse que se tivesse feito o que eu pedi, estaria se curvando às minhas vontades e ele não queria me

dar o controle sobre o que ele faz com a própria aparência.

Eu comentava: “Você não viu a foto que eu postei.” Ele dizia: “Eu não vejo o Instagram todos os dias” e era incapaz de abrir o aplicativo para ver a bendita postagem desde a primeira vez em que isso aconteceu.

Ele tem um orgulho do tamanho do universo.

Alguns dias atrás, ele perguntou como estava Brasília.

“Chuvosa,” respondi.

“Que ruim.”

“Não é, eu gosto. É a minha época preferida do ano, quando volta a chover.”

“Ok. Que bom, então.”

Ele ainda está em NY. Disse que pretende manter contato com as pessoas que conheceu por lá, que se importava com elas. Disse que sua mãe estava lá e sua irmã caçula estava prestes a chegar.

“Não estou só, mas estou só,” falou.

“Não vejo nada de solidão. Não seja dramático.”

“Estou sim, porque NY não é a mesma sem vocês.”

“Mas você é um *espírito livre* e ama ficar *sozinho*.”

“Deixa eu expressar meus sentimentos sem ser julgado?!”

“Quando eu expressava os meus, você era mau comigo. Fiquei magoada.”

“Não, eu nunca fui mau.”

“Foi, sim. Mau e frio.”

Contei que havia ficado magoada de verdade. Não engolia a insensibilidade com que ele tratou os meus sentimentos.

Ele disse que nunca imaginou que eu pudesse guardar tanto rancor. Ele disse: “Teria sido melhor não ter ido te ver, então.

“Já que você está nessa fase de se importar com as pessoas, você tem que prestar atenção no impacto das coisas que você diz. Nem todo mundo é que nem você.”

“Bom, obrigado pelo conselho, de qualquer forma.”

“Você parece uma criança fazendo birrenta. Eu disse que fiquei magoada. Uma pessoa normal pediria desculpas, não agradeceria
340 *pelo conselho* ou diria que seria melhor não ter me visto.”

“Eu fui sincero! Realmente agradeço.

Desculpe-me por ter te magoado ainda mais. Se eu não tivesse ido isso não teria acontecido, não quis dizer que eu me arrependo.”

“Pois você foi, está feito. Você entende o que me magoou?”

“Estou tentando, mas não posso dizer que entendi tudo.”

“Quando uma pessoa toma coragem pra dizer que ama a outra pessoalmente pela primeira vez e escuta um ‘Não quero responder’, acontece um grande estrago.”

“Entendo. Eu só não queria complicar.”

“Ter respondido ‘sim’ ou ‘não’ teria simplificado.”

“Você está certa. Desculpe-me. Não sou muito esperto, às vezes.”

Não confio nele. Pode ser que ele se faça de bobo e de desentendido para se sentir menos refém dos contratemplos que caem sobre ele. Estou cada vez menos curiosa para descobrir a verdade.

Meus olhos pesados queriam muito vê-lo agora. Estaríamos lá fora, deitados numa toalha sobre a grama. O céu está escuro e aqui há pouca luz, então poderíamos ver as estrelas. Veríamos-nos frente à frente, sem nada nos separando, principalmente entre eu e ele. Não haveria nada entre nós.

Nossas consciências estariam se enxergando tão bem quanto nossos próprios olhos. Ele estaria bonito, com olhos no limite do claro mesmo durante a noite.

Queria que ele estivesse perto de mim. Sentir a presença um do outro nos faria ignorar os problemas porque não haveria tempo para se preocupar.

A gente se esbarrou, foi como deveria ter sido. A aflição da espera e o alívio do reencontro são o nosso destino. Será que ele será a pessoa que nunca vai sair de mim, por mais que eu tente?

Nada disso importaria, porque não haveria tempo para pensar. O tempo seria uma bênção até a gente efetivamente se estragar.



Δ

Faz apenas três dias que ele voltou para o Brasil.

Eu tinha uma ideia de que a sua viagem se aproximava, mas não sabia que havia sido no mesmo dia em que sonhei com ele. No sonho, ele cortava o cabelo. Na vida real, contei para ele. Ele disse que sonhei porque estava com saudade. Concordei.

“Pensei que você fosse dizer que não.”

“Eu estaria mentindo.”

Ele não disse mais nada. Horas se passaram e ele mandou:

“Acabei de chegar.”

Perguntei como ele se sentia; ele fez um pequeno drama. Perguntei como foram os últimos dias em NY, ele disse que encheu a cara e ficou louco. Julguei-o.

“Mas agora os dias de loucura acabaram.”

“Bom para o seu fígado.”

Comentei que estava voltando para casa de metrô e ele falou para eu tomar cuidado para não ser assediada. Tentei conversar sobre outras coisas, só que, não muito depois, ele perguntou:

“E aí, não foi muito encoxada?”

“No metrô ou na vida?”

“Nos dois, haha.”

Talvez ele pense sobre o que eu ando fazendo com o meu corpo. Afinal, pouco depois da minha volta ele quis saber se o meu primeiro namorado já tinha me procurado.

Acabei fazendo um desabafo sobre a minha falta de motivação e ele foi meigo. Terminamos a conversa com implicâncias e emojis.

No dia seguinte, ele mandou um emoji e eu respondi com outro.

Hoje, ele voltou a mandar um e eu respondi da mesma maneira. Assim foram nossas conversas subsequentes.

346 Queria saber se ele pensa em mim como eu penso nele, porque eu ainda não consigo parar de pensar no que ele faz ou deixa de fazer. Ele ainda significa muito pra mim. Tenho vergonha de falar sobre isso com mais alguém. Eu deveria ter aceitado que acabou, mas um sentimento tão forte não morre assim.

Minhas cartas trouxeram o cavaleiro Ele não é mais um confidente e mui-
de copas invertido. É *ele*, que é o meu to menos um amor à distância. O que
oposto de príncipe no cavalo branco. eu eu tenho agora é um cara que manda
Ele ainda está presente e continua ba- bonequinhos às dez da noite.
gunçando a minha cabeça. Amanhã, quando aparecer um inter-

O rei de paus veio em seguida, tam- valo em que eu não tiver de lidar com
bém de cabeça pra baixo. Seria eu, gas- as minhas tarefas, provavelmente esta-
tando energias demais ao criar expecta- rei pensando em qual será o emoji do
tivas em cima de algo que já sei no que dia, mesmo sabendo que tenho grandes
vai dar? Sou eu, esperando coisas que chances de não receber nada.
não posso ganhar.

347

Existem ocasiões que me fazem questionar se agir com naturalidade é a coisa certa a se fazer.

As minhas melhores amizades se formaram naturalmente. Depois de descobrir que coisas temos em comum, desperta-se afinidade, conversas fluem, encontros acontecem e me sinto bem confortável na minha própria pele.

Eu já cruzei com algumas pessoas das quais eu queria muito ser amiga. Essas pessoas me intrigavam e me deixavam insegura. Perto delas, eu queria parecer tão interessante quanto eu pensava que elas eram, queria passar

a imagem certa para conquistá-las. Todiavia, por mais que eu tenha tentado, nunca consegui ficar muito próxima dessas pessoas.

Ele me deixa nervosa. Me sinto patética por ficar tão ansiosa quando vejo as fotos da viagem dele. Pergunto-me se deveria deixar de olhar para fugir da sensação ruim. É um desconforto que eu poderia evitar, mas não quero; quero superá-lo.

Seria a insegurança uma espécie de instinto? Nessas horas em que me falta a coragem, eu deveria insistir ou aceitar que não era para ser?

Hoje, me contaram uma história. Nela, um mestre dizia ao seu aluno: “Se eu te oferecer um presente, você tem o poder de aceitá-lo. Se eu te entregar e você disser ‘Não, obrigado’, o que acontece com o presente?”

As pessoas fazem coisas, mas a escolha de como você vai receber essas coisas é apenas sua. Você tem o poder de negá-las.

Ontem, fui numa festa e não parava de pensar nele.

Bebi e mandei mensagens dizendo que eu estava com saudades. Ele disse que também estava e falou:

350 “Cuide-se. Não deixe ninguém se aproveitar de você. You’re still mine, ok?”

As palavras dele não são os presentes que eu gostaria de receber. Bom, ele faz o que ele quiser. Cabe a mim decidir o melhor jeito de lidar com o que ele me diz.

Hoje, eu soube de uma fofoca. Meu melhor amigo contou para um amigo nosso que o dito-cujo manteve contato com a ex-namorada durante todo o tempo que passamos juntos. De a cordo com o meu melhor amigo, era porque ele queria manter a menina interessada até depois que ele voltasse para o Brasil.

No tempo que passamos juntos, *ele* me contou de algumas vezes que falou com a ex. Ele inclusive chegou dizer “Acho que eu nunca mais vou ficar com ela de novo,” sem que eu tivesse perguntado.

Fui tirar satisfação sobre a história. Ele perguntou por que eu estava desenterrando esse assunto e como isso mudaria o que a gente teve. Não mudaria o passado, só o jeito como eu o encararia daqui pra frente: alguém que gosta de me fazer de trouxa.

Ele disse que, antes de eu ir embora, ele não havia falado com a garota durante meses. Escolhi acreditar. Nunca falei sobre a história com o meu melhor amigo. Acho que ele me deixou na mão por não ter me contado mais cedo. Na verdade, ao longo dessa história, meu melhor amigo me deixou na mão muitas vezes.

Depois da discussão, eu e ele passamos a tarde conversando. Ele chegou a fazer piadinhas com o meu aborrecimento: “Ops, esse link não era pra você, era pra minha ex com quem mantive contato por todo esse tempo.”

Ele voltou a dizer que a gente deveria conversar mais, disse também que andava ouvindo o álbum de uma banda que o fazia lembrar de mim. Ele perguntou se eu vou para a Oktoberfest lá no Sul e comentou numa foto nova que eu postei dizendo que eu estava linda.

Sei que ele não é bem intencionado. Não sei o que ele quer; cheguei a pensar que ele estava desesperadamente tentando me fazer esquecer da história da ex de certa forma, fazendo o mesmo que fez com ela.

XIII



*Antes de dormir, pedi ao cosmos por
um sonho esclarecedor.*

Li um livro sobre regressão que associava experiências de vidas passadas com conflitos existentes no presente, então queria descobrir algo sobre as minhas outras vidas que me desse alguma explicação sobre o que estou sentindo agora. Na manhã seguinte, acordei aflita depois de ter sonhado com expurgação de demônios.

353

Eu só quero que esse tormento passe. Não quero rancor, não quero ódio, não quero inimizade. Quero poder lidar com as minhas lembranças como se eles não fossem nocivas.

Não aguento mais estar apaixonada. Quero que isso vá embora.

É hora de deixar esse garoto para trás, sem medo. Eu preciso disso como nunca precisei tanto de alguma coisa na vida.

Preciso de um recomeço.

Estou aberta para o que vier, porque o que vier será bom. Tudo sempre dá certo, independente do quão horrível possa parecer.

Tem algo prazeroso nesse sofrer. Estou com a síndrome da recompensa. Quando alguém se atira de um penhasco, o coração acelera. O corpo libera adrenalina e a ansiedade não passa até uma corda puxar com brutalidade de volta à segurança. A sensação é ótima, o alívio mata o desespero e cérebro avisa que está tudo bem. Por instantes, ele pensou que a pessoa iria morrer. Ao perceber que não, o corpo entra em um estado de euforia, dando-se um pre-

sente por ter sido capazes de sobreviver. É isso: depois de tanta dificuldade e angústia, espero um grande prazer. Espero que ele reconheça que eu não sou uma qualquer e por isso não devo ser tratada como se fosse. Por isso, espero a minha recompensa: que ele venha atrás de mim, que perceba que não pode continuar a ser assim e que eu sou digna de ser conquistada. É duro aceitar que não é assim que funciona.

Eu não consigo perdoá-lo por ter me manipulado com tanta maestria. Talvez eu esteja apenas com dificuldade em me perdoar por ter me apaixonado por ele.

MR. COOL

Eu estava mal. Fui na casa de uma amiga, tive uma noite divertida, mas, no final, foi como se a distração não tivesse surtido efeito. Voltei para a minha casa pensando nele e no quanto isso me deixava infeliz. Quão miserável isso é?

Me disseram uma vez que o cérebro de uma mulher na TPM funciona como o de uma pessoa louca. Para não me descrever como louca, digo que fico terrivelmente temperamental.

357

Contei pela primeira vez com a minha mãe desde que voltei sobre como eu estava deprimida. Falar com ela me assusta porque, por melhor que sejam suas intenções, muitas vezes acabo me sentindo incompreendida e machucada pela falta de tato em suas falas. Detesto me sentir fraca.

Minha mãe disse:

“Vou dizer o que eu acho. Pode ser que eu esteja errada, mas eu acho que você se entregou muito rápido. Você namorou aquele outro menino que você nem conhecia direito; foi conhecendo aos poucos, ele era bonzinho e tal mas você não sentiu

aquela *coisa*. Aí você foi pra Nova York, conheceu esse outro, achou bonito e já começou a namorar de novo.

Pra namorar, você tem que *conhecer* a pessoa. Eu já gostei de um menino que era safado, gostei mesmo, mas não fiquei com ele porque eu sabia que ele me faria sofrer. Nem quis ficar com ele. Você pode até ficar, dar uns beijinhos, mas não se entrega. Usa e joga fora, que nem eles fazem com a gente.”

Sem usar filosofia ou dar lição de moral, minha mãe falou tudo o que eu precisava ouvir.

“Pára de ficar pensando nesse garoto mimado. Você tem que namorar um cara de verdade, mais homem.”

358 Obrigada, mãe.

“E não vá namorar músico, esses caras pseudo-sentimentais cheios de fãs.”



Meu pai costuma dizer que a pessoa inteligente é aquela que aprende com os próprios erros, enquanto o gênio é aquele que aprende com os erros dos outros. É fato que não sou um gênio, mas também não sou burra. Eu não vou cometer o mesmo erro novamente e é com muito desgosto que eu admito em pensamento que *ele* não estava completamente equivocado quando disse que

eu lembraria dele como um erro. Acertos não teriam me ensinado com tanta eficácia. Ao mesmo tempo, como não poderiam ter sido corretas as escolhas que me fizeram aprender tanto sobre pessoas e inclusive sobre mim?

Vivo dizendo o quanto as pessoas são complexas e plurais. Eu gosto dessa ideia de pluralidade porque ela é absurdamente real. A gente passa a enxergar as coisas de um jeito diferente quando percebe que cada um tem uma vida inteira por trás de si. A consciência por trás de cada cérebro cultiva seu próprio universo. Sabe-se lá o que acontece ali ou o que está registrado na sua história.

Precisamos fazer um favor a nós mesmos e tentar enxergar uns aos outros com mais ternura e compreensão. É preciso saber ouvir. É preciso saber se expressar, ou, pelo menos, tentar.

359

Brasília está nublada depois da longa seca.

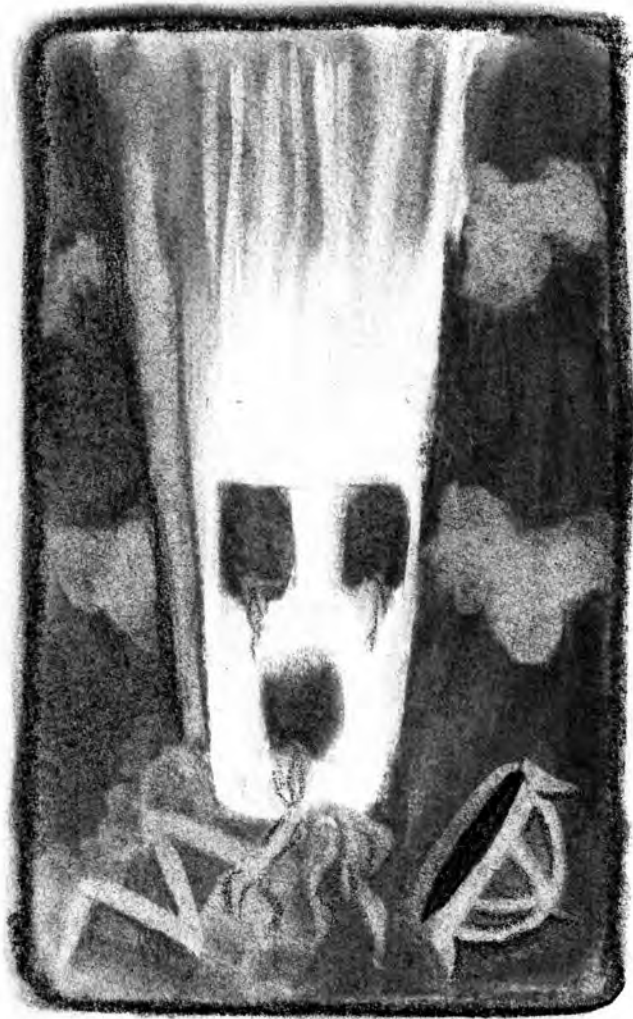
É a minha época do ano preferida. Adoro olhar pela janela e ver o céu sem cor, sentir o cheiro de chuva e ouvir um trovejar distante.

Eu adoro tempo nublado, mas morei a maior parte da vida numa cidade em que não vê chuva por quase metade do ano.

Eu achava que gostava de frio até enfrentar o inverno de verdade. Depois de sentir o nariz quase congelar por causa dos 20 graus negativos, percebi que baixas temperaturas não são tão legais. Em compensação, naquela época, o calor começou a me agradar, e assim que me mudei para o litoral californiano, fui atrás da marquinha de biquíni que passei tantos anos evitando.

Eu achava que gostava de gente esquisita. Pensava que gostava de pessoas difíceis. Uma bobagem. Cansei. Não gosto mais.

O clima muda, o tempo muda. Pessoas também, se quiserem.



IX

V



Há quase três semanas, num sábado de manhã, eu aguardava uma prova em um anfiteatro da UnB.

Era a primeira prova de Introdução à Economia. Não frequento uma aula sem antes pensar no quanto a odeio. Eu pensava que nunca mais teria que voltar a fazer contas depois de ter passado no vestibular.

Eu estava sentada numa carteira na primeira fileira e encarava minha caneta, minha identidade e meus óculos escuros. Eu havia estudado pouco, mas estava tranquila. Estava praticando aquela técnica que desenvolvi ainda na época do colégio, quando sentava na escrivaninha do meu quarto poucos dias antes da prova de Física e me dava conta da quantidade de assuntos que eu não sabia direito e teria que aprender. Nessas horas, eu repetia mentalmente por entre as pausas entre leituras: “Isso é fácil!” Assim, mesmo que a mensagem não fosse verdadeira, ela me dava força.

Olho para todos os obstáculos que coloquei na minha vida: eles não são tão altos assim. Posso enxergar cada uma das minhas dificuldades e pensar que, na verdade, “isso é fácil!”

Horas depois, eu estava na casa da mesma amiga me aprontando para o da mãe de uma amiga. Eu havia sido convidada para cantar enquanto a noiva anda até o altar. Eu teria a honra de contribuir com um dos momentos mais importantes na vida de um casal, inevitavelmente eternizado em suas memórias.

Mais tarde, já havia se tornado domingo e eu estava mais preocupada em me aborrecer com as mensagens imbecis que ele mandava pedindo para me ver nua ao invés de usufruir tudo de bom que tinha acontecido no meu dia.

366 Durante tudo o que eu faço, penso no que ele acharia caso estivesse me vendo. Já evitei de colocar coisas na internet por me importar com a opinião dele, ou pior, por temer que ele não comentasse nada. Muitas vezes, deixei de pensar em mim porque preferia pensar nele.

Nada mais na minha vida é sobre ele, tudo é *sobre mim*. Preciso viver *por mim* e *para mim*. Parece difícil, mas não é. É muito fácil.

*

“Aproveita e manda nudes, hehe.”

“Não tem mulher aí nessa sua terra?”

Depois de se justificar dizendo coisas tipo “boys will be boys,” ele foi dormir e me deixou falando sozinha. Eu não deveria ter ficado surpresa, mas cheguei em casa com vontade de chorar.

WHAT DO YOU MEAN?

Eu não gosto muito de festas em boates. Chego lá, danço um pouco, converso quase gritando e recebo respostas que estouram meus tímpanos, meu cabelo fica fedendo a cigarro, acabo bebendo mais do que deveria e isso me incomoda porque custa caro e me fere. Se eu não beber, não me divirto tanto, ou seja, beber se tornou um recurso para tornar a situação aturável, o que me faz sentir patética.

369

Para falar a verdade, estou frustrada com festas porque sempre surge aquela pressão de ter que ficar com alguém. Os amigos, os desconhecidos e o ambiente influenciam. Vejo toda aquela libertinagem e fico com vontade de beijar alguém também para tentar me sentir menos deslocada.

Na última festa em que eu fui, pensei em ficar com um conhecido meu. Já havia um tempo que eu o admirava fisicamente, então ficar com ele não era uma ideia absurda. Na tal festa, uma amiga falou.

“Ele é muito gato, você tem que ficar com ele! Você é bonita,

é claro que ele vai querer algo com você”, blá blá blá. Aceitei o desafio.

Fiquei um tempão jogando charme e socializei de um jeito que eu nunca havia feito antes. Depois de muito tempo tentando e nada acontecer da parte dele, indiquei um canto com a cabeça e perguntei:

“Ei, você não quer ir ali comigo?” As segundas intenções eram óbvias.

Ele deu um sorriso metido a sensual. “Espera aí,” e voltou a conversar com os amigos.

370 Não sei jogar o jogo da conquista, não sei dar mole e nem tenho saco para isso. Falei que não iria esperar coisa nenhuma e ele repetiu: “Calma aí.” Novamente, ele se integrou à sua roda de amigos.

“Vou dar uma volta, tchau.”

Uns vinte minutos depois, passei pelo lugar em que estava antes e o vi beijando uma menina que estava rondando a gente o tempo todo.

Meu orgulho ficou massacrado. Por que ele quis ficar com a outra e não quis ficar comigo? Eu não era menos bonita, menos interessante ou menos legal. Foi porque eu tomei a iniciativa? Fiquei me perguntando qual seria o problema comigo.

Depois, já com os ânimos controlados, me dei conta de que todo aquele drama adolescente era a maior bobagem.

Primeiramente, eu não tinha que me comparar à outra menina. Eu tentava diminuí-la para me sentir melhor, mas isso não adiantou porque nada daquilo era verdade. Que parâmetros são esses em que, para todo universo, se formos colocadas lado a lado, eu *ganho*? Ele pode ter ficado com a menina simplesmente porque preferiu.

Talvez eu esteja agindo que nem uma velha, mas decidi cortar festas por enquanto. Não me acrescentam em nada e não me divertem. Não vão faltar outras oportunidades para que eu conheça o tipo de pessoas que eu gostaria.

IX



Comprei as passagens para passar o fim de ano em Florianópolis, na casa da amiga que viajou na roadtrip.

É provável que ele vá e isso me apavora.

373

*Já sonhei com ele três vezes nessa semana
Ainda não peguei um dia sequer nem pensei
nela pelo menos uma vez.*

*Wao não lembranças específicas...
Percebo apenas na sua existência.*

*Agora é fim de tarde, o Sol se pôs
e a luz aos poucos vai embora.*

A universidade ainda está cheia de gente e eles cruzam a minha frente, apressados, sabe-se lá para que. Lá no fundo, várias pessoas se reúnem para assistir alguma coisa no teatro de arena. Escuto uma voz masculina microfonada dizer coisas incompreensíveis por causa da distância e a plateia grita e aplaude. Luzes de carros de polícia podem ser vistas por entre as árvores – os veículos estão parados com as portas abertas e os policiais assistem também o que quer que esteja acontecendo.

Parece ser um evento de hip hop. Eu poderia descobrir se simplesmente me levantasse do banco e fosse lá ver. Insetos andantes pinicam as minhas pernas e pequenos bichos voadores incomodam a minha visão, mas a preguiça é tanta que eles não me impedem de continuar na mesma posição em que me coloquei pra ler um livro, vários minutos atrás. É um livro que meu primeiro namorado não me deu, mas sugeri. O que me fez pegar o celular e começar a escrever, no entanto, foi o segundo.

Hesitei um pouco, mas, eventualmente, o alarme que eu tinha programado disparou e tive que buscar o celular para desligá-lo. O universo tecnológico sempre vem atrás sorratamente de todos nós.

Estava pensando em como seria legal poder mandar uma mensagem para ele e dizer: “Está tendo alguma coisa de hip hop aqui na UnB agora. Lembrei de você.”

Também seria legal poder ter conversas despreziosas com o outro, o primeiro ex. Tínhamos tanto em comum, mas hoje sinto que não temos mais nada pra conversar.

376 De vez em quando eu penso nele, sim, principalmente enquanto estou pensando em mim. Passamos por coisas parecidas. Fomos negligenciados e deixados de lado como se um relacionamento fosse uma simples página a ser virada e esquecida. Fomos apaixonados e forçados a deixar de ser. Depositamos muitas esperanças em outra pessoa e fomos culpados por isso. Tivemos nossos corações partidos e achamos que nada poderia torná-lo inteiro e sonhador como um dia havia sido.

Ele não me falou nada disso, mas acho que foi assim. Foi o que interpretei a partir de tudo o que foi me contado. Talvez um dia ele mesmo possa me contar caso nos tornemos amigos.

Eu não penso no meu primeiro namorado como se ele fosse descartável. É estranho existir alguém no mundo que sabe tanto sobre você foi e terrivelmente amado por uma época. Para ser sin-

cera, isso me dá agonia. É estranho pensar em todas as coisas que fiz, mas seria incapaz de repetir hoje em dia porque o interesse morreu. Tenho horror de causar esse tipo de sensação a alguém.

Sinto falta do romance, do desafio da conquista.

Estou sozinha num banco duro de pedra sendo sobrevoada por besouros enquanto digito no celular. Mais para a esquerda, no outro banco, um casal se abraça. Mais para a frente, sentados numa escadinha, outro casal faz coisas de caszinho.

Odeio casais. Por muito tempo tive alguém junto de mim e isso me faz sentir agora como uma alma lúgubre que assombra a vida dos outros com olhares invasivos. Me transformei num parasita que não sabe mais como é viver só.

Vou embora.

P

Goiânia

SUNNY SIDE UP

Dois dias atrás, ao meio-dia, entrei num carro e parti para Goiânia. Eu acompanhava meus queridos amigos da minhas falecida banda e a nova namorada de um deles – meu melhor amigo –, que mora em outra cidade.

Seria só uma viagem de final de semana para uma cidade a duas horas e meia de Brasília, mas eu ansiava muito por ela. Eu tinha a leve sensação de estar participando de uma pequena turnê. Meu curto tempo como vocalista foi um período muito marcante na minha vida. Foi uma época em que fiz grandes amigos. Aqueles meninos eram praticamente meus irmãos.



Sexta-feira

No primeiro dia, chegamos na cidade e, pouco tempo depois de termos nos instalado no hotel, fui até uma farmácia ali por perto com um dos meninos para comprar remédio para o meu colega de quarto, que estava ruim do estômago. Falamos sobre a possibilidade de voltar com a banda – pouco provável.

384 Fomos até um mercado. No caminho, falamos sobre ex-namora-
dos(as), faculdade e morar sozinho. Compramos água, cerveja,
guaraná e guloseimas.

“Somos péssimos pais”, ele brincou. “Estamos levando remédio
pro filho doente, mas só compramos porcarias para ele comer.”

*

Mais tarde, fomos para o festival de rock. Aquele era o ver-
dadeiro motivo para nos distanciarmos duzentos quilômetros
de casa. Assistimos várias bandas de metal que eu não conhecia.
Apesar da bateria violenta, guitarras frenéticas e gritos, eu me
diverti. Depois da banda principal, muitíssimo satisfeitos, fomos
todos embora dormir.

Sábado

Acordamos tarde e fomos almoçar num shopping. Os meninos
realizaram seus sonhos de andar naqueles bonecos motorizados
ridículos que disponibilizam para as crianças brincarem. Eles es-
colheram o que eu sugeri: o polvo amarelo que, além dos tentá-
culos, tinha quatro patas e uma anca para se sentar. Eu pilotava o
boneco quando a bateria dele acabou e o amigo das compras me
empurrou de volta até o lugar de devoluções.

385

Fomos até um estúdio de ilustração que usava um disfarce de re-
sidência familiar – era uma casinha branca com carros na garagem e
latidos vindos do interior. Tocamos o interfone, morrendo de ver-
gonha por termos forçado nosso convite na noite anterior – encon-
tramos os caras no festival e perguntamos se poderíamos conhecer
o lugar. O nervosismo durou pouco, já que ninguém respondeu.

Depois, fomos para um bar que também era estúdio musical.
Era um lugar bastante interessante. Das mesinhas em que apoiá-
vamos nossas cervejas, conseguíamos ver os equipamentos de áu-
dio através do vidro que ocupava quase toda a parede. As outras

eram cobertas por fotos de bandas, pôsteres de festivais e tinta vermelho-escura. O som ambiente era azucrinante, composto por rock excessivamente pesado somado às nossas vozes. Éramos os únicos ali presentes além dos donos do lugar. Não demoramos muito por ali. Enquanto íamos embora, eu bebia a cerveja que o amigo das compras havia comprado para mim.

*

386 No hotel, o amigo motorista e o amigo do estômago ruim preferiram subir para os quartos ao invés de espiar a feira que acontecia na pracinha. Portanto, restaram quatro de nós: meu melhor amigo, sua namorada, o amigo das compras e eu. Para que o grupo ficasse mais bonitinho, eu e o amigo das compras decidimos andar de mãos dadas.

Atravessamos a feira. Vimos várias coisas horrorosas, como camisetas com bebês forçando sua saída da barriga através de um zíper. Quando o amigo das compras andava na minha frente, eu o observava. Eu nunca tinha reparado no quanto ele era alto, tinha costas largas e a postura bonita. O cabelo comprido e escuro já havia sido notado há tempo.

Passamos no mercado, compramos mais cerveja e água, biscoitos e um pão-de-mel que seria o meu café da manhã no dia seguinte. Depois de pagar, eu e o amigo das compras abrimos as primeiras cervejas e juntos.

*

Estávamos de novo no hotel. Todos os amigos abriram cervejas e se reuniram no mesmo quarto pra assistir TV e decidir o que iríamos fazer de noite. Eu já estava bem alegre. Pra falar a verdade, eu assimilava alguns pensamentos que haviam passado pela minha cabeça até então. Tinha algo acontecendo comigo e eu me preparava psicologicamente para lidar com uma certa vontade.

✿

Uma vez, fui andar de lancha com um grupo maior de amigos, mas os meninos da viagem atual estavam lá. Eu estava conversando e dançando com uma amiga; eu vestia biquíni e short. Quando olhei para longe, vi que o amigo das compras olhava na minha direção. Ele disse algo que não entendi.

“O que?,” perguntei.

“Estou apaixonado,” ele brincou.

Ri e voltei a dançar.

Em outra ocasião, numa festa na casa de um amigo, um grupo ainda maior se reunia. Eu já tinha o costume de brincar de flertar com o amigo das compras e dizer que ele estava bonito, que aquele cabelo me deixava doida, coisas assim; mas sempre de brincadeira.

Naquela noite, porém, suspeitei que estivéssemos passando dos limites. Eu o vi de longe, apontei, andei até ele com olhar

387

matador e disse “Nossa, mas o que um homem desses faz aqui sozinho?”

Ele riu, me segurou pela cintura e disse “Eu tenho que te contar um segredo, mas é bem secreto.”

Inclinei o corpo para trás e o olhei com desconfiança. “Quero saber de segredo nenhum, não,” falei enquanto me soltava dos seus braços. Fugi e o ouvi lamentar “Ai meu Deus”, preocupado.

Passei o resto da noite o evitando, com medo de ter dado qualquer tipo de esperança através das brincadeiras.

Corri para uma amiga. “Ele é quase como um irmão”, respondi como negativa à pergunta que ela fizera sobre a possibilidade de eu querer ficar com ele.

Mais tarde, eu me sentei um pouco mais afastada da concentração de gente que dançava ao som de algum hit dos anos 90 e o amigo das compras foi até mim.

“E aí, tá fazendo o que aqui?”

“Tó só relaxando.”

“Aquele segredo que eu falei,” começou ele enquanto arrastava uma cadeira e se sentava ao meu lado, “era que ontem eu fiquei com uma menina muito parecida com você. Até me assustei.”

Fiquei aliviada. Afinal, não era nada do que eu estava pensando.

Acontece que, a partir daquele dia, eu não deixei de achar que a nossa amizade era realmente fraternal.



No fim de semana do festival, comecei a prestar mais atenção no seu toque. As vezes em que ele encostou na minha coxa, segurou a minha cintura ou colocou a mão no meu meu rosto não passaram batidas.

Sexta-feira II

No local do festival, enquanto sentávamos numa mesa de plástico, eu disse ao amigo das compras que adorava cabelo comprido e que homens com cabelo comprido me chamavam a atenção.

“Quando vejo um cara cabeludo, viro a cabeça pra olhar.”

390 Apesar de aquele não ter sido um elogio direcionado diretamente a ele, ele respondeu: “Obrigado. Você também é muito linda.”

O som do riscar de um fósforo ecoou na minha cabeça.

A partir daquele momento, passei a tentar aceitar a vontade de beijar o meu amigo das compras.

Sábado II

Todos descemos até o lobby do hotel para encontrar um conhecido, que visitava a família na cidade. Ele sugeriu que fossemos até uma hamburgueria vegetariana muito perto dali. Assim fizemos: subimos até os quartos, buscamos mais cerveja e nos dirigimos até o restaurante.

Enquanto caminhávamos comentei que, na volta, precisaríamos nos lembrar de acabar com as cervejas restantes no frigobar antes de irmos embora. O amigo das compras riu, me abraçou e disse: “Nossa, eu namoraria você!”

Fiquei preocupada. Meus planos de ficar com ele estavam correndo por água abaixo. Eu não queria ser vista como namorada; só queria dar uns beijos nele. Pensei no risco que corríamos de estragar nossa boa relação.

Assim que chegamos na hamburgueria, os meninos resolveram subir, mas eu e o amigo das compras continuamos no térreo e sentamos num banco grande de madeira que havia ao lado da escada que levava para o piso principal. Ficamos ali conversando

enquanto terminávamos os conteúdos das nossas garrafas. Nem me lembro do que foi dito, só do jeito que ficamos perto um do outro e de como ele encostava na minha perna. Não havia mais ninguém ali. Nossos rostos estavam próximos.

O tempo que levei para pensar em dar o primeiro passo coincidiu com a chegada de amigos do conhecido que havia nos convidado para ir ali. Eu havia conversado com um deles no telefone enquanto ainda estava no hotel e reconheci sua voz – falar no telefone com amigos de amigos é hábito enquanto estou alcoolizada.

Todos resolvemos subir para finalmente jantarmos. Ficamos impressionados com o delicioso bacon vegetal.

392

*

De volta ao hotel, eu e o amigo das compras tratamos de por um fim às cervejas restantes no quarto dele. Enquanto isso, os outros amigos assistiam clipes de música na TV e programas quaisquer que apareciam conforme trocavam de canal. O fim da pseudo-festa foi anunciado pelo meu melhor amigo, que resolveu ir para o próprio quarto e levou a namorada junto.

Eu, ousada, segurei o braço do amigo das compras e falei: “Hoje, você dorme comigo.”

Engraçado é que eu havia escolhido o amigo do estômago ruim como colega de quarto porque ele era o que menos roncava. O quarto amigo ficou triste por eu não tê-lo escolhido, mas ele ti-

nha fama de roncar. Ele só não era pior que o amigo das compras, apelidado de *trator humano*.

No meu quarto, ligamos a televisão e passamos por vários canais até chegar a um que mostrava um documentário sobre brinquedos sexuais. Acabamos assistindo aquilo mesmo e zombávamos das coisas bizarras que as pessoas compravam e depois devolviam, criando a demanda por profissionais responsáveis por testar os objetos retornados. Os funcionários usavam luvas para manusear vibradores das mais diversas formas e nem sempre conseguiam esconder seu desconforto. Eu e o amigo das compras morríamos de rir, mas grande parte da graça era composta pelo nervosismo impregnado no ar.

393

O efeito do álcool passava e eu começava a me dar conta do que estava acontecendo ali.

Desligamos a TV, conversamos sobre cartomantes e sobre a menina que era apaixonada por ele e mandava fotos manifestando seu interesse. Eu havia passado todo o tempo evitando olhá-lo nos olhos, mas tomei coragem e o fiz. Seu rosto estava muito próximo do meu, próximo *demais*. Olhei para o teto.

Dormimos.

Acordamos no meio da madrugada enquanto ambos rolávamos pela cama.

“Tive o sonho mais louco”, comentei. Eu havia sonhado com

castelos, lutas épicas e também com ele. Enquanto eu falava sobre o que tinha visto, com a voz embolada tanto pelo sono quanto pelo álcool, ele me puxou para perto dele.

“Eu também sonhei”, disse ele. “Vem, vamos ficar abraçadinhos.”

Botei o meu braço sobre o peito dele. Não consegui retomar o assunto de antes nem me concentrar em um novo. Subitamente, me dei conta de que estava deitada numa cama de casal com o meu amigo num quarto de hotel. O passado e o futuro passaram diante dos meus olhos. *Que diacho eu estava fazendo?!*

Fiquei agoniada. Tirei o braço de cima dele, virei para o outro lado e tentei voltar a dormir.

Domingo

O dia começou de fato lá pelas onze da manhã. Acordei sozinha na cama e escutei sons vindos do banheiro. Tirei o short de pijama rapidamente e vesti a calça jeans. Pouco depois, o amigo das compras abriu a porta.

“Olá!” eu disse.

Conversamos normalmente. Nem parecia que algo estranho havia acontecido na noite anterior, mas eu sabia que ele se sentia tão estranho quanto eu. No entanto, estava tudo bem. Ele é leve; é aquele tipo de pessoa que emana uma energia juvenil. Ele não é ingênuo, mas também não é malicioso; é até meio bobo. Eu não preciso de ardilezas no momento, só quero relaxar.

Ele deitou ao meu lado na cama e ligamos a TV. Pouco tempo depois, ouvimos umas batidas na porta. Era o amigo do estômago ruim que, pra variar, havia esquecido de levar a chave consigo. Quando ele entrou no quarto, uma mancha roxa descomunal ocupava sua testa. Aquilo era o resultado da brincadeira do dia anterior, na qual pregaram a ventosa de uma caixinha de som à

prova d'água na testa dele e o amigo das compras tratou de tirá-la sem muita graciosidade, fazendo com que a sucção criasse um hematoma. Diante da situação bizarra, tratei de buscar as minhas maquiagens para consertar o estrago ao som das gargalhadas do amigo das compras.

*

A viagem estava chegando ao fim. Todos os seis se encontraram no lobby do hotel antes de partir.

O amigo da história anterior estava sentado no banco de carona, então fiquei no de trás. Quem estava no volante era o amigo das compras.

396

Enquanto ele dirigia, interagíamos através do retrovisor. Eu olhava para a fatia do seu rosto que aparecia no espelho e me perguntava se havia feito certo em não tomar uma atitude naquela oportunidade em que tivemos. Se eu tivesse agido, teria sido uma noite diferente.

397

Faltam exatamente duas semanas para a viagem à Floripa chegar.

Aos poucos, os amigos que fiz em NY desistem das passagens por causa dos preços altos de fim de ano. Agora, ainda por cima, meu melhor amigo resolveu adiantar sua volta para cinco dias antes do combinado.

Todos me deixaram na mão.

Mesmo diante das incertezas, sinto que não devo desistir de viajar. Pesei bem os prós e os contras. Eu não conheço Florianópolis, gosto muito da minha amiga de lá e vai ser o meu primeiro Réveillon longe da família.

Meu melhor amigo se sentiu em débito comigo e resolveu sondar o dito-cujo pra descobrir quais eram seus planos. A princípio, ele aparecerá na cidade durante os meus últimos dias e não vai permitir que eu atrapalhe deixando climão.

Ele reagiu às perguntas do meu amigo como se a minha missão fosse estragar suas incríveis férias.

“Pra mim, essa história já morreu, mas, aparentemente, pra ela, não é bem assim”, ele disse. Ele gastou várias linhas sendo extremamente defensivo.

Ele *desdenha* de mim e acha ruim que eu possa sentir qualquer tipo de mágoa.

Há boatos de que ele esteja namorando.

Eu pensava que essa notícia me chocaria mais, mas não foi assim que aconteceu. Não me ofendeu, não me deixou triste, não me senti traída. Não é uma sensação neutra, mas não é nada que perturbe o meu sono.

É esquisito, é um certo alívio. Reza a lenda que ele voltou com a ex. Se isso for verdade, no mínimo, a menina é tão doida quanto ele.

Para ele, namorar não tem a ver com

amor. É uma questão de comodidade.

Meu melhor amigo fez um bom trabalho ao falar com ele. No final, ele disse:

“Relaxa, cara. Ela já tá em outra.”

Agora, ir para Floripa se tornou uma questão de honra.

*A vontade que nasceu em Goiânia se manteve
firme na semana que se passou.*

Eu tentava imaginar o que havia se passado na cabeça do amigo das compras: se ele chegou a me olhar com segundas intenções, se ele me achava bonita ou se sequer pensava em mim.

Nos falamos de segunda a sexta. Apesar de serem sobre banalidades, essas conversas sequer aconteciam antes.

403

Na segunda-feira, parabeneizei-o pela sua bela foto do perfil no Facebook, na qual seus braços de baterista e longas madeixas apareciam em destaque, e recebi elogios em resposta.

Na terça, encontrei-o juntamente com os outros meninos da viagem para jogar boliche e se despedir da namorada do meu melhor amigo, que voltaria para sua cidade no dia seguinte.

Na quarta, chamei-o para sair na sexta.

Na quinta, ele perguntou para onde iríamos no dia seguinte e eu disse que isso poderia ser decidido depois, dependendo do que nossos amigos sugerissem – eu não queria que parecesse um date, queria apenas um motivo para encontrá-lo.

Na sexta, não fui de carro para o estágio para que ele pudesse me dar carona para onde quer que nós fossemos depois e, quando chegássemos lá, eu deixaria a sobriedade de lado. Eu precisava de força para lidar com o que eu estava prestes a fazer.

Fomos para um bar. Bebi bastante. Muitos amigos se juntaram a nós e provavelmente todos perceberam o que estava no ar. Chegou um momento em que eu e o amigo das compras estávamos de mãos dadas e eu nem sei como isso aconteceu.

Estrategicamente, todos os presentes decidiram ir na pizzaria lá perto e se retiraram, me deixando a sós com o amigo das compras.

404 Deixando a sutileza de lado, me aproximei do seu ouvido e falei:

“E aí? E eu e você?”

Ele se fez de desentendido.

“Você sabe do que eu estou falando,” insisti.

“É, eu sei.”

Perguntei se ele havia notado o clima em Goiânia e ele disse que sim. Sugeri que algo entre nós deveria acontecer em breve.

“Breve quando?” ele quis saber.

“Quando não houver ninguém olhando.”

Ele fez um gesto com a mão para que eu observasse as várias cadeiras que jaziam vazias ao nosso redor, anteriormente ocupadas pelos nossos amigos.

“Não, garoto; ainda tem umas 500 pessoas aqui. A gente tá no meio do bar.”

“Ok, ok.” Ele riu. “Então só me dá um beijo rapidinho.”

Encostei meus lábios nos dele por menos que dois segundos.

Pouco depois, todos os amigos reapareceram, pedimos a conta e fizemos novos planos. O amigo das compras convidou todo mundo para ir à sua casa – seus pais estavam viajando e tudo era motivo para festa.

Acompanhei-o até o seu carro. Entramos e esperamos a pessoa na vaga da frente ir embora. Depois que nos sentimos a sós, olhei para o amigo das compras com a expressão mais sedutora que consegui fazer.

“Você não vai fazer nada?”

Ele me encarou de volta, se inclinou na minha direção, entrelaçou os dedos no meu cabelo e me beijou.

Fiquei chocada. Eu não estava esperando por aquilo. Foi surpreendentemente bom, forte e eu não queria parar.

Sair com o amigo das compras me deixa ansiosa e feliz. Finalmente, eu tenho outra história para viver, outras coisas para pensar e outras vontades pra sentir.

Amigas disseram que eu estava apaixonada, mas ainda é cedo. O que sinto chama-se *disposição*.



Depois que a gente se beija, sinto o quanto ele parece impressionado com tudo aquilo. Ele já externou o quanto me acha linda, “*muito* linda.”

Quando fui na casa dele, ele me levou para o quarto dos pais e me empurrou na cama. Expressei o quão aquilo me parecia inadequado.

“Seus pais nem sonham que você tá trazendo uma menina pro quarto deles enquanto eles estão fora!”

“Mas você não é uma menina qualquer, não é?”

Perguntei se ele já havia considerado ter algo comigo no passado. Ele disse que sempre me achou bonita, mas que nunca pensou em realmente tentar alguma coisa. Convivíamos com os mesmos amigos. Durante o meu intercâmbio, ele se tornou um amigo do meu primeiro namorado. Me ver de outra forma, para ele, era inadmissível, e eu

achei isso muito interessante. Ele é respeitoso.

Ele confessou que outro motivo que o impedia de me olhar com outros olhos era a sua auto-estima: ele achava que não teria chance. Será que é a insegurança que o faz um bom menino? Se ele tivesse mais confiança em si mesmo, será que abusaria dela?

Anteontem foi Natal.

Fui almoçar com meus pais na casa dos meus tios. Eles moram no mesmo bairro que o amigo das compras. Nossos amigos haviam combinado de passar a tarde na casa dele depois que estivéssemos todos liberados das festividades familiares.

410 Nos cumprimentamos com brincadeiras e um abraço, como de costume. Eu, ele e todo o resto interagimos sem que nada parecesse esquisito. Eu queria que fosse segredo.

De vez em quando, quando ele estava longe, eu o observava. Assisti-o brincar com o cachorro – um filhote de pitbull branco e desengonçado, “grande e burro como o dono”, de acordo com a família do amigo das compras –, balançando os braços e correndo de um lado para o outro. Depois, admirei-o tocar violão, impressionada com a habilidade que eu não sabia que ele tinha. Reparei nas ondas que apareciam no seu cabelo por causa do cloro da água da piscina e desci os olhos para o caimento da regata preta no seu tronco bruto.

Mais tarde, uma conhecida apareceu com a prima que estava de

visita na cidade. Ela é bonita. Eu nunca havia visto ela antes, mas ele agiu como se já a conhecesse. Senti ciúme.

Pensar nele se envolvendo com outras meninas me incomoda, mas não quero ser possessiva. Não estou em posição de querer que ele não tenha nada com ninguém, já que eu mesma não pretendo me envolver seriamente. Não quero namorar, pelo menos por um tempo. Não quero me apaixonar.

Tinha muito tempo que eu não me sentia tão feliz, tão em paz.

Amanhã é o meu vôo pra Floripa. Estou bastante curiosa quanto ao reencontro. Quero provar a mim mesma que estou curada.

Estou ansiosa para viajar, mas não só por causa *dele*. Acho que a viagem vai ser legal.

Já ouvi várias histórias de pessoas que começaram um relacionamento sem ter realmente deixado o anterior para trás. Há quem diga que não podemos esperar que outra pessoa nos ajude a superar uma história mal-resolvida, mas não sei o que argumentar sobre isso. Como sempre, depende das circunstâncias. Cada caso é um caso.

Florianópolis

CHOVE CHUVA

“O primeiro dia amanheceu cinza,” foi o que pensei quando espiei a fresta da janela acima da minha cama. Gostei. Hoje, a gente não precisa de praia.

Agora, sozinha nessa cama forrada por lençóis verdes, deitada sob o teto inclinado do quatinho claustrofóbico de paredes brancas do sótão, tudo tem cara de começo. Dormi às quatro da manhã, acordei às onze ainda um pouco bêbada, então prefiro esperar para descer as escadas. É melhor ficar aqui, refletindo, e deixar a comida para depois.

417

Passei a virada do ano na praia com pessoas que não são tão minhas amigas, mas isso não foi um problema. Vi os fogos, pulei as sete ondinhas, mal senti o vento gelado ou os escassos pingos enquanto minha pele era esquentada por uma grande fogueira na areia. Tomei uma garrafa inteira de fricante cor de rosa sozinha, já que meu melhor amigo teve que ficar de cama e não pôde dividir a bebida comigo. A amiga que está me hospedando foi para uma festa cara qualquer e, por isso, não estava presente.

Apesar do frouxo laço de amizade com aqueles do grupo no qual eu estava, senti apenas coisas boas. Eles são pessoas boas.

Quais são as ideias mais puras e autênticas que passam pela minha cabeça no início do primeiro dia do ano?

Eu quero mais música. Quero tocar, quero cantar de corpo alma, sem medo do que os outros possam pensar.

Quero me formar apresentando um projeto incrível. Quero que ele marque tanto aquela faculdade quanto a minha vida.

Quero mais coragem. Quero conseguir me atirar de cabeça no que for, independente da opinião dos meus amigos e da minha família. Quero ouvir a voz da minha consciência com clareza e conseguir discernir o real da loucura, mas sem deixar de transformar o possível no possível e sentir mágica em tudo o que respiro.

418

Quero amar mais a minha família assim como amei meus amigos. O ano passado foi um ano de aprender com os laços formados no convívio com estranhos. Neste ano, quero firmar os laços de sangue, que estão aí por um motivo maior do que eu posso entender. Quero ser mais paciente com meus pais, meus avós, meus tios. Quero ser uma filha melhor, uma neta melhor. Quero que eles entendam que, mesmo distante – tanto presencialmente quanto na minha introspecção –, eu os valorizo e respeito.

Quero ser uma artista completa. Quero desenhar, pintar, escrever; falar para os que não precisam de ouvidos pra ouvir. Que-

ro intensificar a minha habilidade de me expressar em todos os campos possíveis, respirar e viver de arte.

Em 2016, eu quero ser mais fiel.

Quero ser fiel aos meus sentimentos, aos meus sonhos, aos meus pensamentos e àqueles ao meu redor com os quais me importo.

Quero bondade, leveza, compaixão, sabedoria, segurança, alegria. Apesar de estar usando a calcinha amarela que ganhei da minha avó para canalizar dinheiro, não faço disto uma prioridade – desculpa, vó. Em vez de dinheiro, quero riqueza, mas não necessariamente financeira.

Quero amar mais para que possa perder a capacidade de odiar.

Por último, quero que neste ano eu continue aprendendo. Quero continuar ascendendo, sem voltar degraus. Está permitido tropeçar, mas não posso regredir.

419

É meio-dia. Já posso levantar e comer alguns biscoitos.

“Ele está ali”, disse o americano, em inglês.

“Você está pronta?”

No horizonte, eu o vi. Ele estava sentado na pequena colina que fazia fronteira com a praia, do lado da trilha de areia que eu e o americano precisaríamos pegar para voltar à casa da nossa hospedeira. O americano veio ao Brasil para viajar de carro do sul até o sudeste com os amigos brasileiros que fez em Nova York. Sua viagem começou no Rio Grande do Sul com *ele*, claro, que agora parece só pensar em roadtrips.

421

Ele precisara resolver algumas coisas na cidade, por isso deixou o americano na casa da nossa amiga de manhã. Enquanto ela descansava a tarde, eu e o americano andamos pela praia e passamos bastante tempo conversando.

Quando ele ficou finalmente na minha frente, não consegui olhar direito. Vi uma figura de cabelo comprido, mas não quis ver muito mais. Tentei olhar para outra coisa.

Ele se levantou.

“Ok, não estou pronta”, sussurrei.

Meu corpo todo tremeu. Minhas pernas ficaram bambas.

Ele abraçou o americano. Ele se virou pra mim.

“Oi.”

“Oi.” Sorri e retribuí o abraço. Aconteceu aquela situação esquisita em que a pessoa que vai te cumprimentar mira um beijo na sua bochecha mas acaba acertando a orelha.

Começamos a subir a trilha de areia. Fui andando na frente, olhando para o chão. Falava de vez em quando, em resposta a alguma coisa que o americano dizia.

Me senti muito estranha. Não consegui olhar para o rosto dele. Depois de sairmos da trilha, espiei pelo canto do olho e vi que ele usava a camiseta preta de sempre, a calça jeans de sempre e as botas de sempre. A mão direita estava decorada com anéis em todos os dedos.

Chegamos na casa da nossa amiga e eu subi para tomar banho. Entrei no chuveiro, cantarolei para relaxar, saí, me arrumei e fiz questão de ficar especialmente linda, mas investindo naquele visual ‘nasci bonita’ que confunde os desentendidos, fazendo-os achar que aquela aparência não demandou esforço algum.

Desci as escadas, sentei-me à mesa com minha amiga, sua mãe e ele. Todos conversamos um pouco. A mãe perguntou como foi a minha noite de virada do ano e eu contei, esbanjando simpatia. Tentei agir normalmente, ignorando aquela pessoa sentada

na cadeira ao lado que me trazia uma sensação tão inconveniente.

Minha amiga subiu para se arrumar e nos levar para jantar e eu a acompanhei. Me empenhei em ficar bonita, mais uma vez; ele tinha que me ver no meu melhor. Deu certo. Quando desci, eu soube que estava bela e que o meu sorriso e as minhas curvas por baixo do vestido branco e vermelho estavam sendo notados.

Fomos a um bairro legal no centro da cidade. Eventualmente, consegui olhar nos olhos dele e manter uma conversa. Depois, fui capaz até de puxar assunto e, mais tarde, já estava tirando sarro da cara dele. “Ele deve estar impressionado com o quanto você parece bem,” disse a minha amiga num momento em que ficamos a sós. Eu estava, de fato.

Bebemos algumas cervejas e exploramos os arredores a pé. Andamos por barracas de bijuterias, food trucks e lojas de muamba.

Eu e ele entramos numa discussão sobre o último filme do Star Wars – obviamente, ele não gostou por ser uma pessoa tão dife-rentona – e eu terminei o assunto dizendo “Não vou mais discutir com você”. Aquela era uma postura que eu deveria ter adotado há muito, mas muito tempo atrás.

No final do passeio, ele nos deixou em casa. Ele não dormiria na casa naquela noite. Ele o fará a partir do dia seguinte, depois que a família, que convenientemente estava visitando Floripa, for embora.

Conforme ele se aproximava do nosso destino, uma música tocou e perguntaram de quem era.

“Jay-Z,” respondeu.

“É péssima,” atirei, em inglês. Não era verdade; falei só pra implicar por ele ser fã do Jay-Z.

“Nem vou falar *quem* eu acho péssima.”

“Eu não ligo; provavelmente não é verdade.” Minha amiga e o americano riram e exclamaram “Uuuuuuh!”

“*Você é.*” Ele havia acabado de estacionar. Ele olhou pra mim e sorriu. Sorri de volta.

424 “Adeus.” Saí do carro. Minha amiga e o americano foram um pouco mais calorosos em suas despedidas.

“Você se saiu muito bem”, disse a minha amiga antes de irmos dormir.

Ainda assim, mesmo achando que ele continua magro demais e nem tão bonito assim, continuo sentindo algo estranho. Eu ainda gostaria de sentir que o atraio e que ele me quer, talvez porque ainda o queira. Talvez eu apenas queira sentir o prazer de ser desejada sem realmente demonstrar interesse. Sei que não posso ter mais nada com ele e, se por acaso eu for fraca, vou me culpar muito depois. Provavelmente, não sou tão madura como acho que sou e isso me faria sofrer de novo. Apesar de achar que já sei lidar com relações modernas e beijos descompromissados, ele é uma fase de nível avançado. Espero não ter que voltar a pensar mais a fundo sobre isso.

Eu queria não estar sentido vontade alguma.
“Acho que você não deveria se limitar”, disse
uma amiga de Brasília enquanto conversávamos
sobre recaídas.

426

Não sei se o que eu quero são pontos pra minha
auto-estima, cura para o orgulho ferido no pas-
sado ou simplesmente saciar minhas vontades.



XX

Eu nunca pensei na minha vida que eu seria capaz
de fazer tanta bobagem. Eu sou uma boa menina.
Por que eu estou fazendo tanta coisa errada?!

"As coisas fugiram
do meu controle.
Desculpa."

Dia quatro

Teve festa. Pegamos a garrafa de champanhe no congelador e a levamos para o carro, podendo assim beber no caminho até a boate. Ele e o americano já haviam tomado uma cerveja cada, então levei uma garrafa para mim também.

Quando abri a porta e os encontrei sentados do lado de fora, ele me olhou e disse: "Você está muito bonita." Agradei.

Na fila para entrar na festa, o repreendi por prender o cabelo. Ele ficava bem melhor com o cabelo solto.

Dentro da boate, fomos para o segundo andar e entramos na fila para comprar mais cervejas. Comecei a contar uma história sobre problemas com a minha menção na maldita Introdução à Economia, mas vi um sofá confortável e resolvi sentar.

Continuei falando dali mesmo, mas meus amigos não conseguiam me ouvir por causa da música alta. Ele foi sentar ao meu lado e ficou tão perto de mim que nossas coxas se encostaram. Minha amiga e o americano chegaram com um balde de cervejas. O americano se sentou no espaço vazio ao lado dele e me entregou

uma garrafa. Minha amiga me puxou pela mão até um canto.

“Tá, o que é que tá rolando?”

“O que?,” perguntei mesmo sabendo o que ela queria dizer.

“Ele tá ali todo em cima de ti, tá acontecendo alguma coisa.”

“E o que você acha disso?”

“Cara, eu acho péssimo. Ele tá namorando! Eu acho que, se rolar alguma coisa, vai ser muito ruim pra você.”

Me senti estranha, mas meus sentidos não estavam muito aguçados e me distraí facilmente. Avistei um homem loiro e alto, claramente estrangeiro.

432 Não lembro se minha amiga chegou a me encorajar, mas fui atrás do cara. Eu queria conhecer gente nova.

O gringo havia ido para o andar de baixo, então desci as escadas, vi que ele estava na fila do caixa de bebidas e passei estrategicamente na sua frente.

“Com licença.”

Ele sorriu e falou alguma coisa. Parecia inglês.

“O que você disse?” Virei como uma fada e dei o sorriso mais gracioso do universo.

Ele contou que era da Inglaterra, mas como seu sotaque era bem forte, perguntei se ele era do norte. Ele era de uma cidade próxima da Escócia.

“Seu inglês é impressionante. Você é a brasileira com a melhor

pronúncia que encontrei.”

Aquele homem lindo, alto, forte e britânico continuou me dando papo por um bom tempo. Expliquei que a razão para a minha fluência era o intercâmbio. Ele me apresentou ao amigo londrino e os ajudei se comunicar com a moça do caixa. Ele me ofereceu uma cerveja, mas recusei. Eu não precisava beber mais.

Acabei falando que meu ex-namorado estava no segundo andar e perguntei se eles se importavam com a minha companhia, pois eu não queria voltar lá para cima.

“Claro que não,” ele disse. Afinal, por que eles estavam ali? “Pelas festas”, eles disseram. *Pelas mulheres*, pensei, e sabia que era a verdadeira resposta.

Fomos para o lado de fora. Os caras ouviram meninas falando inglês e se enturmaram. Eram australianas, muito simpáticas. Falamos sobre Brasília e acabamos nos adicionando no Facebook. Também pedi para adicionar o gringo bonito.

Os dois ingleses disseram que iriam entrar, mas continuei conversando com as meninas. Acabei me entediando, voltei para dentro e subi as escadas.

Encontrei os meus amigos. Peguei uma cerveja no balde. A partir desse momento, minhas lembranças começam a falhar.

Me lembro do americano dizer que eu não deveria me meter com *ele*.

Me lembro de encontrar o gringo de novo, investir sem sutilezas e ouvi-lo falar sobre uma menina que ele havia conhecido em São Paulo. Não parecia sério, então questionei. Ele agradeceu meu elogio, mas não lembro o que eu disse. Acho que ele me elogiou de volta, pois tenho a impressão de que também agradeceu.

Me lembro de estar entre *ele* e uma parede. Perguntei se ele estava namorando e ele disse que sim. Perguntei se era com a ex e se ele gostava dela. Ele respondeu “Sim” e “Sim”.

Me lembro de ter falado que o bloqueei nas redes sociais. “Isso me faz gostar mais de ti”, ele disse. Depois, falei algo que o fez beijar minha testa e minhas duas bochechas.

434 Me lembro dele segurar a minha cintura, mas soltá-la rapidamente. Eu coloquei sua mão de novo ali. Ele sorriu.

Me lembro da minha amiga passar por nós dois e dizer: “Ei, eu não aprovo isso.”

Me lembro de estar no andar de baixo com ele num canto perto da escada. Vi o gringo passar por nós e arregalar os olhos numa expressão de muita surpresa.

Me lembro de estar sentada numa cadeira com o rosto virado pra parede. *Ela* estava do meu lado.

Me lembro da minha amiga me puxar pelo braço para o subsolo e me colocar na fila do banheiro. “Todo mundo já passou por isso, viu?” ela disse, “E eu entendo o seus motivos pra ter bebido tanto.”

Me lembro de ter vomitado na privada.

Me lembro ser colocada no banco da frente do carro da minha amiga e de não conseguir prender o cinto. Lembro dela falar “Não vomita aqui dentro, viu?”

Me lembro de tentar abrir a porta da frente da casa e não conseguir. Depois, no banheiro, ela disse: “Vai tomar um banho, tá?” Fui até o quarto, abri a minha mala, peguei o pijama, tirei as lentes de contato e a maquiagem, voltei para o banheiro, liguei o chuveiro e tomei cuidado para não me queimar na água.

Me lembro de me enxugar, vestir o pijama, escovar os dentes, buscar a lixeira e a deixá-la do lado da minha cama. Deitei.

435

Dia cinco

Acordei no dia seguinte sem sentir nada além de muita fome. Minha amiga não estava na cama ao lado, então pensei que eu tivesse dormido demais.

436 Procurei a minha bolsa para pegar o meu celular, mas não a achei. Fiquei desesperada. Desci para o primeiro andar e vi várias pessoas desconhecidas no lado de fora da casa.

Aquilo estava muito estranho. Fui até a cozinha, peguei uma banana e enchi um copo com água. Tomei café sentada no pequeno balcão me perguntando o que estava acontecendo. A mãe da minha amiga apareceu e eu perguntei se ela sabia por onde a filha andava. Minha amiga havia ido até o centro da cidade fazer as so-brancelhas e havia deixado instruções: mãe deveria acordar todo mundo às onze horas, então deveríamos nos arrumar para encontrá-la num restaurante. Ainda eram dez da manhã. Perguntei à mãe se ela havia visto a minha bolsa, mas ela disse que não.

Voltei para o andar de cima. Me olhei no espelho do banheiro e vi que minha aparência não estava tão ruim; eu só estava um

pouco descabelada. Vi que havia deixado a minha roupa suja no canto da bancada da pia.

Entrei no quarto. A minha bolsa estava em cima da mesa.

Peguei o meu celular. Eram dez e vinte. Liguei para a minha amiga para me desculpar pela bagunça do dia anterior e disse que limparia a sujeira. “Que isso; não se preocupa, não foi nada de mais! A gente já limpou tudo, tava muito ruim,” disse ela. Depois, ela falou que iria se atrasar, por isso, eu poderia acordar os meninos um pouco mais tarde, lá pelas onze e meia.

Entrei no Facebook e vi que o gringo havia aceitado o meu pedido de amizade e mandado uma mensagem às cinco da manhã perguntando onde eu estava. Respondi com “Hahaha.”

437

Fiquei deitada na cama esperando o tempo passar. Não consegui voltar a dormir. Muita coisa tinha acontecido. Eu sabia que tinha ficado com *ele*, apesar de não lembrar. Todos os beijos haviam sido apagados da minha memória.

Não consegui enrolar por muito tempo. Nem havia dado onze horas, mas eu já estava de pé e abrindo a porta do quarto dele.

Bati na porta e ele acordou. Haviam dois colchões de solteiro guardados naquele quarto e por algum motivo ele havia arrumado os dois antes de dormir – não era como se ele fosse usá-los para simular um colchão de casal; isso não daria certo porque os colchões se separam e a pessoa acaba ficando no chão.

Contei o motivo de estar ali, explicando as instruções que haviam me passado. Ele deu um tapinha no colchão do lado, me convidando a deitar nele.

Ele perguntou se eu me sentia melhor. Ele disse que, na noite anterior, eu não parecia estar mal até começar a passar mal de fato. Comentei algo que havia acontecido e ele perguntou: “Ué, você se lembra disso?” Eu falei que me lembrava de tudo. Menti.

Quando deu onze horas, a mãe da minha amiga bateu na porta e entrou, se deparando comigo no quarto, deitada ao lado dele. Eu havia me esquecido de avisá-la que os planos haviam mudado. Morri de vergonha. Ela sabia que eu e ele havíamos sido namorados; o que ela iria pensar de mim?

438

O tempo passou, todo mundo se levantou, se arrumou e saiu.

*

Passamos o dia todo num lugar mais afastado da cidade que demandava uma viagem de barco de uma hora. O dia estava ótimo e o lugar era lindo – a vista do restaurante era uma das paisagens mais bonitas que já vi.

Foi um almoço muito divertido. Tive que ouvir piadas sobre a minha experiência desastrosa, mas nessas horas é melhor rir para não chorar. Eu e ele já conversávamos normalmente, sem bloqueios, sem medo. Eventualmente, ele não se segurou e expôs a todos:

“Sabe quem deixou de me seguir no Instagram e me bloqueou no Facebook?,” e apontou pra mim.

O americano e a minha amiga ficaram visivelmente nervosos. Eles não sabiam o quão confortável eu estava pra falar abertamente desses assuntos. O dito-cujo sempre foi uma pessoa inconveniente, mas, para eles, eu ainda estava frágil.

“É, fiz isso aí sim! Você é muito irritante.”

A partir dali, foram alfinetadas atrás de alfinetadas. Ele fez as mesmas brincadeiras de NY, tipo começar discussõezinhas sem pé nem cabeça que estavam deixando a minha amiga e o americano loucos. O tempo passava e ele sempre arrumava um jeito de trazer à tona o negócio das redes sociais. O americano chegou a dizer: “Vocês dois parecem duas crianças de jardim de infância que se gostam e ficam implicando um com o outro.”

439

Depois de pegar o barco para voltar ao centro, voltei para a casa da minha amiga no carro dela enquanto ele e o americano voltavam em outro carro. Ela perguntou se eu estava bem, não apenas fisicamente. Eu disse que sim, e que achava melhor não comentar sobre a noite passada com ninguém, nem com o meu melhor amigo.

“Ih, desculpa,” ela disse, “quando eu vi o que tava acontecendo, fiquei desesperada; não sabia o que fazer, aí mandei mensagem pra ele. Foi mal”.

Mais tarde, voltei a checar o Facebook e encontrei outra mensagem do gringo. “Você ainda está interessada?” Perguntei quais eram os planos dele para o dia.

“Agora estou comendo, mas não tenho planos pra mais tarde. Estou hospedado em um hostel; você tem o seu próprio quarto?”

“Acho que você está com uma ideia errada sobre mim.” Ele nunca mais falou comigo.

Ele havia me visto beijar o meu ex, mas eu não faria aquilo daquele jeito com qualquer um. O gringo deve ter achado a cena bastante espetacular. *Que cara nojento.* Ainda bem que não aconteceu nada entre nós naquela festa.

440

Dia seis

Era a minha última noite em Floripa. Decidimos voltar a um lugar na beira da lagoa para celebrar a minha presença. Na ida, no carro, comentei que estava sentindo dor nas mãos – provavelmente por causa do stand up paddle do dia anterior, que havia destruído o meu corpo. Ele colocou a minha mão entre as dele, espalmadas, e ficou parado.

441

“O que é que você está fazendo?”

“Curando.”

Fiquei olhando para aquilo sem ter o que dizer. Eu havia gostado. Eu queria pegar na mão dele, mas não podia. Ele também não podia. Não era para existir nada entre nós. Deixei aquilo acontecendo por um tempo e então tirei a mão dali.

Senti que o corpo dele se inclinava na minha direção conforme os minutos passavam. De repente, ele encostou a cabeça no meu ombro.

“Você pode fazer um cafuné?” Dei um peteleco na testa dele.

Foi uma noite de muitas conversas legais. Tanto eu quanto ele

gostamos muito de anéis, então o americano perguntou as histórias por trás dos que estávamos usando.

Ele disse que cada um dos seus quatro anéis tinha um significado e rolei os olhos instantaneamente – já esperava ouvir um monte de baboseira metida a poética.

No mindinho, ele usava um anel prateado liso que simbolizava simplicidade e manter o pé no chão. No anelar, uma caveira com um charuto na boca e um olho de pedra, representando que todos somos compostos da mesma matéria e que todos são um pouco maus. No dedo do meio estava o anel com o tronco nu de uma mulher vendada. Tanto esse quanto o anterior já existiam quando eu estava com ele em NY. Ele dizia que a caveira era ele e a mulher era eu. Ele costumava usar o anel de mulher no indicador de modo que o dedo do meio ficasse entre ele e o outro, como se fosse a distância que existiria entre nós.

Quando ele começou a falar sobre o tal anel, pediu para que todos tentassem adivinhar o que ele representava. Nossos amigos chutaram sexo, nudez e pornografia, mas ele disse que não era nada daquilo e que o significado ia além. Comecei a me irritar e torci para que o assunto acabasse de uma vez. Então, talvez pela minha força do pensamento, o americano me passou a palavra.

*

Comecei falando sobre a primeira vez em que comprei um anel interessante. Foi em Pipa, no Rio Grande do Norte. Eu estava com a minha família e entramos numa lojinha exótica que vendia de móveis a roupas. Fui olhar os acessórios e gostei dos anéis. Enquanto eu decidia quais eram os meus preferidos, minha tia conversava com a dona do lugar, uma mulher morena que vestia roupas tipo de cigana moderna. Ela disse que tudo o que havia na loja havia sido trazido de diferentes partes da Europa. Minha tia perguntou o que significava a tatuagem que a mulher tinha no dedo anelar. Tentei identificar o que era aquele simbolo um pouco gasto que marcava a pele dela, mas não entendi o que significava. A mulher respondeu: “É a minha aliança de casamento.”

Depois, contei sobre o anel que usava no indicador da mão direita. Em Nevada, a caminho do Grand Canyon, meus pais pararam no acostamento da estrada para tirar fotos em um mirante e eu fui atraída por uma coleção de acessórios enfileirados no chão, em cima de um grande lenço. Quando me aproximei para olhar, uma índia saiu da caminhonete que estava estacionada logo em frente. “Esse aí é de prata, turquesa e bronze”, disse, apontando para o anel que eu experimentava. Não era o meu preferido, mas era o único que cabia em algum dos meus dedos. Por quinze dólares, ele se tornou meu.

O anel que estava no meu dedo do meio havia sido comprado no dia em que viajei para Floripa. Antes de ser deixada no

aeroporto pelos meus pais e avós, fui com eles ao shopping para comprar presentes de Natal. Meu pai e eu nos separamos do grupo para escolher secretamente um anel para a minha mãe. Passamos por uma loja não muito cara e gostei de um dos anéis dourados. “Eu queria te dar um de ouro de verdade,” disse ele. Falei que não precisava, que aquele que eu tinha gostado estava bom. Ele lembrava uma cobra, e eu sempre quis um anel de cobra.

“O que? Você gosta de cobras?!” Ele me interrompeu, enojado.

Eu gosto de cobras. Elas estavam presentes em um sonho que a minha avó teve antes de eu nascer.

444 Minha avó viu um deserto com areias escaldantes infinitas. Em seguida, viu duas najas deslizando e, entre elas, uma rainha egípcia se aproximava. Ela disse: “Sua filha vai vencer.” Depois, a rainha falou o nome que a filha da minha avó, que é a minha mãe, deveria ter. Na época, minha mãe estava grávida de mim e, hoje em dia, tenho o nome que a rainha egípcia falou.

*

No bar, eu e ele tivemos dois momentos de olhares intensos, semelhantes aos que trocávamos em Nova York. Enquanto ainda estávamos do lado de fora sendo chicoteados pelo vento, algumas vezes, senti que seus olhos estavam em mim. Levantei a cabeça e nosso olhos se conectaram por mais tempo que o normal. Depois, quando conseguimos uma mesa dentro do restaurante, trocamos

as disposições de assentos e ele se sentou ao meu lado ao invés de se manter do outro lado da mesa. Toda vez que ele bebia, baixava o copo cada vez mais perto de mim. De início, tentou me convencer a beber com ele, mas depois acho que ele só queria uma desculpa para se aproximar. Acabou acontecendo de novo: olhos nos olhos um do outro e pareceu que um motor havia sido ligado dentro de mim.

No final das contas, ele já havia bebido três doses de whisky sem gelo e mal conseguia ficar em pé.

Voltamos para o carro. Ele perguntou se poderia colocar a cabeça no meu colo. Eu deixei. Ele se deitou de lado, ocupando todo o banco de trás, colocou a mão no meu joelho e começou a acariciá-lo. Fiquei arrepiada. Acariciei o pescoço dele. Ele subiu a carícia até a coxa.

Eu estava louca para que chegássemos logo.

Chegamos, escovamos os dentes e cada um foi para seu respectivo quarto. Minha amiga deitou na cama e ficou mexendo no celular enquanto eu pensava, sentada na cama de baixo, com o rosto apoiado no colchão dela. Sem olhar para mim, ela disse: “Diga.”

Falei sobre a minha vontade de ir até o quarto dele. Ela disse que, se eu achava que conseguiria lidar com isso depois, deveria seguir em frente. Foi o que eu fiz.

“Não façam barulho.”

445

Dia sete

Bati com as unhas na porta dele.

“Entra.”

Empurrei a porta e fiquei encostada no alizar, sem entrar. A luz do celular iluminava o rosto dele. Ele deu uma palmadinha no colchão ao lado, que estava novamente preparado, e guardou o celular. Sem enxergar nada, entrei no quarto e me deitei de frente para ele. Ele também se virou pra mim.

“Eu tô muito bêbado.”

“Percebi, você mal conseguia andar em linha reta.”

“Aproveita, então. Estarei falando mais do que deveria.”

Toda a conversa se manteve em sussurros.

“Por que você tá aqui mesmo sabendo que eu tenho namorada?”

“Porque você não presta.”

Ele riu.

“Posso contar um segredo?” Perguntei e ele assentiu.

“Eu não lembro da gente ter ficado.”

“Ué, por que você veio aqui de manhã, então?”

“Porque eu me lembro dos diálogos.”

Eu me abri, mas não totalmente. Fui sincera, mas não honesta. Os papéis estavam invertidos.

Conversamos sobre o medo do reencontro e eu contei que sabia o que ele tinha falado para o meu amigo (naquela vez em que o meu amigo foi sondá-lo). Ele disse que estava preocupado em estragar a minha viagem.

“Eu sei o que você falou. ‘Pra mim, essa história já morreu...’”

“Eu falo muita bobagem, você sabe.”

“Você disse que nem fazia questão de me encontrar.”

“Eu... Eu estava preocupado com você.”

“Não estava, nada. Você não se importa comigo.”

“Me importo, sim.” Ele lançou um olhar tenro e acariciou o meu rosto. “Eu realmente não queria estragar os seus planos.”

“É mentira. Você não se importa com mais ninguém além de você.”

“Porque você diz isso?”

“Porque você só age em benefício próprio. Você só se importa com alguém se essa pessoa afetar o seu bem-estar.”

“Não...”

“Sim. Você é uma pessoa ruim.”

“Não sou, não. Você sabe que não.” Ele acariciou o meu rosto novamente.

“Você é mau.”

“Não... É só um personagem. Você sempre soube.”

“Você é a carta do Diabo.”

“É.”

“Você é o homem com a corda no pescoço, e só está assim porque você quer.”

Ele continuou me olhando sem dizer nada por um tempo.

“Você sentiu raiva de mim?”

“Não... Raiva é um sentimento destrutivo; eu não quero sentir raiva de nada.”

“Que bom...” Ele falou, sorrindo.

448 “Sabe por que eu nunca senti raiva?”

“Por que?”

“Porque você disse que eu iria sentir.”

Ele me beijou.

Ele se afastou para me olhar. “Eu senti muito a sua falta.”

“Então por que você nunca mais falou comigo?”

“Porque eu sou assim.” Ele me observou por longos segundos.
“Você foi a melhor coisa que já me aconteceu.”

Falei que nós nunca mais ficaríamos juntos. Em resposta ao
“Por quê?” dele, falei que ele era muito confuso e errado.

“Posso te contar um segredo?” Aproximei o meu ouvido da boca dele. “Você também é.”

Encarei-o com indignação. “Não sou, não! Eu sou uma pessoa normal.”

“Se tem uma coisa que você não é, é normal.”

“Sou, sim. Eu penso como outra pessoa qualquer. Você que tá acostumado a se fazer de louco e não sabe mais o que é ser normal.”

Ele negou novamente. “Você é única.” Ele me olhou fundo nos olhos. “A gente não é assim tão diferente.”

“Somos, sim.”

“E se eu te disser que você me mudou?”

“Eu não acreditaria.”

“Mas mudou.”

“Mudei como?”

“De algum jeito.”

Cheguei bem perto do seu rosto. “De que jeito?”

“Algum.” Ele me beijou.

*

Durante o dia, depois de voltarmos do passeio de barco, fui tomar banho. Ensaboei todo o meu corpo e, quando comecei a enxaguar a espuma, o chuveiro parou de funcionar. Ele simplesmente deixou de expelir água, não saía mais nada. Tive que me enrolar na toalha, ainda com espuma nas pernas, e sair para procurar a minha amiga. Eu não podia descer para o primeiro andar porque toda aquela gente que estava do lado de fora pela manhã

449

– que depois eu descobri serem gente da família – ainda estavam por lá. Gritei o nome dela.

Ouvi a porta do quarto do americano abrir e ele perguntou: “Aconteceu com você também?” Ele colocou a cabeça para fora e vi que seu cabelo estava cheio de espuma. Nós dois voltamos a chamar pela nossa amiga e as cadelas começaram a latir, multiplicando o caos.

Ele, que estava cochilando no quarto em frente ao banheiro que eu estava usando, acordou por causa do barulho, abriu a porta e saiu para ver o que estava acontecendo. Eu me virei e o vi parado; seus olhos estavam vidrados em mim. Quando ele notou que eu o olhava, piscou e subiu o olhar para o meu rosto.

450

“A água acabou,” expliquei.

“Tadinha,” disse ele ao passar por mim. Em seguida, repousou a mão no meu ombro em consolação. Aquele toque parecia uma maneira de aliviar sua vontade de tocar em mim.

*

“O que você achou de me ver de toalha?”

“A primeira coisa que passou pela minha cabeça foi morder o seu pescoço. Até esqueci que a gente não estava mais junto.”

Sorri, satisfeita.

“O que te fez vir aqui agora?” Ele quis saber.

“Você se deitou no meu colo, ficou pegando na minha perna...

E você me olhou.”

“Sim...” Ele mal me esperou terminar de falar e me puxou para perto.” Acho que a gente nunca vai deixar de se olhar desse jeito. É diferente...”

Continuei olhando para ele, sem fazer comentários.

“Você acha que a gente sempre vai se olhar desse jeito?”

“Não sei.” Mas queria ter dito que sim; queria que fosse verdade. Tudo o que eu queria era poder ficar com ele.

“Eu nunca sinto isso.” Ele me puxou para ainda mais perto do seu corpo.

“Isso o que?”

“Isso!” Ele me abraçou. “Essa sensação. Às vezes eu penso em você e me perco... parece que o tempo para.”

451

Repentinamente, ele perguntou:

“Qual o nome do teu namorado?”

Tive um flash da noite passada. Eu havia contado que estava ficando com um cabeludo de Brasília. Tenho certeza de que não disse que ele era meu namorado.

Eu não queria contar o nome dele. Não queria dizer seu nome em vão; ele não merecia.

“Não vou dizer.”

“Por quê?” Ele beijou o meu pescoço.

“Porque ele é uma pessoa boa.”

“Por quê?”

Me distraí e dei outra resposta. “Acho que eu não sou mais uma boa menina.”

“Não, não é.”

Ele me beijou mais forte. Ele tirou toda a minha roupa.

Ficamos deitados um ao lado do outro por um tempo, muitos beijos e toques depois.

“Você gosta dele?”

“Gosto.”

“Quanto?”

“Bastante.”

452 “Então por que você tá comigo?”

“Porque eu não estou namorando.”

“Por quê?”

“Porque eu não estou apaixonada.”

“Por que não?”

“Porque eu não quero.” Porque eu não quero me entregar pra ninguém. Eu tenho medo.

“Às vezes, me dá vontade de que você seja só minha, toda minha.” Ele me abraçou. “Vontade se ter você só pra mim. Você quer ser minha?”

“Eu não possuo e nem sou possuída.”

“Não, eu tô falando sério.”

“Eu nunca mais vou ser sua.”

“Por quê?”

“Você me magoou muito. Você nunca foi meu.”

“Fui, sim...”

“Você nunca se entregou.”

“Me entreguei, sim. Você acha que não senti tanto quanto você?”

“Não.” Olhei-o com dor. “Você nunca sentiu o mesmo que eu.”

“Isso não tem como a gente saber porque não tem como olhar dentro da cabeça do outro.”

Me assustou o quanto a fala dele pareceu ter saído da minha boca.

“Mas eu senti, sim. Senti *muito*,” ele continuou. “Eu queria que você se entregasse pra mim. Você quer se entregar?”

“Não.” Respondi.

“Por quê?”

“Você não merece.”

*

“Eu não vou te desbloquear do Facebook.”

“Tudo bem.” Ele me acariciou. “Eu gosto mais de você pessoalmente. A gente vai continuar não se falando?”

“Sim.”

“Ok.” Ele mexeu no meu cabelo e aproximou a boca do meu ouvido. “É mais legal assim.”

453

O dia estava começando a clarear. Ele havia pedido para eu dormir com ele e não me deixou levantar quando eu disse que precisava ir ao banheiro. Peguei a minha camiseta e a bermuda dele e levantei assim que consegui me soltar. Quando voltei, ele estava em sono profundo. Devolvi a bermuda, peguei o resto das minhas coisas, cobri-o com o lençol e fui dormir na minha cama.

Dia seis

Acordei três horas depois, nem um pouco preparada pra começar o meu último dia.

Fomos à praia da Joaquina. Ele me acompanhou até o mar. A água estava muito gelada e eu espirrei um pouco nele para provocá-lo, mas paguei o preço quando ele me usou como escudo para protegê-lo das ondas.

Foi um típico dia de férias. O americano estava com a aparência típica de estrangeiro: segurando um coco sentado debaixo do guarda-sol, ele tomava muito cuidado para não sair da sombra por medo de se queimar demais. O americano também vestia um shortinho curto listrado, nada comum no Brasil, e usava óculos escuros redondos Ray Ban sobre o nariz vermelho. Ele provou açaí e queijo coalho, mas deixou seu espeto cair na areia antes de terminar de comer.

Já de volta à casa da minha amiga, ela e o americano foram para seus quartos cochilar. Eu e o dito-cujo ficamos sozinhos. Andei na direção do banheiro e ele disse:

“Vai tomar banho?”

“Vou.” Encostei a porta e sussurrei pela fresta: “Sozinha.”

Em um rompante, ele foi atrás de mim, entrou no banheiro e fechou a porta. Ele me empurrou contra a parede e me beijou por um longo tempo.

“Tem algo que você gostaria de dizer antes de eu ir?” perguntei.

“Ahn, não.” Ele pensou um pouco. “O que você tá esperando?”

“Hmm, nada.” Falei com uma indiferença sincera.

Ele pensou melhor: “Quando tu me quiser, tu vai me ter.”

Encarei-o enquanto absorvia aquela frase.

“E você? Tem algo a dizer?” Ele perguntou.

“Não.”

456

*

Ele me levou ao aeroporto no carro dele. Minha amiga nos acompanhou e falou para eu sentar no banco da frente.

Durante o percurso, conversamos sobre várias coisas e tivemos discussões saudáveis a respeito de causas sociais. Lidar com ele estava sendo muito mais fácil do que antes.

Quando chegamos no aeroporto, ele estacionou perto da porta e pegou a minha bagagem no porta-malas. Me despedi da minha amiga primeiro. No momento de me despedir dele, ela entrou no carro e nos deixou a sós do lado de fora. Ele me desejou boa viagem e boas conquistas profissionais. Eu o abracei.

“Bom namoro.” Ele completou em tom zombeteiro.

“Não estou namorando. Pra você também.”

“Vou ter.”

Olhei para ele com lasers mortais nos olhos. Ele me puxou pela cintura e me beijou repetidamente como no nosso último dia em Nova York.

Senti uma coisa forte, aquela coisa que só sentia com ele. Eu queria não querê-lo, mas eu quero, e querer não é poder.

O que eu mais queria era poder ficar com ele.

457



Essa viagem foi uma das melhores que eu já fiz.
Contudo, não sei se eu deveria ficar triste ou feliz.

Encontrei várias pessoas que eu não imaginava
que fosse ver de novo.

A amiga que me hospedou é uma das pessoas mais
marcantes que já conheci.

Também, se não fosse por ele, hoje eu não seria
quem eu sou.

*Existem pessoas que, depois de um
tempo, me fazem questionar se suas
paragens pela minha vida não
estavam predestinadas.*

Ele veio falar comigo para mostrar que está vivo. Mas isso é só porque ele está longe da namoradinha dele. Agora, ele está em Curitiba. Quando a viagem acabar e ele voltar à vida normal, voltei a fazer parte de uma história morta.

Ele não é um vilão, eu sei que não. As pessoas são complicadas. Só isso. Eu queria conseguir chorar para conseguir absorver isso com mais facilidade.

MAD SOUNDS

Um tempo atrás eu estava refletindo sobre músicas que me pudessem me fazer lembrar dele. Quando não consegui pensar em nenhuma, fiquei aliviada, orgulhosa.

Acontece que, quando escuto uma certa música, eu me transporto prontamente para aquele dia lá no meio do ano passado, na Califórnia, quando descia a rodovia número um, passando por Big Sur, sentindo o sol se pondo atrás da minha cabeça enquanto sentava no banco de passageiro. Minha mãe dirigia e meu pai cochilava no banco de trás.

Minha mãe reclamava das músicas *deprês* que eu gostava de ouvir. Não havia sinal de internet na estrada, então ela e o meu pai tinham que se contentar com as que eu mantinha no celular.

Quando escuto essa certa música, eu penso naquele dia e penso nele. Quando eu vasculho mais a mente, lembro-me dele me mostrando a música no seu quarto em NY, mas, na verdade, a lembrança que vem primeiro é a da viagem. Eu olhava ao redor: estrada à frente, mar à direita, plantas à esquerda. Eu pensava

nele. Eu pensava no que ele acharia quando passasse por ali na roadtrip. Pensava se ele iria me contar, assim como eu queria contar a ele.

Mais tarde, quando cheguei em casa, apesar de ter avisado no início do dia que iria fazer aquele percurso, ele não foi atrás para saber sobre como havia sido. Eu queria que ele tivesse vindo me perguntar, ansioso, algo como “E então?! Como foi?” Eu pensava demais, demais, demais.

Eu o queria *tanto*. Chegava a ser ruim. Doía.

462

Como que ele pôde dizer que ainda pensa em mim, que sente a minha falta, que eu fui a melhor coisa que aconteceu na vida dele e mesmo assim estou com outra? Ele nunca quis saber como eu estava, apesar de ter dito que se preocupava comigo. Será que ele mente ou é apenas complicado?

Como eu consigo querer tanto uma pessoa que me fez sofrer? Não é possível; eu não *entendo*.

Hoje em dia, não vale mais a pena fazer algo a respeito. É passado. Ele está em outra. Eu também, mais na prática do em teoria. Falar qualquer coisa não mudaria nada.

Em Floripa, ele queria que eu me entregasse. Eu não entendi se ele esperava que fosse de coração ou de corpo,

463

se era coisa de sexo. De qualquer maneira, achei melhor não perguntar.

Para deixar a mente sã, acabo sacrificando o corpo.

Um dia após ter voltado de viagem, vomitei de tarde e de noite. Ainda me sinto esquisita, debilitada.

*

No meu penúltimo dia em Los Angeles, acordei muito cedo com uma dor de estômago absurda. Pensei que fosse fome, mas levantei para comer alguma coisa e não adiantou. Não consegui voltar a dormir.

465

Ele estava dormindo ao meu lado, mas acabou acordando por causa do tanto que eu me mexia. Eu tinha que fazer muitas coisas naquele dia: precisava ir ao estúdio para me despedir, ir ao banco fechar a minha conta e retirar o meu dinheiro, arrumar as malas... Ele me ajudou. Ele me levou até o banco, depois, ao estúdio, e me pediu para avisá-lo quando quisesse ir embora.

Na época, deduzi que a dor de estômago havia sido causada pelas ostras que comi na noite anterior, na reunião de despedida organizada pelo meu chefe. Também havíamos tomado muito vinho durante o jantar, então o álcool era outro suspeito. Eu não estava

percebendo que aqueles sintomas estavam sendo forçados pelo meu próprio cérebro numa tentativa de me poupar do estresse emocional.



Conversei com um amigo sobre o que tinha acontecido durante a minha estadia em Florianópolis e sobre a angústia que eu sentia por causa do que eu havia feito. Ele disse que eu deveria *curtir a bad* e me permitir sentir tudo o que eu tinha para sentir.

“Sofre, e, se precisar, chora.”

466

Ontem, encontrei o meu melhor amigo para nos atualizarmos sobre nossas aventuras. Ele contou sobre suas peripécias amorosas na cidade da namorada e eu falei sobre o que aconteceu depois dele ter ido embora de Floripa. Quando terminei toda a minha história, fiquei triste. Senti a tal angústia voltar e não havia nada que eu pudesse fazer a não ser senti-la e aceitar sua existência. Antes de precisar ir embora, ele perguntou se eu precisava desabafar mais.

“Eu ficaria aqui pra sempre,” falei. “Então, vamos embora logo.”

Encontramos dois amigos e depois saímos para jantar. No restaurante, o amigo das compras apareceu. Eu gostei de vê-lo. Por algum motivo, sua presença me deixa tranquila. Mais tarde, todos demos uma passada na casa dele e ficamos lá matando o tempo.

Todos decidiram ir embora ao mesmo tempo, mas ele me fez pensar numa desculpa para ficar um pouco mais. Fingi que precisava ir ao banheiro.

Ficamos juntos por um tempo na frente do portão da sua casa. Eu estava um pouco tímida e me sentia culpada. Sei que ele já sofreu por causa de uma menina que dizia gostar dele enquanto ainda se envolvia com o ex-namorado. Não quero fazê-lo sofrer, nem por isso nem por qualquer outro motivo.

Beijá-lo me fez sentir nas nuvens. Ele não precisa fazer nada de mais; ele irradia algo que se espalha ao redor dele, como uma aura, e só a certeza de que ele é um bom garoto me faz sentir bem.

Espero que eu não estrague isso.

467

468 “A gente não é assim
tão diferente.”

Sempre vi o dito-cujo como a pessoa desespero que eu já tinha visto; um olhar
mais errada do universo. Ele era o meu tão vulnerável que parecia nu, tão dolo-
oposto, mas eu não sou mais como an- rido que se tornava agressivo ao invadir
tes. O tempo me deixou um pouco er- a minha visão, me *forçando* a senti-lo. Eu
rada também. sei que aquele olhar foi verdadeiro.

Penso se toda a bagunça que aconte- Ele veio falar comigo e perguntou
ce na minha cabeça acontece também como eu estava. Também perguntou de
na dele. Será que eu que passei a pensar novo o nome do meu *namorado*.

mais que nem ele ou ele que pensa um Parece que ele quer se prender nos
pouco mais como eu? meus pensamentos. Isso não faz dele

Ele é um caos. Tão humano quanto eu. uma pessoa maléfica, apenas medrosa.

Lembro-me do jeito que ele me Acho que sempre fui um pouco mais
olhou naquela noite. Era um olhar de corajosa do que ele.

469

Hoje foi o terceiro dia seguido em que encontrei o meu amigo das compras.

Anteontem, saímos para comer sushi. Ontem, assistimos o episódio três de Star Wars na casa dele com outros amigos. Depois do grupo ter saído pra jantar, fui deixá-lo em casa. Antes, porém, fomos flagrados pelo caminhão de lixo enquanto aproveitávamos a privacidade de dentro do meu carro.

471

Hoje, nos encontramos depois dos nossos estágios para comprar os ingressos de um show que vai ter no fim de semana e depois comemos batata frita com sorvete.

Ele perguntou por que eu não gosto de pegar na mão dele.

Segurar a mão de alguém pode ser algo extremamente íntimo. No nosso caso, pegar na mão depois de dar uns beijos agrega uma grande dose de romantismo. Eu sinto um grande desconforto com a possibilidade dele se apaixonar para valer, e tenho medo de eu também me apaixonar.

Apesar dele ser muito mais alto que eu, suas mãos são do tamanho das minhas. É engraçado.

Gosto de como conversamos sobre besteiras, fazemos piada sobre tudo e encontramos humor em qualquer coisa. Adoro o jeito que ele toca em mim e de como ele me enaltece. Ele tenta ser charmoso para fazer graça, mas sempre dá certo.

Enquanto eu fico pensando em todas as coisas que eu gosto, tenho cada mais vontade de ficar com ele.

472

Tenho medo de voltar a ficar
seca e burra.

Tenho medo de ter meus valores
deturpados.

Tenho medo de descobrir que,
inquanto penso que gosto de
fazer as pessoas felizes e que
me importo com elas, estou
na verdade agindo apenas em
interesse próprio.

Tenho medo de ser uma ingrata.

473



Resolvi testar a estabilidade da minha felicidade. “Será que eu conseguiria viver tranquilamente se o desbloqueasse?” pensei. Resolvi checar o Instagram dele para ver no que ia dar. Tinha uma foto da sua namorada. A legenda dizia “Young love.”

Ele nunca postou fotos comigo. Tentei lembrar se, há muito tempo atrás, ele chegou a publicar uma foto tirada em Coney Island em que eu aparecia no fundo, perto do mar. Procurei entre as

postagens mais antigas, mas não achei. Talvez ele tenha apagado, ou talvez eu tenha só imaginado.

A foto da namorada é de seis dias atrás. Um pouco mais de seis dias atrás, ele estava derramando declarações sobre mim. Me senti traída.

Aos poucos, a sensação ruim vai se dissipando. Em seguida, volto a esquecer de que ele existe.

Vivo muito melhor num mundo em que ele não existe.

WHEN IT'S LOVE

Meu melhor amigo contou que viu o amigo das compras chegando no estágio hoje. “Ele e seus cabelos estavam atravessando a rua na frente do ministério. Pena que estava mal vestido.”

Eventualmente, o amigo das compras me convidou para ir na sua casa *olhar seu guarda-roupa*. Ele estaria convenientemente sozinho pois o resto da família ainda estava viajando.

477

Dei uma olhada nas roupas, sim. Tirei todas do armário e as esparramei pela cama. Separei as blusas que eu gostava das que eu achava feias demais para serem usadas novamente. Ele tinha muitas, mas muitas camisetas de banda. Havia muitas de gosto duvidoso, mas deixei a maioria passar por causa do valor emocional. Ao recolocar as roupas no armário, separei as aprovadas de um lado e as reprovadas de outro.

Dias depois, ele contou que haviam misturado tudo.

“Ah não, tanto trabalho em vão?!”, exclamei.

“Não tem problema,” disse ele, “eu lembro! Você acha que eu não prestei atenção?”



Percebi que ele tem muitas coisas em comum com o dito-cujo. Ambos têm cabelo comprido, fazem o mesmo curso na faculdade, gostam de música, não falam o melhor português, têm essa coisa com andar de moto e até o mesmo signo, mas suas personalidades não tem como ser mais diferentes.

478

De vez em quando me pego romantizando e pensando em como o amigo das compras seria um companheiro ideal. Ele corre atrás do que quer, ele tem sonhos, ele me escuta. Contudo, o romantismo já levei um bom tapa na cara do romantismo. Não sou mais uma menininha. Não existe mais essa história de *pessoa ideal*.

Se eu tentar me forçar a enxergá-lo como alguém *melhor* do que realmente é, estarei criando um problema muito grande. Eu esperaria que ele se comportasse da maneira que *eu* acho que é certa. Eu me esqueceria de que ele é uma *pessoa*, que pensa por si próprio e que é meu amigo. Ele é aquele menino de uns anos atrás que vem crescendo progressivamente e conseguiu isso *sozinho*. Ele é como é por méritos próprios. Eu nunca vou ter o direito de dizer o que ele tem que fazer com a vida dele.

Hoje eu senti falta do amigo das compras. Estava lembrando de anteontem, quando ele estava pelas redondezas de onde eu moro e me buscou em casa para jantarmos juntos.

Fomos a uma creperia. Ele gosta de comer, que nem eu. Ele sabe que, se comer demais, não gostará do resultado, que nem eu, mas isso não nos impede de degustar e agradecer silenciosamente sempre que colocamos boa comida na boca.

Ele pediu um crepe com nome de gente e perguntou para o garçom sobre quem seria aquele homem que virou prato em menu de restaurante. O garçom respondeu que não sabia, rindo, e eu vi a tensão do homem se aliviar. O lugar estava quase fechando e aquele caszinho ainda o faria trabalhar, mas aquilo não era o fim do mundo.

Gosto do amigo das compras. Adoro enrolar com ele dentro do carro antes de me render ao relógio e aceitar que é hora de me despedir. Estou até ansiosa por amanhã, pois sei que o verei de novo.

479

Epílogo



Combinamos de ir ao CCBB.

Numa sala escura e refrescada pelo ar-condicionado, a alguns metros de distância, meu amigo das compras andava por entre as esculturas exóticas daquela exposição sem que eu pudesse ver as expressões em seu rosto. Ele estava todo de preto, dos pés ao cabelo, quase se camuflando nas paredes se não fossem as cores vibrantes dos quadros pintados com tinta automotiva.

483

Depois de me distrair enquanto lia o texto de descrição de uma das obras, olhei na direção dele. Me perguntei se as poucas pessoas ao nosso redor se deixariam enganar pelo visual estereotipado daquele brutamontes cabeludo e tatuado, me divertindo com a possibilidade de que ele pudesse deixar uma impressão tão equivocada e contraditória à sua doçura. Lá de onde estava, ele me viu e nossos olhares se encontraram. Arregalei os olhos para ele, que levantou as sobrancelhas em resposta.

“Ele não deve estar entendendo nada”, pensei, sorrindo.

Enquanto eu assistia um vídeo curioso sobre criaturas geneticamente modificadas que eram gestadas por humanos, ele se

aproximou e me abraçou por trás. Me enchi de tensão e me coloquei em estado de alerta, temendo que algum conhecido pudesse nos ver, porém, me permiti segurar sua mão e me encantar pela grande diferença de altura. Depois, o deixei me beijar.

Exploramos todos os ambientes da exposição. Ele gostou muito do caráter cultural do nosso passeio. “Você está me deixando mais inteligente”, disse. De fato, ele até passou a se preocupar com o jeito como escreve as mensagens que me manda. Essas coisas me fazem derreter aos poucos.

Do museu, fomos até a Asa Norte encontrar um amigo e jantar. Enquanto subíamos a calçada à procura do restaurante, avistei o anúncio de um bar de dardos e me animei a jogar, já que nunca tinha feito aquilo antes. Ele sugeriu que passássemos um tempo ali enquanto nosso amigo não chegava.

“O happy hour está acabando”, disse o garçom. Meu amigo das compras, simpático como é, agradou tanto ao homem que ele nos deixou pedir bebidas mesmo depois do tempo ter acabado.

Os chops nos alegraram e soltaram nossas línguas. Insegurança é um coisa que eu nunca senti perto dele, portanto a espontaneidade não era uma surpresa infeliz apenas causada pelo álcool. Porém, estávamos mais bobos. Relembramos algumas coisas, tipo Goiânia, e no meio de uma frase ele me interrompeu:

“Eu vou te beijar.”

484

Me contorci no banco, manhosamente envergonhada, e quando ele contornou a mesa para se aproximar do meu rosto, retribuí o beijo por dois segundos. Talvez essas coisas o decepcionem, mas acho que ele me entende. Sempre fui sincera a respeito dos meus sentimentos e desconfortos.

Fui uma negação nos dardos. Ele foi muito melhor, talvez por sorte ou porque realmente tenha boa mira, como foi comprovado no dia em que o vi acertar latinhas a vários metros de distância com tiros de uma arma de chumbinho. Encontramos o amigo que estávamos esperando, jogamos juntos, jantamos, nos despedimos e o amigo das compras foi me deixar em casa.

Não demorou muito até minha mãe perceber que eu já havia chegado no prédio, graças ao aplicativo inconveniente, o que a levou a mandar uma mensagem: “Querem pavê?”

A proposta o deixou muito pensativo. Ele supôs diversos finais que aquela situação poderia desencadear, tal como meus pais descobrirem que havia algo romântico se desenvolvendo entre nós dois, o que os impediria de viajar num futuro próximo para me impossibilitar de ficar sozinha em casa e convidar meu possível parceiro sexual para me fazer companhia. Depois de ouvir seus delírios, afastei de toda aquela bobagem e o convenci a subir.

Pude notar que ele agradou bastante aos meus pais. Eles não são bobos; obviamente percebem que tem alguma coisa acontecendo

485

e por isso nos deram espaço. Ficamos na varanda comendo o pavê, que estava muito bom, e brincando com o meu antigo Furby que havia sido desenterrado pela minha mãe das profundezas lá de casa pouco tempo atrás.

Somos capazes de nos divertir com pouco. Seu espírito juvenil pode me incomodar às vezes, mas realmente acho que não estou precisando de uma companhia excessivamente madura. O que eu preciso é me sentir bem.

486

Ando bastante estressada nos últimos dias – é TPM. Não tenho mantido papas na língua e digo na lata o que me incomoda, além de não me esforçar para esconder meus olhares de reprovação. Fico ácida.

Em condições normais de espírito, o comportamento do amigo das com- pras me traria risadas ou seria simplesmente relevado. No estado em que me encontro, sua companhia não é a mais indicado.

Quando nos encontramos, tive me- nos paciência para suas brincadeiras e

jeito bobo de ser. Entretanto, no final da noite, o beije de qualquer maneira. Em contraposto ao meu gênio im- possível, minha consciência sussurrava motivos pelos quais eu deveria me con- siderar afortunada. Esse é um mecanis-

mo para me manter consciente de que o que eu tenho agora é melhor do que eu tive antes. Minha voz interior me ensina que não tenho do que reclamar, pois o futuro que me aguarda só trará coisas positivas.

Claro que não é verdade; apesar de, ao mesmo tempo, ser.

487

NO EXCUSES

Dentro do carro, o amigo das compras perguntou:

“E aí, como você tá?”

“Tô bem, e você?”

“Também. E aí, o que você tá achando da gente estar ficando?”

“Tô gostando.” Continuei a olhar para ele, sorrindo. Ele olhava para frente, para além do volante. “E você?”

“Tô gostando, também. Só tô checando se tá tudo certo.”

“Está, sim. Você tá de parabéns.”

“Agradecemos o feedback positivo. Pode continuar contando com nossos serviços, estaremos à disposição.” Rimos juntos.

“Gostei muito daquilo que você falou ontem, sobre ter sentido falta de me ver.”

“Nho,” abracei-o, “pois é verdade.”

“Também gostei quando você falou que me queria ter só pra você.”

*

Às vezes, dá vontade de parar com esse negocio de ficar escondendo o jogo e assumir logo de uma vez. Eu já contei para todos os

meus amigos; fiz o favor de não deixar ninguém de fora para que economizassem tempo de especulações.

Porém, de vez em quando, me pego bastante incomodada com o amigo das compras. Não gosto do tanto que ele fuma. Tento convencê-lo a cortar um pouco o cabelo porque as pontas estão muito secas e tento dissuadi-lo de tatuar na costela um desenho péssimo que ele fez aos dezesseis anos. Essas coisas o irritam e sua irritação me irrita. Eu não deveria ligar, nem sou a namorada dele.

O que ele faz é problema dele.

*Meu celular avisou que eu havia recebido
uma mensagem.*

Era do dito-cujo. Ele me mandou uma foto que tirou em Floripa enquanto testava sua câmera nova.

*

Instantes antes do disparo, eu e minha amiga nos arrumávamos no banheiro para sair e jantar. Ele me chamou do quarto em que estava e, quando parei na porta, ele apontou a lente da câmera na minha direção. Me escondi instantaneamente. Ele falou lá de dentro: “Ei, me ensina a usar isso aqui?”

Decidi entrar. Ele apontava a lente para baixo enquanto olhava fotos mais antigas no visor de LCD. Ele entregou a câmera para mim e me sentei um pouco afastada dele, quase na ponta oposta do colchão. Naveguei por entre os comandos que a máquina oferecia, que funcionavam de maneira um pouco diferente da minha.

Enquanto estive ali, me perguntei por que ele resolveu me chamar para ajudá-lo, já que a nossa amiga e hospedeira, que estava do meu lado na hora, estudava Fotografia.

Expliquei as funções da câmera com bastante displicência e me levantei para voltar a me arrumar. Enquanto passava pela porta, ele me chamou pelo nome novamente. Me virei já preparando uma pose e ele bateu a foto.

*

Enquanto tomava sorvete com o amigo das compras e outro amigo na beira do lago, a gente se divertia fazendo bobagens e se filmando no celular. Conforme o Sol se punha, seus raios nos atingiam obliquamente e um feixe de luz marcou o rosto do amigo das compras, deixando suas feições dramáticas. Ele havia acabado de soltar o cabelo e penteá-lo com os dedos. Fotografei-o sem que ele percebesse.

492

Ele me irrita com essa história de que vai raspar a cabeça. Parece que vivemos voltando ao mesmo ponto; num momento ele me faz acreditar que vai apenas aparar as pontas do cabelo e em outro já afirma que, se for pra cortar, vai ser quando seus fios ficarem tão longos a ponto de ficarem feios. Isso não está certo. O que será de nós depois que isso acontecer?!

Eu mostrei para o amigo das compras a mensagem que o ditou-cujo havia mandado. Sua testa e sua boca franziram em desgosto.

“Mexe com isso não.”

“Ué, você quer que eu o ignore?”

“Não, mas esse cara é muito estranho. Dá papo não.”

Enquanto explorava uma livraria, en- Ele não sabia o que o seu nome re-
contrei um livro sobre as heranças presentava ao ser usada naquele con-
culturais por trás das lâminas de Tarô. texto. Pesquisei, descobri e expliquei:
Abri no capítulo sobre a carta do Diabo. significava *sagrado*. “Não tem nada a ver
Depois de folhear várias páginas, uma com a sua pessoa,” alfinetei.
palavra me chamou a atenção: o nome Ele respondeu com uma gracinha e
do dito-cujo. Seu nome estava sendo não nos falamos desde então.
utilizado como adjetivo para descrever o Dias mais tarde, resolvi desbloqueá-
simbolismo por trás daquela carta. -lo do Facebook quando vi que meu pri-
Mande uma foto da página para ele. meiro namorado jamais fez isso comigo.
“Que diacho é isso que você tá lendo?” Já consigo até falar o nome dele.

Preciso parar de falar para os outros sobre as minhas questões amorosas.

Não aguento mais ouvir a opinião dos outros sobre a minha vida.

Desenvolvi o péssimo hábito de comparar as minhas experiências com as impressões que tenho das experiências dos outros.

Quero liberdade pra pular fora quando quiser. Isso é exatamente o que *ele* diria.

Tem vezes que eu cubro o amigo das compras da responsabilidade de ser melhor que o dito-cujo, pois só assim serei capaz de esquecê-lo. Acabo culpando-o por não ser melhor em um aspecto ou outro, ou até por agir conforme o que lhe é natural. Ele me irrita quando não supera as expectativas que eu arquitetei.

Me culpei muito por ter escrito tanto sobre amor. Às vezes, quando assisto um filme qualquer e sua moral tem a ver com amor, reviro os olhos. Acho frescura, acho romance enjoativo.

Dias atrás, enquanto assistia um programa de TV com meus pais que falava sobre as maravilhas da Sicília, me imaginei explorando aquela região numa viagem. Eu estaria olhando ao redor, para as construções de cor arenosa e para o oceano, pensando “Como existem coisas maravilhosas nesse mundo!”

Me imaginei sozinha e logo em seguida na companhia de alguém, como uma amiga. Carregaríamos mochilas nas costas. Me forcei a não sonhar com a presença de um homem naquele momento. Eu poderia desfrutar de experiências incríveis sem estar romanticamente ligada à alguém...

498 ...mas eu sei que não é isso que eu quero de verdade. Eu quero encontrar alguém, sim; quero encontrar uma pessoa que me acompanhe nas minhas empreitadas, que escute as minhas filosofias espontâneas e questionamentos sobre o inexplicável, que me olhe com brilho nos olhos e sinta vontade de compartilhar pensamentos autênticos, raros e ingênuos. Quero dividir a minha vida com alguém que queira ser nada mais que si mesmo e eu vou saber respeitá-lo, incentivá-lo e amá-lo. Quero crescer ao lado de alguém e, quero sim, quero muito ajudar a moldar outras mentalidades a partir de tudo que terei aprendido na vida até então.

Quero uma família. Não sei por que é isso tão importante para mim e para tanta gente, mas eu quero muito ter uma paixão que se transforme em romance e se torne amor. Essa é uma das coisas que eu mais temo não conseguir na vida, assim como falhar na busca pelo que me faz feliz. Tenho horror a me contentar com uma vida patética por comodismo ou medo.

Por isso, torço para que a minha inocência não tenha morrido por completo e que alguém ainda consiga me tocar de maneira

especial. Quero sentir uma conexão tão forte que pareça mágica. Mais importante ainda, quero sentir essas coisas por alguém que me queira assim como vou querê-lo. Não quero me contentar com alguém que simplesmente ature a minha presença e vice versa, alguém que sirva apenas para conviver e deixar a minha existência menos solitária. Quero sentir a entrega e o constante pulsar que fará o meu coração se sentir vivo em todos os sentidos imagináveis, por mais ridículo que isso pareça.

Eu ainda idealizo, fantasio, idolatro e projeto. demais. Quando estarei capacitada para viver em harmonia com alguém?

Ainda tenho tanto para amadurecer. Preciso de mais experiências, preciso conhecer mais pessoas. Quanto mais se descobre sobre sobre os outros, mais se aprende sobre si e vice-versa. A humanidade cria caóticos reflexos sobre si mesma.



“Acho que você ainda não está cem por cento superada,” disse o amigo das compras.

“Não, não estou.”

Desconfio de que nunca serei capaz de superar.

Dizem que só se ama verdadeiramente uma vez. Não digo que ele foi o meu maior caso de amor, mas o que eu senti por ele

nunca mais será repetido com outra pessoa. Foi a coisa mais assustadora que já me aconteceu.

Ele foi a grande mágoa da minha vida, a mágoa que jamais retornará.

500

Enquanto voltava dirigindo pra casa, sentindo rajadas frias entrarem pelas janelas e ouvindo uma das músicas que ouvi na estrada depois de passar por Big Sur, pensei no meu amigo das compras. Visualizei a cena de quando sentei ao seu lado, no banco de carona, no começo da pequena viagem do ano passado.

Pensei numa frase que ele gosta de dizer:

“Obrigado, Goiânia.”

Lembrei da primeira vez em que ele chegou bem perto de mim e sussurrou: “Você é incrível.”

Enquanto dirigia, pensei no quanto eu havia parado de gostar de vento.

501



BLACK BIRD

Ele estava bonito com a trança de raiz que eu havia feito. Parecia um índio. “Lembra aquele do filma da Pocahontas,” disse nossa amiga.

Ele também fica bem com o cabelo meio preso ao qual me refiro como *penteadado de princesa*. Antes de desmanchar o penteado e fazer a trança, uma mecha solta caía até o seu queixo e trazia um ar mais irreverente, quase pirata.

Enquanto estávamos juntos no banheiro, mais cedo, o amigo das compras disse que precisava me falar uma coisa. Estávamos nos lavando na pia na tentativa de ficarmos apresentáveis para a chegada da nossa amiga e seu namorado.

Assim que ele fez o anúncio, me preocupei com o que estaria por vir e isso ficou inevitavelmente estampado no meu rosto.

“Eu sou uma pessoa feliz, você sabe,” ele começou. “Mas desde que estou com você, me sinto ainda mais feliz. Estou feliz como nunca estive.”

Mantive a expressão de incredulidade e esperei que ele continuasse, sem perceber que aquela fala já era absoluta.

“Você não vai falar nada?” Ele perguntou com um desapontamento dolorido na voz, coisa de quem esperava uma reação mais calorosa.

“Desculpa, é que eu tinha me preparado pra ouvir algo pior.” Sorri e me aproximei. Eu adoro abraçá-lo e sentir a minha testa roçar o seu queixo. Ele é tão alto, forte e bonito.

Eu gosto dos dentes dele; sempre admiro sua boca enquanto ri. Seu sorriso é verdadeiro e seus olhos muito pretos riem junto. Ele é uma pessoa genuinamente gentil. Ele é um amor.

504 Quando finalmente assimilei o que havia escutado, fiz questão de externar o quanto eu também estava feliz. Falei enquanto nos abrigávamos no edredom, enrolados, tentando afastar o frio. Repeti enquanto nos despedíamos em frente à casa dele, entre o meu carro e a cerca viva.

“Tenho medo de perder a hora de falar essas coisas e fazer com que elas percam o valor,” ele confessou.

Eu já estava ao volante e ele se apoiava na janela de modo que nossas bocas se alinhassem perfeitamente. Assim, pude beijá-lo facilmente depois de falar:

“Não precisa ter medo, lindo. Aja com o seu coração que eu ajo com o meu.”

Escrito por
Fabrizia Posada

Este livro foi desenvolvido como projeto de conclusão do curso de Design da Universidade de Brasília durante o ano de 2016.

Edição e revisão de texto por

Fabrizia Posada

Projeto gráfico e capa por

Fabrizia Posada

Orientação por

Rogério Camara

[Brasília, 2016]

Todos os direitos reservados a

Fabrizia Posada.

Este livro foi encadernado artesanalmente pela autora. A capa foi feita em linho em impressa através de serigrafia.

O miolo foi impresso em papel pólen soft creme de 80gm/cm².

A tipografia utilizada foi a Mrs Eaves OT.

*Músicas citadas em títulos de textos (por ordem de aparição).
Escute a playlist disponível em <<https://goo.gl/puLhQa>>*

BJÖRK. "Unravel." *Homogenic*, 1997.

UNKNOWN MORTAL ORCHESTRA. "Multi-love." *Multi-love*, 2015.

ALT-J. "Bloodflood pt.II." *This is all yours*, 2014.

LANA DEL REY. "Brooklyn Baby." *Ultraviolence*, 2014.

THE KILLERS. "Here with me." *Battle born*, 2012.

KINGS OF LEON. "Closer." *Only by the night*, 2008.

BILL WITHERS. "Ain't No Sunshine." *Just as I am*, 1971.

CAETANO VELOSO. "Sozinho." *Prenda Minha (Live)*, 1998.

THE BLACK KEYS. "Little Black Submarines." *El Camino*, 2011.

MAROON 5. "She will be loved." *Songs about Jane*, 2007.

THE XX. "Angels." *Coexist*, 2012.

STONE TEMPLE PILOTS. "Plush - Acoustic." *Thank you*, 1997.

MUMFORD & SONS. "After The Storm." *Sigh No More*, 2010.

SNOOP DOGG. "California Roll." *BUSH*, 2015.

PHANTOGRAM. "Nightlife." *Nightlife*, 2011.

TAME IMPALA. "Eventually." *Currents*, 2015.

DAVE MATTHEWS BAND. "If Only." *Away From The World (Edição Bônus)*, 2012.

JUSTIN BIEBER. "What Do You Mean?" *Purpose (Deluxe)*, 2015.

FAITH NO MORE. "Sunny Side Up." *Sol Invictus*, 2015.

JORGE BEN JOR. "Chove Chuva." *Samba Esquema Novo*, 1963.

ARCTIC MONKEYS. "Mad Sounds." *AM*, 2013.

VAN HALEN. "When It's Love." *OU812*, 1988.

ALICE IN CHAINS. "No Excuses." *Jar Of Flies*, 1994.

THE GUESS WHO. "Black Bird." *Let's Go*, 2005.

